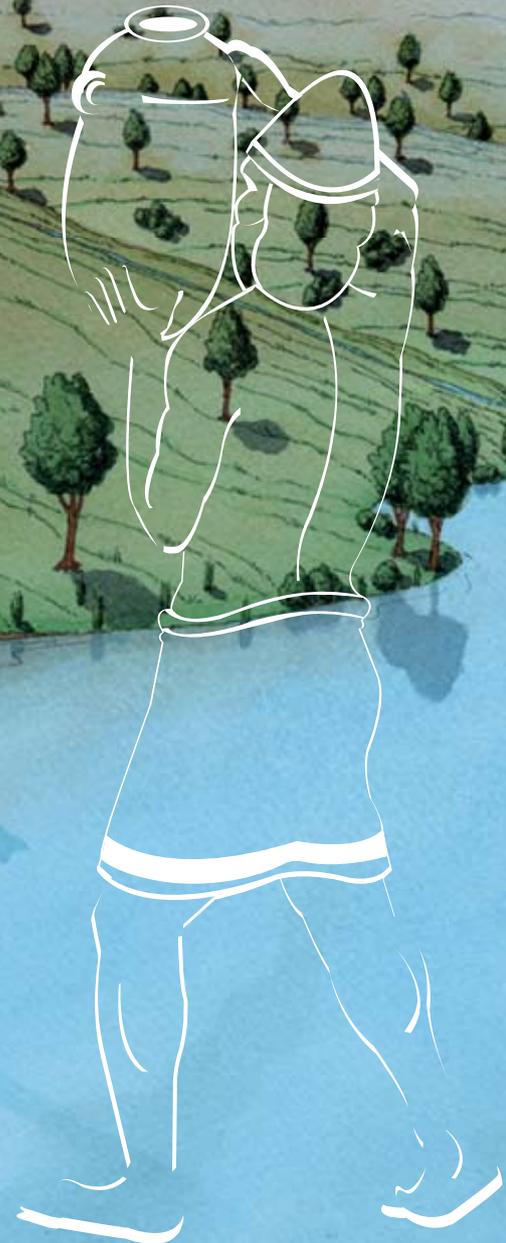
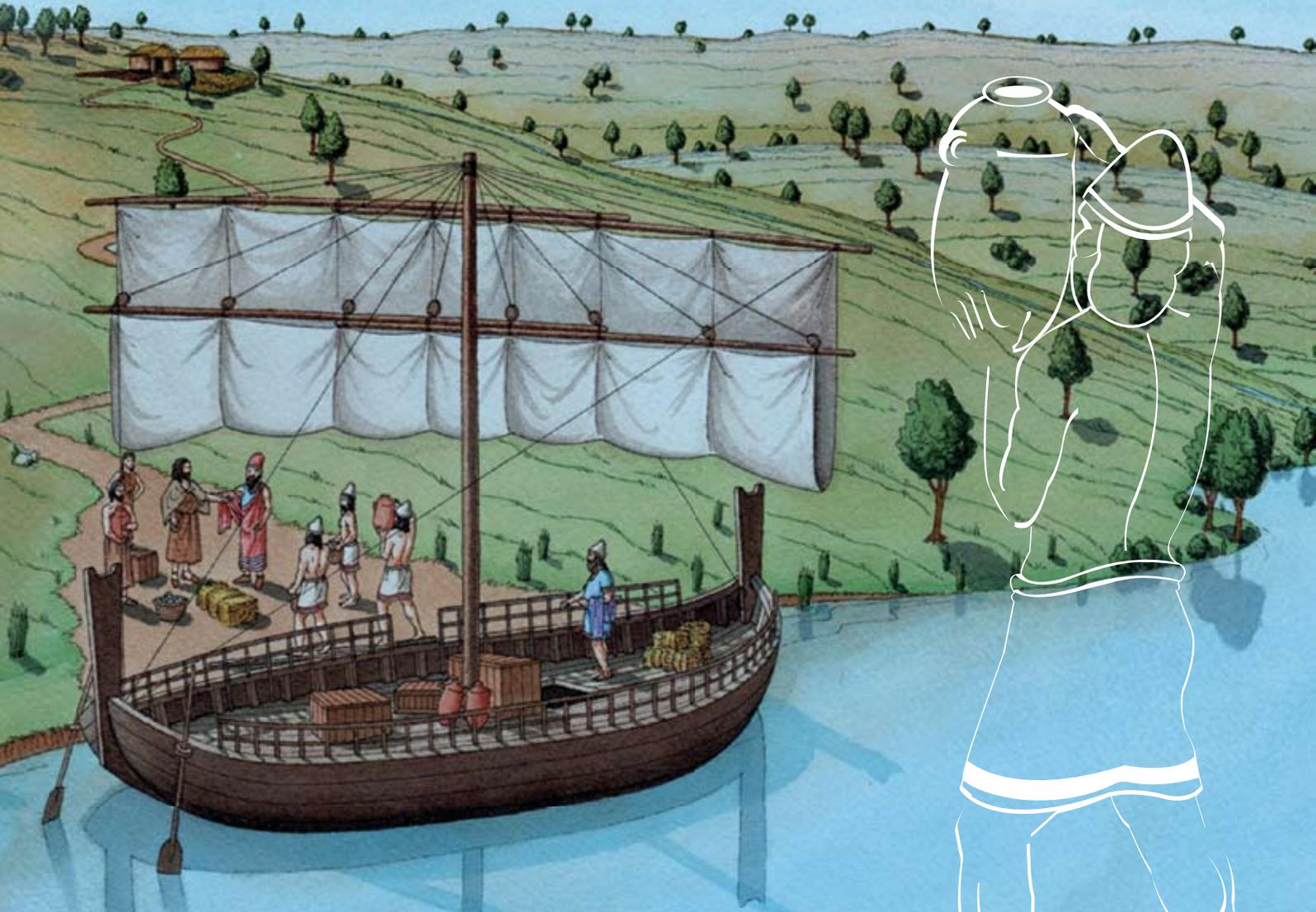




Cira Arqueologia

N.º **2** SET'13

O Tejo, palco de interação entre Indígenas e Fenícios





Cira Arqueologia

N.º **2** SET'13

O Tejo, palco de interação entre Indígenas e Fenícios



www.cm-vfxira.pt



www.museumunicipalvfxira.pt

TÍTULO: *Cira Arqueologia Online* | PROPRIEDADE: Museu Municipal Vila Franca de Xira | EDITOR: Câmara Municipal Vila Franca de Xira
COORDENAÇÃO GERAL: David Santos | COORDENAÇÃO EDITORIAL: João Pimenta | DESIGN: Patrícia Victorino | PAGINAÇÃO: Susana Vale
REVISÃO DE TEXTO: João Pimenta e Patricia Ramos | IMAGEM CAPA: Ilustração Histórica Povoado de Santa Sofia, de César Figueiredo
LOCAL DE EDIÇÃO: Vila Franca de Xira | DATA DE EDIÇÃO: setembro de 2013 | ISSN: 2183-0584
CONTACTOS: museumunicipal@cm-vfxira.pt

Apresentação	4
Um rio na(s) rota(s) do estanho: O Tejo entre a Idade do Bronze e a Idade do Ferro.	7
<small>JOÃO CARLOS SENNA-MARTINEZ</small>	
Trabalhos arqueológicos na Quinta Nova de Santo António ou dos Ingleses – Carcavelos. A ocupação do Bronze final	19
<small>NUNO NETO, CRISTINA GONZALEZ, PAULO REBELO, RAQUEL SANTOS e MIGUEL ROCHA</small>	
A ocupação da idade do bronze final da Praça da Figueira (Lisboa): novos e velhos dados sobre os antecedentes da cidade de Lisboa	40
<small>RODRIGO BANHA DA SILVA</small>	
Um depósito votivo da Idade do Bronze na Moita da Ladra (Vila Franca de Xira): Síntese dos trabalhos realizados e resultados preliminares.	63
<small>MÁRIO MONTEIRO e ANDRÉ PEREIRA</small>	
Nota sobre um machado plano em bronze de “Tipo Bujões” de Vila Franca de Xira.	95
<small>J.C. SENNA-MARTINEZ, E. LUÍS, J. PIMENTA, E. FIGUEIREDO, F. LOPES, M.F. ARAÚJO e R.J.C. SILVA</small>	
A ocupação da foz do Estuário do Tejo em meados do I^o milénio a.C.	103
<small>ELISA DE SOUSA</small>	
Cronologias absolutas para a I^a Idade do Ferro em Olisipo – O exemplo de uma ocupação em ambiente cársico na actual Rua da Judiaria em Alfama	118
<small>MARCO CALADO, LUÍS ALMEIDA, VASCO LEITÃO e MANUELA LEITÃO</small>	
O povoamento pré-romano de Freiria – Cascais	133
<small>GUILHERME CARDOSO e JOSÉ D’ENCARNAÇÃO</small>	
Cronologia Absoluta para o Povoado Pré-Romano de Santa Sofia (Vila Franca de Xira).	181
<small>JOÃO PIMENTA, ANTÓNIO M. MONGE SOARES e HENRIQUE MENDES</small>	
1.^a Campanha de escavações arqueológicas no povoado pré-romano de Porto do Sabugueiro – Muge – Salvaterra de Magos.	195
<small>JOÃO PIMENTA e HENRIQUE MENDES</small>	
Um possível fragmento de <i>bucchero nero</i> Etrusco na Travessa das Dores – Ajuda (Lisboa)	220
<small>VASCO NORONHA VIEIRA</small>	

Ciclo de conferências

Vila Franca de Xira há três mil anos.

O Tejo palco de interação entre indígenas e fenícios.

Durante o ano de 2012, o Museu Municipal apresentou uma exposição de Arqueologia intitulada “Vila Franca de Xira há três mil anos – O Povoado de Cabanas de Santa Sofia”.

A temática da exposição prendeu-se com os recentes trabalhos de investigação conduzidos pelo Museu Municipal, os quais levaram à descoberta e estudo de um singular sítio proto-histórico, datado de há três mil anos, em pleno núcleo urbano da atual cidade de Vila Franca de Xira.

A escavação do povoado de Santa Sofia, ao longo de duas extensas campanhas (durante o verão de 2006 e 2007), permitiu caracterizar a sua ocupação e organização espacial, revelando um singular povoado de cabanas onde a presença fenícia se encontra bem evidenciada.

Esta descoberta veio relançar a discussão científica em torno de um período fulcral da história da ocupação humana do Vale do Tejo, a Idade do Bronze Final, período esse que foi definido pela Comissão Europeia em 1995 como “a primeira Idade de Ouro da Europa”.

Estamos assim perante um sítio que, pela implantação na paisagem, arquitetura e economia, se insere dentro daquilo que tem vindo a ser definido na bibliografia científica como os “Casais agrícolas” da Idade do Bronze Final da Península de Lisboa, mas que evidencia já fortes contactos com a presença dos mercadores fenícios no vale do Tejo.

A questão da presença Fenícia num sítio como o de Santa Sofia era verdadeiramente inesperada, vindo acrescentar uma nova página, sobre a colonização deste povo na fachada atlântica.

Paralelamente à exposição, o Museu de Vila Franca de Xira decidiu organizar um ciclo de conferências no núcleo-sede do Museu Municipal, sobre a temática da exposição: a presença humana no vale do Tejo em meados do primeiro milénio antes de Cristo e a interação entre as comunidades indígenas e os mercadores Fenícios provenientes do mediterrâneo oriental.

Este ciclo de conferências realizou-se ao longo do ano de 2012, sendo que é, com muito gosto que apresentamos, neste segundo volume da Revista Cira Arqueologia, os resultados dessas apresentações, assim como novos contributos de investigadores que aderiram a esta nossa iniciativa.

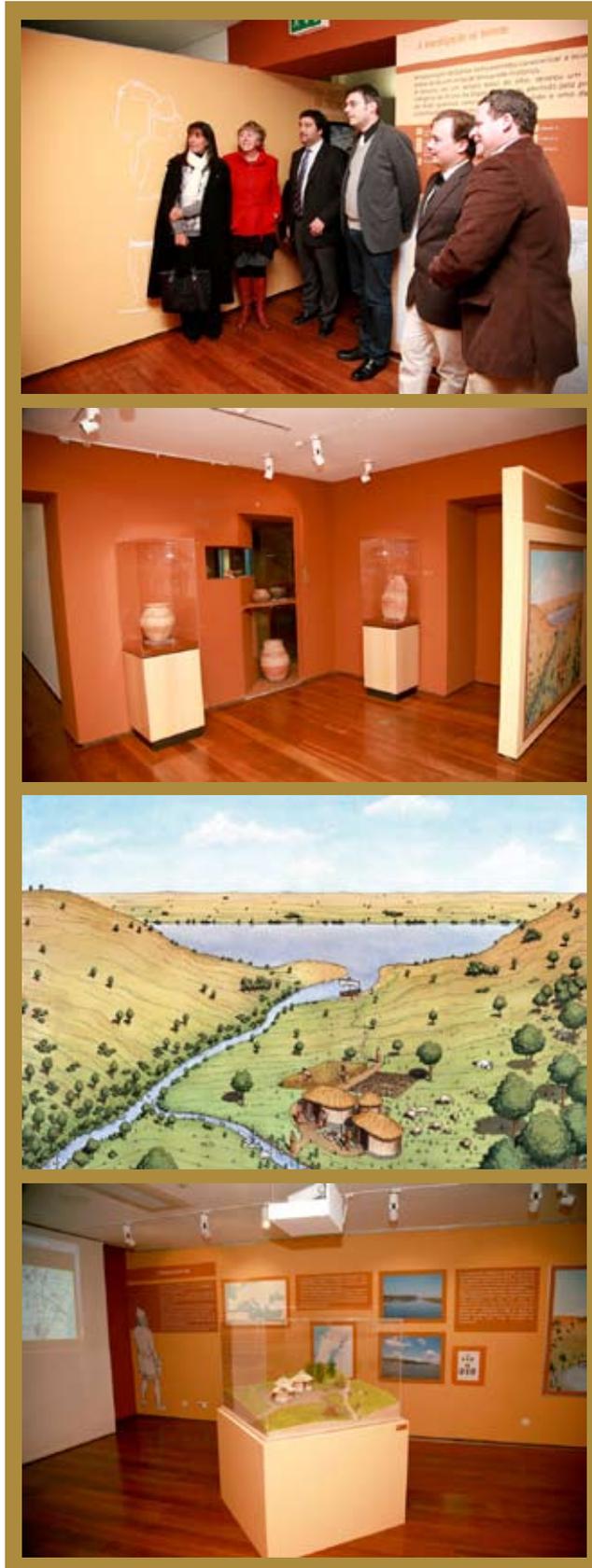
Que seja mais um contributo cultural, acessível a todos, para melhorar o conhecimento disponível sobre as raízes do nosso passado.

SR. VEREADOR DA CULTURA
FERNANDO PAULO FERREIRA

Museu Municipal de Vila Franca de Xira

Rua Serpa Pinto, 65
2600-263 Vila Franca de Xira
Tel. 263 280 350

museumunicipal@cm-vfxira.pt
www.museumunicipalvfxira.pt
www.cm-vfxira.pt



Fotografias
Inauguração da
Exposição Vila Franca
de Xira há três mil
anos. O Povoado de
Cabanas de Santa
Sofia, a 9 de fevereiro
de 2012.



Fotografias da apresentação pública da Revista Cira Arqueologia N.º 1, no auditório do Museu Municipal de Vila Franca de Xira dia 20 de Junho de 2012.

Um rio na(s) rota(s) do estanho: O Tejo entre a Idade do Bronze e a Idade do Ferro

JOÃO CARLOS SENNA-MARTINEZ¹

Resumo:

A bacia do Tejo constituiu, simultaneamente e ao longo da Pré-História das Sociedades Camponesas peninsulares, fronteira cultural e via de passagem privilegiada norte-sul de influências culturais diversas.

Interessa-nos aqui particularmente o papel que ela desempenha nos processos de transmissão de técnicas metalúrgicas, sul-norte e norte-sul, ao longo do tempo que medeia entre a origem das primeiras metalurgias peninsulares e o final da Idade do Bronze no Noroeste Peninsular.

Se, num primeiro momento parece clara a predominância de focos culturais meridionais, os primeiros bronzes da fachada atlântica e, depois, os modelos metálicos de filiação atlântica do Bronze Final assistirão a um inverter de fluxos que apenas as influências mediterrânicas-orientalizantes reverterão. Nestas várias problemáticas se inserem os dados provenientes de recentes intervenções no sítio da Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros).

Palavras-Chave: Ocidente Peninsular, Idade do Bronze, Arqueometalurgia, fontes de estanho.

➤ A Bacia do Tejo, o maior dos rios peninsulares e divisória/faixa de contacto entre um Sul mediterrânico e um Norte (nomeadamente todo o Noroeste) Atlântico e temperado, constituiu, a um tempo e ao longo da Pré-História das Sociedades Camponesas peninsulares, fronteira cultural e via de passagem privilegiada, nos dois sentidos, de diversas influências culturais.

Interessam-nos aqui, sobretudo, as questões que se prendem com a inovação e transmissão tecnológicas relacionadas com as metalurgias que têm no cobre e suas ligas a principal razão de ser.

Parece hoje consensual que as primeiras metalurgias peninsulares se originam no seu extremo sul iniciando-se na sua parte oriental um pouco antes de 3000 a.C. e estendendo-se até ao Sudoeste Peninsular ao longo do primeiro quartel do III milénio a.C. (cf. por exemplo: Castro Martínez, Lull e Micó, 1996; Soares e Cabral, 1993). A Ocidente, a Estremadura verá os primeiros cobres ainda no segundo quartel do III milénio a.C. (*Idem*). Já o interior Beirão e o Noroeste, apenas bem entrada a segunda metade do III milénio a.C., verão aparecer os primeiros objetos em cobre, que apenas parecem ter alguma expressão nestas regiões já no final do milénio, uma vez começada a Idade do Bronze e sob a forma de cobres arsenicais (Senna-Martinez, 1994 e 2002; Valera, 2007).

Trajeto inverso parece percorrer o *know-how* técnico necessário à produção dos primeiros bronzes.

Parece hoje aceitável a hipótese de uma origem transpirenaica dos primeiros bronzes binários (Fernández-Miranda, Montero Ruiz e Rovira Llorens, 1995). Os primeiros bronzes do Vale do Ebro são enquadráveis no primeiro quartel do segundo milénio – 2000-1750 a.C. – enquanto as novas evidências do Noroeste (contextos de fabrico dos sítios de habitat da Sola e da Fraga dos Corvos² – cf. Bettencourt, Bettencourt, 2000 e Senna-Martinez, et al. 2010) apontam para um início da produção dos machados de tipo “Bujões/Barcelos” no segundo quartel do segundo milénio – 1750-1500 a.C. – sendo os dados para as Mesetas mais tardios³. É, assim, possível considerar a transmissão do *know-how* necessário à produção de bronze como tendo ocorrido, numa primeira fase, ao longo da Cornija



Figura 1
Vias e momentos da difusão da metalurgia do bronze na Península Ibérica.

Cantábrica de oriente para ocidente (Cantábria, Galiza, Minho e Trás-os-Montes) como propõem Fernández-Miranda, Montero Ruiz e Rovira Llorens (1995). Um segundo momento compreenderia, além do movimento proposto por aqueles autores em direção às Mesetas, à Mancha e área Argárica, um outro a ocidente (Fig.1) percorrendo a orla ocidental da península em direção a sul (Beiras, Bacia do Tejo, Alentejo e Algarve – Senna-Martinez, 2007).

Ao contrário da Cornija Cantábrica e Noroeste, não se encontra documentada em nenhuma das outras áreas mais meridionais da Península Ibérica qualquer evidência de uma prática metalúrgica de produção de bronzes na Primeira Idade do Bronze, mas tão só a presença, ainda fortemente minoritária, de artefactos em bronzes binários (Fernández-Miranda, Montero Ruiz e Rovira Llorens, 1995), por entre uma produção regional que privilegiará até ao Bronze Final os cobres arsenicais.

Se nos falta cronometria radiocarbónica para balizar os primeiros bronzes da Estremadura Atlântica, nomeadamente na sua parte sul, podemos apontar para uma cronologia dentro do terceiro quartel do II Milénio a.C. – c. 1500-1250 a.C. – sugerida pela presença de dois dos raros exemplares de machados de talão de 1ª geração da fachada atlântica peninsular (Fig.2): Reguengo Grande (Lourinhã) e Pombalinho (Santarém). Da bacia terminal do Tejo conhecemos ainda machados de tipo Bujões em contexto de depósito – Reguengo Grande, Lourinhã; Escaroupim (Fig 3), Alpiarça; MARL, Vila Franca de Xira – funerários – Famalicão da Nazaré e Lapa do Fumo, Sesimbra – e habitacionais – V. Nova de S. Pedro⁴, Cartaxo.

Parece-nos provável que a passagem para sul do Maciço Central Ibérico e, nomeadamente, para sul da bacia do Tejo da tecnologia de produção de bronze tenha esbarrado

Figura 2
Machados de talão de “primeira geração”, em bronze, do Reguengo Grande (Lourinhã) e Pombalinho (Santarém).



Figura 3
Conjunto de machados planos em bronze de “tipo Bujões” do “depósito” de Escaroupim - Alpiarça.



numa dificuldade que não parece ter sido superada de forma continuada senão após o início do Bronze Final: o regular aprovisionamento em estanho.

Os últimos anos têm vindo a revelar (como no caso do Noroeste Peninsular – Geirinhas, *et al.* 2011) a existência de fontes de cobre que, por serem insusceptíveis de utilização industrial, tinham sido sistematicamente ignoradas, favorecendo a falsa imagem de que para haver bronze no âmbito peninsular era necessário juntar aos cobres do Sul-Oriente Peninsular o estanho do Norte-Occidente. Pelo contrário, é hoje cada vez mais claro que existe cobre um pouco por toda a Península Ibérica, pelo menos potencialmente utilizável à pequena escala do Calcolítico e Idade do Bronze. Já o mesmo não pode dizer-se do estanho, em *placers* aluvionares, largamente confinado a norte-occidente do Maciço Central, Beira Baixa, Norte da Estremadura

Espanhola (Rodríguez Díaz, *et al.* 2001) e Nordeste Alentejano⁵.

A sul da Bacia do Tejo as primeiras evidências de fabrico local de objetos em bronze remontam todas ao Bronze Final, representadas, no caso do atual território português, pelo fragmento de valva de molde para machados planos de gume aberto (de tipo “Bujões ou Argárico”) proveniente da fossa 8 do sítio do Casarão da Mesquita 3 (Fig.4) para o qual foi obtida uma data radiométrica, a partir de um depósito orgânico no seu interior, que cavalga a viragem do segundo para o primeiro milénio a.C. – Beta-331981 2830±40 BP calibrando entre 1122-898 cal a.C. a 2 δ ⁶.

Atendendo ao acima exposto, entre a emergência dos machados Bujões/Barcelos⁷, bem como da metalurgia do bronze, no Norte Português – no princípio do segundo quartel do segundo milénio cal a.C. – e a sua chegada ao Sul Atlântico peninsular, já sobre o Bronze Final, mediariam, numa estimativa conservadora e em anos de calendário, um mínimo de cerca de 250-500 anos.

Uma vez que em nenhum local da orla ocidental a Sul do Douro conhecemos qualquer evidência de prática da metalurgia do Bronze antes do Bronze Final, a presença de objetos em bronze nestas áreas mais meridionais parece dever-se mais a um processo de percolação gradual de objetos por via das cadeias de solidariedades ou alianças matrimoniais entre elites com a eventual refundição de alguns objetos a explicar o restante.

Face aos dados atualmente disponíveis, nomeadamente à datação atrás referida do molde do Casarão da Mesquita 3, mesmo durante os primeiros momentos do Bronze



Figura 4
Valva de molde para machados planos de gume largo da fossa 8 do sítio do Casarão da Mesquita 3 (sg. Valério, 2012: fig.3.18 – adaptada).

Final do Sudoeste poderíamos ainda ter produção regional de machados planos de gume largo e aberto, muito próximos do “tipo Bujões”. A ausência, nos chamados depósitos da Ria de Huelva (c. 1225-825 a.C. – Ruiz-Gálvez, 1995) e de Puertollano (Ciudad Real – cf. Fernández Rodríguez e Esperanza Manterola, 2002) de machados de talão ou de alvado, aliás escassos no Sudoeste e no Sudeste peninsulares (Monteagudo, 1977: Taf.137-142), pode ser entendida como existindo desfasamentos na transmissão, para sul da bacia do Tejo, de alguns dos modelos “atlânticos” que já existem na parte central e norte da fachada ocidental peninsular pelo menos desde o último quartel do segundo milénio a.C.

– por exemplo no Grupo Baiões/Santa Luzia (Senna-Martinez, *et al.* 2011b).

Também as primeiras evidências peninsulares de mineração de estanho, a partir de veios pouco profundos e já não de *placers* aluvionares, parecem não remontar além do final do primeiro quartel do primeiro milénio a.C. – casos, por exemplo, de Logrosan (Cáceres – Rodríguez Díaz, *et al.* 2001) e Orgens (Viseu – Correia, Silva and Vaz, 1979).

É para nós claro que a importância do estanho do Centro e Norte do Ocidente Peninsular coloca a questão das rotas de circulação para sul (Fig. 5). Na orla ocidental as vias norte-sul possíveis passam: (1) seja pela planície litoral a ocidente das serras do Maciço Calcário até às portelas a ocidente do Montejunto; (2) seja pelo corredor interior Coimbra/Tomar/Santarém podendo daí meter ao planalto beirão e noroeste via Plataforma do Mondego. Ambos passando o Tejo respectivamente, a ocidente, entre as penínsulas de Lisboa e Setúbal e, a oriente, pela zona da foz do Zêzere/Vila Nova da Barquinha. Nos limites orientais do atual território português a via tradicional é o corredor (3) que liga o Nordeste Transmontano à Beira Transmontana, leia-se a Bacia do Côa, à Beira interior e, passando o Tejo pela última das vias atrás citadas, ao Nordeste Alentejano.



Figura 5
O Tejo e as vias de trânsito norte/sul através do Maciço Calcário e do Maciço Central.

Já em território da Estremadura Espanhola atual, serão as portelas nos eixos (4) Cáceres/Salamanca/Ávila (entre as serras de Gatas e Gredos) e (5) Madrid/Ávila (pela Serra de Guadarrama) as principais vias a reter, importando depois passar o Tejo e passar ou seguir a Bacia do Guadiana para Sul.

Para a discussão que aqui mais nos importa, em torno à questão do estanho, a via primordial é a terceira referida (Fig. 5-3). Por ela poderão ter transitado quer influências de origem meridional (Mediterrânicas) para norte quer de origem setentrional (Atlânticas) para sul.

Já durante a Primeira Idade do Bronze esta via de passagem foi “marcada” pelas “primeiras figuras de poder”, as estátuas-menir armadas (Figs.6-8) de que destacaremos, de norte para sul, a de Tameirón (A Gudiña-Riós, Ourense – Comendador-Rey, Rodríguez Muñiz e Manteiga Brea, 2011), as de Chaves e Faiões (Jorge e Jorge, 1990), a de Cruz de Cepos (Montalegre – Alves e Reis, 2011), a de Longroiva (Mêda – Almagro, 1966: Lám. XXX), as da Nave (Moimenta da Beira – Cruz, D. e Santos, A.T., 2011), de Ataúdes (Figueira de Castelo Rodrigo – Vilaça, *et al.* 2001) e de Corgas (Fundão – Banha, Veiga e Ferro, 2009). Estes símbolos iconográficos balizam, deste modo e desde o Bronze Inicial, uma das vias possíveis que poderá ter seguido a transmissão, ainda durante o Bronze Médio, do *know-how* necessário à produção dos primeiros bronzes.

No Bronze Final a Estremadura Atlântica (ou Portuguesa) vem de há longa data a ser referida como que constituindo uma espécie de “placa giratória” em torno à qual se



Figura 6
Estátua-menir
de Chaves.

Figura 7
Estela de Longroiva.

Figura 8
Estátua-menir
de Corgas, Fundão.

organizariam as relações entre o Norte Atlântico e o Sul Mediterrânico. Nós tendemos a pensar que é mais adequado referir não só a Estremadura como as duas grande vias de acesso ao interior (como quem diz ao estanho e ouro das Beiras) que os cursos terminais (e respetivas rias) do Tejo e do Mondego constituem, em contraponto aos percursos terrestres mais interiores. Neste ultimo caso teremos, por exemplo, a chegada, ao sul da bacia do Tejo e logo em seguida à Beira Interior da decoração por “ornados brunidos” na cerâmica⁸.

Mas, mais ainda do que a cerâmica, são as produções metálicas de “modelo” mediterrânico nos mundos Baiões/Santa Luzia e da Beira Interior (primeiras fíbulas,

ponderais, técnica de douramento – cf. Senna-Martinez, *et al.* 2011b), a que se juntam as importações dos primeiros ferros, que permitem uma conexão cultural com os mundos mais meridionais e sugerem a importância da chamada “rota das estelas estremenhas” (ou “*de guerrero*” – Nunes, 1960; Nunes e Rodrigues, 1957; Ruiz-Gálvez e Galán Domingo, 1991; Galán Domingo, 1994).

Pensada durante muito tempo como tendo a forma aproximada de um triângulo com a base no sul da Andaluzia e vértice na zona do Sabugal/Guarda⁹, a distribuição destes testemunhos iconográficos, sob a forma da variante de “estelas panóplia” (só com figuração de armas), viu a sua distribuição ao longo da via Côa/Trás-os-Montes Oriental (Fig. 5-3) reforçada com a descoberta dos exemplares de Tojais (Montalegre – Fig.9) e da Pedra da Atalaia 2 (Celorico da Beira – Fig.10) e, ainda mais recentemente, da Pedra Alta (Castrelo do Val, Ourense – Fig.11) na Galiza¹⁰.

Deste modo e no que respeita a Bacia Terminal do Tejo em território hoje português, por aqui se cruzam a transmissão para sul dos modelos e do *know-how* da metalurgia atlântica do Bronze Final e, em sentido oposto, diversas influências de origem mediterrânica com destaque para as primeiras fíbulas, ponderais e primeiros ferros (Senna-Martinez, 2010). Se, para estes últimos, a descoberta dos exemplares da Quinta do Marcelo (Almada – Barros, 2000) pode levar a pensar numa introdução a partir do litoral atlântico, já para as fíbulas e ponderais a “rota das estelas” é provavelmente a melhor opção. Esta via interior é, assim para nós, a mais provável para explicar a origem das principais influências mediterrânicas pré-fenícias nas Beiras Portuguesas, de tal forma associáveis à procura e abastecimento em estanho do sul-ocidente peninsular (Senna-Martinez, 2011).

A bem conhecida inexistência de lingotes de estanho no Ocidente Peninsular durante a Idade do Bronze, associada à demonstração¹¹ de uma produção de bronze por co-redução

Figura 9

Estela de Tojais, Montalegre (sg. Alves e Reis, 2011 – adaptada).

Figura 10

Estela da Pedra da Atalaia, Celorico da Beira (sg. Vilaça, Santos e Gomes, 2011 – adaptada).

Figura 11

Estela da Pedra Alta, Castrelo do Val, Ourense (http://ccaa.elpais.com/ccaa/2012/02/03/galicia/1328201594_419900.html).



de minérios de cobre (carbonatos ou óxidos) com cassiterite, militam a favor de uma circulação, provavelmente em quantidades limitadas, da própria cassiterite, proveniente maioritariamente de “garimpo”.

Um possível indicador desta circulação de cassiterite e também, provavelmente, ouro pode então ser, ainda em período pré-orientalizante, a presença em contextos

da primeira etapa do Bronze Final das Beiras dos primeiros ponderais bem como dos primeiros ferros, juntamente com o fabrico local de fíbulas que copiam modelos mediterrânicos pré-fenícios.

Serão, aliás, as diferenças “de escala” (e por consequência técnicas) na produção metálica entre Oriente e Ocidente da Bacia Mediterrânica as grandes responsáveis por algumas dificuldades que pensamos ter sido sentidas por Fenícios e Púnicos no acesso a este importante recurso.

Com o desenvolvimento da influência orientalizante no Sul e Centro Atlânticos Peninsulares – durante os séculos VIII-VI a.C. – estamos em crer que o estabelecimento dos *ports of trade* de Santarém e Santa Olaia (Arruda, 1999/2000) podem bem protagonizar, conjuntamente com um intensificar do movimento pela “rota das estelas”, um esforço de intensificação de contactos com as áreas produtoras de estanho das Beiras portuguesas.

Tal tentativa de intensificação parece não ter tido muito sucesso, dada a escassez de elementos materiais de origem orientalizante na segunda etapa do Bronze Final das Beiras portuguesas, nomeadamente no caso do Grupo Baiões/Santa Luzia (Senna-Martinez, 2011). Nem sequer no caso do sítio da Cachouça (no sul da Beira Interior e próximo do Tejo – Vilaça, 2007: 70-74) os materiais de origem segura orientalizante (francamente minoritários no conjunto da cultura material local – Vilaça, 2007; Vilaça y Basílio, 2000) são suficientes para podermos falar de uma mudança local para o que, a sul, designamos como Primeira Idade do Ferro.

Teremos que esperar por um momento que se configura como correspondendo, eventualmente, aos finais do século VII a.C. inícios do século VI a.C. para encontrarmos, ao longo do que acima designámos como “via 3” (Fig. 5-3), evidências crescentes de uma relação com ambientes meridionais de cariz orientalizante.

No Nordeste Transmontano é, mais uma vez, do sítio da Fraga dos Corvos, agora em ambiente cultural de um Bronze Final Tardio, eventualmente já transicional para a Idade do Ferro, que nos surgem um conjunto de elementos metálicos de cariz orientalizante (Fig.12) e situáveis dentro daquela diacronia (sécs. VII-VI – Senna-Martinez, *et al.* no prelo).

O conjunto destes elementos engloba partes de 11 fíbulas (Figs.12-14), aparentemente variantes locais de tipos meridionais (6 de tipo Acebuchal, 2 Bencarrón, 1 de dupla mola e mais uma mola e um arco indeterminados), 1 pinça, 2 agulhas, 3 pendentes e 1 espátula de cosméticos, todos em bronze, além de 2 facas, 1 punção 1 um fragmento de ferro. Uma

primeira reflexão sobre os materiais cerâmicos que, no Sector M da Fraga dos Corvos, acompanham alguns destes materiais metálicos (Reprezas, *no prelo*) permitiu, através da detecção de “cerâmica penteada” (Fig.15), com afinidades no mundo Soto da Meseta Norte (Alvaro-Sanchis, 1999), apontar para uma diacronia entre o final do século VII a.C. e a primeira

Figura 12

Conjunto de artefactos em bronze de cariz orientalizante do Abrigo 2 da Fraga dos Corvos: 181- Fíbula de dupla mola; 252- Pendente; 457 e 188- Agulhas; 361- Espátula para cosméticos; 473- Fragmento de fivela de cinturão.



metade do século VI a.C. Cerâmica equivalente do Castro de Palheiros (Murça – Sanches, 2008: 134) possibilita desde já perspetivar que outros sítios transmontanos poderão vir a integrar esta problemática.

Mais a sul, encostado já do lado espanhol à nossa “via 3”, o povoado de Picón de la Mora (Salamanca – Martín Valls, 1971) vê igualmente a convivência de cerâmicas penteadas (Fig.16) com fíbulas de tipo Acebuchal e de dupla mola e uma agulha em bronze (Alvaro-Sanchis, 1999: 72, fig.18).



No Alto Côa, cavalgando as “zonas de trânsito” e “portelas” que ligam a Beira Alta à Beira Interior foi recentemente reconhecido outro foco de povoados com cerâmicas deste tipo (Osório, 2005 e 2009). No caso do sítio de Sabugal Velho (Fig.17), daí provém também uma fibula de tipo Acebuchal (Osório, 2005: 44 e Estampa 19-4).

Figura 13

Pé e ponte de fibula de tipo Acebuchal do Sector M da fraga dos Corvos (FCORV-M 10532).

Mais a oriente, já sobre o extremo norte da nossa “via 4” de trânsito pelo Maciço Central (Fig. XXX-4), do povoado de Las Paredejas (Berrueco, Salamanca – Fabián, 1986-1987: 281 e fig.4) provém igualmente cerâmicas penteadas e fíbulas de dupla mola, Acebuchal e Bencarrón (Fig. 18).

Figura 14

Arco e mola de fibula de tipo Bencarrón da Fraga dos Corvos.

Parece-nos assim possível propor que o final do “Período Orientalizante” poderá ter assistido a um relançar de esforços para, a partir da bacia do Tejo e pelas principais portelas do Maciço Central (Fig. 5), atingir as zonas produtoras de estanho do Norte-Occidente Peninsular. De entre estas vias, a que designámos “via 3” parece, de momento, particularmente importante, dado o impacto detetado na Fraga dos Corvos em Trás-os-Montes Oriental.

Fechamos estas reflexões fazendo nossas estas palavras de Jessica Reprezas: “... *Temos a convicção de que o Sector M da Fraga dos Corvos será certamente um sítio-chave na compreensão das dinâmicas económicas, sociais e culturais das comunidades de Trás-os-Montes Oriental entre a Idade do Bronze e a Idade do Ferro...*” (Reprezas, no prelo).

Bruxelas e Lisboa, Páscoa de 2013

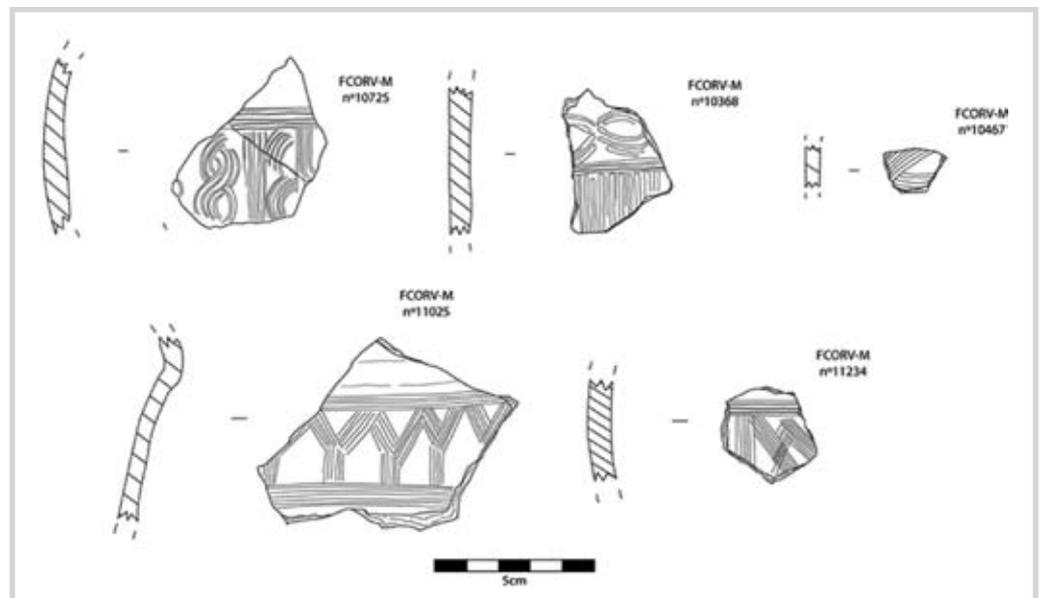


Figura 15

Fraga dos Corvos, motivos decorativos penteados do Sector M (sg. Reprezas. no prelo: fig.4).

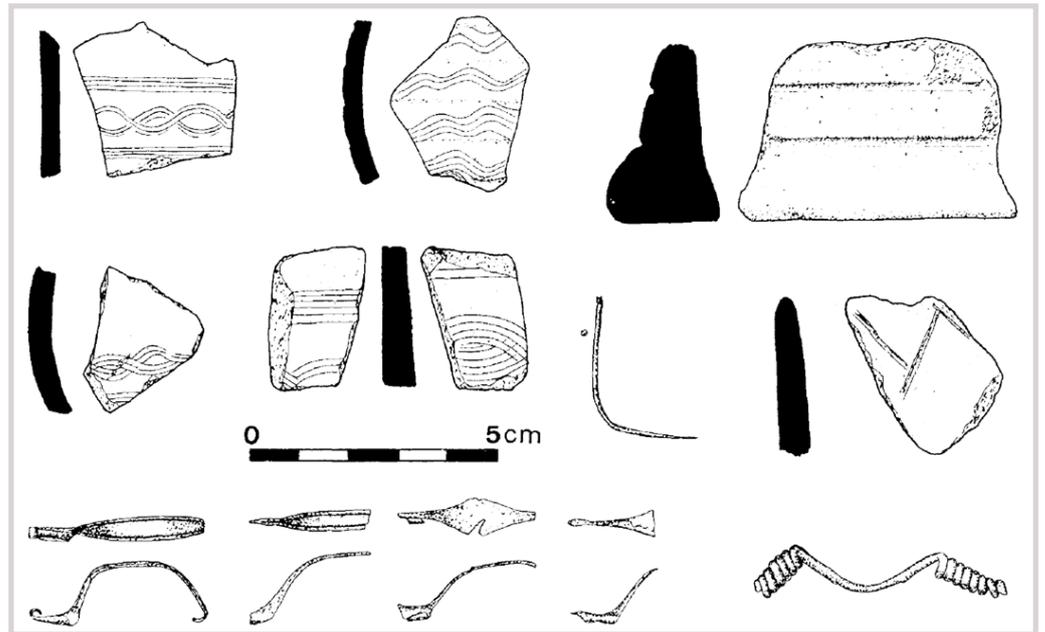


Figura 16
Picón de la Mora,
Salamanca. Cerâmica
penteada, fíbulas
Acebuchal e de dupla
mola e agulha
de bronze (sg.
Alvaro-Sanchis,
1999 – adaptado).

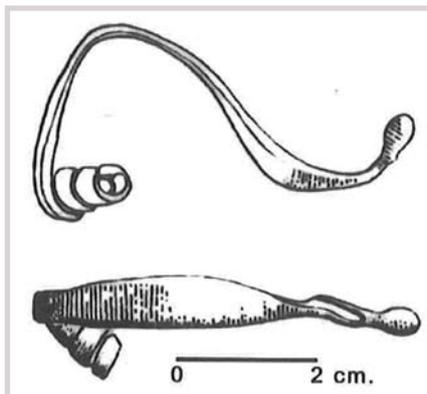


Figura 17
Fíbula de tipo Acebuchal
do sítio do Sabugal
Velho (sg. Osório, 2005
– adaptado).

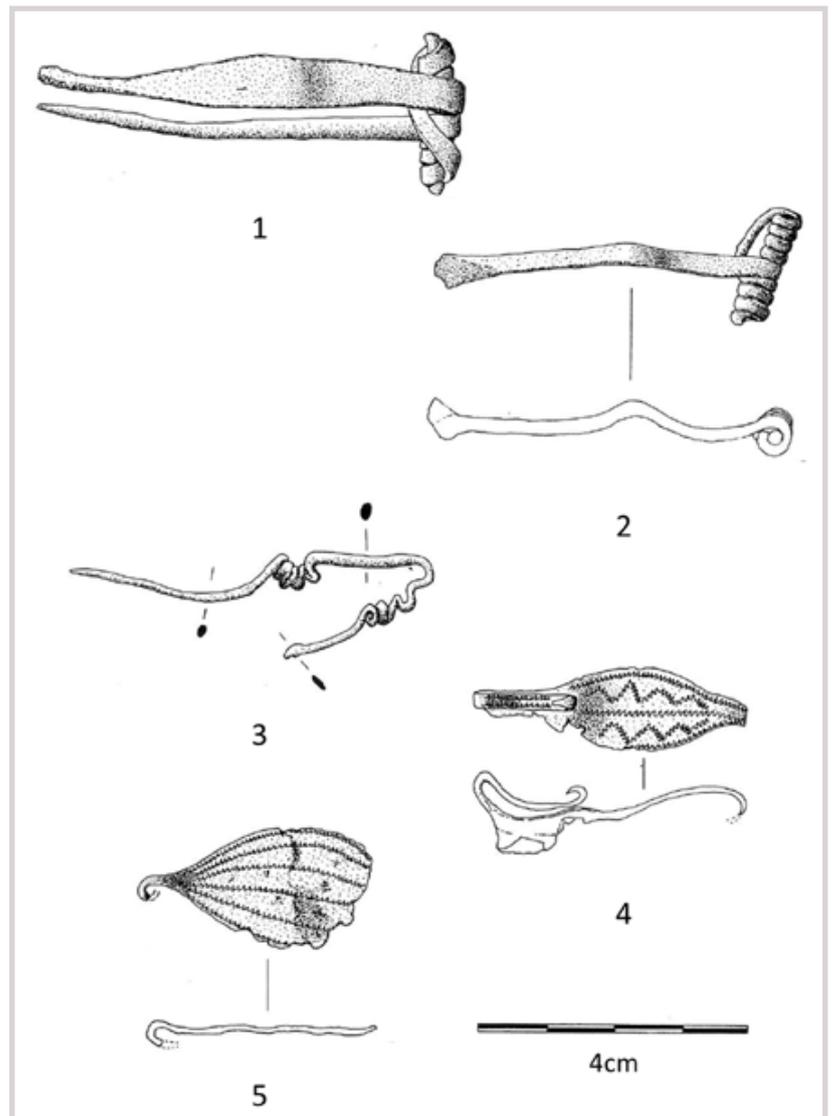


Figura 18
Fíbulas do povoado
de Las Paredejas:
1 e 2 de tipo Bencarrón;
3 de dupla mola;
4 e 5 de tipo Acebuchal
(sg. Fabián, 1986-1987
– adaptado).

BIBLIOGRAFIA

- ÁLVAREZ-SANCHIS, J. (1999) – *Los Vettones*. Madrid. Real Academia de la Historia.
- ALVES, L.; REIS, M. (2011) – Memoriais de pedra, símbolos de Identidade. Duas novas peças escultóricas de Cervos (Montalegre, Vila Real). *Actas das IV Jornadas Raianas “Estelas e estátuas-menires da Pré à Proto-história*. Sabugal, p.187-216.
- ARRUDA, A.M. (1999/2000) – *Los fenicios en Portugal: Fenicios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a.c.)*. Barcelona. Cuadernos de Arqueología Mediterránea, 5-6.
- BANHA, C.; VEIGA, A.M. e FERRO, S. (2009) – A Estátua-Menir de Corgas (Donas, Fundão). Contributo para o Estudo da Idade do Bronze Na Beira Interior. Associação de Estudos do Alto Tejo. *AÇAFA On Line*. nº 2. http://www.altotejo.org/acafa/docsN2/A_estatua-menir_de_Corgas.pdf
- BARROS, L. (2000) – *O fim do Bronze e a Idade do Ferro no território de Almada*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- CASTRO MARTÍNEZ, P. V.; LULL, V. e MICÓ, R. (1996) – *Cronología de la Prehistoria Reciente de la Península Ibérica y Baleares (c. 2800-900 cal ANE)*. Oxford. Tempvs Reparatum. *BAR International Series*, 652.
- COMENDADOR REY, B.; RODRÍGUEZ MUÑIZ, V. e MANTEIGA BREA, A. (2011) – A estatua menhir do Tameirón no contexto dos resultados do proxecto de intervención arqueolóxica no Monte Urdiñeira e o seu contorno (A Gudiña-Riós, Ourense). *Actas das IV Jornadas Raianas “Estelas e estátuas-menires da Pré à Proto-história*. Sabugal, p.217-244.
- CORREIA, A.; SILVA, Celso T. and VAZ, J.L. (1979) – Catálogo da Coleção Arqueológica Dr. José Coelho. *Beira Alta*. Viseu. 38 (3), p. 605-638.
- CRUZ, D. e SANTOS, A.T. (2011) – As estátuas-menires da serra da Nave (Moimenta da Beira, Viseu) no contexto da ocupação pré-histórica do Alto Paiva e da Beira Alta. *Actas das IV Jornadas Raianas “Estelas e estátuas-menires da Pré à Proto-história*. Sabugal, p.117-242.
- FABIÁN, J.F. (1986-1987) - El Bronce Final y la Edad del Hierro en el Cerro del Berrueco (Ávila-Salamanca). *Zephyrus*. Salamanca. 39-40, p. 273-287.
- FERNÁNDEZ RODRÍGUEZ, M. e ESPERANZA MANTEROLA, M.J. (2002) – Los Depósitos de Armas en el Bronce Final: Un nuevo hallazgo en Puertollano (Ciudad Real). *Trabajos de Prehistoria*. 59(2), p. 113-133.
- GALÁN DOMINGO, E. (1994) – *Estelas, paisaje y territorio en el Bronce Final del Suroeste de la Península Ibérica*. Madrid. Editorial Complutense. «Complutum Extra», 3.
- GEIRINHAS, F.; GASPAS, M.; SENNA-MARTINEZ, J.C.; FIGUEIREDO, E.; ARAÚJO, M.F. e R.J.C. SILVA (2011) – Copper isotopes on artefacts from Fraga dos Corvos First Bronze Age habitat site and nearby Cu occurrences: an approach on metal provenance. *Actas del Quinto Congreso Internacional sobre minería y metalurgia Históricas en el Suroeste Europeu*. Ed., J.M. Mata-Perelló, L. Torro I Abat, M.N. Fuentes Prieto, Co-Ed., A.N. Campo, O. Pucha Riart, SeDPGYM, p.177-184.
- JORGE, V.O. e JORGE, S.O. (1990) – Statues-Menhirs et Stèles du Nord du Portugal. *Revista da Faculdade de Letras (Porto)*. II Série. VII, p.299-324.
- MARTÍN VALLS, R. (1971) – El castro del Picón de la Mora (Salamanca). *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología (BSAA)*. Valladolid. 37, p. 125-144.
- MONTEAGUDO, L. (1977) – *Die Beile auf der Iberischen Halbinsel*. Munique. *Prähistorische Bronzefunde*, IX (6).
- NUNES, J.C. (1960) – A propósito da estela de Meimão. *Revista de Guimarães*. LXX, p.86-108.
- NUNES, J.C. e RODRIGUES, A.V. (1957) – Dos nuevas espadas del Bronce Final en Portugal. *Zephyrus*. VIII (2). p.279-285.
- OSÓRIO, M. (2005) – Contributos para o estudo do I milénio a.C. no Alto Côa. *Actas das 2ª Jornadas de Património da Beira Interior - Lusitanos e Romanos no Noroeste da Lusitânia*. Guarda, p. 35-65.
- OSÓRIO, M. (2009) – A Idade do Ferro no Alto Côa: os dados e as problemáticas. P.J. SANABRIA MARCOS (Ed). *Lusitanos y vettones. Los pueblos prerromanos en la actual demarcación Beira Baixa - Alto Alentejo – Cáceres*. Museu de Cáceres. «Memorias». 9, p. 95-115.
- REPREZAS, J.L. (2010) – *A Cerâmica Decorada do Mundo Baiões/Santa Luzia*. Tese de MA em Arqueologia. Lisboa. Universidade de Lisboa. Policopiada.
- REPREZAS, J.L. (no prelo) – Existe uma “Idade do Ferro” em Trás-os-Montes Oriental? O exemplo da Fraga dos Corvos (Vilar do Monte, Macedo de Cavaleiros). *Cadernos Terras Quentes*. Macedo de Cavaleiros. Câmara Municipal. 10.
- RODRÍGUEZ DÍAZ, A.; PAVON SOLDEVILA, I.; MERIDETH, C. e TRESSERAS, J. (2001) – *El Cerro de San Cristobal, Logrosan, Extremadura, Spain*. Oxford. Archaeopress. *BAR «International Series»*, 992.

- RUIZ-GALVEZ, M.L. (1995)** – *Ritos de Paso y Puntos de Paso. La Ría de Huelva en el Mundo del Bronce Final Europeo*. Madrid. Complutum, extra/5. Servicio de publicaciones de la universidad Complutense.
- RUIZ-GÁLVEZ, M. y GALÁN DOMINGO, E. (1991)** – Las estelas del Suroeste como hitos de vías ganaderas y rutas comerciales. *Trabajos de Prehistoria*. 48, p.257-273.
- SENNA-MARTINEZ, J. C. (2011)** – La «conexión lusitana»: contactos orientalizantes y búsqueda de estaño y oro en el Centro-Norte portugués. J.C. DOMÍNGUEZ PÉREZ Ed. *Gadir y el Círculo del Estrecho revisados. Propuestas de la arqueología desde un enfoque social*. Cádiz. Consejería de Innovación, Ciencia y Empresa de la Junta de Andalucía. p.285-296.
- SENNA-MARTINEZ, J. C. (2010)** – «Um mundo entre mundos». O grupo Baiões/Santa Luzia, sociedade, metalurgia e relações inter-regionais. *Iberografias*. Guarda. 6, p.13-26.
- SENNA-MARTINEZ, J. C. (2007)** – Aspectos e Problemas das Origens e Desenvolvimento da Metalurgia do Bronze na Fachada Atlântica Peninsular. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. Câmara Municipal. 15, p. 119-134.
- SENNA-MARTINEZ, J.C. (2002)** – Aspectos e Problemas da Investigação da Idade do Bronze em Portugal na segunda metade do século XX. *Arqueologia 2000: Balanço de um século de Arqueologia em Portugal*. Lisboa. Associação dos Arqueólogos Portugueses, p.103-124.
- SENNA-MARTINEZ, J.C. (1994)** – Notas para o estudo da génese da Idade do Bronze na Beira Alta: o fenómeno campaniforme. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. Lisboa. Colibri. 2, p.173-200.
- SENNA-MARTINEZ, J. C.; LUÍS, E.; ARAÚJO, M. F.; SILVA, R.; FIGUEIREDO, E. e VALÉRIO, P. (2011a)** – First Bronzes of North-West Iberia: the data from Fraga dos Corvos Habitat Site. MARTINS, Carla B.; BETTENCOURT, Ana M.S.; MARTINS, José Inácio F.P. & CARVALHO, Jorge (eds.) *Povoamento e Exploração de Recursos Mineiros na Europa Atlântica Ocidental*. Braga: CITCEM, APEQ, p.377-390.
- SENNA-MARTINEZ, J. C.; FIGUEIREDO, E.; ARAÚJO, M.F.; SILVA, R.J.C.; VALÉRIO, P. e VAZ, J. L. I. (2011b)** – Metallurgy and Society in “Baiões/Santa Luzia” Culture Group: Results of the METABRONZE Project. MARTINS, Carla B.; BETTENCOURT, Ana M.S.; MARTINS, José Inácio F.P. & CARVALHO, Jorge (eds.) (2011) *Povoamento e Exploração de Recursos Mineiros na Europa Atlântica Ocidental*. Braga: CITCEM, APEQ, p.409-425.
- SENNA-MARTINEZ, J.C.; REPREZAS, J.; LUÍS, E.; FIGUEIREDO, E.; LOPES, F.; GOMES, S.; ARAÚJO, M.F. e SILVA, R.J. (no prelo)** – Metal Artefacts of Mediterranean Affiliation from Fraga dos Corvos Habitat Site (Eastern Trás-os-Montes, Portugal): A First Appraisal. *O Arqueólogo Português*. Série 5. 2.
- SENNA-MARTINEZ, J.C.; VENTURA, J. M. Q.; CARVALHO, H. A.; ARAÚJO, M. F.; FIGUEIREDO, E. e VALÉRIO, P. (2010)** – «Melting the Power» – The Foundry Area of Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros, North-Eastern Portugal). A.M.S. BETTENCOURT, M. J. SANCHES, L. B. ALVES e R. FÁBREGAS VALCARCE (Eds.) *Conceptualising Space and Place. On the role of agency, memory and identity in the construction of space from the Upper Palaeolithic to the Iron Age in Europe*. BAR International Series 2058. Oxford. Archaeopress. p.111-117.
- SOARES, A.M. & CABRAL, J.M.P. (1993.)** – Cronologia absoluta para o Calcolítico da Estremadura e do Sul de Portugal. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. XXXIII (3-4), p.217-235.
- VALERA, A. C. (2007)** – *Dinâmicas locais de identidade: estruturação de um espaço de tradição no 3º milénio AC (Fornos de Algodres, Guarda)*. Fornos de Algodres. Município e Associação Terras de Algodres.
- VALÉRIO, P. (2013)** – *Archaeometallurgical Study of Pre and Protohistoric Production Remains and Artefacts from Southern Portugal*. Tese de Doutoramento em Conservação e Restauro, especialidade Ciências da Conservação, apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa.
- VILAÇA, R. (2007)** – A Cachouça (Idanha-a-Nova, Castelo Branco). Construção e organização de um caso singular de inícios do I milénio AC. Faro. *Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular*. p. 67-75.
- VILAÇA, R. e BASÍLIO, L. (2000)** – Contributo para a Caracterização Arqueológica da I Idade do Ferro da Beira Interior. Cerâmicas a Torno da Cachouça. *Almadan*. 9, p.39-47.
- VILAÇA, R.; CRUZ, D. J.; SANTOS, A. T.; MARQUES, J. N. (2001)** – A estátua-menir de “Ataúdes” (Figueira de Castelo Rodrigo, Guarda) no seu contexto regional. *Estudos Pré-históricos*. Viseu. 9, p.69-82.
- VILAÇA, R.; OSÓRIO, M. e SANTOS, A.T. (2011)** – Nova peça insculturada da região raiana do Sabugal (Beira Interior, Portugal): uma primeira abordagem. *Actas das IV Jornadas Raianas “Estelas e estátuas-menires da Pré à Proto-história*. Sabugal, p.343-367.
- VILAÇA, R.; SANTOS, A.T. e GOMES, S.M. (2011)** – As estelas de Pedra da Atalaia (Celorico da Beira, Guarda) no seu contexto geo-arqueológico. *Actas das IV Jornadas Raianas “Estelas e estátuas-menires da Pré à Proto-história*. Sabugal, p.293-318.

NOTAS

- ¹ Centro de Arqueologia (Uniarq) da Universidade de Lisboa. 1600-214 LISBOA – PORTUGAL. smartinez@fl.ul.pt
- ² Na Fraga dos Corvos foi possível evidenciar a totalidade da cadeia operatória de produção (Senna-Martinez, et al. 2011a):
 - Obtenção de metal por co-redução de malaquite e cassiterite em vasilha-forno produzindo prills (nódulos) de bronze.
 - Fundição do metal em cadinho e vazamento em molde (identificados cadinhos e 2 fragmentos de molde para machados Bujões).
 - Ciclos de trabalho termo-mecânico (de forja) para acabamentos.
- ³ Os artefactos/restos contextualizados e datados de forma credível são muito poucos – um punção do habitat de Loma del Lomo a que corresponde a data (sem ref^o de laboratório) $3370 \pm 100 = 1902-1440$ cal a.C. e o habitat de Perales del Río com cronologia estimada entre 1500-1440 a.C., o que configura uma situação que bem pode ser posterior à do Noroeste.
- ⁴ Onde com um machado deste tipo, um cinzel e uma alabarda de tipo Cano, em bronzes binários, convivem outros objectos igualmente atribuíveis à Primeira Idade do Bronze mas em cobres arsenicais.
- ⁵ Aqui limitado à zona de Santa Eulália, Arronches.
- ⁶ Agradecemos ao Eng^o. António Monge Soares a comunicação desta data ainda inédita.
- ⁷ Artefactos que, preferencialmente e de forma quase exclusiva, servem de suporte ao aparecimento da tecnologia do Bronze, de Norte para Sul, ao longo da Fachada Atlântica Peninsular.
- ⁸ Se, de facto, forem aqui de origem meridional, vide discussão em Reprezas (2010: 108-109).
- ⁹ Situação reforçada com a descoberta recente da estela do Baraçal 2 (Vilaça, Osório e Santos, 2011).
- ¹⁰ http://ccaa.elpais.com/ccaa/2012/02/03/galicia/1328301594_419900.html
- ¹¹ Nomeadamente e por exemplo nos casos das “áreas de trabalho” da Fraga dos Corvos no Bronze Médio (Senna-Martinez, et al. 2010) e da Senhora da Guia de Baiões no Bronze Final (Senna-Martinez, et al. 2011b).

Trabalhos arqueológicos na Quinta Nova de Santo António ou dos Ingleses – Carcavelos. A ocupação do Bronze final

NUNO NETO¹, CRISTINA GONZALEZ², PAULO REBELO³, RAQUEL SANTOS⁴ E MIGUEL ROCHA⁵

Introdução

➤ No ano de 2009 a Neoépica, Lda., conduziu uma intervenção arqueológica sobre uma extensa área em frente à praia de Carcavelos, concelho de Cascais, cujos terrenos integravam a Quinta Nova de Santo António, também conhecida como dos Ingleses, actualmente propriedade de Alves Ribeiro, S.A. e da St. Julian's School. Este trabalho surgia no âmbito da elaboração de um plano de pormenor para o local, que incluía uma larga zona dedicada a parque urbano e à construção de alguns núcleos de edificado. Os trabalhos foram da responsabilidade dos arqueólogos Nuno Neto, Cristina Gonzalez e Raquel Santos.

Nos terrenos a sul, sobranceiros à estrada Marginal, estendia-se uma jazida paleolítica já conhecida, identificada em 1979, por Guilherme Cardoso em trabalhos de prospecção (Cardoso, 1991, p.87). Trata-se de um possível acampamento paleolítico que assenta sobre uma antiga praia quaternária, numa zona relativamente plana. Em 1999 foram realizadas escavações arqueológicas no local sob a responsabilidade dos arqueólogos Guilherme Cardoso e João Cabral, trabalhos estes que permitiram observar o enorme revolvimento daquela área, fruto da existência, na primeira metade do século XX, de um campo de golfe e, anteriormente, de uma vinha que ocupava o local, como demonstra uma planta topográfica levantada em 1842, pelo tenente do exército José Chelmicki ou a planta de M. Brandão, datada de 1815.

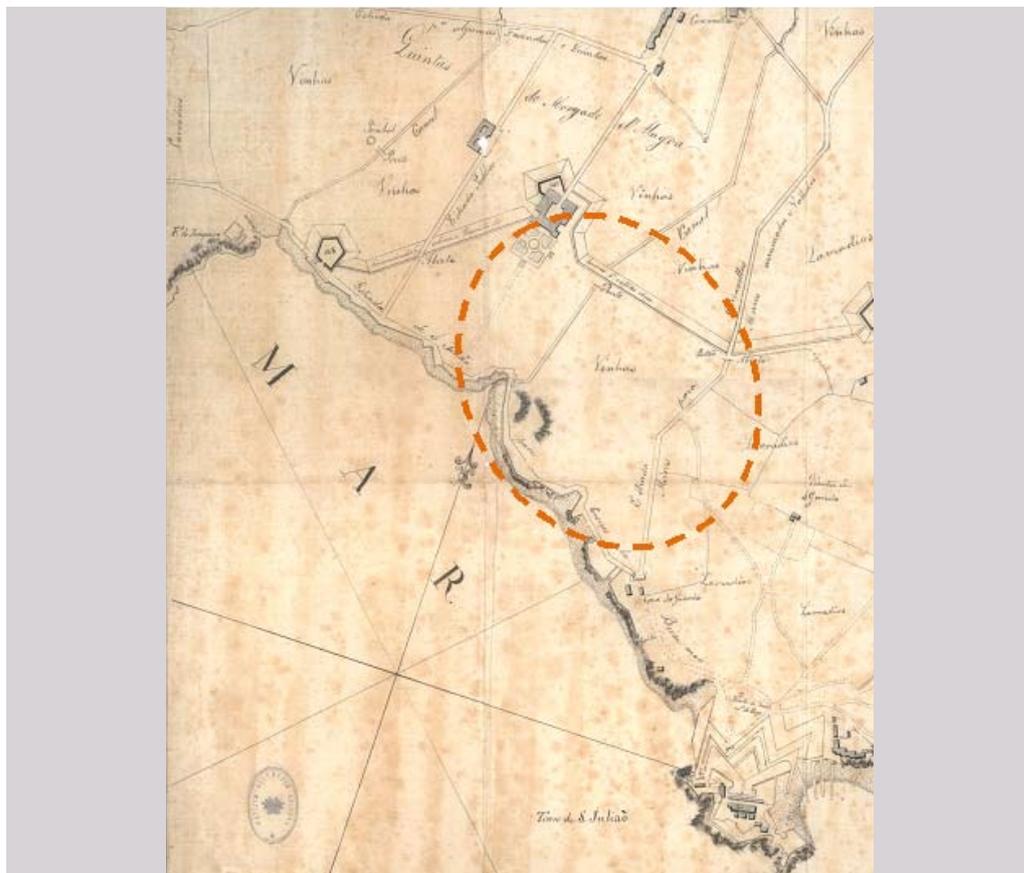


Figura 1
Pormenor da
Carta topográfica
das fortificações
de Oeiras entre 1809
e 1810, pelo Major
Eng. M. J. Brandão,
de 1815.

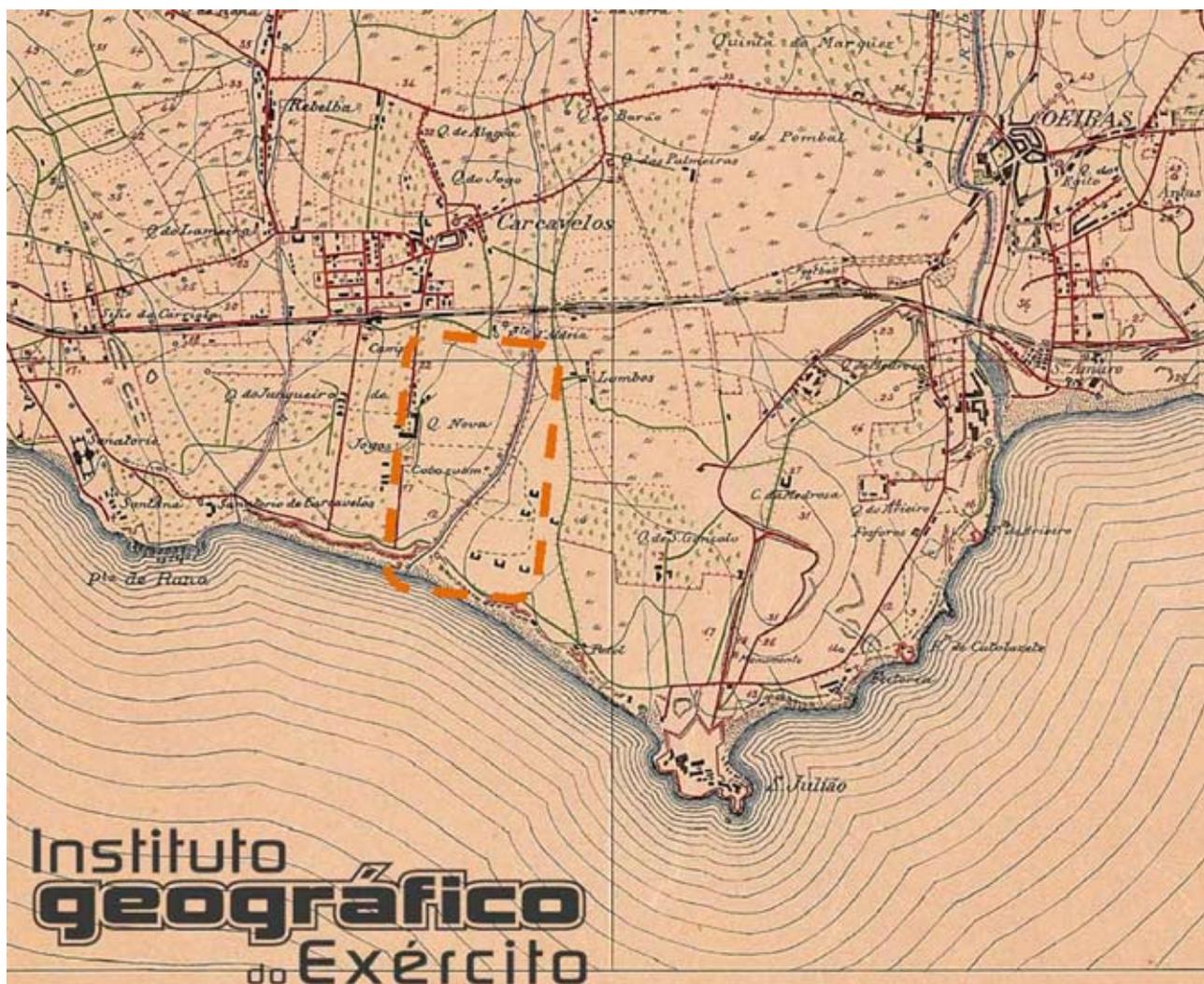


Figura 2
Pormenor da Carta Topográfica de Lisboa (Instituto Geográfico do Exército), Folha 3, 1931.

No que se refere à ocupação moderna e contemporânea na área intervencionada é de destacar o sistema defensivo da praia de Carcavelos e a construção da Quinta Nova de Santo António, bem como as suas posteriores adaptações.

O referido sistema defensivo, Linha de Fuzilaria, Entrincheiramento ou Muralha da Praia de Carcavelos foi pela primeira vez referido no mapa da “Embouchoure de Lá Riviere du Tage”, de 1715, desconhecendo-se a sua data de construção. No entanto, os dados históricos apontam para uma construção do séc. XVII, inserida no contexto da defesa da linha de costa entre Lisboa e Cascais, cujas fortificações principais seriam a Fortaleza de São Julião da Barra, o Forte de Santo António do Estoril e a Fortaleza de Nossa Senhora da Luz (s/a, 2006, p. 4).

Seria constituída por uma linha de trincheira, “não contínua, que acompanhava um caminho militar que ligava a Fortaleza de S. Julião da Barra ao Forte do Junqueiro, na outra extrema da enseada de Carcavelos” (s/a, 2006, p. 4).

Sabe-se que, em 1735, esta linha defensiva estaria já bastante degradada, embora ainda existisse em 1815, altura em que é referida em relatório pelo Coronel de Engenharia Pedro Folque (CARDOSO, 1988, p. 39).

A Quinta Nova de Santo António ganhava visibilidade no final do período Moderno, do qual era conhecido o edifício do solar que hoje pertence ao colégio St. Julian’s e que terá sido fundado em 1730 pelo morgado de Alagoa. Este edifício e outros adjacentes,

assim como os terrenos em seu redor, foram ocupados e transformados ao longo do século XIX pela Companhia de Telégrafos britânica Falmouth, Gibraltar e Malta, que aqui se instalou.

Assim, a existência de informação com relevo histórico e arqueológico sobre este local condicionava à partida o projecto, apontando para a realização de um estudo, que veio então a ser solicitado pela Câmara Municipal de Cascais. Este teria como objectivos, por um lado, avaliar a extensão e grau de preservação da jazida paleolítica conhecida, e por outro detectar e compreender realidades associadas à própria ocupação da Quinta em período Moderno. Numa intervenção deste género, importava também naturalmente reunir informações sobre tipos e períodos de ocupação ainda não conhecidos no local, no caso de estes existirem. É precisamente do que trataremos neste espaço, com a apresentação de novos dados sobre a ocupação humana na Quinta Nova de Santo António durante a Idade do Bronze.

Enquadramento

A área estudada situa-se na localidade de Carcavelos, a cerca de duzentos metros a Norte da praia de Carcavelos, freguesia de Carcavelos, Concelho de Cascais. Encontra-se localizada na Carta Militar de Portugal nº 430 – Oeiras (escala 1/25000), a uma altitude média de cerca de 10m.



Figura 3
Localização da área onde incidiram os trabalhos na Carta Militar de Portugal nº430 (a verde).



Figura 4
Imagem satélite do terreno alvo da intervenção (Fonte: Google Maps).

Pycnodonta squarrosa, passando a uma lumachela de conchas partidas, polipeiros, entre outros. No vale de Carcavelos, a povoação de Sassoeiros assenta sobre o “Banco Real” constituída por calcários com *Pycnodonta squarrosa*, *Gryphaea gryphoides* (Ostras) e polipeiros. Acrescente-se que nas sondagens de diagnóstico observou-se a existência de uma espécie de margas amarelas que cobrem directamente o banco calcário de dureza elevada.

Ainda uma referência para a existência, a cerca de 3Km a Norte da jazida, de camadas do Cenomaniano superior constituídas por calcários com *rudistas* e “Camadas com *Neolobites vibrayanus*”, onde podem surgir nódulos de sílex.

Praticamente toda a área alvo dos trabalhos arqueológicos se desenvolve numa zona plana, com uma suave pendente de Norte para Sul, sendo excepção a esta realidade o extremo SE, ocupado por uma vasta zona arborizada que se desenvolve ao longo de uma acentuada encosta de pendor E-O. Ao fundo desta vertente, já na zona plana, corre de Norte para Sul a ribeira de Sassoeiros que desagua directamente na praia de Carcavelos.

Trabalhos realizados, estratigrafia e interpretação

De forma a cumprir com os objectivos propostos, os trabalhos arqueológicos desenvolveram-se em várias fases, que passaram pela desmatção, prospecção, abertura de sondagens de diagnóstico mecânicas e manuais e posterior escavação dos vestígios identificados. Foi no decurso da abertura de valas mecânicas de diagnóstico que se identificaram os contextos apresentados no presente artigo.

Dada a elevada dimensão da zona em estudo e as características distintas de cada uma das suas áreas, optou-se por dividi-la em seis sectores, do I ao VI, segundo a planta seguinte.

Do ponto de vista geológico, o local encontra-se abrangido por quatro realidades distintas. Na parte SO da Quinta existe uma formação do Albiano-Cenomaniano inferior e médio constituída por calcários e margas “Belasiano”.

Todo o sector NO da área em estudo é abrangido essencialmente pelas “*Areolas de Estefânia*” do Arquitaniano Superior. O limite Este da quinta é essencialmente constituído pela formação de “Calcários de Entrecampos (Banco Real)” do Burdigaliano Inferior. Afloresce a norte da Foz do Tejo, nas áreas de Oeiras e de Alapraia, encontrando-se nestas áreas representado por molassos e por calcários amarelos com

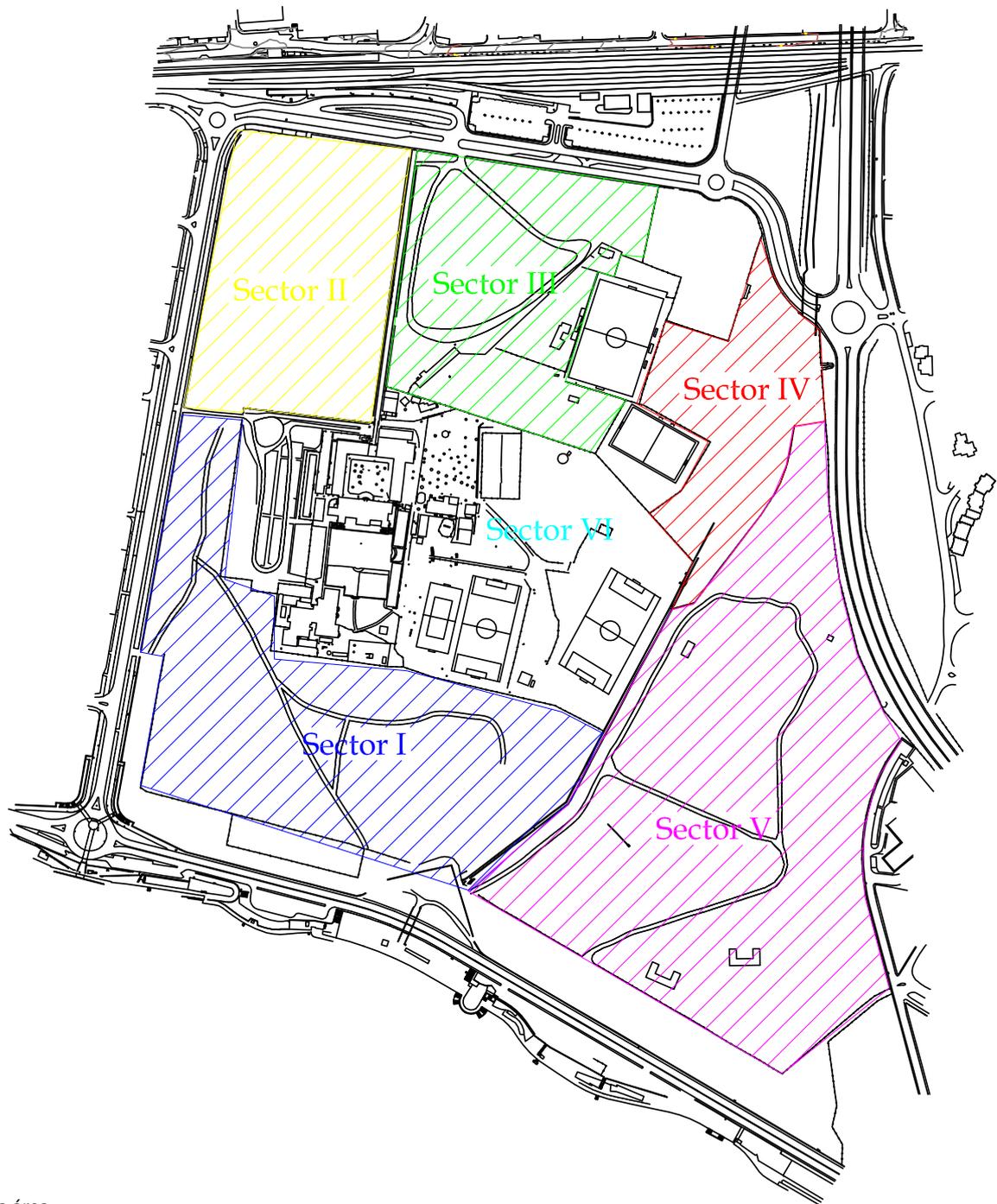


Figura 5
Planta da área
intervencionada com
marcação dos diferentes
sectores estabelecidos.



 Quinta Nova de Santo António Carcavelos	
Implantação de Sectores	21 Março 2009
Responsável: Raquel Santos	Desenho nº 2
©NeoÉpica, Lda www.neoepica.pt	

Sector II – Sondagem VI

A abertura da vala de diagnóstico mecânica nº3, no extremo sudoeste do sector II, permitiu identificar o topo de uma estrutura negativa a cerca de 0,50m de profundidade, escavada no substrato geológico. A mancha de sedimento castanho acinzentado que a demarcava distinguia-se facilmente do substrato margoso de cor amarelada e da larga camada de sedimento arenoargiloso castanho que a cobria até à superfície. Nesta última surgia apenas esporadicamente algum espólio, maioritariamente de cronologia moderna e contemporânea. A restante extensão de 16m x 1m de vala não revelou quaisquer outros vestígios de assinalar.



Figura 6
Detecção da estrutura negativa [606] cortando o substrato margoso na vala mecânica 3, sector II. Depósito de cor cinzenta associado a blocos de calcário.

em particular no depósito [612], surgia algum espólio arqueológico associado a uma maior presença de blocos de pedra soltos. Na base da estrutura encontrava-se um bloco de calcário de grande dimensão, de forma semicircular cuja funcionalidade ainda não antevemos. Num momento posterior, embora como veremos sem propriamente um grande hiato temporal, assiste-se ao fecho rápido da estrutura. Enquadramos aqui alguns depósitos que, confinando uns com os outros e associados a uma grande quantidade de blocos de pedra, assinalam uma série de despejos e entulhamento. De facto, o último momento de enchimento apresentava-se como um verdadeiro “enrocamento”. Este seria tão evidente, que num momento algures no período moderno ou contemporâneo assiste-se a uma pequena violação da estrutura, talvez motivada pela curiosidade ou busca de tesouros.

Implantou-se assim a sondagem manual VI, numa área de 4m x 4m, de modo a abranger o que se previu ser a totalidade da estrutura.

A escavação confirmou a existência de uma estrutura negativa de planta circular de considerável dimensão, 2,30m de diâmetro e cerca de 1m de profundidade máxima, e perfil irregular de tendência troncocónica. Não restavam na área sondada outras evidências de estruturas positivas associadas ou de depósitos correspondentes a um nível de ocupação contemporânea, tendo-se apenas preservado os depósitos que enchiam a estrutura até à cota de topo do substrato geológico.

A análise estratigráfica permite-nos compreender o processo de enchimento segundo duas dinâmicas distintas. Uma, mais antiga, que se caracterizava por uma sobreposição de depósitos espessos, entre 20cm a 40cm de potência, com alguns vestígios de matéria orgânica marcando manchas de sedimento mais acinzentado misturado com areias alaranjadas que por vezes se intercalavam no substrato geológico. Naqueles, e



Figura 7
Última fase
de enchimento
da estrutura negativa
[606] da sondagem VI,
sector II.

Os depósitos associados ao fecho da estrutura caracterizavam-se pelo seu elevado índice de carvões, podendo apontar para a realização de alguma queimada de modo a eliminar detritos e acelerar o processo de colmatção. Em particular, os depósitos [607] e [610] forneceram um elevado volume de materiais arqueológicos, assim como de fauna mamalógica e malacológica.

A morfologia e dimensões da estrutura escavada na sondagem VI levam-nos a considerar que deverá ter sido originalmente construída como silo de armazenagem, para cereais ou outro tipo de víveres, o que não surpreende ao estarmos perante terrenos férteis, largamente cultivados num passado recente. Durante o Bronze Final sabemos que é utilizada como fossa de despejo e que é num determinado momento rapidamente colmatada e desactivada. Encontra paralelos próximos numa semelhante, embora mais pequena, no Cabeço do Mouro, Cascais, que João Luís Cardoso identificou como um silo, posteriormente também utilizado como fossa de acumulação de detritos domésticos durante o Bronze Final (Cardoso, 2006, p. 32).

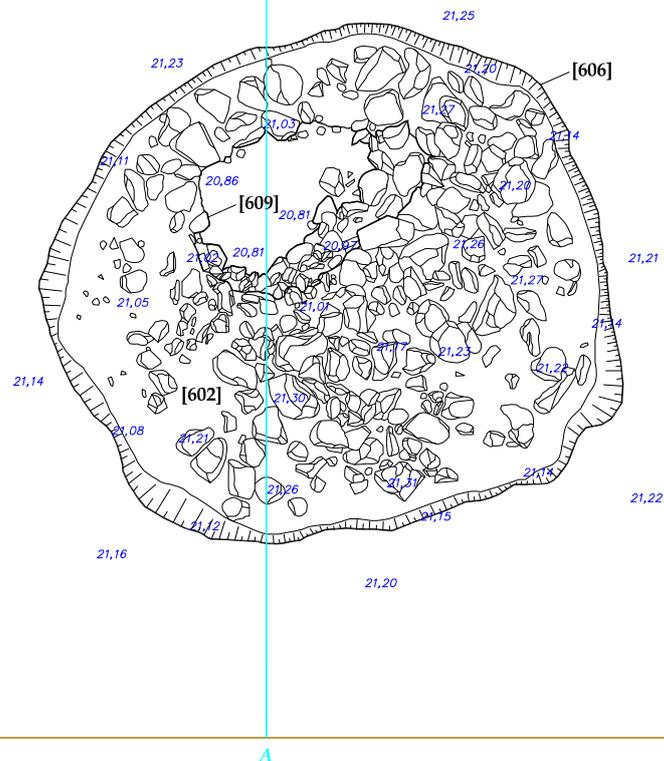




Figura 9
Plano final da
estrutura negativa da
sondagem VI, sector II.

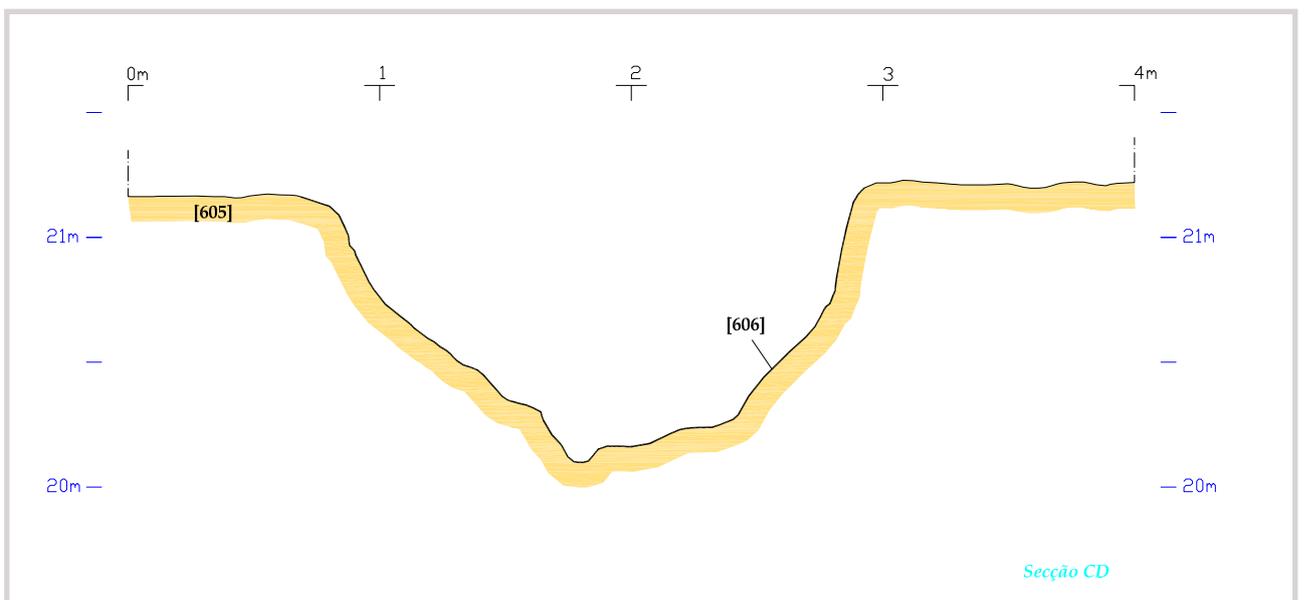


Figura 10
Fossa/silo – Secção.

Sector V – Sondagem V

No decorrer da abertura da vala de diagnóstico mecânica nº 3 do sector V, orientada sensivelmente N-S, foi possível detectar a cerca de 1,50m de profundidade um nível de sedimento castanho-escuro acinzentado associado a algumas lajes de pedra calcária de médias e grandes dimensões. Dadas as características desse sedimento, optou-se por definir essa camada por intermédio de meios manuais, o que permitiu a identificação de um fragmento de grandes dimensões de cerâmica manual, atribuível à pré-história recente. A cerca de 3m para norte surgiu uma enxó de pequenas dimensões, em basalto. De forma a esclarecer as funções e cronologias dos vestígios postos a descoberto optou-se por implantar uma sondagem com as dimensões de 14m x 7m, mais tarde ampliada na sua metade Este em mais 3,5m para norte.

Como estratégia de escavação, optou-se por remover mecanicamente as camadas superficiais, cuja leitura dos cortes da vala aberta previamente nos revelavam tratarem-se de camadas revolvidas onde surgiam materiais de cronologia contemporânea.

A remoção destas camadas permitiu pôr a descoberto no limite Sul da sondagem o que parecia ser uma enorme fossa escavada no substrato geológico. Os trabalhos de definição e escavação manual permitiram confirmar a existência de uma estrutura negativa de planta irregular, semicircular, com um eixo maior de 5,7m e um eixo menor 3,8m, escavada no substrato geológico margoso. A escavação desta estrutura veio a revelar sedimentos de características algo distintas, registando-se diferenças entre o lado Este e Oeste da fossa. Infelizmente, a percepção das fronteiras e limites destes sedimentos foi dificultada pelo facto da vala mecânica de diagnóstico ter cortado exactamente essa zona. Assim, com a remoção mecânica das camadas que se lhes sobrepunham, foi possível observar que os enchimentos mais recentes que colmatavam a fossa na sua metade Este eram constituídos por um sedimento algo argiloso, castanho avermelhado, compacto, de grão fino, cuja escavação não revelou qualquer material arqueológico relevante. Contudo, a sua correspondente na metade Oeste possuía características algo distintas, não cobrindo directamente a fossa, desenvolvendo-se essencialmente mais para Norte desta.

Figura 11
Plano final
do fundo de cabana
na sondagem V,
sector V.

Figura 12
Plano final
do fundo de cabana
na sondagem V,
sector V.



Difícilmente se conseguirá perceber o motivo pelo qual existe esta diferença notória entre um lado e outro da estrutura negativa. No entanto, existe igualmente uma diferença notória nas cotas do terreno, revelando o lado Oeste uma área plana e regular, enquanto que o lado Este se apresenta mais irregular e com um ligeiro pendor no sentido Este-Oeste.

As unidades sedimentares correspondentes ao nível de abandono e de ocupação da referida fossa foram escavadas com recurso a níveis artificiais de cerca de 5cm, com a georreferenciação de todas as peças com dimensões superiores a 2cm, incluindo fragmentos amorfos de cerâmica. As características destes sedimentos eram de certa forma idênticas. Contudo, à semelhança do que já tínhamos verificado com os sedimentos que se lhes sobrepunham, existiam algumas diferenças nas suas características que nos levaram a atribuir-lhes unidades estratigráficas distintas, embora ambos sejam contemporâneos e apresentem o mesmo tipo de material arqueológico. Sob estes sedimentos surgem espalhadas um pouco por todo o fundo da fossa diversas lajes de calcário de dimensões e formas variadas, apresentando algumas delas claros indícios de terem sido afeioadas. Estamos em crer que estas lajes fariam parte de alguma estrutura que existiria no fundo da fossa, muito possivelmente um piso ou base. Sob as lajes surge um sedimento argilo/arenoso castanho-escuro amarelado, compacto e de grão fino, com uma espessura média de cerca de 25cm. Este sedimento cobre directamente o fundo da fossa, surgindo escasso material arqueológico, coerente com o recolhido nos sedimentos que se lhe sobrepõem. A escavação destes sedimentos revelou fenómenos de bioturbação bastante acentuados, provocados quer pela acção da fauna edáfica, quer pela acção de raízes, contribuindo estes fenómenos para o revolvimento destas camadas, bem como do próprio substrato margoso, o que em alguns locais veio a dificultar uma correcta definição dos limites da fossa. A acrescentar a estas dificuldades estão todos os restantes processos pós-deposicionais que contribuíram para a alteração da sequência estratigráfica original do local.

Os níveis de ocupação desta estrutura apresentam um espólio arqueológico bastante coeso cronologicamente, revelando uma ocupação do sítio durante a Idade do Bronze. É de referir que, com excepção para um artefacto lítico, todos os restantes artefactos exumados correspondem a fragmentos cerâmicos na sua maioria vasos de provisões, o que nos poderá indicar quais as funções originais daquele espaço. Acreditamos que a estrutura em negativo identificada no limite Sul da sondagem, poderá corresponder a um

Figura 13

Fragmento de parede de vaso de provisões.



fundo de cabana, que teria funções muito específicas, não de habitat, mas sim de armazenamento. Esta hipótese é corroborada quer pelo aparecimento quase exclusivo de fragmentos de vasos de provisões, quer pela ausência quase total de outro qualquer espólio (cerâmica doméstica, fauna mamalógica/malacológica, líticos, estruturas de combustão, entre outros) geralmente associados a estruturas de habitat.

A cerca de 5m para Norte, local onde o substrato geológico é dominado por calcário carsificado, foi possível identificar uma depressão natural do substrato rochoso, preenchida por um

sedimento castanho muito escuro acinzentado, que revelou escasso material arqueológico de cronologia integrável entre o período Moderno/Contemporâneo e a Pré-História recente. É de salientar que a NO da sondagem, entre dois blocos calcários, surgiu uma pequena concentração de barro cozido, não existindo associado qualquer vestígio de cinzas ou carvões.

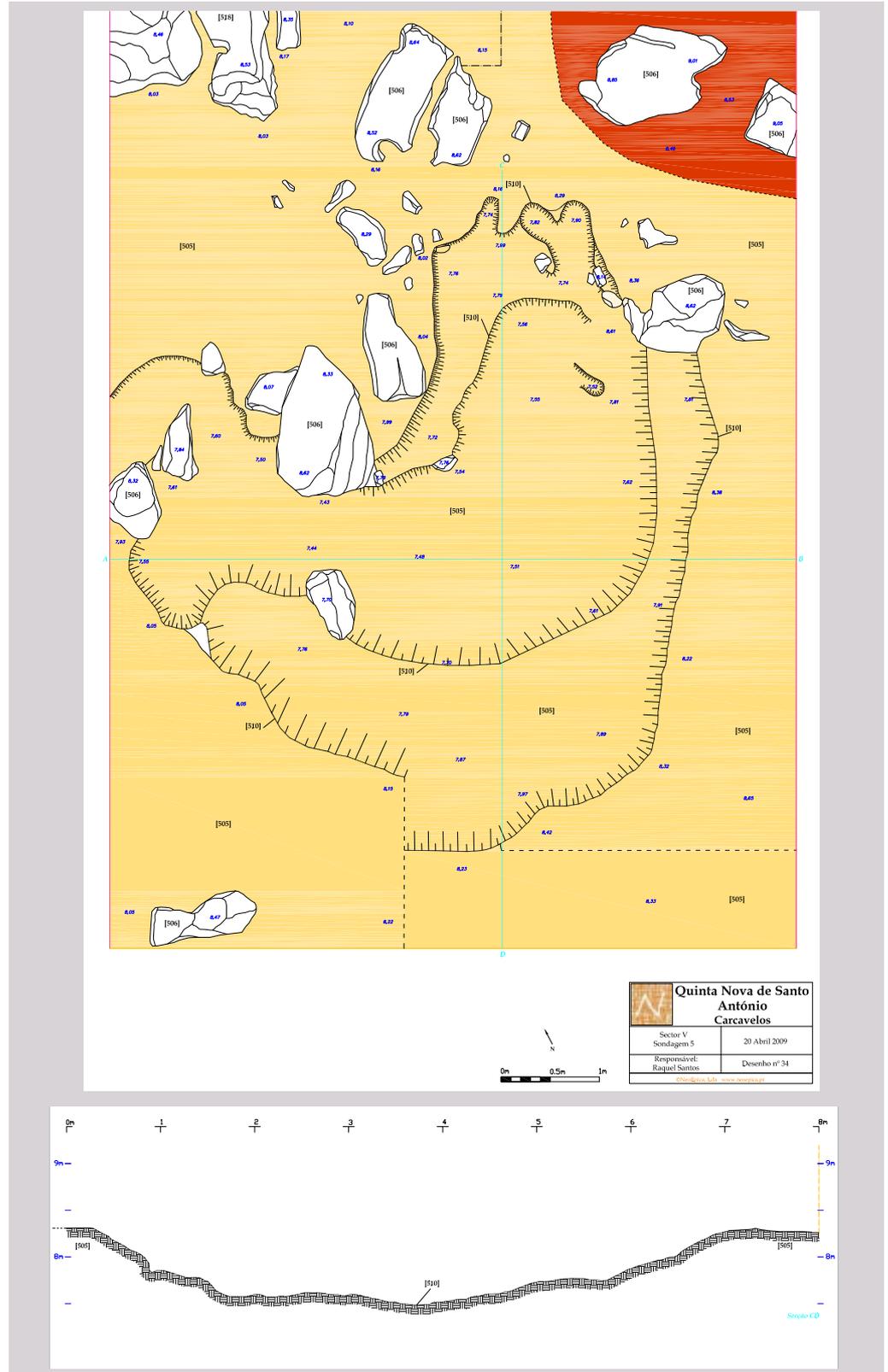


Figura 14
Fundo de Cabana –
Registo gráfico
do plano e secção.

Materiais arqueológicos

A análise do material arqueológico recolhido durante as diferentes fases dos trabalhos permitiu a identificação de um conjunto considerável de artefactos, com maior relevância para os elementos cerâmicos e em pedra lascada.

Entre o conjunto cerâmico enquadrável na Pré-história recente assinalamos mais de 400 fragmentos, a maioria dos quais pertencentes a bojos provenientes dos sectores II e V.

O outro grande conjunto refere-se ao material lítico, tendo sido recolhidos 66 elementos em pedra lascada e 1 em pedra polida. No sector I recolheram-se, em contextos superficiais, 24 peças provavelmente enquadráveis no Paleolítico superior/Epi-Paleolítico. Contudo, estes materiais surgem em contextos fortemente alterados, misturados com elementos cerâmicos de cronologia moderna/contemporânea. Nos sectores II e V registaram-se 42 peças em pedra lascada e uma enxó em pedra polida, elementos que se enquadram em contextos da Idade do Bronze.

Menos representativa será a fauna malacológica e mamalógica, identificada quase que exclusivamente no sector II, não abordada no presente estudo.

Importa referir que os dados apresentados são ainda preliminares, encontrando-se todo o conjunto em fase de estudo.

Tabela 1 – Conjunto Artefactual

<i>Tipo</i>	<i>Cerâmica Pré-histórica</i>	<i>Pedra Lascada</i>	<i>Pedra Polida</i>	<i>Fauna Malacológica</i>	<i>Fauna Mamalógica</i>	<i>Outros</i>
Sector I	0	24	0	0	0	0
Sector II	161	37	0	57	200g	0
Sector V	246	5	1	3	0	0
Total	407	66	1	60	0	0

Para o estudo em causa apenas se analisaram os materiais associados a contextos da Idade do Bronze, ou seja, do sector II, sondagem VI e sector V, sondagem V. A análise macroscópica feita apoiou-se em critérios metodológicos adoptados por Raquel Vilaça (1995) e João Luis Cardoso e Inês Mendes da Silva (2004). Ela teve por base a análise de fragmentos de bordos e bojo, existindo ainda uma série de bordos e bojos, que face à insuficiência dos dados não se conseguiu relacionar de modo seguro com as formas existentes.

Cerâmica

Sondagem VI (Sector II)

Os materiais cerâmicos recolhidos no sector II correspondem aos trabalhos de escavação da Sondagem VI, que revelou uma estrutura negativa tipo silo [606], encontrando-se a grande maioria dos materiais associada aos enchimentos desta.

Nas camadas de terra arável que cobrem a estrutura surgem vários elementos cerâmicos de cronologia moderna/contemporânea (faiança, cerâmica comum). Registou-se ainda a presença de dois fragmentos de cerâmica de cronologia moderna/contemporânea nos enchimentos da pequena fossa que corta o silo, indicador da violação dos estratos que enchem o silo em época recente.

A análise geral dos fragmentos da estrutura em negativo tipo silo levou à identificação de um número mínimo de 16 formas (Tabela 2). Estas distribuem-se de forma desigual pelas camadas de enchimento, apresentando a [607] uma maior proporção. Em termos estatísticos o número e as variações formais e tecnológicas registadas não são significativas. Isto serve tanto para cerâmicas de diferentes depósitos, como, no segundo caso, para recipientes distintos.

O grau de fragmentação do conjunto condicionou o estudo realizado, tendo por resultado a não definição formal de um recipiente e a dúvida sobre outro. Na sua maioria, os recipientes são abertos, embora correspondam sobretudo a formas carenadas, concretamente a taças de carena média/alta (Fig. 15, n^{os} 1-2 e 4-5); as formas fechadas possuem configuração esférica simples, sem estrangulamento (Fig. 16, n^o 5). Os fundos são planos e as pegas mamilares ou de tendência horizontal (Fig. 16, n^{os} 2 e 3).

Tabela 2 – Formas cerâmicas encontradas na estrutura [606]
Número mínimo de recipientes

Taça de carena média/alta	6	37,50%
Taça hemisférica	3	18,75%
Pote esférico/globular	5	31,25%
Pote/Taça carenada (?)	1	6,25%
Indeterminado	1	6,25%
Total	16	100%

No global, as cerâmicas encontravam-se frescas, não denotando rolamento e decorrente transporte natural. Os lábios são boleados, com exceção de um plano, variando os bordos entre os verticais/sub-verticais e os extrovertidos, embora com primazia dos segundos, em resultado de um grande contributo das taças de carena/média alta. Este tipo morfológico evidencia assim características gerais e específicas paralelas com as identificadas noutros sítios do Bronze Final da região de Lisboa (Cardoso e Silva, 2004), da Beira Interior (Vilaça, 1995) e do Sudoeste Ibérico (Aubert Semmler, 1983).

Em termos tecnológicos, os recipientes denotam um conjunto de atributos bastante homogéneos. As pastas são bastante compactas (em especial as das taças carenadas) com presença constante de minerais opacos de coloração branca, amarela, negra e vermelha; nalguns casos conseguiu-se identificar quartzos e num caso feldspatos. A presença destes elementos é normalmente alta (10-15cm²) ou muito alta (10-15cm²), mas pelo menos média (5-10cm²).

Não são muito frequentes ENP's de grande dimensão, em metade dos casos os elementos presentes não ultrapassam 2mm de dimensão e só em três ultrapassam os 4mm. Em todas as formas verificaram-se inclusões de geometrias angulares e/ou sub-angulares, sugerindo que estas, embora não necessariamente (Rice, 2005, p.410), tenham sido adicionadas à argila (Rice, 2005, p.74). Em dois exemplos observaram-se geometrias sub-roladas, indício provável de uma presença prévia na argila ou de uma origem fluvial/marítima para os desengordurantes em causa.

As pastas estudadas macroscopicamente revelaram um padrão de cores tipo. Com exceção de duas taças hemisféricas e de uma forma indeterminada, todas as peças possuíam tons negros ou cinzento-escuro na totalidade da peça ou pelo menos no cerne⁶. As cozeduras regra geral são em ambientes redutores, por vezes “sofrendo” de uma oxidação na fase de arrefecimento que poderá ser ou não controlada, tendo em conta o processo a “céu aberto”.

As superfícies encontram-se em norma polidas, mas algumas (mais nas interiores) estão somente afagadas, apresentando uma taça de carena média/alta superfície exterior grosseira.

Figura 15

- 1: Taça de carena média/alta (St. II, Sd.VI);
- 2: Taça de carena média/alta (St. II, Sd.VI);
- 3: Taça de carenada (St. V, Sd.V);
- 4 - Taça de carena média/alta (St. II, Sd.VI);
- 5 Taça de carena média/alta (St. II, Sd.VI).

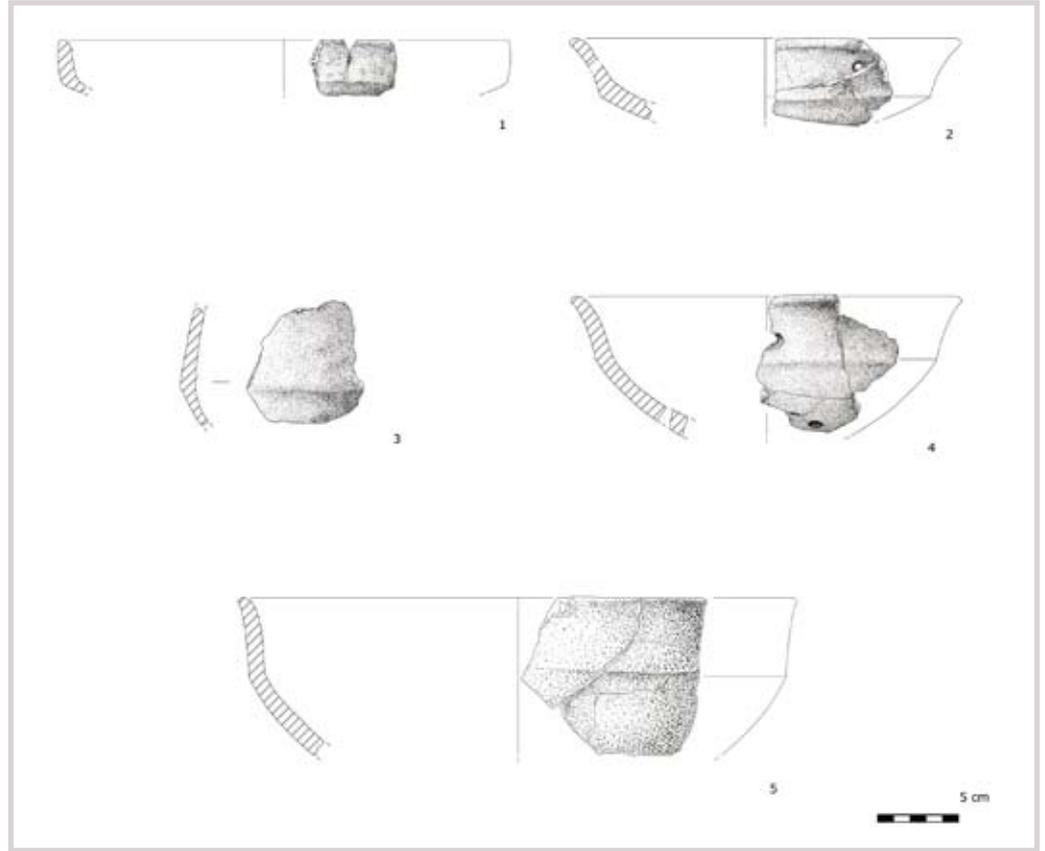
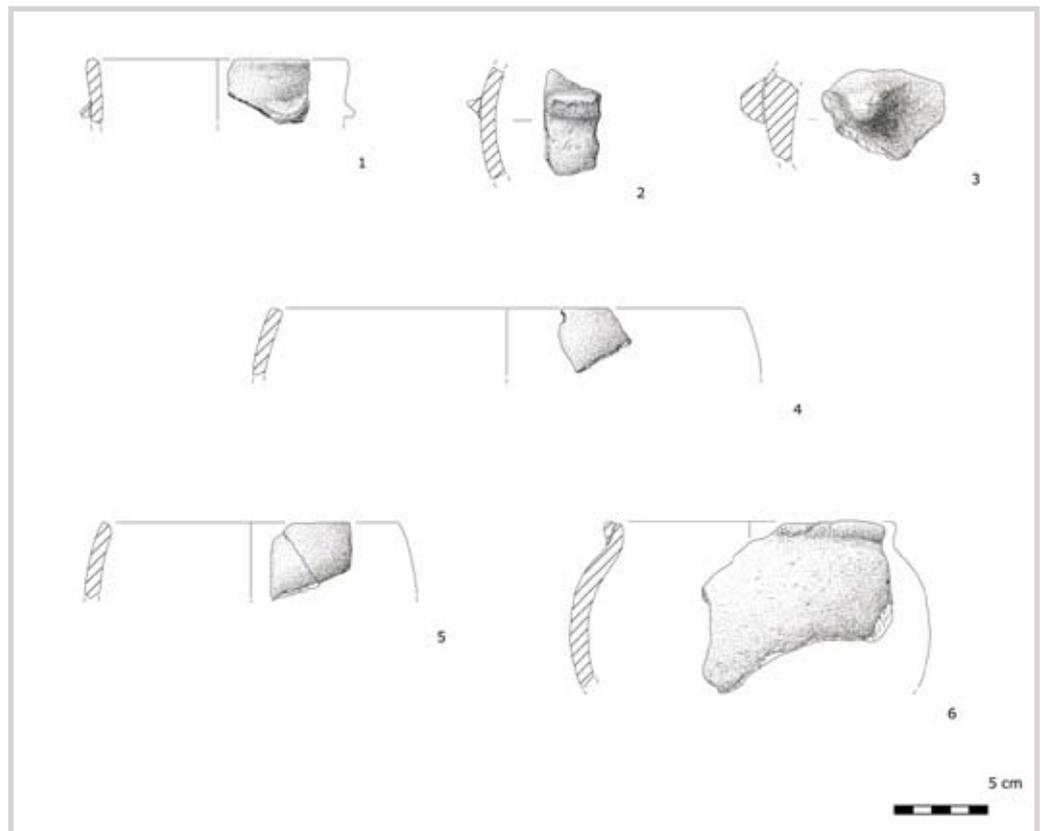


Figura 16

- 1: Pote/Taça carenada (?) (St. II, Sd.VI);
- 2: Pega de tendência horizontal (St. II, Sd.VI);
- 3: Pega mamilar (St. II, Sd.VI);
- 4: Pote esférico (St. V, Sd.V);
- 5: Pote esférico (St. II, Sd.VI);
- 6: Pote esférico estrangulado (St. V, Sd.V).



Cerâmica

Sondagem V (Sector V)

A Sondagem V do sector V revelou uma concentração de materiais associados a uma estrutura em negativo tipo fundo de cabana, na sua maioria cerâmicos, surgindo igualmente escassos artefactos em pedra lascada/polida e registando-se ainda a presença vestigial de fauna malacológica.

Os artefactos cerâmicos surgem num total de mais de 246 fragmentos. É de notar o baixo índice de fragmentação de algumas das peças, bem como o facto de ser possível obter remontagens entre diferentes fragmentos, a que juntamos a ausência de rolamento na grande maioria dos fragmentos recuperados, elementos que indicam um baixo grau de revolvimento e uma boa preservação dos contextos.

Na estrutura em negativo [510] identificou-se um número mínimo de 23 formas (Tabela 3). Estas distribuem-se de forma desigual pelos diferentes depósitos, exibindo a [512] uma maior proporção. No entanto, ao contrário das cerâmicas da fossa tipo silo, existem diferenças assinaláveis entre as cerâmicas dos diferentes depósitos. Especificamente a camada [512] só possui potes de colo estrangulado (16 do total de formas). Devido a este factor estas serão analisadas separadamente.

De novo, por contraponto à [606], os recipientes são em larga maioria fechados, correspondendo a potes de colo estrangulado e potes esféricos simples ou com estrangulamento junto ao bordo (Fig. 16, n^{os} 4 e 6). Verificou-se, ainda, uma taça carenada (Fig. 15, n^o 3) e, embora com alguma reserva, aquilo que nos parece uma taça de carena média/alta. Os fundos são parcos, apenas quatro, sendo planos.

Tabela 3 – Formas cerâmicas encontradas na estrutura [510]
Número mínimo de recipientes

Taça de carena média/alta (?)	1	4,76%
Taça carenada	1	4,76%
Pote esférico simples	1	4,76%
Pote esférico estrangulado	2	9,52%
Pote de colo estrangulado	18	76,19%
Total	23	99,99%

Analisando primeiro as cerâmicas do nível [512], podemos dizer que, em geral, se encontravam frescas, repetindo a situação supracitada. Os lábios são boleados, com excepção de dois planos e três biselados (ou pelo menos com essa tendência), podendo ser espessos. Os bordos são na sua maioria extrovertidos, com quatro casos verticais/sub-verticais. Estas características vão de encontro ao enumerado para outros sítios do Bronze Final da região de Lisboa (Cardoso e Silva, 2004), da Beira Interior (Vilaça, 1995) e do Sudoeste Ibérico (Pellicer Catalán, 1987-1988, p. 465).

As pastas são bastante compactas, todavia com alguns casos menos consistentes que outros, estando presentes inclusões de quartzo, biotite e feldspato, mas também de minerais opacos brancos e negros (em alguns dos casos). A frequência destes elementos é alta (10-15cm²) a muito alta (10-15cm²), quase sempre de tamanho superior a 2mm e em mais de metade dos casos mesmo superior a 4mm. As inclusões são de geometria sub-angular e/ou angular.

As superfícies e o cerne da pasta apresentam, regra geral, tom castanho-avermelhado, podendo, em determinadas situações, possuir cernes escuros ou mesmo negros. Estas características denunciam assim uma cozedura oxidante ou de oxidação incompleta, sugerindo um intuito premeditado de conferir aos recipientes uma tonalidade mais clara, através da indução de oxigénio na cozedura, senão em toda a sua fase, pelo menos na de arrefecimento. As superfícies encontram-se por norma afagadas, estando polidas na face interna de três dos potes e erodida ou grosseira em quatro deles, na face externa.

Os restantes recipientes (em número de sete) mostram algumas características diferentes, com exclusão de dois potes do tipo que se encontrou na [512], isto é, potes de colo estrangulado. Analisando apenas os sobrantes, a taça carenada é compacta, com presença de inclusões de quartzo, biotite e feldspato, em proporção alta, com elementos grosseiros (2-4mm) angulosos e sub-angulosos, pasta castanho-avermelhada e superfície interior afagada e exterior polida.

Os outros recipientes possuem estado físico semelhante ao já descrito e bordo sub-vertical, boleado, com excepção de um plano. As pastas são moderadamente compactas, com inclusões de quartzo, biotite e feldspato e outro elementos opacos brancos, amarelos e negros, com frequência alta a muito alta e de tamanho até 4mm, de forma angulosa e/ou sub-angulosa. Os tons variam entre o castanho-avermelhado, o escuro e o negro, com cozeduras variáveis e irregulares, com um ou mais momentos redutores e oxidantes. As superfícies dos potes esféricos são afagadas e as da taça de carena média/altas polidas.

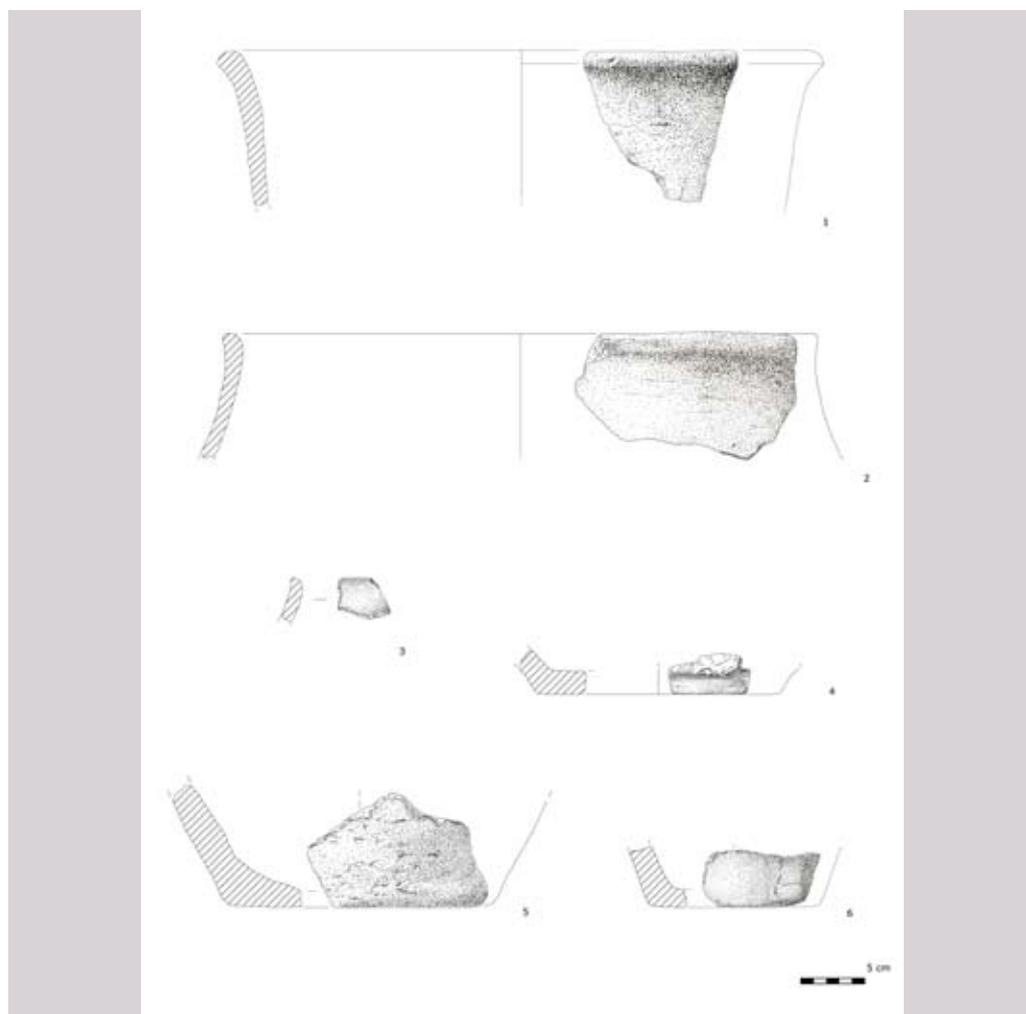


Figura 17

1 a 5: Vaso de provisões (St. V, Sd. V);
6: Vaso de provisões (St. II, Sd. VI).

A presença na cabana da Sondagem V de um grande número de recipientes de armazenamento, bem como o baixo número ou falta de elementos materiais de carácter mais doméstico (como elementos de moagem, entre outros), leva-nos a colocar a hipótese de podermos estar perante uma estrutura cuja funcionalidade deveria ser a de armazenamento, muito provavelmente de excedentes agrícolas.

No que diz respeito ao enquadramento cronológico, o conjunto artefactual indicia uma ocupação/abandono da estrutura durante a Idade do Bronze, apontando a visão de conjunto dos elementos cerâmicos mais provavelmente para o Bronze final.

Pedra Talhada

Sondagem VI (Sector II)

Nas camadas que enchem a fossa registada na sondagem VI do sector II, foi possível recolher um conjunto em pedra lascada composto por 37 artefactos. Em termos de matéria-prima encontram-se divididos entre sílex (16) e quartzito (21), litologias disponíveis localmente e/ou regionalmente, não se registando um evidente peso de uma em relação à outra. O quartzito poderia ser recolhido na linha de costa situada a poucos metros, ou ao longo das linhas de água que se desenvolvem nesta zona.

Tabela 4 – Inventário Geral (Pedra Lascada/Polida) – St.II-Sd.VI

<i>Tipo</i>	<i>Sílex</i>	<i>Quartzo</i>	<i>Quartzito</i>	<i>Outras</i>	<i>Ind.</i>	Total
Núcleos	1	0	2	0	0	3
Subprodutos	5	0	1	0	0	6
Prod. de bitagem	5	0	10	0	0	15
Utensílios	3	0	8	0	0	11
Pedra Polida	0	0	0	0	0	0
Termoclastos	0	0	0	0	0	0
Outros	2	0	0	0	0	2
Total	16	0	21	0	0	37

O sílex é uma litologia de âmbito local/regional, sendo assinalável a cerca de 3Km a Norte da jazida a existência de camadas do Cenomaniano superior constituídas por *calcários com rudistas* e “*Camadas com Neolobites vibrayeanus*”, onde podem surgir nódulos de sílex. Importa porém referir que a observação do córtex dos artefactos analisados, permite o seu enquadramento como fino, não pulverulento, revelando vestígios de rolamento, indícios de provável transporte flúvio-marinho. Possui uma coloração que varia entre o branco e cinzento, homogéneo e de boa qualidade.

Para além de dois nódulos de sílex, abandonados sem vestígios de terem sido trabalhados, foram recolhidos três núcleos. O único em sílex apresenta uma morfologia de tendência paralelepípedica, com apenas uma plataforma de percussão e vestígios de alguns negativos de lascas. Os outros são em quartzito, de tipologia prismática, apresentando uma plataforma de percussão, tendo igualmente por objectivo a obtenção de lascas.

A observação dos produtos de de bitagem corrobora esta tendência de se procurar obter suportes em lasca. Das 15 peças identificadas, apenas uma não se enquadra como lasca: uma lâmina em sílex, de secção trapezoidal.

Ao nível dos utensílios o conjunto é composto por onze artefactos. A maioria é composta por seixos truncados em quartzito, apresentando negativos de lascas, peças que

poderão por si só ter sido utilizadas como utensílios, podendo também ter servido na obtenção de lascas de uma forma expedita, sendo estas posteriormente transformadas e usadas como utensílio. Das duas lascas retocadas uma é em quartzito, a outra em sílex. Nesta última é possível observar um talão largo e liso com bolbo saliente, estigmas associados a uma percussão directa por percutor duro. Em complemento a este ponto é de notar a presença de um seixo em quartzito com vestígios de ter sido usado como percutor. Ambas as lascas apresentam retoque marginal e contínuo. Foi ainda recolhida durante a abertura da vala de diagnóstico mecânica nº3 uma lasca retocada sobre suporte alongado com fractura natural.

Para além dos elementos anteriormente referidos, foi identificada uma pequena raspadeira sobre lasca espessa e um furador igualmente sobre lasca. São artefactos comuns em contextos da Pré-história recente e a sua larga previvência deve-se ao facto de se tratar de peças com uma larga flexibilidade em termos funcionais levando à sua recorrente utilização ao longo de um largo período cronológico.

No que diz respeito aos furadores sobre lasca estes apresentam paralelos em diversos contextos neolíticos e calcolíticos. Entre estes destacam-se sítios de referência na região como Leceia, Murtal, Parede e Estoril, salientando-se o Povoado do Estoril (GONÇALVES, SOUSA, 2010) pela preponderância que esta tipologia possui no conjunto em pedra lascada deste sítio, levando à recolha de 54 peças (33% do conjunto em pedra lascada). Estas peças são menos comuns em contextos da Idade do Bronze, enquadrando-se nesta cronologia as registadas no sítio de Terras de Javardo (Carcavelos) associadas a elementos de foice, tipologia comum em contextos desta cronologia (REBELO, NETO, 2008).

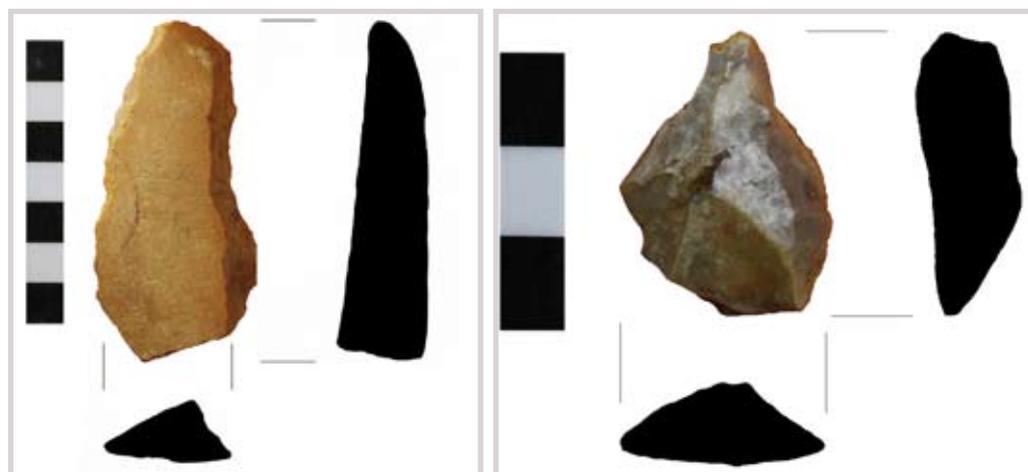


Figura 18
Lasca retocada em quartzito; Furador sobre lasca.

Tabela 5 – Utensilagem – St.II-Sd.VI

Tipo	Sílex	Quartzo	Quartzito	Outras	Ind.	Total
Seixo truncado	0	0	5	0	0	5
Lasca retocada	1	0	2	0	0	3
Lâmina retocada	0	0	0	0	0	0
Lamela retocada	0	0	0	0	0	0
Furador	1	0	0	0	0	1
Raspadeira	1	0	0	0	0	1
Peça com sinais de uso	1	0	0	0	0	1
Outros	0	0	1	0	0	1
Total	4	0	8	0	0	12

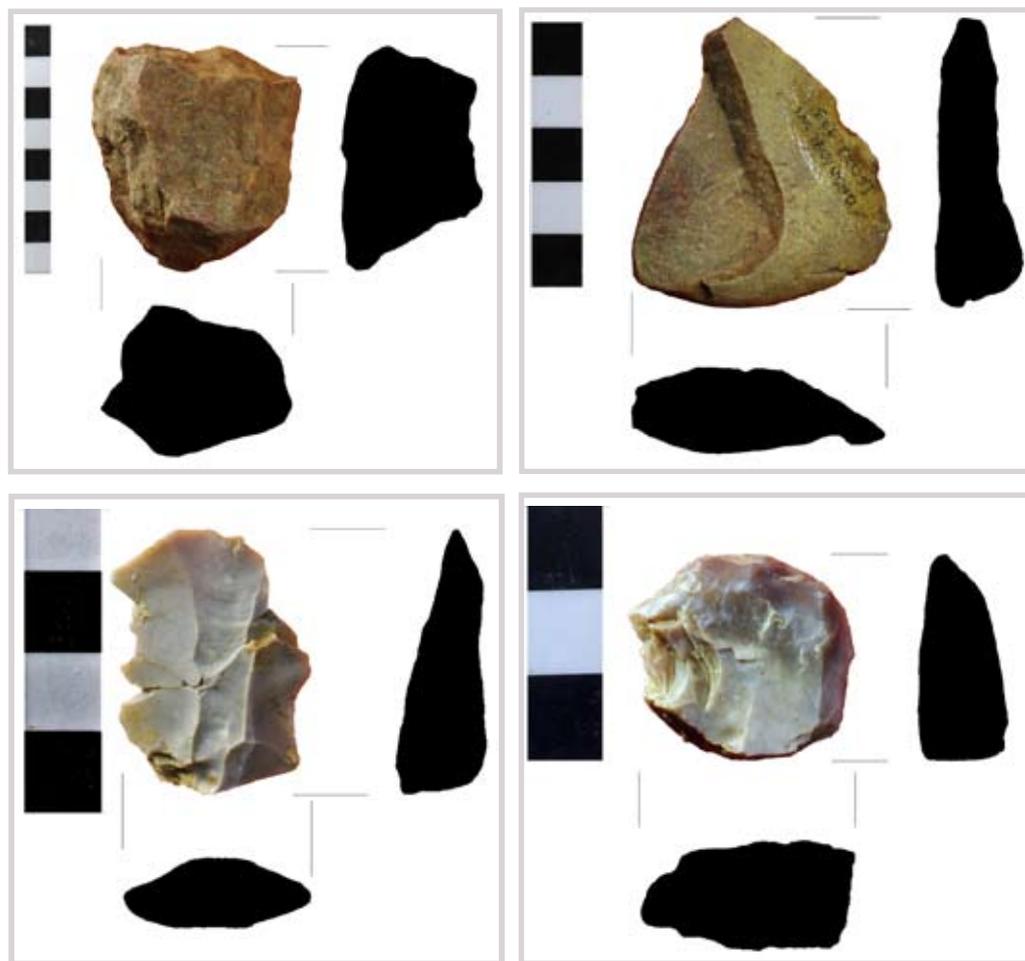


Figura 19
Núcleo poliédrico
(quartzito); lasca
(quartzito); lâmina
(sílex); raspadeira
(sílex).

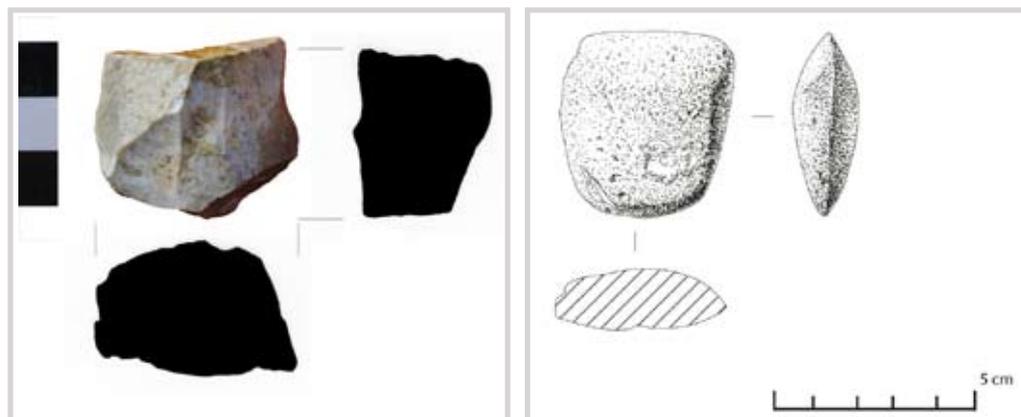
Sondagem V (sector V)

No sector V é bastante diminuta a presença de artefactos em pedra lascada nos níveis associados ao fundo de cabana. É composto por apenas seis peças, destacando-se o único elemento em pedra polida registado em toda a intervenção: uma pequena enxó em basalto, recolhida na vala 3, nos contextos associados ao fundo de cabana. Foram ainda registados um resto de talhe e uma pequena lasca em sílex, esta apresentando talão liso e bolbo difuso. Foi igualmente recolhido um núcleo poliédrico em sílex para a remoção de lascas. O sílex usado como matéria-prima é homogéneo, de boa qualidade, cor branca/cinzenta. Foi ainda recolhido um seixo rolado de quartzo apresentando dois levantamentos.

Tabela 6 – Inventário Geral (Pedra Lascada/Polida) – St.V-Sd.V

Tipo	Sílex	Quartzo	Quartzito	Outras	Ind.	Total
Núcleos	1	0	0	0	0	1
Subprodutos	1	0	0	0	0	1
Prod. de bitagem	1	0	0	0	0	1
Utensílios	0	1	0	0	0	1
Pedra Polida	0	0	0	1	0	1
Termoclastos	0	0	0	0	0	0
Outros	0	0	0	0	1	1
Total	2	1	0	1	1	6

Figura 20
Núcleo poliédrico
em sílex; enxó
de pequenas
dimensões em basalto.



Conclusões

Como anteriormente descrito, os trabalhos arqueológicos desenvolvidos na Quinta Nova de Santo António permitiram, entre outros vestígios, colocar a descoberto duas estruturas em negativo enquadradas na Idade do Bronze.

Estas duas estruturas estão separadas uma da outra cerca de 500m em linha recta, sendo os materiais nelas recuperados integráveis na Idade do Bronze, mais precisamente no Bronze Final. A análise do espólio artefactual cerâmico permite-nos levantar a hipótese de ambos os sítios serem contemporâneos, embora tenham tipologias distintas. No entanto, os dados obtidos não nos possibilitam tirar grandes conclusões quanto ao tipo de povoamento presente: um grande povoado ou zonas dispersas de ocupação, como pequenos casais agrícolas, uma ocupação coeva ou em época e fases distintas.

O registo arqueológico mostra que ao longo do Bronze Final se assistiu à multiplicação de núcleos de carácter familiar, tipo casais agrícolas ou mesmo povoados abertos, que baseavam a sua subsistência na exploração intensa de carácter agro-pastoril ao longo de todo o ano, produzindo excedentes que seriam “comercializados”. Entre os produtos largamente produzidos contam-se os cereais (trigo), que ultrapassariam as necessidades de consumo destas pequenas comunidades, sendo frequente o aparecimento de estruturas de armazenagem tipo silo, semelhantes ao identificado durante os trabalhos arqueológicos. São vários os sítios de ocupação aberta conhecidos na região, de que destacamos: Cabeço do Mouro (Cascais), cujos trabalhos arqueológicos revelaram uma estrutura negativa tipo silo semelhante à agora posta a descoberto (Cardoso, 2006, p. 32); Castelo dos Mouros (Sintra) (CARDOSO, 1997/1998); Terras do Javardo (Arneiro-Cascais) (CARDOSO, 1991, p.86; NETO e REBELO, 2008); Povoado do Bronze Final da Tapada da Ajuda, Lisboa com datações de radiocarbono entre inícios do séc. XIV e os finais do séc. XII a.C. (Cardoso, Silva, 2004); Povoado de altura do Bronze Final de Cabeço dos Moinhos, Mafra (Vicente, Andrade, 1971); e o Povoado do Bronze Final do Alto das Cabeças (Leião, Oeiras) – povoado de encosta suave numa zona de solos muito férteis, onde apareceram numerosos elementos denticulados de foice, a demonstrar a sua vertente agrícola (Cardoso, Cardoso, 1996).

BIBLIOGRAFIA

- AA.VV. (1998)** – *Existe uma Idade do Bronze Atlântico?* JORGE, S. O. (ED.). Trabalhos de Arqueologia. 10. Lisboa. Instituto Português de Arqueologia.
- AUBET SEMMLER, M. E. ET ALII (1983)** – La Mesa de Setefilla, Lora del Rio. *Excavaciones Arqueológicas en España*. n.º 122. Madrid. Direccion del Patrimonio Artístico. Archivos y Museos.
- CARDOSO, J. L., ET ALII (1980/1)** – Descoberta de Jazida da Idade do Bronze na Tapada da Ajuda. In: *Setúbal Arqueológica*. Vol. VI-VII. Assembleia Distrital de Setúbal. Setúbal, p.117-138.
- CARDOSO, J. L. (1997/1998)** – O povoado do Bronze Final do castelo dos Mouros (Sintra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 7, p. 169-187.
- CARDOSO, J. L. E CARDOSO, G. (1996)** – O povoado do Bronze Final do Alto das Cabeças (Leião, Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 351-359.
- CARDOSO, J. L. e SILVA, I. M. (2004)** – O povoado do Bronze Final da Tapada da Ajuda (Lisboa): estudo do espólio cerâmico. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:1, p. 227-271.
- CARDOSO, J. L. (2006)** – A estação do Bronze Final do Cabeço do Mouro (Cascais): resultados das escavações realizadas. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 9:1, p. 21-46.
- CARDOSO, G. (1991)** – *Carta Arqueológica do Concelho de Cascais*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais.
- CARDOSO, G., CABRAL, João (1999)** – Relatório da escavação de emergência na Quinta Nova de S. António (Carcavelos-Cascais).
- CARDOSO, G. (1988)** – Registo Fotográfico de Carcavelos e alguns apontamentos histórico-administrativos. Câmara Municipal de Cascais, Lisboa.
- CARVALHO, A. F., BRAGANÇA, F., NETO, F., JUSTINO, L. (1999)** – O sítio da Idade do Bronze «Pleno» do Casal da Torre (Assentiz, Torres Novas) In: *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. Vol. 5. Edições Colibri. Lisboa, p.63-81.
- GOMES, M. V. (1986)** – A Necrópole da Vinha do Casão (Vila Moura, Algarve) no contexto da Idade do Bronze do Sudoeste Peninsular. In *Trabalhos de Arqueologia*. 2. Lisboa. IPPC.
- HARRIS, E. C., (1991)** – *Principios de Estratigrafia Arqueológica*,. Barcelona., Editorial Crítica.
- PELLICER CATALÁN, M. (1987-1988)** – Las cerâmicas a mano del Bronce Reciente e del Orientalizante en Andalucía Occidental. *Habis*. n.º 18-19, p. 461-484.
- RAMALHO, M. M. et al (2001)** – *Notícia Explicativa da Folha 34-C. Cascais*. Lisboa: Departamento de Geologia e Instituto Geológico e Mineiro.
- RICE, P. M. (2005)** – *Pottery analysis, a Sourcebook*. Chicago. University of Chicago Press.
- SCHÜBART, H. (1971)** – Acerca de la cerâmica del Bronce tardío en el Sur y Oeste peninsular. In *Trabajos de Prehistoria*. 28, p. 153-182.
- SILVA, A. C. F. da, GOMES, M. V. (1992)** – *Proto-História de Portugal*. Lisboa. Universidade Aberta.
- VILAÇA, R. (1995)** – Aspectos do povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos finais da Idade do Bronze. *Trabalhos de Arqueologia*. 9. Lisboa. IPPAR. 2 Vols.

NOTAS

- ¹ Arqueólogo da empresa Neoépica Lda. (www.neoepica.pt).
- ² Arqueóloga.
- ³ Arqueólogo da empresa Neoépica Lda. (www.neoepica.pt).
- ⁴ Arqueóloga da empresa Neoépica Lda. (www.neoepica.pt).
- ⁵ Arqueólogo da empresa Neoépica Lda. (www.neoepica.pt).
- ⁶ Nesta situação específica em 13 das formas.

A ocupação da idade do bronze final da Praça da Figueira (Lisboa): novos e velhos dados sobre os antecedentes da cidade de Lisboa

RODRIGO BANHA DA SILVA¹

1. Introdução

➤ A Praça da Figueira é na cidade de Lisboa uma das zonas com maior tradição arqueológica, sobretudo mercê dos trabalhos aí desenvolvidos por Irisalva Moita em 1960, quando exumou uma parcela importante de ruínas da Idade Moderna (MOITA 1964; 1993) e, também, pelos achados de época romana reportados pela mesma investigadora (MOITA 1968) que despoletaram, logo de seguida, a escavação em 1962 por Fernando Bandeira do remanescente de três edifícios de uma das necrópoles de *Felicitas Iulia Olisipo* (1962; BRANCO 1961; SILVA 2005).

Que o subsolo desta área da capital deteve igualmente uma ocupação na Pré e Proto-História era algo já sugerido por escassos dados resultantes das escavações de 1962, objecto de notícia por João Luís Cardoso e Júlio Roque Carreira (CARDOSO e CARREIRA, 1997). Estas indicações iriam ser corroboradas pela escavação conduzida sob a direcção do signatário no local, entre 1999 e Março de 2001, ocasião em que se detectaram materiais dispersos e escassos artefactos datáveis do Calcolítico, como, em maior número, das Idade do Bronze e do Ferro. Parte significativa destes elementos foi identificada em formações originadas em datas bastante posteriores, compreendendo os inícios da Época Imperial Romana e a Baixa Idade Média. Contudo, reconheceram-se também duas estruturas negativas de pequena dimensão que equivaliam a contextos datáveis da Idade do Bronze Final, aqui publicados.

Longe de esgotar a matéria, pretende-se somente dar a conhecer a existência de uma ocupação com aquela cronologia na Praça da Figueira, os elementos materiais mais significativos que a integravam e reflectir um pouco sobre o significado desta presença na bordadura do Esteiro do Vale da Baixa lisboeta no período indicado, aproveitando-se para se divulgarem alguns elementos relacionados, resultantes das escavações arqueológicas de 1962 e até agora conservados inéditos.

2. Aspectos de enquadramento paleotopográfico

A zona da actual Praça da Figueira está localizada na confluência da bacia de encaixe do Esteiro da Baixa, aquífero do Tejo formado no Quaternário, e das duas ribeiras hoje ocultas que nele desaguardam, a de Valverde (equivalente, em termos grosseiros, à Av. Liberdade) e a de Arroios (do mesmo modo hoje fossilizada nos alinhamentos da Rua da Palma e parte da Avenida Almirante Reis).

Uma primeira tentativa de entrever a dinâmica do enchimento do Esteiro foi feita por Brazão Farinha (1995). Mais tarde, em 1997, a Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa e o Museu da Cidade (Câmara Municipal de Lisboa) desenvolveram, sob a direcção de César Andrade, um projecto do âmbito das geociências financiado pelo extinto I.N.I.C., tendo como objectivo o estudo da diacronia de colmatação do aquífero, com atenção especial aos momentos históricos. Os resultados foram, porém, pouco difundidos, somente apresentados em relatório (ANDRADE, 1998).

O estudo dirigido por César Andrade concluiu que o Esteiro, com um vasto vale de encaixe, sofreu uma dinâmica de enchimento que decorreu ao longo dos últimos cerca de 20 000 anos, deslocando-se progressivamente de ocidente para oriente até datas históricas, quando a documentação disponível o localiza mais encaixado no sopé do morro de São Francisco da Cidade (Chiado) (Idem).

A única sondagem analisada, efectuada na zona do previsível antigo desaguamento junto do Tejo, revelou um hiato estratigráfico respeitante aos séculos de transição do II para o I milénio a.C., informação aferida através de séries de datações isotópicas (Idem). Este elemento poderá apontar para uma maior dinâmica do aquífero neste segmento temporal, ou imediatamente após este, que, respectivamente, ou não favoreceu a deposição aluvionar ou terá obliterado a previamente existente.

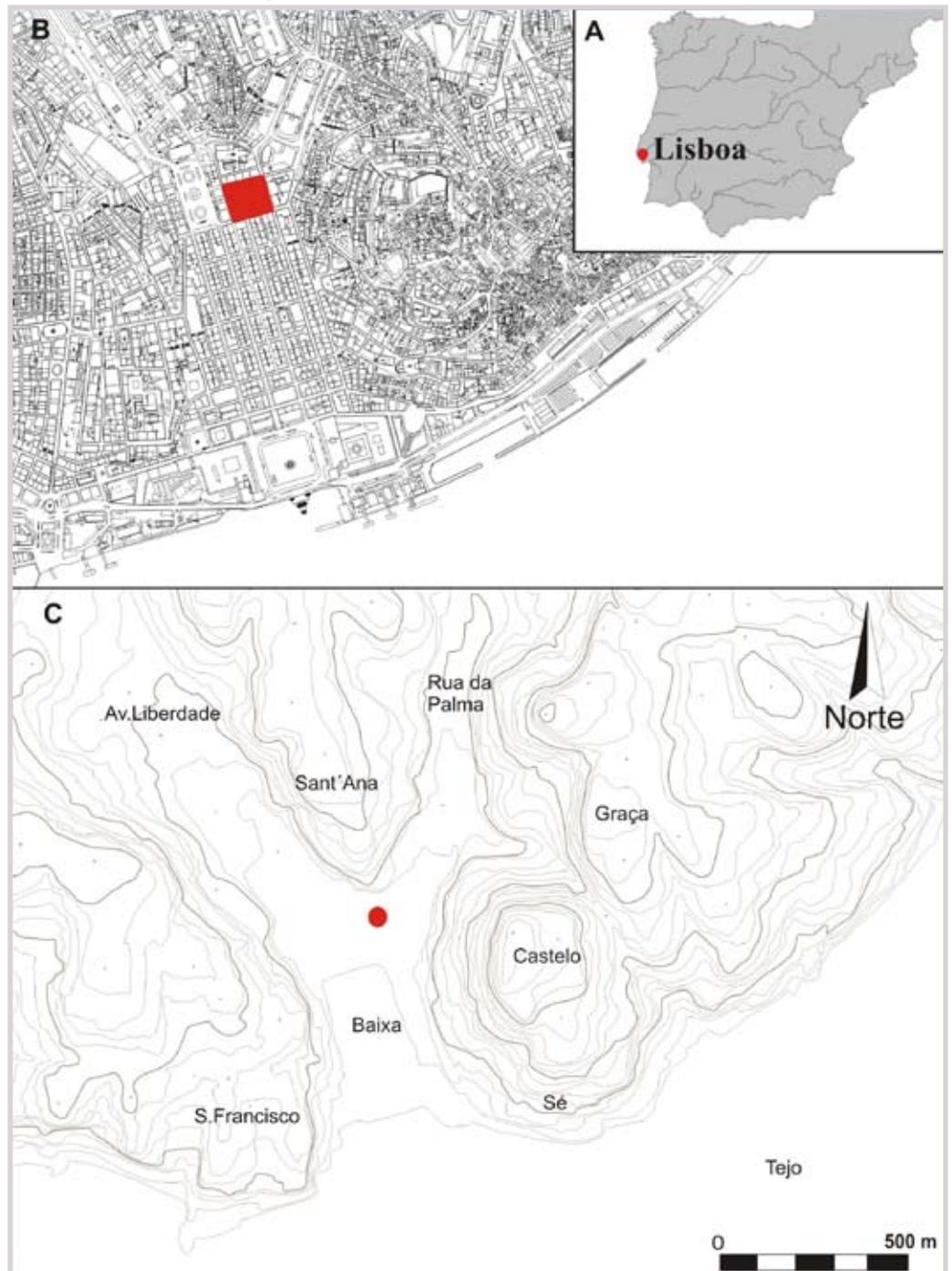
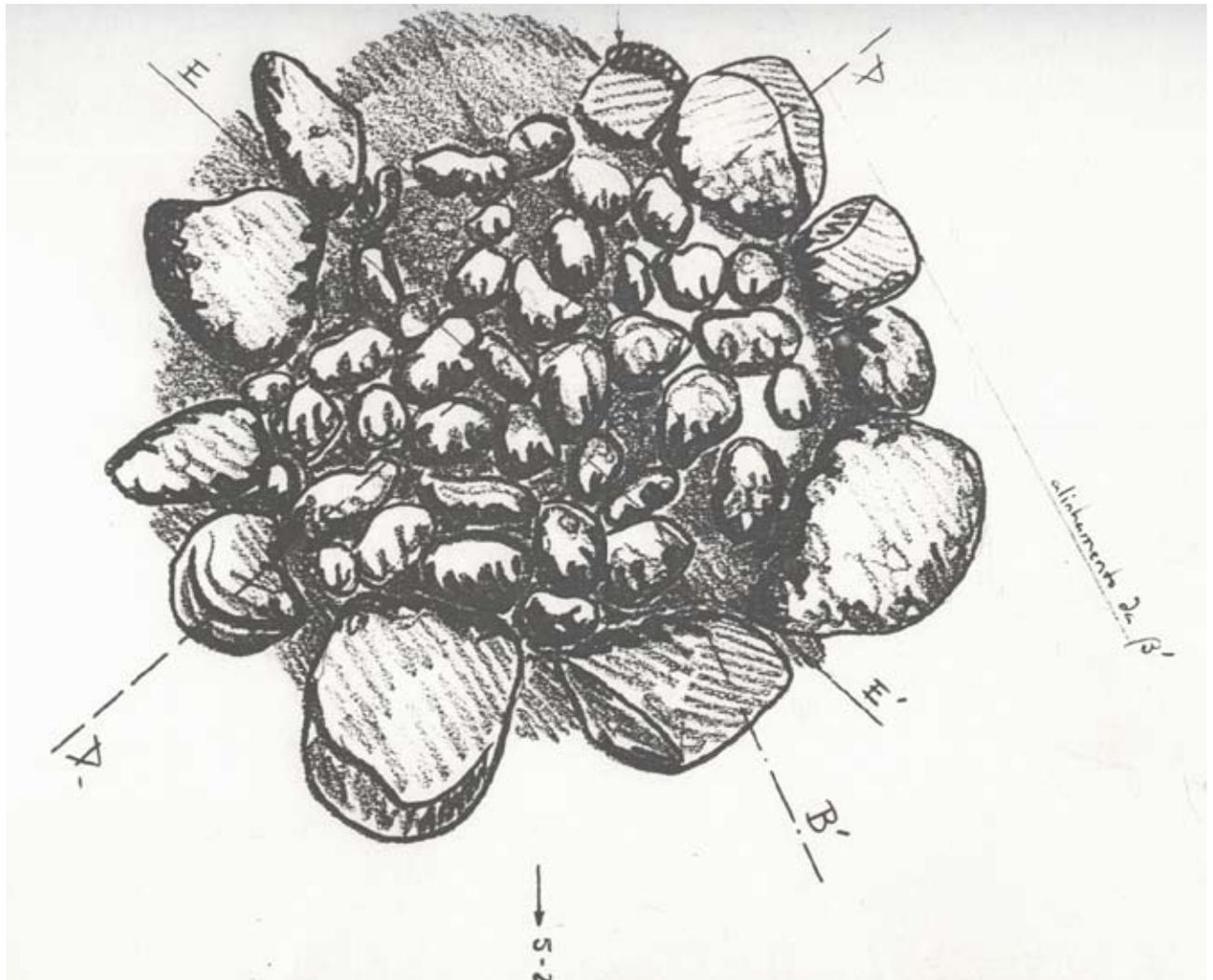


Figura 1
A) Localização de Lisboa na Península Ibérica; B) Implantação da Praça da Figueira na malha urbana atual de Lisboa, C) Localização da ocupação da Idade do Bronze Final na planta isométrica de Lisboa (curvas de nível atuais).

3. As evidências detectadas na campanha de 1962.

Em 1962, o prosseguimento das escavações sob os níveis funerários e viários romanos revelou, a apenas 15 cm abaixo da base do alicerce do muro de fachada (B') de um dos edifícios da necrópole (BRANCO, 1961; FERREIRA, 1962; SILVA, 2005 e 2012: "Edifício SE"), uma estrutura lítica ovalada, conservada inédita até à presente data: escavada até 30/03/1962 pelo próprio Bandeira Ferreira e por Maria da Conceição Oliveira Marques, Rodrigues Miguéis e José João Fernandes Gomes, foi descrita como composta por lajes (calcárias?), pouco espessas e encastradas no solo, a mais alta das quais com um máximo de 31 cm de altura medido acima do "pavimento" de pedra e argila endurecida (FERREIRA, 1962: 302 e 304; vide Figuras 1 e 2, *infra*); o seu diâmetro maior situava-se em torno dos 2 m. A ausência de outros elementos de caracterização torna difícil garantir hoje de forma categórica a sua funcionalidade original, sugerindo tratar-se de um fundo de construção (cabana?) de planta quase circular, embora outras hipóteses sejam admissíveis. Por outro lado, a circunstância de entre as escassas recolhas que se conservaram no Museu da Cidade restar somente um fragmento de parede de cerâmica, com maior probabilidade datado da Idade do Bronze, justifica a sua referência aqui. A verificar-se estas identificações, a funcional e a cronológica, o contexto encontraria paralelo próximo nalgumas das estruturas da Idade do Bronze Final reveladas nas escavações da Tapada da Ajuda (Lisboa) (CARDOSO e SILVA, 2004).

Figura 2
Perspectiva do "monumento pré-histórico" encontrado nas escavações de 1962 no subsolo da Praça da Figueira (segundo F. Bandeira Ferreira).



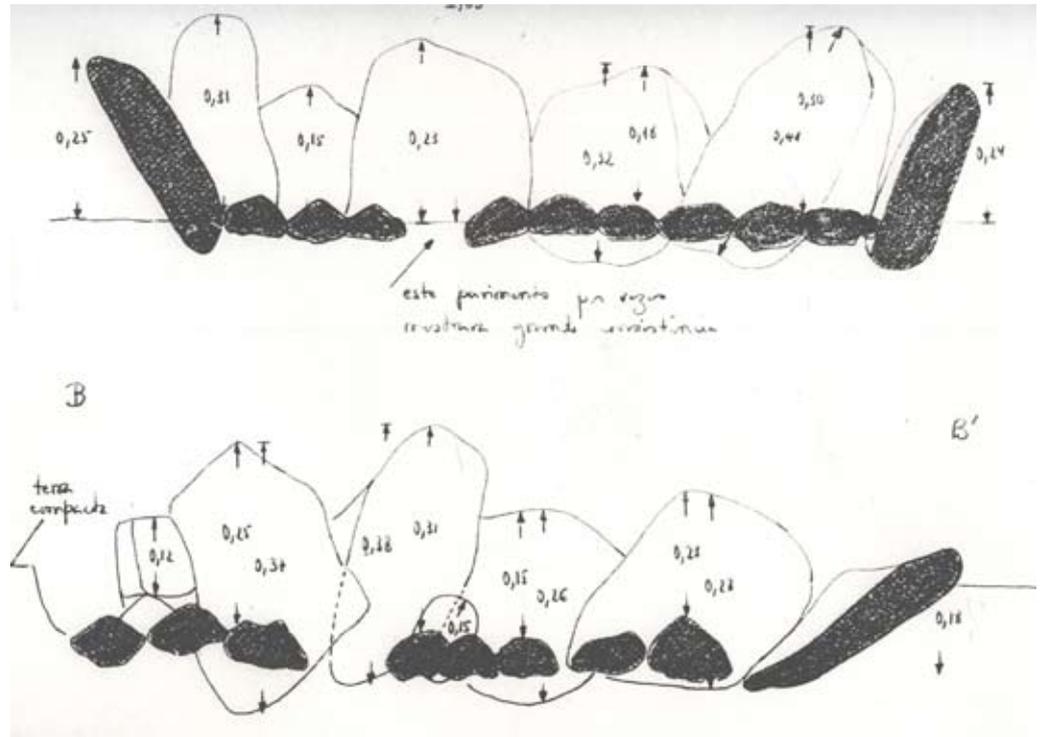
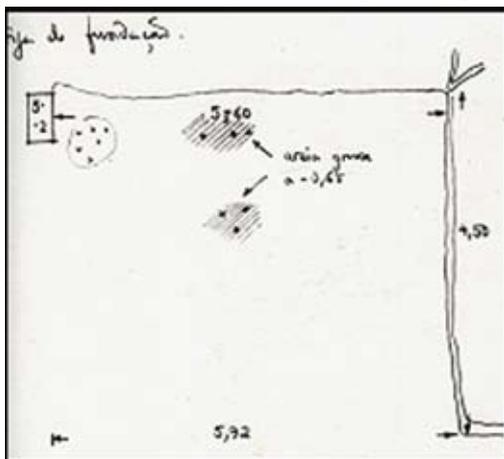


Figura 3
Secções da mesma estrutura (segundo F. Bandeira Ferreira).

Referido como “monumento pré-histórico” no *Diário das Escavações* (FERREIRA, 1962), a estrutura situava-se no que foi designado como sector «B-NW-5-3-30». Esta nomenclatura, de aparente complexidade, reveste-se na realidade de um carácter prático e simples, por se compor pela designação «B», em referência ao monumento funerário romano aludido, «NW», remetendo para a localização no espaço em relação àquele, «5-3», menção que respeita, respectivamente, aos números de pilar e de fiada dos elementos arquitectónicos ainda hoje reconhecíveis na estação «Rossio» do metropolitano de Lisboa, e, por fim, «-30», cota relativa do rebaixamento, em planos aleatórios, medida a partir da base do alicerce do dito muro romano.

Figura 4
Perspetiva de duas estruturas negativas (?) da Idade do Bronze, encontradas no sector «NW-5-2-30» das escavações de 1962 da Praça da Figueira (segundo F. Bandeira Ferreira- 1962: p. 312).

Em 1962, o prosseguimento da escavação na área contigua um pouco mais para oeste veio permitir identificar outros contextos ditos “pré-históricos”. Em «NW-5-2-30», com indicação adicional de «cotas 0,35 a 0,65 da viga de fundação» (do metropolitano), foram identificadas duas entidades definidas de forma difusa, que apresentavam uma planimetria de tendência ovalada, e uma composição (enchimento ?) de «areia grossa» (vide Figura 3, *infra*).



Embora mais uma vez de forma insegura, poderão tratar-se de indicadores da existência de duas estruturas negativas. Mas, e se os aspectos funcionais ficaram insuficientemente caracterizados, desta feita conservaram-se recolhas suficientes para lhes adscriver uma atribuição crono-cultural segura: um bordo de pote de colo de tendência vertical, um outro de taça de carena alta e um fragmento ostentando elemento de prensão perfurado (conf. Estampa , adiante), materiais que encerram afinidades óbvias com outros da região genericamente enquadráveis na Idade do Bronze Final (CARDOSO, 1990, 1996, 1997-1998, 2004 e 2011; BARROS, 1998; CARDOSO e SILVA, 2004; ...).

Figura 5

Localização relacionada dos elementos da Idade do Bronze Final identificados em 1962 com os detetados na campanha de escavações da Praça da Figueira de 1999-2001 e respetiva malha quadriculada das unidades de escavação.

A identidade entre as indicações das cotas relativas dos depósitos que continham estas cerâmicas permitem, em associação com a menção a outras ocorrências similares e com a do acima referido “*monumento pré-histórico*”, supor a sua contemporaneidade, entrevedo-se assim a identificação pelas escavações de 1962 de contextos variados equivalentes a uma ocupação da Idade do Bronze Final no subsolo da Praça da Figueira.



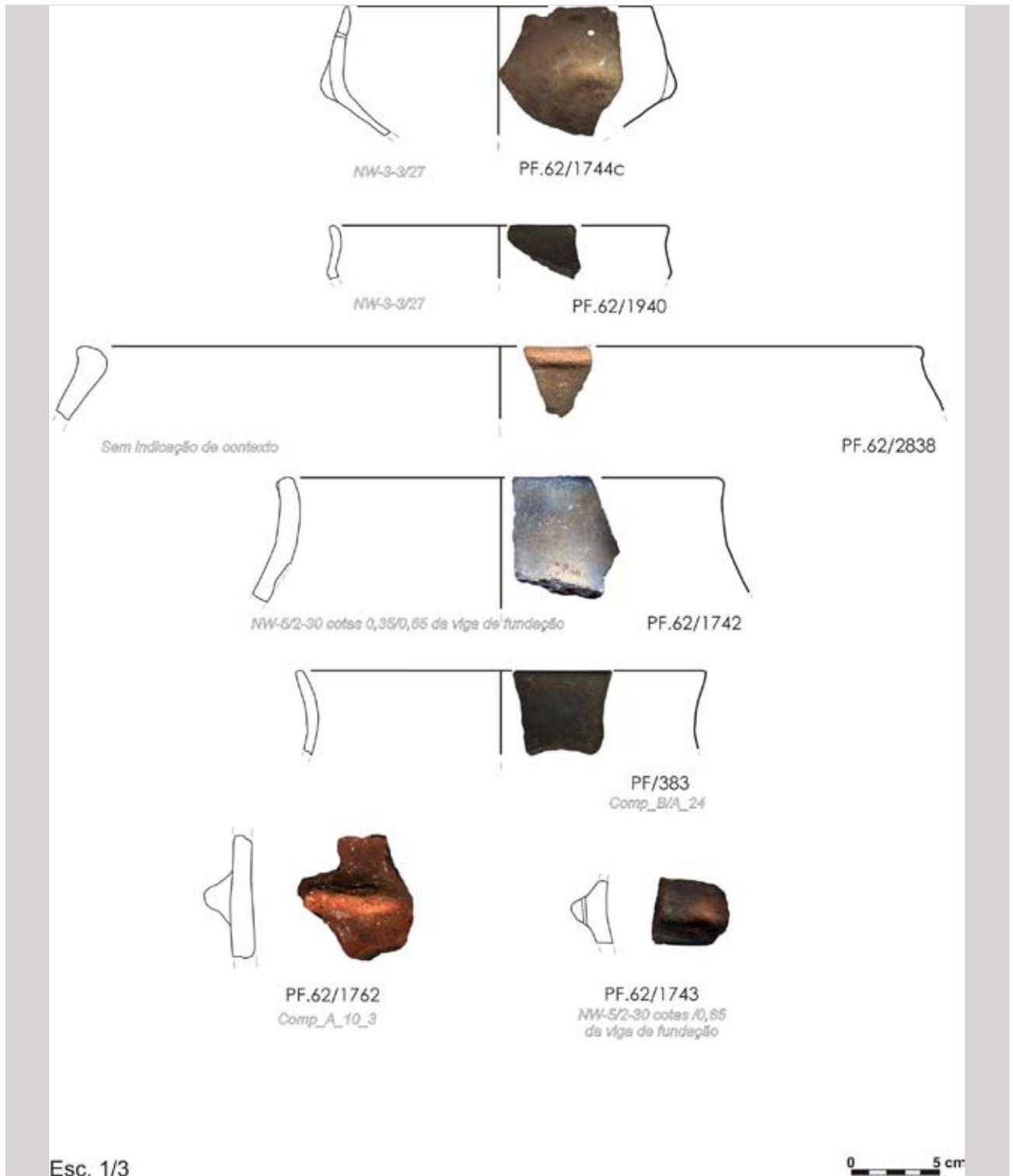


Figura 6
Elementos cerâmicos atribuíveis à Idade do Bronze Final recolhidos na campanha de escavações da Praça da Figueira em 1962.

4. As evidências identificadas em 1999-2001

Como se aludiu acima, na campanha mais recente efectuada na Praça da Figueira foram detectadas somente duas estruturas constructivas associáveis ao final da Idade do Bronze no quadrante NO da área intervencionada, a despeito da identificação de outros elementos, dispersos e com incidência exclusiva em âmbito próximo do referido espaço.

No que à sequência estratigráfica se refere, foi assinalada a presença de um potente depósito de areia amarelada micácia, de óbvia origem aluvionar, na qual ou assentaram os depósitos mais recentes ou se escavaram as duas estruturas negativas [8812] e [8970]. Estas areias amareladas equivaliam, segundo os dados observados nas unidades de escavação EF/7 ou I/4, a formações aluvionares originadas entre o III e o II milénio. A comprová-lo, no primeiro daqueles pontos da escavação, a um primeiro depósito seguiam-se estruturas naturais de drenagem associadas aos finos restos de um paleosolo. Colmatadas, continham no mesmo canal provocado pela erosão aquática quer um fragmento de vaso campaniforme com decoração do tipo “marítimo” ou “internacional” quer um bordo de uma tigela de bordo canelado, ilustrando os vestígios de presenças na zona ao longo de todo o Calcolítico. Cobrindo esta entidade, depositou-se um novo e potente aluvião de areias amareladas micáceas, em tudo similares às anteriores.

A referência aos canais de drenagem hídrica, estruturas erosivas de formação natural, merece um comentário particular. Com uma orientação dominante genericamente NE-SO, apresentavam um desnível discreto com este sentido, traduzindo deste modo o escoamento para um aquífero maior. Seria este o Esteiro do Tejo que percorria a Baixa, podendo deste modo entrever-se aqui a grande proximidade da sua margem oriental neste período? Ou, e em alternativa, existiria um braço de um delta resultante da confluência dos aquíferos mais a norte (Valverde e Arroios) com o dito esteiro? Os dados são, para já, manifestamente insuficientes a este respeito, embora merecedores de estudo mais aprofundado, por exemplo a partir das colunas estratigráficas recuperadas em 2000 e que se conservam desde então intocadas nas colecções da autarquia lisboeta.

De igual modo, ladeando a estrutura [8970], detectada em H/3, em H/2 identificaram-se restos mal conservados de um canal hídrico colmatado com o sedimento aluvionar [8955], similar ao encontrado no interior da estrutura mencionada. Também com uma orientação e pendente NE-SO, entrecortavam-no outras estruturas naturais idênticas, menos fundas e com uma orientação divergente, SE-NO, claramente mais recentes. Estes indicadores, é certo que discretos, deverão ser postos em relação com as repetidas referências no «*Diário das Escavações*», por Bandeira Ferreira (1962), à ocorrência do que lhe pareceu ter sido um leito fluvial, situável ao norte da área escavada em 1999-2001. No mesmo sentido foi o entendimento de Irisalva Moita, que publicou este dado observado em 1962, ilustrando-o com uma fotografia manuseada (MOITA, 1968). Assinale-se que no interior do canal aparentemente mais antigo de H/2 se recolheram líticos e cerâmicas compatíveis com uma cronologia da Idade do Bronze Final (vide *infra*).

Situar este aparente câmbio da fisionomia natural das margens do complexo hídrico do Esteiro neste local é, porém, tarefa difícil dada a paucidade dos dados (e a confessa impreparação do signatário nesta matéria). Parece forçoso, contudo, admitir uma dinâmica intensa de alternância entre momentos em que se verificou deposição aluvionar e outros em que, por via hídrica e/ou eólica, intensamente se obliteraram formações mais antigas.

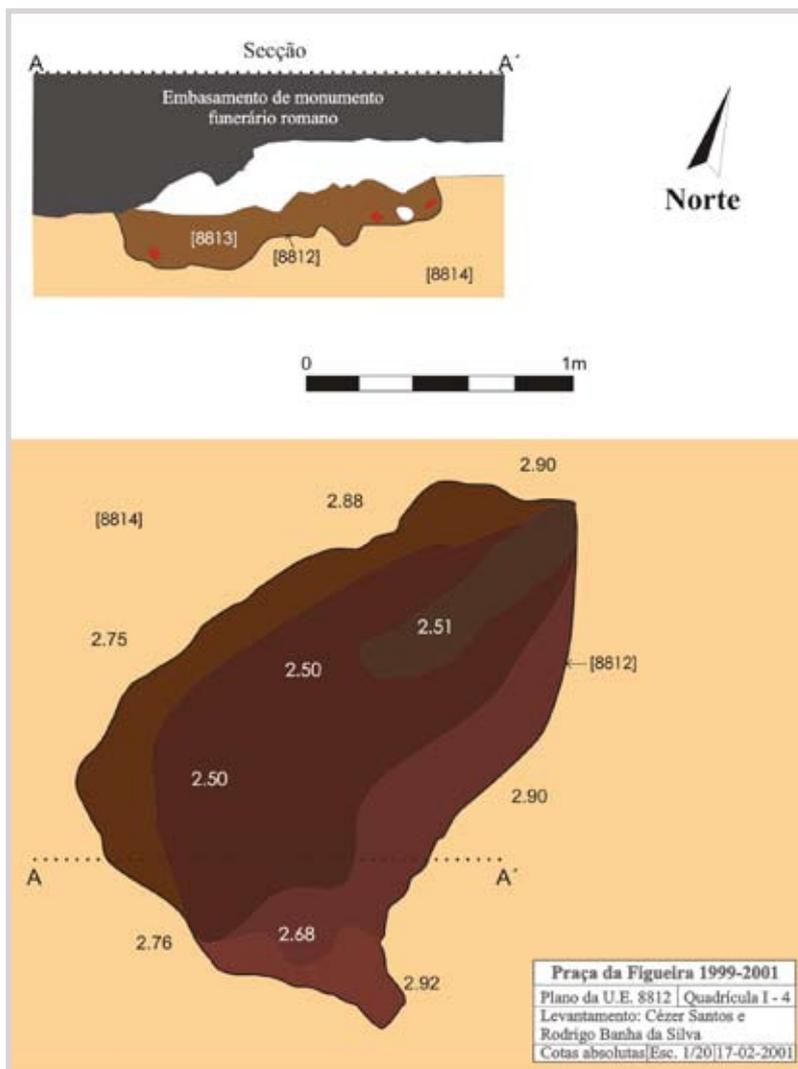
4.1. A estrutura [8812]- unidade de escavação I/4

Estrutura de configuração subtriangular e de tendência ovalada, media cerca de 2,10 m de eixo maior por uma média de 1,05 m de largura. A parte inferior do seu interface era irregular, com algumas zonas sobreelevadas, denotando uma tendência de aprofundamento na sua extremidade NE. O seu topo original foi muito provavelmente afectado pelos acondicionamentos do espaço em meados do séc. I d.C. e pela instalação do embasamento quadrangular maciço de um monumento funerário romano, provavelmente em finais do séc. II d.C. ou já no séc. III d.C.

O enchimento de [8812] era composto exclusivamente por um depósito [8813]: de matriz arenosa, de coloração acastanhada e tonalidade escura, apresentava textura grosseira, compactidade mediana e era muito homogéneo. As inclusões maioritárias eram de cerâmicas, muito fragmentárias, sendo rara a macrofauna e líticos. A distribuição artefactual não acusava uma especial concentração em zonas ou cotas no interior de [8812].

Nas cerâmicas deverá destacar-se a presença de três fragmentos de “cerâmica de ornatos brunidos”, duas parede e um fundo de taças (Figura n.º 8, n.ºs PF.00/6857-32 e 31), integráveis no grupo do Tejo e datáveis genericamente dos séculos X-IX a.C. (VILAÇA e ARRUDA, 2004). Assinale-se que o fundo plano com decoração em retícula

Figura 7
Levantamento gráfico
do contexto [8812].



apresenta a particularidade de mostrar tonalidades avermelhadas da superfície externa, apesar de uma etapa inicial redutora na cozedura, aspecto que poderá encerrar significado cronológico (SOARES, 2005).

Os restantes recipientes mostram cozeduras predominantemente redutoras-oxidantes e elevada diversidade no tratamento de superfícies. Com um predomínio claro na frequência das formas fechadas, destacam-se os potes com bordos não espessados, arredondados ou sub-rectangulares, de colos verticais, convexos ou um pouco extrovertidos, nalguns casos com tratamento “a cepillo”, existindo exemplares cuidadosamente brunidos. Nas taças, e como é habitual no Bronze Final II, como o designou João Luís Cardoso em referência à zona do Vale do Tejo, os exemplares de maior dimensão são os mais comuns, com carenas médias ou altas. Registe-se, igualmente, o aparecimento de um elemento de prensão perfurado.

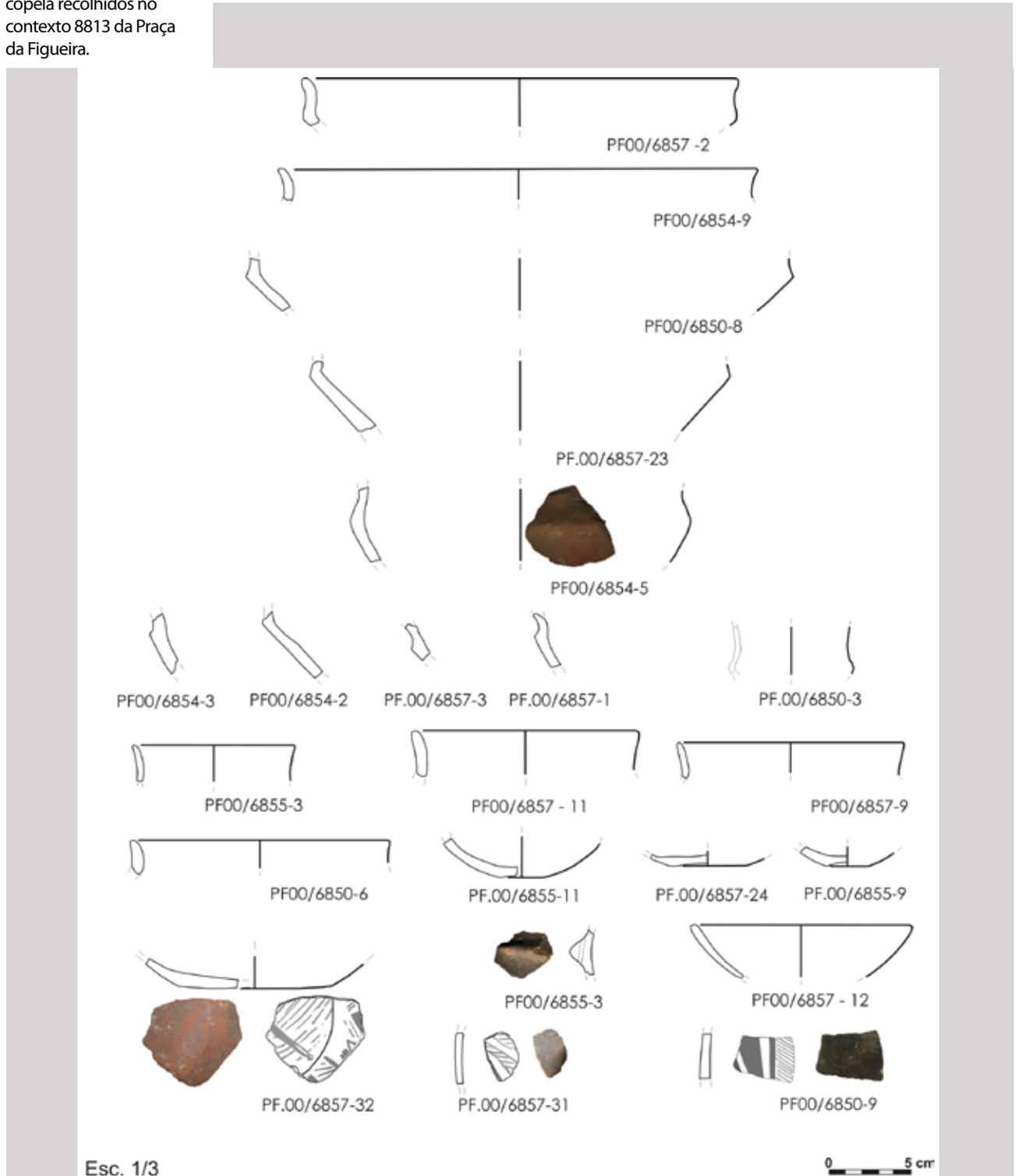
A utensilagem lítica associada ao contexto [8812] era composta sobretudo por subproductos de talhe de sílex

Figura 8

«Cerâmica de ornatos
brunidos», formas
carenadas (taças de
carena alta, média
e baixa), elemento de
preensão perfurado,
çaçoilas de carena pouco
acusada e possível
copela recolhidos no
contexto 8813 da Praça
da Figueira.

(lascas, duas das quais corticais), e como artefactos somente dois elementos de foice com a característica pática brilhante na serrilha.

A fauna, muito escassa, era composta essencialmente por ovicaprinos (*ouis e ceruus*), estando também presente de forma vestigial *sus*. Os restos de fauna malacológica era mais comuns, embora muito fragmentados, tendo-se assinalado restos das famílias *oisteiridae*, *mytilidae*, *ueneridae*, como também *mytilus* e um caso de um elemento da família *pectinidae*.



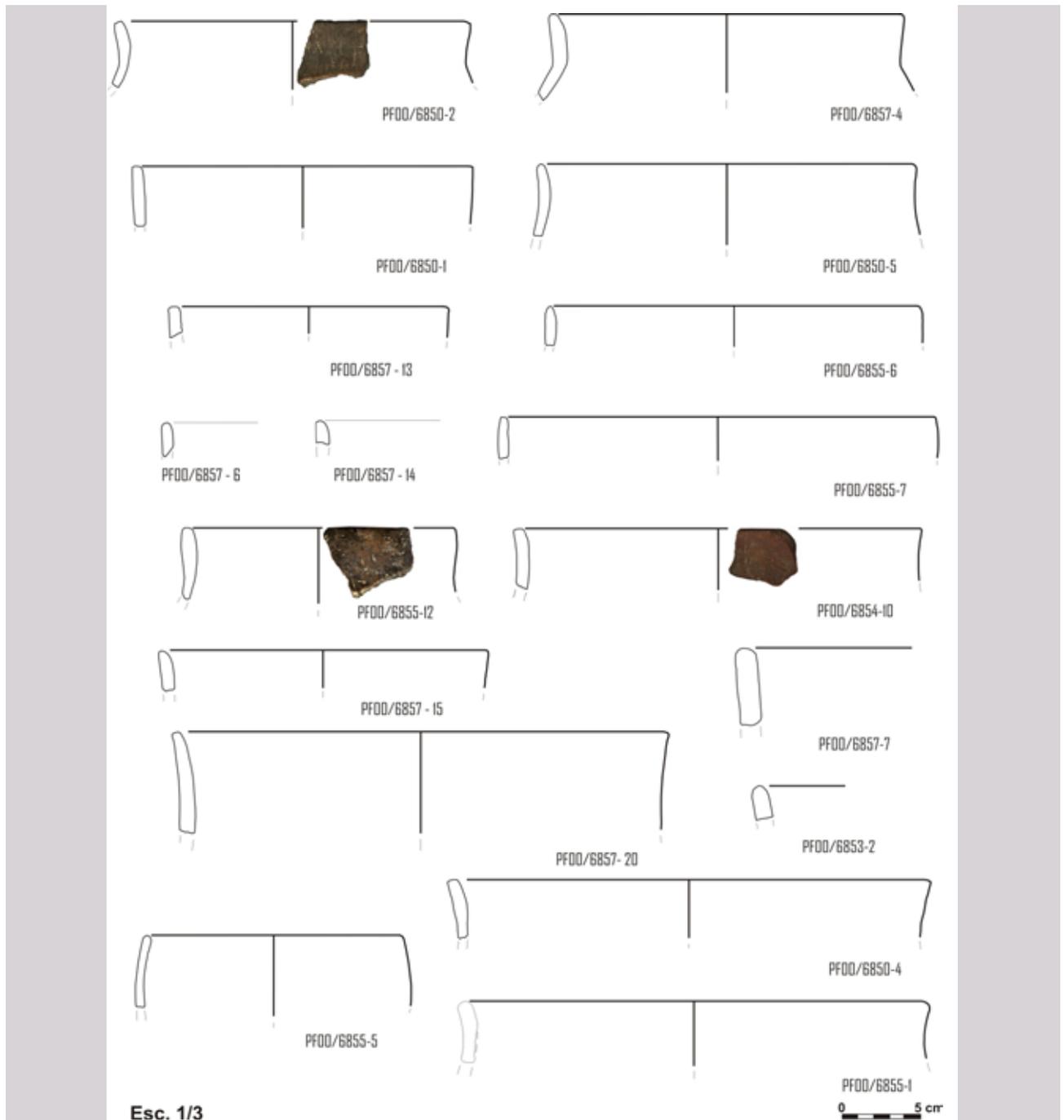


Figura 9

Bordos de potes de morfologia variada (de secção arredondada, de tendência rectangular, espessados; bordos/colos rectos, convergentes e um pouco extrovertidos) recolhidos no contexto 8813 da Praça da Figueira.

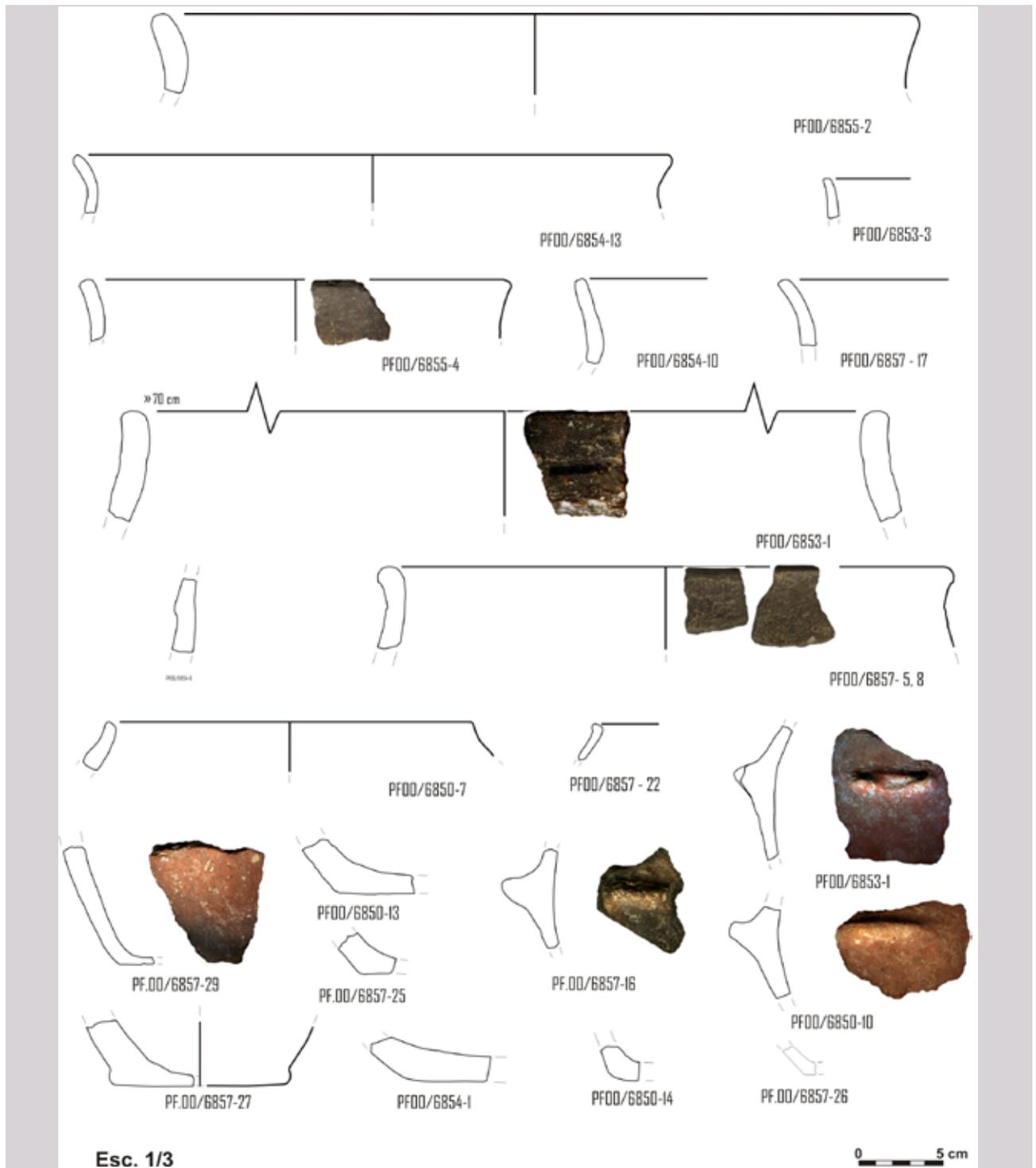


Figura 10

Potes de bordo extrovertido, potes isentos de colo, elementos de prensão, fundos rectos e ombro carenado recolhidos no contexto 8813 da Praça da Figueira.



Figura 11
Utensilagem lítica e
desperdícios de talhe
do contexto [8812].



Figura 12
Amostragem de
evidências faunísticas
do contexto [8812].

4.2. A estrutura [8970]- unidade de escavação H3

Estrutura de configuração de tendência muito vagamente bi-ovalada, com uma bordadura muito irregular, de uma saliência subtriangular do lado setentrional e uma reentrância com a mesma morfologia no oposto, media cerca de 2,35 m de eixo maior por um máximo de 1,20 m de largura. A parte inferior do seu interface era, como a da estrutura anterior, irregular, com algumas zonas sobreelevadas, denotando um aprofundamento evidente na sua extremidade NE. O seu topo original foi afectado por erosão, manifesta na existência de um canal hídrico que a atravessava longitudinalmente.

O enchimento de [8970] era composto exclusivamente por um depósito [8971], com as mesmas características do de [8812] e de [8955]. Como naquela, a distribuição artefactual não acusava uma distribuição significativa, embora a maior parte dos artefactos tenha ocorrido na parte SO da estrutura, por ser a de maior profundidade.

Nas cerâmicas presentes em [8970] estava presente também um fragmento de fundo convexo de taça em “cerâmica de ornatos brunidos”. Ao contrário dos dois assinalados no interior da estrutura [8812], a cozedura do presente é integralmente redutora, e o desenho da decoração fez-se mediante o emprego de objecto mais afilado, gerando incisões evidentes. Também em contraste com aqueles, a decoração só se descirne mediante certas condições de luz.

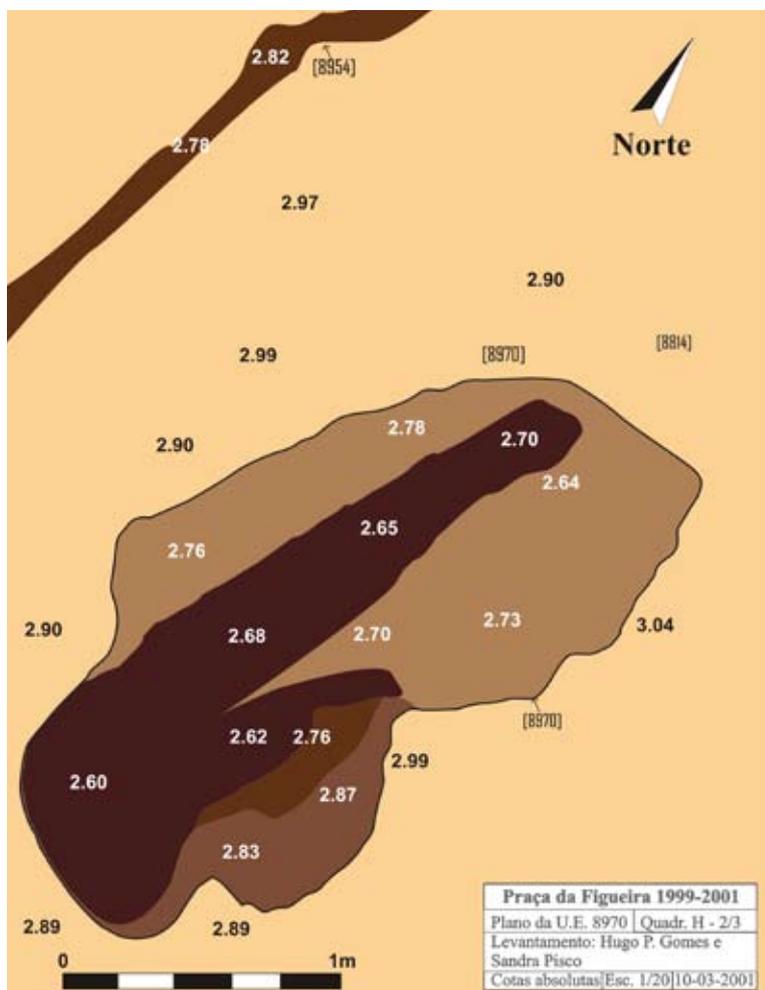
Embora a estrutura [8970] tenha uma área e uma potência superior seja superior à da sua congénere reconhecida pelas escavações de 1999-2001 da Praça da Figueira, o conjunto

cerâmico é claramente menos numeroso. O perfil mantém-se, com a presença das mesmas morfologias de potes e taças, dos mesmos tratamentos de superfícies, incluindo cuidadosos alisamentos/brunimentos e grosseiros “a cepillo”, elementos de prensão e destinados à suspensão, mas é agora mais equilibrada a relação entre as taças de maior e menor dimensão, como entre os potes e estas formas abertas.

Também ao nível da utensilagem lítica o perfil se mantém, numericamente escasso face ao número das cerâmicas, embora aqui a relação de proporção com as estas seja relativamente maior: predominam de novo os restos de descorticação e talhe de sílex, desta feita contando com um núcleo exausto, e, entre a utensilagem assinala-se a presença de dois fragmentos laminares e de um elemento de foice.

Das recolhas assinala-se a presença, muito rara, de macro-fauna mamalógica (ovicaprino e, com vincadas reservas uma omoplata de bóvido), como de escassa malacológica (das famílias *mitylidae*, *oisteridae*, *ueneridae* e *nassadidae*).

Figura 13
Levantamento gráfico dos contextos [8970] e [8954].



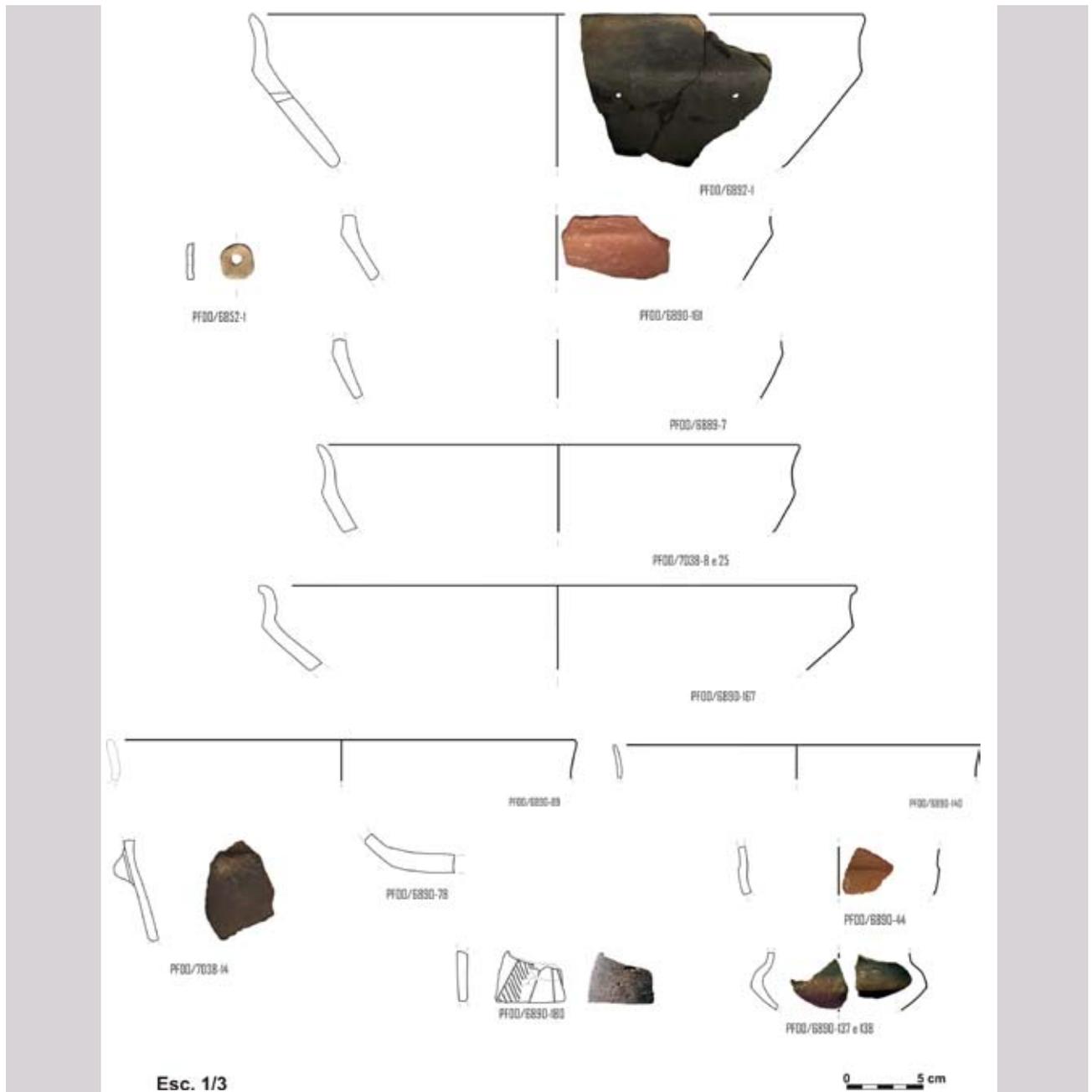


Figura 14
 Elemento de adorno sobre calote discóide, «cerâmica de ornatos brunidos», formas carenadas (taças de carena alta e média), elemento de preensão, caçoila de carena média e pequeno pote de carena suave, recolhidos no contexto 8971 da Praça da Figueira.

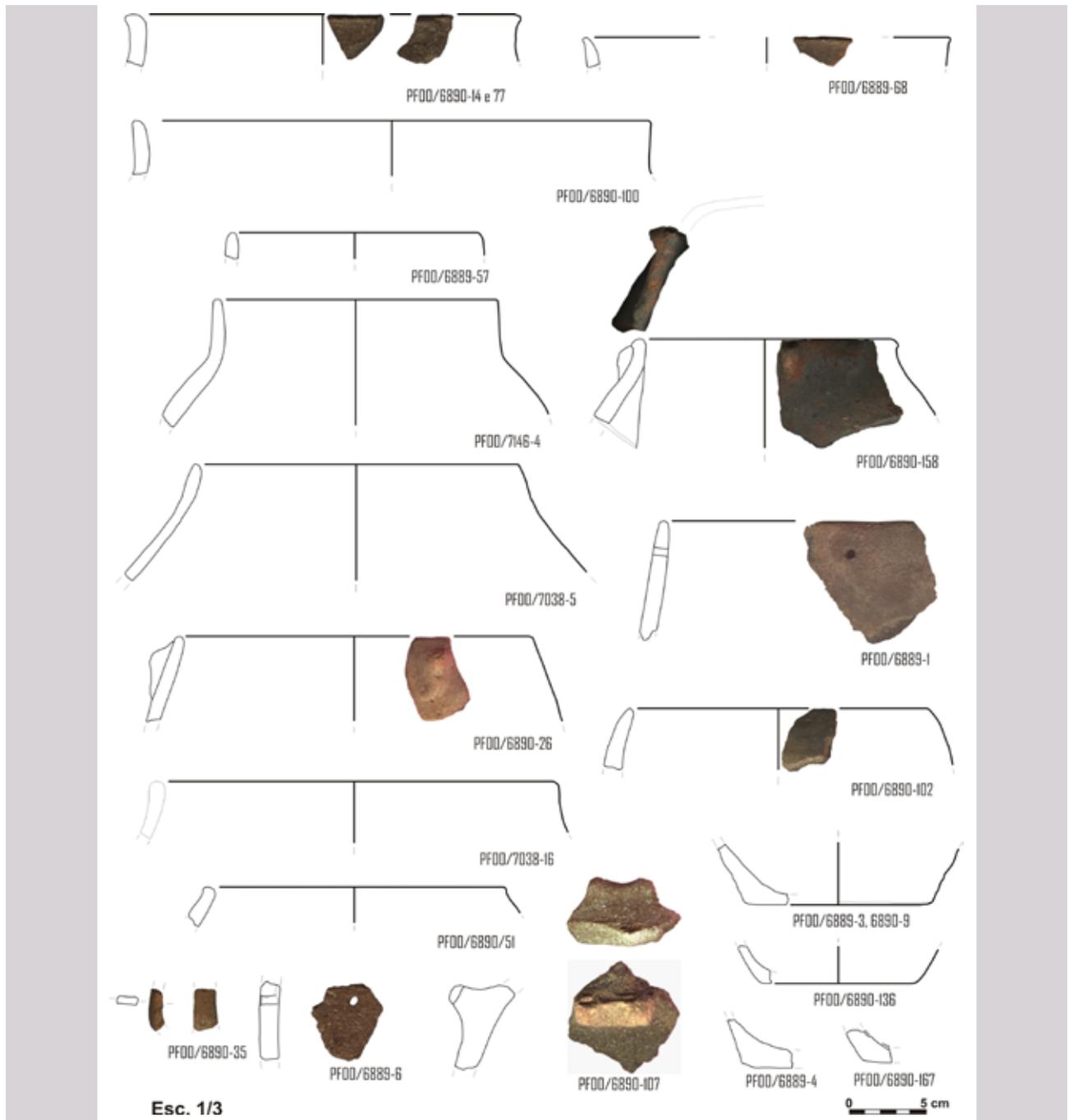


Figura 15
 Fragmentos de
 potes, elementos de
 suspensão e preensão
 recolhidos no
 contexto 8971
 da Praça da Figueira.



Figura 16
Utensilagem lítica e
desperdícios de talhe
do contexto [8970].



Figura 17
Amostragem de
evidências faunísticas
do contexto [8970].



Figura 18
Cerâmicas,
utensilagem lítica e
desperdícios de talhe
do contexto [8854].

5. Considerações finais

Os elementos colectados em 1962 e 1999-2001 no subsolo da Praça da Figueira comprovam a existência de um assentamento no local. Esta presença, num local muito próximo a aquíferos, em zona completamente desprovida de proeminência sobre a paisagem envolvente, portanto sem condições naturais de defesa, vem acrescentar-se a outros sítios arqueológicos com características geográficas aparentadas do Estuário do Tejo, que compunham no final da Idade do Bronze tramas territoriais complexas, em articulação com locais proeminentes de evidente dominação sobre a envolvente (VILAÇA e ARRUDA, 2004; CARDOSO, 2004).

A comunidade ou grupo humano que formou o assentamento demonstrou, através dos elementos materiais colectados, o aproveitamento dos recursos naturais disponíveis: a recollecção de espécies marinhas, disponíveis no Estuário do Tejo, a caça, mediante a presença de veado e, com reservas, de javali, a domesticação de animais, no essencial ovicaprinos e, através de dois testemunhos alvo de reservas, bovino e porco, mas também a agricultura. Os restos de talhe e debitagem de sílex, por seu turno, poderão documentar o trabalho da pedra no local, devendo notar-se que estão presentes matérias primas distintas, disponíveis na região, evidência eventual dos intercâmbios internos das comunidades do Bronze Final da Baixa Estremadura. Na inexistência de qualquer elemento metálico assimilável, talvez se devam mencionar os hipotéticos restos de copelas PF.62/1733 (CARDOSO e CARREIRA, 1997) e PF.00/6857-12 como sugestivos da possibilidade da actividade metalúrgica no local.

Será a actividade agrícola a que requer uma pequena reflexão complementar: o expectável enquadramento do *habitat* numa zona seguramente húmida e alagadiça inviabilizava a prática de culturas cerealíferas, testemunhadas de forma categórica pelos elementos de foice recolhidos em [8813], [8971] e também em [8955]. Assim sendo, terá que se admitir para o assentamento do Bronze Final da Praça da Figueira um território de exploração mais vasto, que incluísse zonas planálticas calcárias próximas com aptidão para culturas de sequeiro, como as disponíveis nas zonas de São Francisco/Bairro Alto, Sant'Ana/Campo dos Mártires da Pátria ou Graça/São Vicente. Este elemento introduz algo de novidade nas leituras acerca das estratégias mais tópicas de ocupação da Idade do Bronze, onde João Luís Cardoso tem sublinhado, e bem, a preferência pelos solos férteis do manto basáltico lisboeta, bem patentes no povoado da Tapada da Ajuda (CARDOSO, 1997-1998, 2004, 2011; CARDOSO e SILVA, 2004) como nas explorações agrícolas de Funchal, Anços (CARDOSO, 1996b) e encosta do Alto das Cabeças (CARDOSO, 2006b), entre outros (ver cartografia em CARDOSO, 2004), a que se deverá agora acrescentar uma ocupação detectada na Travessa das Dores (Lisboa)².

Importa, aqui, perspectivar a ocupação da Id. Bronze da Praça da Figueira no quadro das leituras acerca da génese do povoado depois nomeado *Olisipo*, inserindo-a nos entendimentos acerca do padrão de povoamento no final da Idade do Bronze no Baixo e Estuário do Tejo.

Estes vêm no essencial oscilando no que respeita à escala entrevista para os territórios: para Ana Margarida Arruda, entre outros, certos povoados de altura terão então assumido o seu papel de centralidade de vastas áreas, controlando outros de menor dimensão e os assentamentos desprovidos de condições naturais ou artificiais de defesa (ARRUDA, 1994; VILAÇA e ARRUDA, 2004); em sentido diverso, João Luís Cardoso defende uma muito maior fragmentação espacial, onde certos povoados em altura cumpririam essa

mesma função mas a bem menor escala geográfica, de que se poderiam citar o Castelo dos Mouros (Sintra) (CARDOSO, 1990, 1997-1998; 2004: 184), Cabeço Mouro (Cascais) (CARDOSO, 2004: 178), Cabeço da Amoreira (Odivelas), a que poderia porventura acrescentar, pela sua maior proximidade com o objecto de estudo, o Alto dos Sete Moinhos (Lisboa) (CARREIRA, 1995), embora com reservas. Estes povoados de cumeada controlaríamos, na última asserção, zonas regionais de amplitude variável ou outras de penetração para o hinterland, como os nichos ecológicos próximos de elevada riqueza e diversidade de recursos, compondo um mosaico mais complexo e de mais elevado número de distintas unidades socio-políticas (CARDOSO, 2004: 224-226).

Como vimos antes, as características locativas da ocupação da Idade do Bronze Final II da Praça da Figueira, de forma óbvia colocam o sítio numa outra categoria de locais, que incluem unidades de exploração agro-pecuária do tipo casal, como o da encosta do Alto das Cabeças (Cascais) (CARDOSO, 2006b), indefinidos como Funchal e Anços (Sintra) (CARDOSO, 1996b), ou Santa Sofia (Vila Franca de Xira), onde é evidente a convivência entre elementos de vincada filiação na Idade do Bronze Final com novos contributos orientalizantes (PIMENTA e MENDES, 2010-2011; PIMENTA *et al.*, no prelo). Este último sítio será, porventura, o que no momento melhor esclarece acerca da inexistência de fundamento para uma valorização da presença dos tipos cerâmicos forâneos baseada na componente social da comunidade em detrimento do factor cronológico, dado naquele caso tratar-se de uma comunidade seguramente “não-elite” e onde os influxos culturais vindos do Mediterrâneo Oriental e que atingiram o Vale do Tejo estão bem atestados.

No caso do assentamento da Praça da Figueira, a interpretação do sítio é tributária do que se vier a apurar dos estudos em curso sobre as ocupações da vizinha ocupação na encosta oriental do morro de Sant’Ana, onde parece notória a longevidade da presença humana, iniciada no Neolítico Antigo e que terá perdurado até ao Bronze Final (MURALHA, COSTA e CALADO, 2002), restando aferir o significado dos eventuais hiatos registados, como também da organização espacial e intensidade da presença humana deste sítio no período que aqui interessa. De qualquer das formas, parece constituir uma leitura simplista inferir desde já uma conexão entre ambos os pontos no sentido de as entidades reconhecidas em 1962 e 1999-2001 na Praça da Figueira constituírem uma mera extensão funcional do *habitat* supostamente complexo de Sant’Ana, para mais verificando-se implantarem-se em posições bem distintas na topografia e de estarem separados pelos cursos de água da zona.

Mais importante do que este último aspecto é, porém, a concentração da(s ?) ocupação(ões ?) nas encostas e sopé do morro de Sant’Ana, sobretudo se colocada em relação com o que se conhece no momento para a zona do morro e encosta meridional do Castelo de São Jorge.

Os dados referentes ao morro da antiga Alcáçova olisiponense mostram-se, como é sobejamente conhecido, pouco trabalhados e/ou difundidos. Ainda assim, e para a zona do Castelo de São Jorge propriamente dita, os trabalhos mais recentes da equipa dirigida entre 1996 e 2008 por Alexandra Gaspar e Ana Gomes, revelaram uma inexistência de contextos datados da Idade do Bronze Final que não pode deixar de se sublinhar. De facto, no *IV Congresso Peninsular de Arqueologia (Faro, 2003)* foi apresentada pela equipa mencionada uma comunicação oral sobre a intervenção que revelou as estratigrafias de mais recuada data descoberta ao longo dos sucessivos anos de escavação: as unidades de base proporcionaram a identificação de um contexto de acumulação detrítica onde pontuavam cerâmicas de fabrico manual ou a torno lento, com superfícies (e decorações?) brunidas e

morfologias carenadas, a par de cerâmicas bem depuradas elaboradas a torno rápido, cerâmicas de “verniz vermelho”, “cinzentas finas polidas” e exemplares de modelos tipológicos anfóricos de clara filiação oriental que foram originalmente remetidas para o séc.VII a.C. (GASPAR *et al.*, 2003), incluindo uma parede de ânfora com grafito pós-cozedura em fenício, elementos no seu conjunto mais tarde catalogados como do séc.V d.C. (de forma inexplicável- em exposição no Núcleo Museológico: SERRA, 2008).

Um pouco mais para sul, na encosta meridional do morro do Castelo de São Jorge voltada ao Tejo, publicou-se de uma intervenção na Rua de São Mamede ao Caldas n.º 15, sita acima da Sé, um contexto que incluía um acondicionamento da encosta e uma lareira. Entre os elementos colectados neste local avulta, de novo, um conjunto de cerâmicas de clara filiação oriental, incluindo ânforas, cerâmicas de “verniz vermelho” e “cinzentas finas polidas”, um fragmento de fíbula de dupla mola e um pequeníssimo fragmento parede de uma forma carenada comportando uma decoração brunida (PIMENTA *et al.*, 2005). A classificação deste último elemento dentro da família das “cerâmicas de ornatos brunidos” não é irrazoável, embora a reduzida dimensão do exemplar aconselhe alguma cautela dado não permitir descortinar a totalidade da gramática decorativa (Idem: 170, fig.7, n.º17). De novo foi para aqui avançada uma datação dentro do séc.VII a.C., embora seja admissível que quer este, quer o supra-citado contexto do grupo Desportivo do Castelo, encerrem cronologias um pouco mais recuadas, ainda dentro do séc.VIII a.C.

É este contraponto entre as ocupações detectadas nas encostas e morros do Castelo e de Sant’Ana que parecem relevantes para, no momento e com os dados disponíveis, tentar formular hipóteses de interpretação dos padrões locativos ali presentes na transição entre a Idade do Bronze Final e as etapas iniciais dos fortes influxos orientalizantes nesta área do Estuário do Tejo: até à Idade do Bronze Final II todas as evidências se concentram na área de Sant’Ana, em qualquer dos casos desprovidas de condições naturais de defesa e sem amplo controlo visual; por seu turno, a inexistência de elementos de segura cronologia mais recuada que os séculos VIII-VII a.C. na área do Castelo sugere que os contactos com o mundo oriental, fenício, se terão traduzido por uma ruptura nas estratégias locativas, verificando-se a eleição de um ponto dotado de singulares condições de controlo paisagístico que polarizou o povoamento, ou seja, parece ser dentro deste quadro que ocorreu a emergência do fenómeno a que hoje chamamos Lisboa.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, C. – *Relatório de Execução do Projecto «O enchimento do Esteiro da Baixa» em Época Histórica*. Lisboa, Fundação da Faculdade de Ciências (policopiado).
- ARRUDA, A. M. (1994) – A Península de Lisboa entre o Norte atlântico e o Oriente mediterrânico nos inícios do I.º Milénio a.C. In *Lisboa Subterrânea*. Lisboa. Eleta. Museu Nacional de Arqueologia. Lisboa'94, p. 52 - 57.
- BARROS, L. de (1998) – Introdução à Pré e Proto-istória de Almada. Almada. Câmara Municipal de Almada.
- BRANCO, F. C. (1961) – Problemas da Lisboa Romana. Vestígios de um cais ou de uma necrópole? In *Revista Municipal*. n.º 91. Lisboa. Câmara Municipal de Lisboa, p. 61–75.
- BUBNER, T. (1996) – A cerâmica de ornatos brunidos em Portugal In *De Ulisses a Viriato. O primeiro milénio a.C.* Lisboa. Instituto Português de Museus, p.66-72.
- CARDOSO, J. L. (1990) – A presença oriental no povoamento da I Idade do Ferro na região ribeirinha do estuário do Tejo In *Estudos Orientais*. vol. I. Actas do Encontro «Presenças orientalizantes em Portugal. Da Pré-História ao Período Romano». Lisboa. Instituto Oriental. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, p. 119 - 133.
- CARDOSO, J. L. (1995) – O Bronze Final e a Idade do Ferro na Região de Lisboa: Um ensaio In *Conimbriga*. vol. XXXIV. Coimbra. Instituto de Arqueologia, p. 33 - 74.
- CARDOSO, J. L. (1996) – Materiais campaniformes e da Idade do Bronze do concelho de Sintra In *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. n.º 6. Oeiras. Câmara Municipal de Oeiras, p.317-340.
- CARDOSO, J. L. (1997-1998) – O povoado do Bronze Final do Castelo dos Mouros In *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. n.º 7. Oeiras. Câmara Municipal de Oeiras, p. 169-177.
- CARDOSO, J. L.; CARREIRA, J. R. (1997) – Contribuição para o conhecimento da ocupação Pré-Histórica de Lisboa: os Materiais da Praça da Figueira In *Olisipo*. II Série. n.º 5. Lisboa. Grupo Amigos de Lisboa, p. 7-12.
- CARDOSO, J. L. (2004) – *A Baixa Estremadura dos finais do IV milénio a.C. até à chegada dos romanos: um ensaio de história regional* In *Estudos arqueológicos de Oeiras*. n.º 12. Oeiras. Câmara Municipal de Oeiras.
- CARDOSO, J. L. (2011) – *Arqueologia do Concelho de Oeiras do Paleolítico Inferior Arcaico ao séc. XVIII*. Oeiras. Câmara Municipal de Oeiras.
- CARREIRA, J. R. (1995) – A ocupação pré-histórica do Alto dos Sete Moinhos (Lisboa) In *Revista de Arqueologia*. n.º 2. Lisboa. Assembleia Distrital de Lisboa, p. 41-49.
- GASPAR, A.; GOMES, A.; PIMENTA, J.; VALONGO, A.; MENDES, H.; PINTO, S. (2003) – Intervenção Arqueológica no Grupo Desportivo do Castelo (Lisboa). Comunicação oral apresentada ao *IV Congresso Peninsular de Arqueologia (Faro, 2003)*.
- CARDOSO, J. L.; CARREIRA, J. R. (1997) – Contribuição para o conhecimento da ocupação Pré-Histórica de Lisboa: os materiais da Praça da Figueira In *Olisipo*. II Série. 5. Lisboa. Grupo Amigos de Lisboa, p. 7-12.
- CARDOSO, J. L.; SILVA, I. M. da (2004) – O povoado do Bronze Final da Tapada da Ajuda (Lisboa): estudo do espólio cerâmico In *Revista Portuguesa de Arqueologia*. n.º 7. fasc.1. Lisboa. Instituto Português de Arqueologia, p. 227-271.
- FARINHA, J. S. B. (1995) – O Metropolitano e a Baixa de Lisboa, Condições Geotécnicas e Históricas. Lisboa. Metropolitano de Lisboa (Col. *Cadernos do Metropolitano*, n.º 1).
- FERREIRA, F. A. R. B. (1962) – *Diário das Escavações Sistemáticas na Praça da Figueira em Lisboa*. Lisboa. Junta Nacional da Educação (manuscrito- exemplar policopiado a partir de microfilme).
- MOITA, I. (1964-1966) – Hospital Real de Todos-os-Santos (relatório das escavações a que mandou proceder a CML de 22 de Agosto a 24 de Setembro 1960) In *Revista Municipal*. n.ºs 101-111. Lisboa. Câmara Municipal de Lisboa.
- MOITA, I. (1968) – Achados de época romana no sub-solo de Lisboa In *Revista Municipal*. ano 19. n.º 116-117. Lisboa. Câmara Municipal de Lisboa, p. 33 - 71.
- MOITA, I. (1993) – As escavações de 1960 que puseram a descoberto parte das ruínas do Hospital Real de Todos-Os-Santos In *Hospital Real de Todos-Os-Santos Séculos XV-XVIII. Catálogo*. Lisboa. Museu Rafael Bordalo Pinheiro, p. 20-22.
- MOITA, I. (1994) – *O Livro de Lisboa*. Lisboa. Expo'98. Lisboa'94. Livros Horizonte.

- MURALHA, J.; COSTA, C.; CALADO, M. C. (2002)** – Intervenções Arqueológicas na Encosta de Sant'Ana (Martim Moniz, Lisboa) In *Almadan*. 2ª Série. n.º 11. Almada. Centro de Arqueologia de Almada, p. 245 - 246.
- PIMENTA, J.; SILVA, R. B. da; CALADO, M. (2005)** – Sobre a ocupação pré-romana de Olisipo: a I.A.U. da Rua de São Mamede ao Caldas n.º15 In *Actas do VI Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos (Lisboa, 2005)*. Lisboa: Uniarq - <http://www.museudacidade.pt/arqueologia/estonline/Publicacoes>
- PIMENTA, J.; MENDES, H. (2010-2011)** – Novos dados sobre a resença fenícia no vale do Tejo. As recentes descobertas na área de Vila Franca de Xira In *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. n.º18. Oeiras. Câmara Municipal de Oeiras, p.591-618.
- PIMENTA, J.; SOARES, A. M.; MENDES, H. (no prelo)** – Cronologia absoluta do povoado de Santa Sofia - Vila Franca de Xira. Diferentes ritmos e distintos centros nas transições das sociedades da Idade do Bronze para a Idade do Ferro no Vale do Tejo In *Cira-Arqueologia*. n.º 2. Vila Franca de Xira. Museu Municipal de Vila Franca de Xira.
- SERRA, S. (2008)** – *Núcleo Museológico do Castelo de São Jorge*. Lisboa. Egeac.
- SILVA, R. B. da (2005)** – *As «marcas de oleiro» da terra sigillata da Praça da Figueira: um contributo para o conhecimento da economia de Olisipo (Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Arqueologia, especialização em Arqueologia Urbana, orientada pelo Sr. Prof. Doutor Carlos J. Soares Fabião)*. Braga. Instituto de Ciências Sociais da Unviersidade do Minho (policopiado).
- SILVA, R. B. da (2012)** – *As «marcas de oleiro» na terra sigillata e a circulação dos vasos na Península de Lisboa (Dissertação para a obtenção do grau de Doutor em História, especialidade de Arqueologia, orientada pela Sr.ª Prof.ª Doutora Rosa Varela Gomes)*. Lisboa. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (policopiado).
- SOARES, A. M. (2005)** – Os povoados do Bronze Final do Sudoeste na margem esquerda portuguesa do Guadiana: novos dados sobre a cerâmica de ornatos brunidos In *Revista Portuguesa de Arqueologia*. vol. 8. fasc. 1. Lisboa. Instituto Português de Arqueologia, p.111-145.
- VILAÇA, R.; ARRUDA, A. M. (2004)** – Ao longo do Tejo, do Bronze ao Ferro In *Conimbriga*. vol. XLIII. Coimbra. Instituto de Arqueologia, p. 11-45.

NOTAS

- ¹ Arqueólogo. Doutorado em História, especialidade em Arqueologia. CAL- Centro de Arqueologia de Lisboa - Departamento de Património Cultural da Câmara Municipal de Lisboa. Professor Auxiliar Convidado do Departamento de História da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- ² Agradece-se a amabilidade da autorização da divulgação das referências à responsável pela fase inicial dos trabalhos no novo arqueossítio lisboeta em 2012, a Sr.ª Dr.ª Ângela Ferreira, como aos actuais responsáveis, a empresa Neoépica, na pessoa do Sr. Dr. Nuno Neto.

Um depósito votivo da Idade do Bronze na Moita da Ladra (Vila Franca de Xira): Síntese dos trabalhos realizados e resultados preliminares.

MÁRIO MONTEIRO E ANDRÉ PEREIRA¹

Resumo:

No âmbito dos trabalhos arqueológicos realizados em 2009 na Pedreira da Moita da Ladra foi escavado um depósito votivo do Bronze Final, localizado na base de um afloramento calcário, que tinha já sido identificado em 2003. Abrangendo uma área com pouco menos de 4 m de comprimento por 3m de largura e uma profundidade máxima com cerca de 70 cm, o local terá sido ocupado durante um curto período de tempo, ao longo do qual o espaço foi continuamente utilizado. No local foram exumados cerca de 50 vasos (nalguns casos com superfície brunida) e abundante fauna mamalógica e malacológica, que constituem o espólio votivo. Para além destes recolheram-se escassos fragmentos de adornos em bronze (entre os quais fibulas, alfinetes e argolas) e uma conta de colar, aparentemente ali deixados sem qualquer intencionalidade. Perante os dados obtidos, a uniformidade na tipologia do espólio e a análise prévia do mesmo, admite-se um curto período de ocupação do espaço (100 anos se tanto) com distintos momentos cerimoniais, tendo esta decorrido, de acordo com os paralelos obtidos para o espólio, numa segunda etapa da Idade do Bronze Final, cerca do século X-IX a.C. (datação relativa).

1. Introdução

➤ No âmbito dos trabalhos arqueológicos realizados em 2009 na Pedreira da Moita da Ladra foi escavado um depósito votivo do Bronze Final, localizado na base de um afloramento calcário, que tinha já sido identificado em 2003.

A pedreira da Moita da Ladra, N.º 2 (pedreira n.º 2029) , propriedade da empresa Alves Ribeiro, S.A., localiza-se no distrito de Lisboa, concelho de Vila Franca de Xira, freguesia de Vialonga, a cerca de 500m para NE da povoação Verdelha do Ruivo (Figura 1).

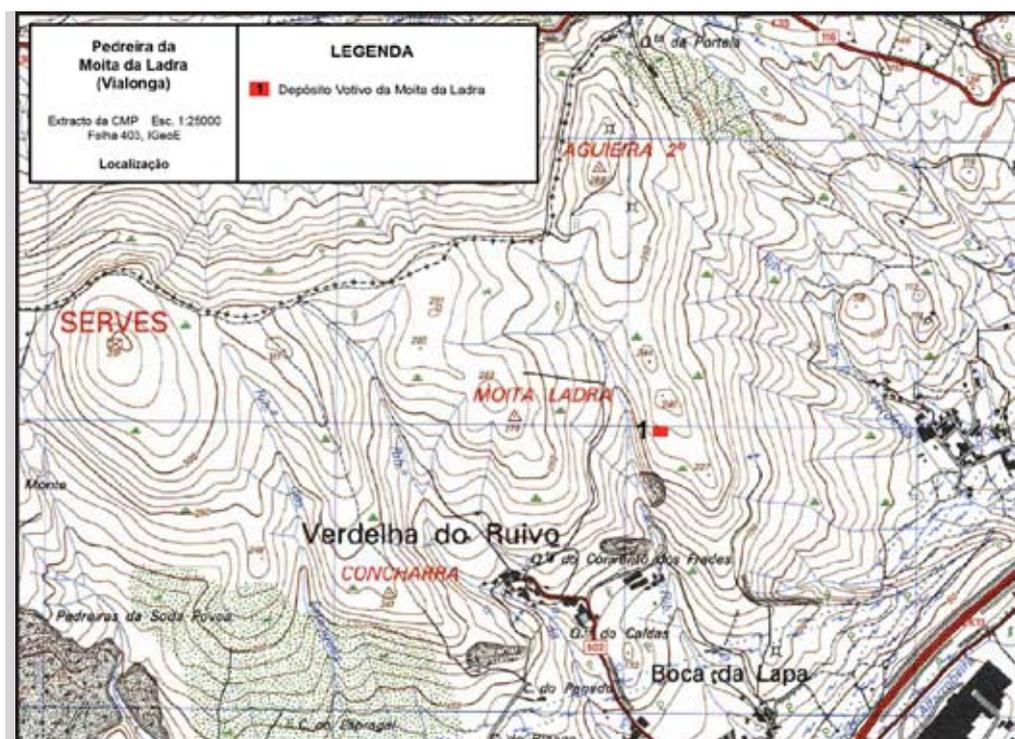


Figura 1
Localização da área de estudo em extracto da Carta Militar de Portugal, Folha 403, IGeoE.



Figura 2
Chaminé vulcânica onde se localizava o povoado Calcolítico.

Figura 3
Área do depósito votivo.

A pedreira explora os basaltos de uma chaminé vulcânica pertencente ao Complexo Vulcânico de Lisboa, de idade fini-cretácica, encaixada em calcários do Cretácico Superior (Figura 2), localizando-se a área de estudo na referida formação calcária. A ampliação da pedreira para este sector de calcários deveu-se à necessidade de criar uma faixa de segurança para a exploração dos basaltos.

Morfológicamente a área onde decorreram os trabalhos arqueológicos localiza-se na base de uma encosta de suave pendor virada a Sul (Figura 3), a uma altitude de cerca de 227 m, em zona com vasta visibilidade sobre o estuário do Tejo, principalmente para jusante.

Os trabalhos arqueológicos foram realizados por EMERITA - Empresa Portuguesa de Arqueologia, Lda., sob a direcção dos signatários.

Participaram também nos trabalhos de campo os arqueólogos Nuno Banha e Cézer Santos (que deu apoio e formação na exumação de materiais com recurso a Plextol), o técnico de arqueologia Emanuel Carvalho e três trabalhadores indiferenciados fornecidos pelo dono-de-obra. Para além destes contou-se com o apoio científico do Mestre Guilherme Cardoso.

Distingue-se a óptima e pronta colaboração prestada pelo dono-da-obra, através da disponibilização de meios humanos e mecânicos, que

muito contribuíram para o bom andamento dos trabalhos. Por esse facto, manifestam-se os devidos agradecimentos ao responsável da pedreira, o Sr. Eng. Nuno Neves, e ao encarregado Sr. Carlos Carvalho.

Foi efectuado o levantamento topográfico das áreas de escavação, com ligação à Rede Geodésica Nacional no Sistema Hayford-Gauss *datum* 73 (Melriça), trabalho executado pelo Sr. José Carlos, topógrafo da Alves Ribeiro, S.A.

Os trabalhos foram financiados pelas firmas ALVES RIBEIRO, S.A. e Portuguesa de Arqueologia, Lda.

Encontram-se a colaborar no estudo dos materiais os seguintes investigadores:

- António Monge Soares, do IST/ITN, Instituto Superior Técnico, UTL: datação por radiocarbono (ossos, conchas e carvões);
- Pedro Valério, do IST/ITN, Instituto Superior Técnico, UTL: análise dos bronzes;
- António Gonçalves, na análise da conta - IST/ITN, Instituto Superior Técnico, UTL;
- Cleia Detry, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa: estudo da fauna malacológica e malacológica;
- Guilherme Cardoso, arqueólogo da Assembleia Distrital de Lisboa: apoio científico no estudo geral do espólio.

2. Antecedentes

No âmbito dos trabalhos realizados em 2003, dirigidos por João Luís Cardoso e João Carlos Caninas, nos quais participou Mário Monteiro, foram realizadas diversas sondagens mecânicas na envolvente dos covachos e quatro sanjas paralelas entre o povoado e os covachos (ver Figura 2), tendo como finalidade identificar eventuais vestígios arqueológicos.

Em Novembro-Dezembro de 2003 executou-se a desmatização e decapagem mecânica da camada vegetal, entre 10 cm e 20 cm, em toda a encosta na extremidade NO da pedreira, que iria ser afectada pela ampliação da pedreira. Face à proximidade com dois covachos do Bronze Final (escavados entre as sondagens 3 e 4 – Figura 4) e à grande densidade do coberto herbáceo, optou-se então pela metodologia acima referida.

No decurso dos trabalhos identificou-se uma pequena mancha com vestígios arqueológicos, localizada na base de um afloramento calcário (pensava-se então numa lixeira dada a diversidade dos materiais), que se supôs estarem associados a um possível povoado da Idade do Bronze, que se deverá localizar para norte nas cotas mais elevadas, e aos covachos do Bronze Final escavados poucos metros a SE.

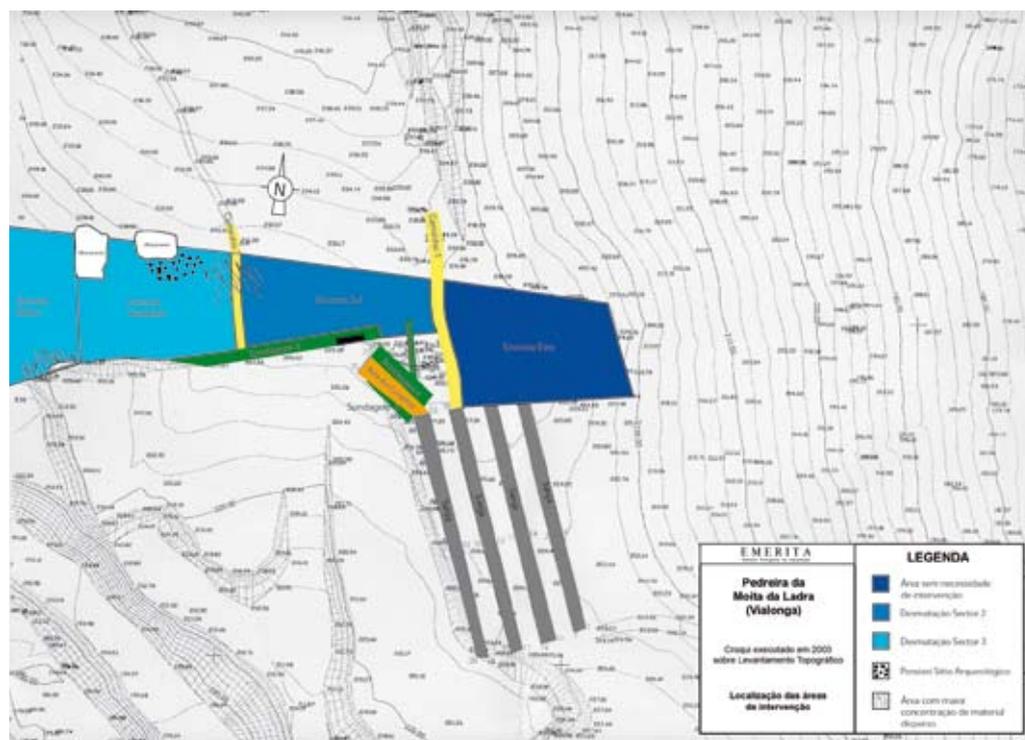


Figura 4
Croqui executado em 2003 referente aos trabalhos de sondagens e decapagem.

No local (Figura 4, na encosta Sudoeste) os materiais eram muito frequentes na camada vegetal sob a camada com raízes, que fora removida, junto ao afloramento calcário onde se observou uma significativa concentração de materiais (cerâmica – inclusive com superfície brunida -, ossos, conchas e um fragmento de bronze) do Bronze Final. Os materiais encontravam-se a cerca de 10 cm da superfície, tendo sido pouco afectados pela pá da máquina.

A Este do sítio anteriormente mencionado, identificou-se uma concentração de fragmentos cerâmicos no Caminho 2 (ver Figura 4), envolvidos na camada vegetal. Verificou-se que os materiais rareavam para Sul deste local, sendo as cerâmicas de menores dimensões e mais roladas, pelo que se concluiu serem materiais arrastados pelas chuvas

e pelos trabalhos agrícolas (segundo informação de um habitante local, e trabalhador da pedreira, até aos anos de 1970-1980 aqueles terrenos eram utilizados como seara).

De igual forma se identificou uma mancha com fragmentos cerâmicos junto de uma corta da pedreira (ver encosta Oeste na Figura 4). Neste local os materiais surgiam com alguma frequência, sendo na maioria cerâmicas de pequenas dimensões e roladas, presentes na camada vegetal. Aparentemente, estes materiais teriam também origem no arrasto pelas chuvas e pelos trabalhos agrícolas. Todavia, dado o facto de se encontrarem junto de um afloramento, tal como os covachos e a mancha inicialmente referida, considerou-se aquele um local com elevado potencial arqueológico.

O espólio recolhido em 2003, no âmbito da desmatização e decapagem nos Sectores 2 e 3, é composto por fragmentos líticos (restos de talhe em sílex, em quartzo, em quartzito e dois fragmentos de anfibolito polido) e fragmentos cerâmicos, predominantemente bojós. Os fragmentos de bordos são escassos, encontrando-se muito rolados e sendo de reduzidas dimensões.

Mediante uma análise macroscópica das pastas dos fragmentos cerâmicos, assim como dos bordos, constata-se que constituem vestígios descontextualizados das ocupações de toda a área do sítio arqueológico da Moita da Ladra, nomeadamente do Neolítico Antigo, do Calcolítico, da Idade do Bronze e, provavelmente, da I Idade do Ferro.

Colocou-se a possibilidade de existir um povoado com ocupação entre a Idade do Bronze e a Idade do Ferro nas cotas mais elevadas, situação reforçada pela existência de raros materiais de superfície no monte localizado a Norte.

3. A ocupação humana no monte da pedreira “Moita da Ladra”

Entre 2003 e 2009 os trabalhos arqueológicos desenvolvidos na pedreira “Moita da Ladra” colocaram a descoberto importantes vestígios arqueológicos que atestaram a ocupação humana ao longo dos montes da propriedade desde o Neolítico Antigo até à Idade do Bronze Final ou, possivelmente, até à I Idade do Ferro (Figura 5).



Figura 5
Sítios Arqueológicos na Pedreira “Moita da Ladra”, imagem extraída do Google Earth.

Formando uma cumeeada que se destaca para sul das colinas onde se enquadra, entrando sobre o Vale do Rio Tejo, situação que lhe concede um amplo domínio visual sobre este vale, principalmente para jusante (Figura 6), o local é delimitado a Oeste pelo vale da Ribeira da Alfarrobeira e a Este pela Ribeira da Verdelha, formando estas ribeiras encostas de declive acentuado e, por conseguinte, de difícil acesso. Na vertente sul, de frente para o rio Tejo, uma longa encosta permitiria o acesso ao local com relativa facilidade, mas dificilmente sem ser detectada a aproximação (Figuras 7 e 8).



Figura 6
Vista do vale do Tejo para jusante, a partir do depósito votivo.

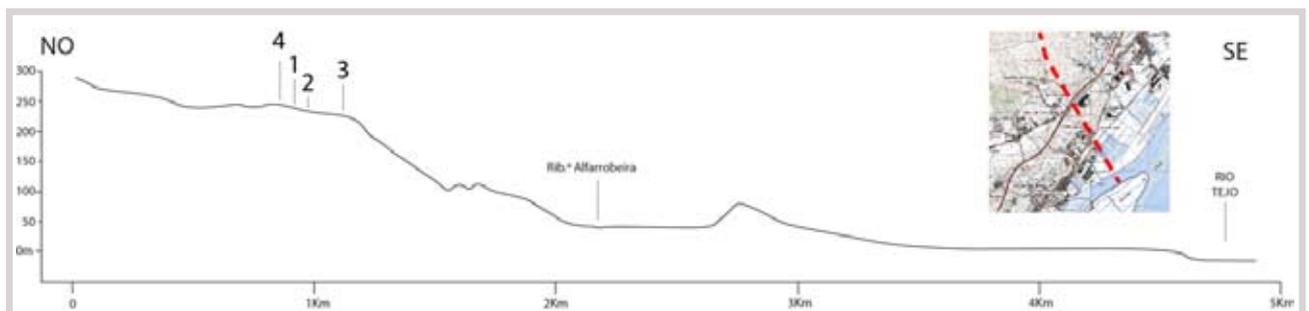


Figura 7
Diagrama de altitudes dos sítios arqueológicos na Pedreira "Moita da Ladra". (a numeração corresponde aos sítios indicados na Figura 5).

O relevo do terreno apenas permite um fácil acesso pelo lado Norte, o que, em caso de instabilidade, confere ao sítio, conjuntamente com o fácil controlo do vale do Tejo (via natural de circulação), uma localização estratégica de suma importância para a sua escolha como local de fixação humana.

Igualmente determinante terá sido a riqueza em recursos básicos, como a água das ribeiras, o peixe e o marisco propiciados pelo rio Tejo, a caça nas matas adjacentes e a matéria prima local (pedra, madeira e argila).

A conjugação de todos estes factores terá concedido ao local características excepcionais, que para as antigas comunidades humanas seriam certamente primordiais na escolha do local de fixação.

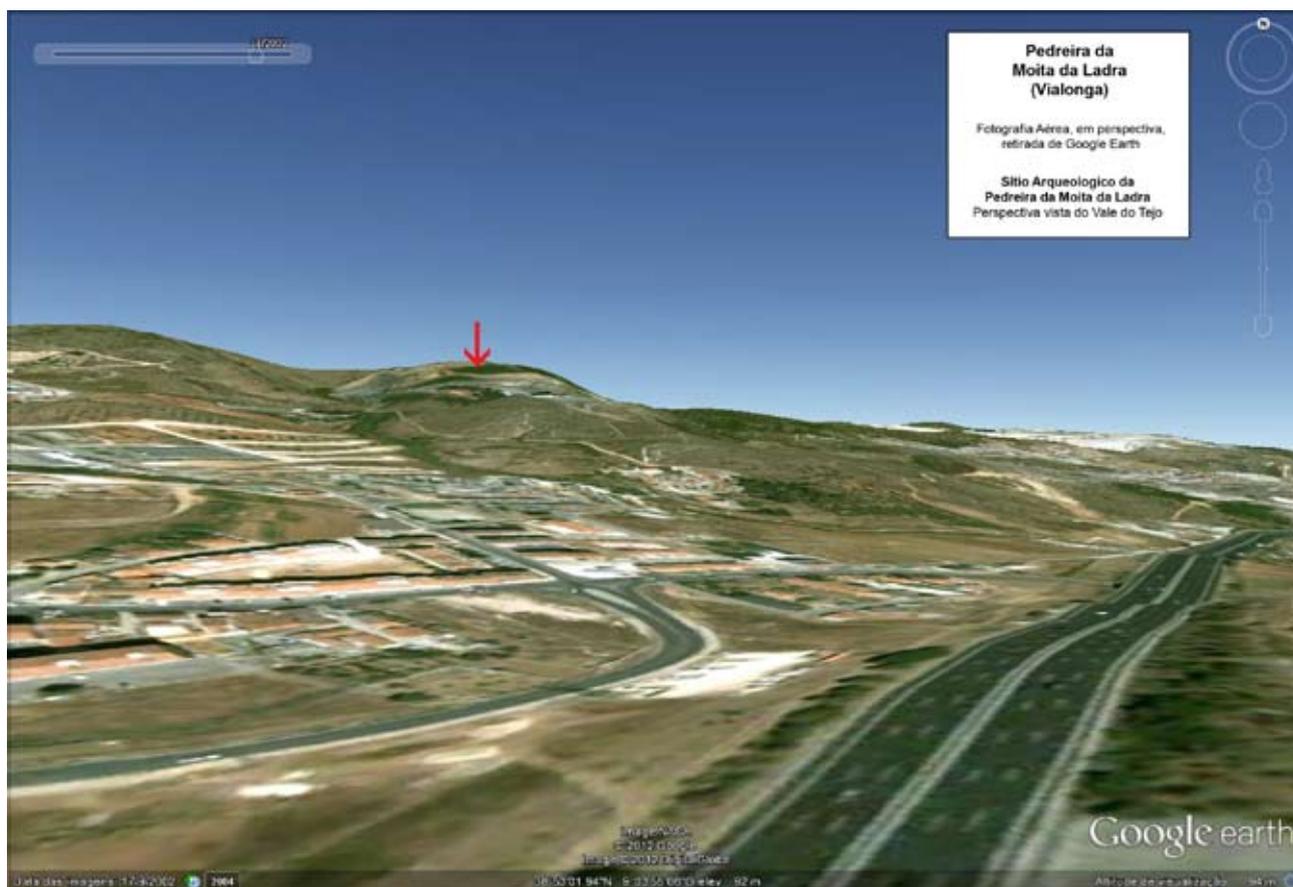


Figura 8
 Colina da Pedreira “Moita da Ladra” em perspectiva vista do vale do Tejo, imagem extraída do Google Earth.

As primeiras informações sobre vestígios arqueológicos naquele local devem-se a Rui Parreira, que em 1985 refere a presença de um povoado do Neolítico Final/ Calcolítico “na crista de elevações entre o Forte da Aguieira e a Boca da Lapa” (PARREIRA, 1985, p. 113), ao qual atribuiu a designação “Fortes”, dado haver referências à existência de um forte das linhas de Torres Vedras no local.

Em 2003 deu-se início a uma campanha de sondagens arqueológicas no sítio (dirigidos por João Luís Cardoso e João Carlos Caninas), localizado no topo da chaminé vulcânica, tendo-se colocado a descoberto vestígios de um povoado do Calcolítico Pleno que, dada a importância dos vestígios identificados, determinaram a escavação integral do sítio arqueológico, dando-se os trabalhos por concluídos em 2006 com o desmonte das estruturas escavadas. Subjacente à presença calcolítica foram ainda identificados vestígios de uma ocupação do Neolítico Antigo numa pequena área localizada no lado sul-ocidental do povoado, confirmando o elevado valor científico do sítio.

Identificaram-se também dois covachos, a Norte do povoado, tendo ambos sido escavados em 2003, contendo o mais pequeno, e melhor preservado, dois vasos sobrepostos, ambos cheios de cinzas, e o maior fragmentos cerâmicos e ossos de animais. As formas dos vasos permitiram atribuir ao sítio uma cronologia do Bronze Final, ficando contudo a dúvida quanto à tipologia do sítio – depósito votivo ou necrópole – conforme recentemente foi comunicado por João Luís Cardoso (no Colóquio “Sistemas de Povoamento do Centro e Sul do Território Português no decurso do Bronze Final”, que decorreu em 23 de Outubro de 2012 na Fábrica da Pólvora em Oeiras). As dúvidas quanto à tipologia do sítio surgiram devido à ausência de ossos humanos entre as cinzas, no covacho menor, e à presença de ossos de animais, no covacho maior.

Posteriormente, face à necessidade de proceder à descoberta de uma faixa de terreno na base da encosta a NO dos covachos, decidiu-se, como medida preventiva, realizar previamente uma decapagem cuidada com o objectivo de remover cerca de 10 cm de solo, eliminando-se assim a camada vegetal. Esta acção permitiu identificar escorrências de fragmentos cerâmicos, pequenos e rolados, provenientes das cotas mais elevadas ao longo de um antigo caminho (Caminho 2, na Figura 4). Os fragmentos cerâmicos, ainda que incharacterísticos, continham pastas idênticas aos vasos exumados nos covachos e conjuntamente com estes observavam-se, com menor frequência, cerâmicas de uma tonalidade completamente distinta, de um laranja muito forte, que por norma se identificam em sítios da I Idade do Ferro. Esta situação, aliada ao facto de anteriormente se terem identificado raros fragmentos cerâmicos à superfície, colocou a possibilidade de existir na encosta ou no topo do monte um povoado da Idade do Bronze final - Idade do Ferro. Durante a decapagem, na base de um afloramento calcário, identificou-se uma pequena mancha de materiais variados, incluindo ossos, conchas, cerâmica (inclusive um fragmento de bordo com superfície brunida) e um fragmento de bronze, julgando-se então que seria uma lixeira no exterior do suposto povoado do Bronze final, dada a diversidade dos vestígios.

Admite-se que os dois covachos escavados em 2003 se encontrem associados ao depósito votivo que agora se apresenta, dado que quer as formas quer o tipo de pastas e acabamentos dos vasos são idênticas em ambos os sítios.

É provável que o povoado da Idade do Bronze final se encontre no topo do monte e/ou ao longo da suave encosta virada para o Tejo (Figura 5, N.º 4). As características do terreno (em altitude, com amplo domínio visual e difícil acesso) e a riqueza em recursos condizem com o padrão de povoamento neste período, sendo de mencionar que no histórico das fotografias aéreas existentes no Google Earth fica a ideia de haver uma linha ovalada que delimita o topo do monte, ainda que no terreno esta não seja perceptível.

Será ainda de referir que a designação “Fortes” atribuída por Rui Parreira (PARREIRA, 1985, p. 113) ao povoado da Moita da Ladra, relaciona-se com a existência no sítio de um forte (assinalado no mapa de Brandão Sousa), do qual diz já não existirem vestígios, pertencente às linhas de Torres Vedras. De facto, no decurso das escavações do povoado, no qual participou um dos signatários (Mário Monteiro), deparou-se com um troço de muro em pedra seca (considerado como muro de divisão de propriedade na altura, dada a má qualidade da construção) na extremidade Este do monte e sobre a vertente (protegendo assim o topo do monte), que se sobrepunha à muralha do povoado Calcolítico e aproveitando a pedra deste. A ser uma estrutura militar, e considerando o tipo de ali observado, não seria certamente um forte mas sim um reduto onde estaria um contingente militar ou mesmo uma bateria. Pela posição em que se encontra faria certamente comunicação entre o Forte da Agueira, a Norte, e os fortes situados a Sul (entre os quais não há visibilidade). A testemunhar esta ocupação apenas se encontrou um botão de uniforme militar inglês, pelo que se mantêm reservas quanto a ser o referido muro o que resta da estrutura militar assinalada por Brandão de Sousa.

4. Escavação do depósito votivo

Os trabalhos de escavação na área do depósito votivo, sob a direcção dos signatários, tiveram a participação de Nuno Banha e Emanuel Carvalho. Em campo, houve ainda uma acção de formação dada por Cézer Santos (Figura 9), com a finalidade de ensinar a técnica de aplicação da cola acrílica *Plextol B500 Lascaux* (trata-se de uma cola, reversível aquan-

do do restauro, que é aplicada nos materiais sobre gaze e que após secagem os consolida possibilitando a sua remoção em conexão).



Figura 9
Acção de formação,
na fotografia Cézer
Santos e André
Pereira.

Após a implantação de uma área de escavação com 5 m x 5 m, na incidência dos vestígios identificados em 2003, com um dos eixos orientado a Norte, iniciaram-se os trabalhos de limpeza da camada superficial, sendo retirada a terra solta e o coberto herbáceo, recolhendo-se os poucos vestígios materiais observados à superfície.

A escassos centímetros da superfície surgiram os primeiros vasos quase intactos, pelo que se tornou evidente a presença de um conjunto arqueológico excepcional, o qual, apesar do deficiente estado de conservação, permitiria a recolha de alguns exemplares de vasos cerâmicos notáveis.

Optou-se então por criar uma quadriculagem métrica numerada no eixo Sul-Norte de 1 a 5, tendo-se atribuído ao eixo Oeste-Este designações alfabéticas para cada quadrado, de A a E (ver esquema infra). Este procedimento permitiu assegurar um registo tridimensional pormenorizado durante os trabalhos de escavação, bem como um registo gráfico mais preciso.

Esquema de quadriculagem da área de escavação.

					Nm ▲
5					
4					
3					
2					
1					
	A	B	C	D	E

Posteriormente houve necessidade de alargar a escavação manual na envolvente da área quadriculada, tendo como objectivo determinar se o sítio arqueológico se expandia para além da mancha identificada, o que não se verificou.

Os trabalhos de escavação tentaram seguir, dentro das limitações impostas pelas tentativas de conservação do numeroso espólio densamente concentrado, o método *Barker-Harris*, ou seja, por unidades estratigráficas (U.E.), seguindo um compromisso entre camadas naturais e níveis artificiais.

A escavação foi realizada integralmente de forma manual e decorreu em profundidade até atingir o nível geológico. Todas as terras retiradas da área do depósito votivo foram passadas num crivo com malha de 3mm.

A atribuição de U.E.'s foi desenvolvida por ordem aleatória crescente, nunca se repetindo um número e preferencialmente seguindo a ordem da escavação.

4.1 Resultados

Logo após a decapagem da camada superficial ficou inteiramente circunscrita uma mancha de solo, encaixada na rocha calcária e preenchendo uma depressão natural, contendo cerâmica e fauna abundantes, numa área com aproximadamente 4 m de comprimento por 3 m de largura (Figuras 10 e 11).

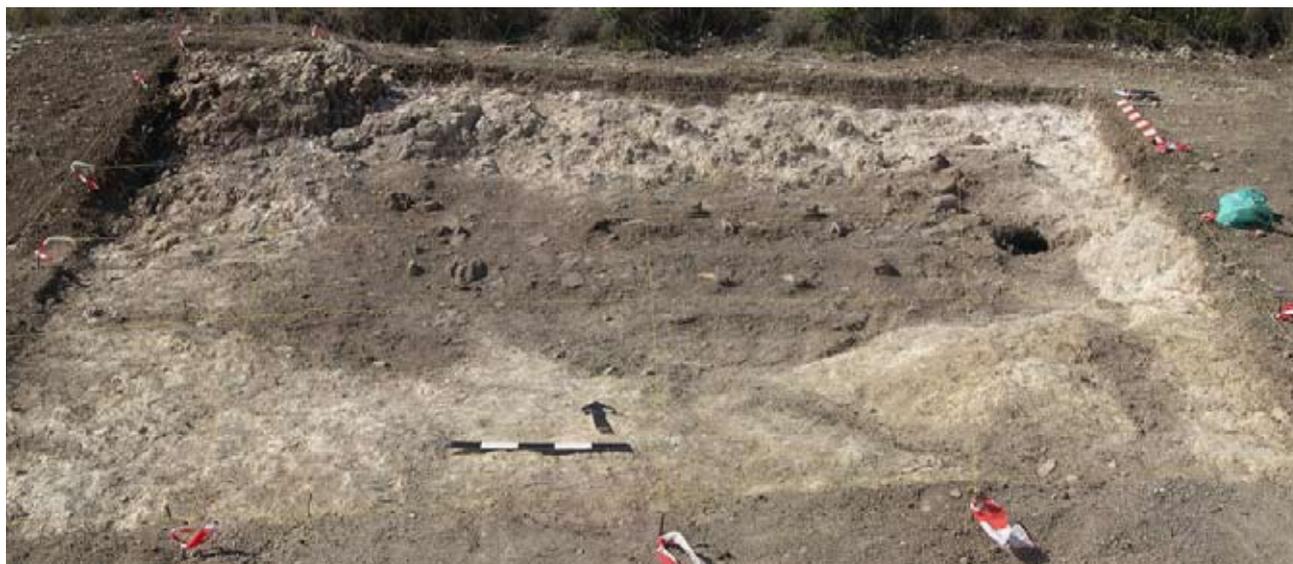


Figura 10
Depósito votivo
após a definição das
camadas de topo.

Com o desenrolar dos trabalhos de escavação, e dado o risco de eminente fragmentação dos vasos *in situ*, cada vez mais evidente, optou-se logo de início por fazer a sua remoção com recurso à cola acrílica *Plextol B500 Lascaux*, recomendada pelo arqueólogo Cézer Santos, como a menos agressiva para os materiais em questão. O processo, aplicado após formação dada pelo arqueólogo referido, consistiu no envolvimento dos vestígios cerâmicos em sucessivas camadas de gaze de algodão, porosa, seguidamente cobertas, a pincel, com a cola acrílica. Após secagem, foi fácil remover os vasos inteiros ou quase inteiros e em fragmentos de grandes dimensões. Muitas vezes, dado o minucioso (e moroso) trabalho de escavação para remoção dos vasos, foi necessário repetir este processo, conforme se ia escavando em volta dos vasos, no sentido de evitar a sua fragmentação imediata após a exposição ao ar.



Figura 11
Depósito votivo
após a definição das
camadas de topo.

A elevada densidade de vasos, de grandes fragmentos cerâmicos e de fauna, que preenchiam todo o depósito, associada à uniformidade da maioria dos sedimentos e à metodologia que foi necessário adoptar para a remoção das cerâmicas, dificultou a identificação de unidades diferenciadas, sobretudo no que concerne à U.E. [02].

A camada de sedimento identificada como U.E.[01] corresponde à camada vegetal de superfície, que cobre toda a área e envolvente, estando afectada pelo revolvimento executado aquando da descoberta de 2003 e pelas lavras que antecederam essa operação.

A U.E.[05] corresponde a uma vala irregular, de sentido S-N, existente nas quadrículas E.1/E.2, que poderá estar associada a uma toca de animal, abandonada, localizada nas quadrículas E.2/E.3 que atravessou e revolveu uma área considerável no extremo Este do depósito votivo. Considerando a grande dimensão desta toca e o facto de se encontrar escavada no calcário brando poderá ser de texugo (Figura 12).

Figura 12
Boca da toca após
definição.



A U.E.[06] é uma vala de origem antrópica, com orientação NO-SE, localizada nas quadrículas D.1/E.1, de secção sub-quadrangular com ângulos quase rectos na base. Todavia é duvidosa a sua função. Tem início no extremo SE do Depósito Votivo e desenvolvimento para SE na direcção dos covachos (Figura 13). Durante o acompanhamento da descoberta mecânica do terreno não foi possível detectar a existência desta estrutura tendo sido cortada até à zona de segurança deixada em torno da área de escavação. Por este motivo, desconhece-se o seu desenvolvimento para além do sector onde se

conservou. Porém, nos trabalhos realizados em 2003, tanto na área dos covachos como nas sondagens abertas na envolvente destes, não se identificou qualquer prolongamento daquela vala, pelo que se presume tenha sido afectada num curto troço. A associação da vala ao depósito votivo é muito duvidosa ainda que plausível. Poderá tratar-se de uma vala de drenagem relacionada com o espaço ritual ou com a prática agrícola posterior. Paralelamente a esta desenvolve-se um rasgo irregular que parece corresponder a uma marca de arado, podendo a referida vala ter sido aberta com uma enxada no âmbito de trabalhos agrícolas. Será de referir que na superfície da rocha, imediatamente a Oeste do depósito votivo, se observaram rasgos paralelos que poderão ter origem na passagem de arado em volta do afloramento calcário (Figura 14). Tal situação foi observada no povoado calcolítico da Moita da Ladra, onde as tais marcas, nos blocos pétreos, indicavam o local onde o arado invertia o andamento.

Figura 13
Vala correspondente à U.E.[06] e, paralelamente, rasgo irregular.



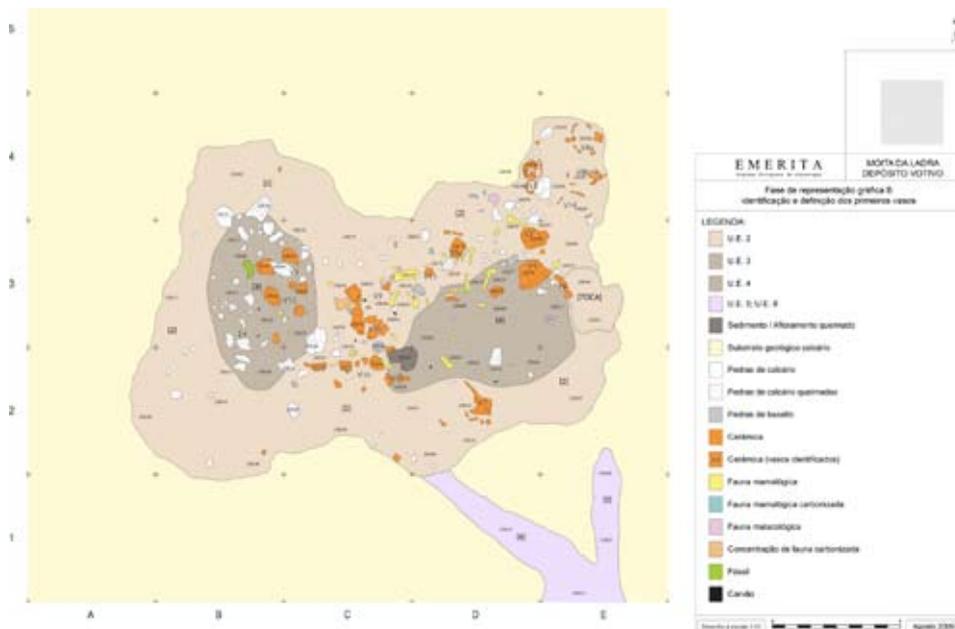
Figura 14
Marcas de arado.



Identificadas nas quadrículas C.3/D.3, a mancha de combustão correspondente à U.E.[09] e a contaminação do sedimento envolvente, correspondente à U.E.[11], poderão indicar uma fogueira, dado que os ecofactos que integram (essencialmente restos de bivalves) assim o sugerem. Dada a interpretação da funcionalidade do sítio, pode tratar-se de uma realidade ritual, possivelmente relacionada com uma refeição cerimonial.

Figura 15
Planta de topo do depósito votivo.

Na U.E.[12] foi recolhido o único fragmento de cerâmica com cronologias atribuíveis ao Calcolítico Final, pelo que deverá tratar-se de restos do paleosolo existente aquando da ocupação no Bronze Final.



A remoção cuidadosa dos vasos *in situ* e a abundância de fauna, materiais que se apresentavam concentrados de forma densa na área de escavação, tornaram difícil o registo gráfico de campo. Por esse motivo, e no que diz respeito à elaboração das plantas, optou-se por efectuar o registo gráfico de campo de acordo com dez fases diferenciadas alfabeticamente (exemplares de representação: Figuras 15 e 16).



Figura 16
Planta de fase intermédia do depósito votivo.

Após a conclusão da escavação efectuou-se o levantamento topográfico (Figura 17) e fotográfico da irregularidade da rocha calcária na área do depósito votivo.

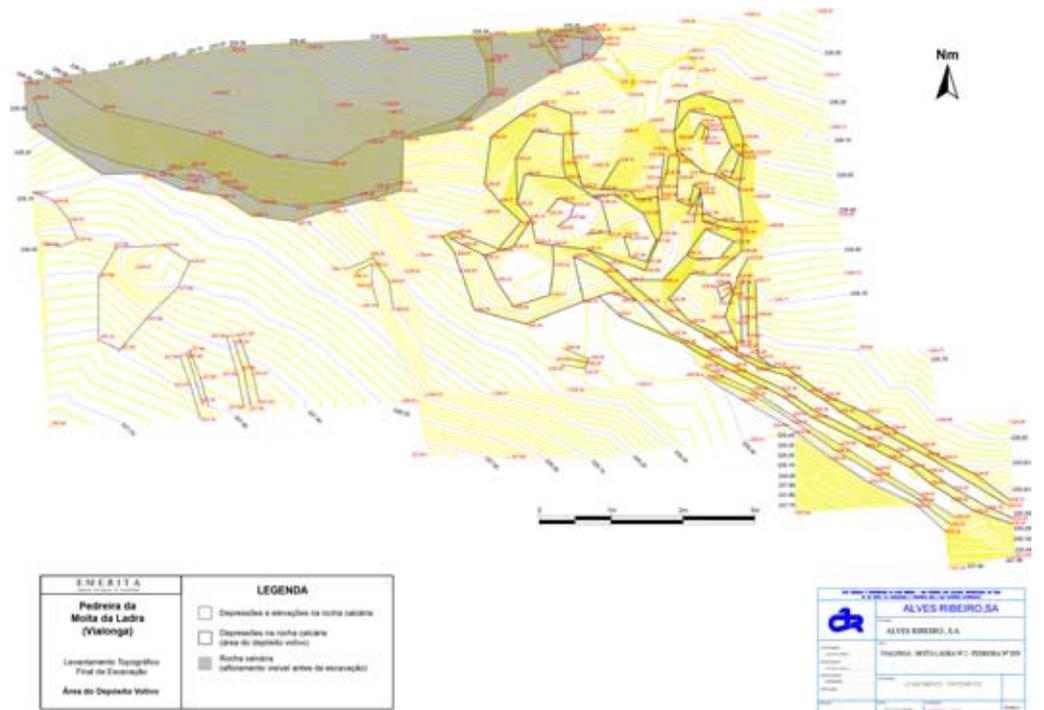


Figura 17
Levantamento topográfico, Final de escavação.

No que concerne aos perfis estratigráficos, optou-se pela representação daqueles que fossem representativos da morfologia da depressão no substrato geológico, com as camadas principais que o preenchem, cerâmica e fauna (exemplares de representação: Norte-Sul de B.1 a B.5 – Figuras 18 e 19; Oeste-Este de A.3 a E.3 – Figuras 20 e 21).

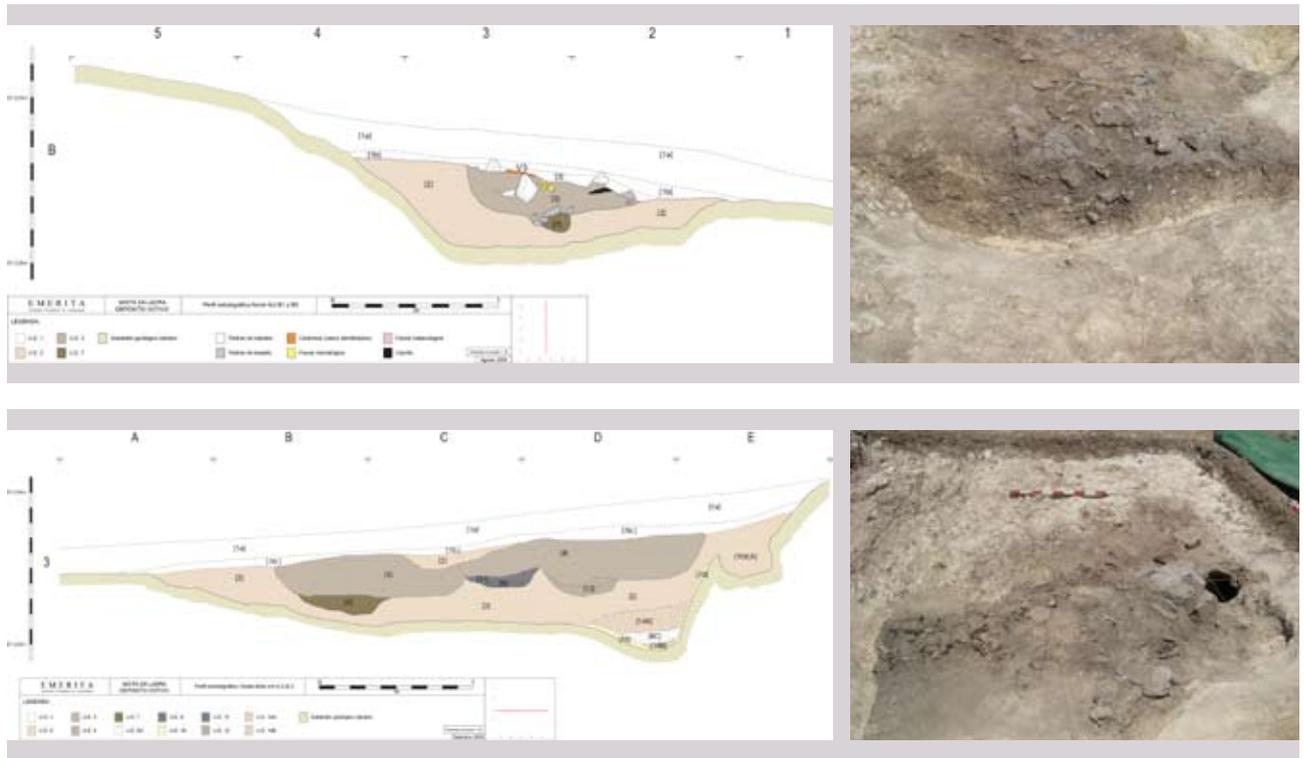


Figura 18
Exemplo: Perfil
estratigráfico
Norte-Sul de B.1 a B.5.

Figura 19
Perfil estratigráfico
Norte-Sul de B.1 a B.5.

Figura 20
Perfil estratigráfico
Oeste-Este em A.3 a E.3.

Figura 21
Perfil estratigráfico
Oeste-Este em A.3 a E.3.

4.2 Descrição das unidades estratigráficas (U.E.)

A atribuição de U.E.'s foi desenvolvida por ordem aleatória crescente, nunca se repetindo um número e seguindo preferencialmente a ordem da escavação.

O numeral que denomina cada U.E. corresponde ao seguinte código: dezenas e unidade – número atribuído às diferentes unidades identificadas.

A grande densidade do espólio, o mau estado de conservação, quase geral, em que se encontrava, a necessidade de remoção do espólio recorrendo a Plectol e a uniformidade dos sedimentos foram factores que dificultaram a atribuição de U.E.'s, o que deu origem a uma unidade de grande dimensão, a U.E. [02], que envolve as unidades diferenciadas. Certamente que esta unidade corresponde à acumulação de diversos episódios, todavia foi impossível destrinçar diferenças que os marcassem (Figura 22).

O mesmo se passou com as unidades [03] e [04], cuja separação se deve exclusiva-

mente ao facto de no topo se encontrarem separadas pela U.E.[02].

Foram identificadas 17 unidades estratigráficas, correspondendo a duas estruturas negativas e quinze camadas de sedimento.

A camada de superfície, identificada como U.E.[01], encontrava-se sob denso coberto herbáceo e era constituída por um sedimento

Figura 22
Topo das U.E.'s [02], [03]
e [04].



orgânico com raízes abundantes, cobrindo toda a área de escavação e envolvente. De modo a registar a potencia da U.E.[01] e diferenciar as diferentes fases de trabalho, estabeleceu-se como U.E.[01a] a camada removida mecanicamente em 2003 e como U.E.[01b] a camada escavada manualmente em 2009.

Preenchendo a depressão natural no afloramento calcário a U.E.[02] embala abundantes materiais arqueológicos, com principal incidência na área central, e envolve as unidades [03], [04], [07], [09] e [11].

As unidades [03] e [04] são camadas de sedimento muito semelhantes à U.E.[02], cuja diferença em relação a esta última reside no facto de possuírem tonalidade mais enegrecida, resultado, talvez, da contaminação com a matéria orgânica (fauna e carvões) nelas



existente. Englobam materiais cerâmicos muito abundantes (contando-se, no conjunto, alguns vasos inteiros), fauna mamalógica e malacológica e alguns artefactos de metal.

Envolvida na U.E.[04] identificou-se uma deposição *in situ* que testemunha um momento específico da utilização do espaço e reforça a hipótese da sua função ritual e votiva. Trata-se da deposição dos quartos traseiros de um animal (canídeo?), em posição anatómica (ver Figura 28), estando em associação com vasos e outra fauna (Figura 23).

As U.E.'s [05] e [06] correspondem a estruturas negativas escavadas no calcário brando (Figura 24), que estavam preenchidas com um sedimento orgânico similar à U.E.[01].

A U.E.[05] corresponde a uma vala irregular, de orientação S-N, que poderá estar associada a uma toca de animal localizada imediatamente a Norte, e cuja abertura atravessou e revolveu uma área considerável no extremo Este do depósito votivo.

A U.E.[06] é uma vala de origem antrópica (?), com orientação NO-SE, de secção sub-quadrangular com ângulos quase rectos na base. Poderá estar associada à toca de texugo (?), animal que vive em complexos de tocas (ou texugueiras) escavados no solo, que consistem num sistema de túneis com várias câmaras em



Figura 23
Quartos traseiros na U.E. [04].

Figura 24
U.E.'s [05] e [06].

diferentes níveis, que atingem centenas de metros de comprimento com múltiplas câmaras subterrâneas. Os ângulos quase rectos poderão ser apenas uma coincidência.

A U.E.[07] corresponde a uma bolsa localizada sob a U.E.[03], de uma e eventual área de combustão, muito espreada, dada a abundância de carvões vegetais, que lhe conferem uma coloração muito enegrecida e acinzentada. Tal como as U.E.'s [03] e [04], inclui abundantes materiais arqueológicos cerâmicos, restos de fauna mamalógica e malacológica e alguns fragmentos de artefactos metálicos. Esta unidade corresponde a um momento diferenciado de utilização do espaço como local de combustão (Figura 25).



Figura 25
U.E. [07].

Figura 26
U.E. [09] e U.E.[11].

Figura 27
U.E. [12].

As U.E.'s [08a], [08b] e [08c] correspondem a manchas disformes que resultam da presença de calcário apodrecido, proveniente de escoamento a partir do afloramento calcário. Os materiais arqueológicos são raros e encontram-se apenas na U.E.[08a], admitindo-se que correspondam a intrusões a partir das camadas envolventes.

A mancha de combustão correspondente à U.E.[09], identificada nas quadrículas C.3/D.3, e a contaminação do sedimento envolvente correspondente à U.E.[11], podem documentar uma fogueira estruturada, cujos blocos delimitadores se encontravam desordenados (Figura 26). Forma uma bolsa de coloração castanha escura com laivos acinzentados, pouco compacta, com a presença de matéria carbonizada e abundantes restos de bivalves. A presença de cerâmicas, de fauna mamalógica, líticos e de metais é rara, podendo corresponder a infiltrações de materiais das camadas envolventes. Atendendo ao contexto, poderá indicar uma refeição cerimonial. Encontrando-se claramente associada, a diferenciação na coloração da U.E.[11] é resultante da contaminação originada pela dissolução e infiltração dos carvões da U.E.[09].

A U.E.[10] corresponde a uma camada esbranquiçada, presente na área Este do depósito votivo, sobre o afloramento calcário, sendo essencialmente composta por carbonato de cálcio, pelo que deverá tratar-se da desintegração da rocha por infiltração de água. Não existem materiais arqueológicos nesta camada.

A U.E.[12] é constituída por sedimento areno-argiloso compacto, com alguns carvões, de coloração castanha, sendo semelhante à U.E.[04], pelo que poderá tratar-se da mesma realidade, embora sejam menos abundantes os fragmentos cerâmicos e a fauna (Figura 27). Nesta camada foi recolhido o único fragmento de cerâmica com cronologia atribuível ao Calcolítico Final, pelo que poderá tratar-se de vestígios do solo antecedente à ocupação no Bronze Final.

A U.E.[13], situada na quadrícula D.2, corresponde a um sedimento de coloração castanha clara que preenche uma irregularidade na rocha e contém alguma fauna mamalógica e malacológica e fragmentos cerâmicos. Num plano mais elevado, esta unidade contém um conjunto de ossos dispostos, aparentemente, de modo organizado, *in situ*, que podem corresponder a um depósito (ritual?) preservado (Figura 28). Junto ao afloramento estavam diversos blocos de calcário que, provavelmente, se terão destacado do afloramento, documentando um dos primeiros momentos de utilização do espaço.



Figura 28
U.E. [13].

apenas é questionável nas camadas superiores devido aos trabalhos agrícolas, patentes em algumas marcas de arado no afloramento, à descoberta realizada em 2003 e à toca localizada na extremidade Este do depósito.

4.3. Espólio

De modo proporcionar uma visão de conjunto dos vasos e a estabelecer uma relação entre diferentes fragmentos e a sua posição no depósito, efectuou-se a numeração, sobre fotografia, dos vasos na sua posição de jazida (Figura 29), com aplicação nas representações gráficas. Como resultado obteve-se o número aproximado de 50 vasos.

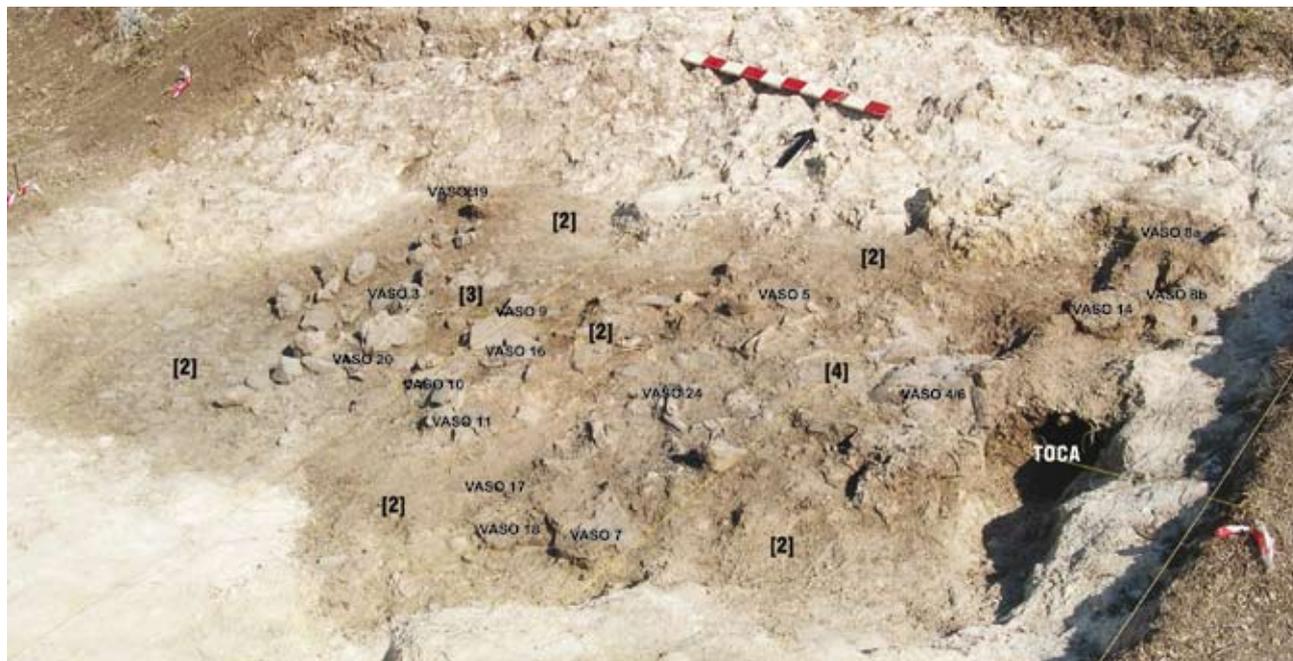


Figura 29
Numeração sobre
fotografia de vasos
in situ nas camadas
superiores.

A fauna, mamalógica e malacológica, era também abundante e encontrava-se em associação com as cerâmicas. Em contraste com a dispersão, aparentemente caótica, da fauna, destacam-se duas deposições, anteriormente referidas nas U.E.[04] e U.E.[13], os quartos traseiros de um animal (Figura 30) e um conjunto de ossos (Figura 31).

As U.E.'s [14a] e [14b], ambas constituídas por sedimentos de coloração castanha escura, preenchem a zona mais profunda da depressão na rocha e encontram-se separadas pela U.E.[08c] pelo que correspondem a duas realidades diferenciadas. Apenas a U.E.[14a] contém alguns materiais arqueológicos (cerâmica e fauna), mas podem ser de intrusões provenientes da camada correspondente à U.E.[04].

Apesar da contaminação verificada entre camadas e da disposição quase integralmente caótica do espólio arqueológico, estamos cientes de ter documentado um contexto preservado cuja rigorosa delimitação de U.E.'s

Figura 30
U.E. [04] ossos em
posição anatómica.



Figura 31
U.E.[13] Conjunto de
ossos *in situ*.

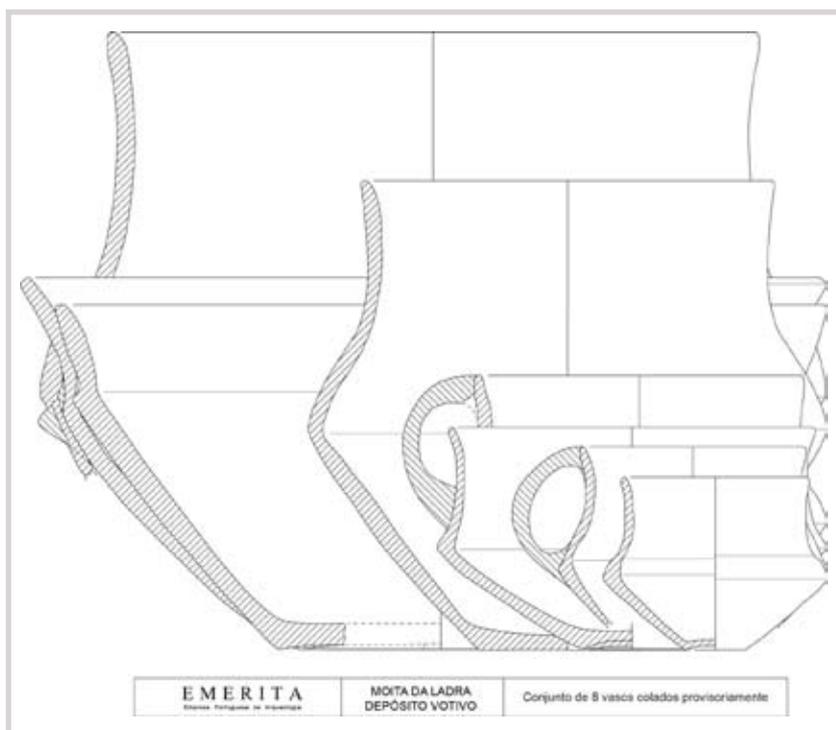


O espólio metálico é raro, sendo constituído sobretudo por fragmentos de elementos de adorno, para vestuário, em bronze (fíbulas, alfinetes, argolas e fragmentos indeterminados), distribuídos um pouco por todas as U.E.'s. A presença de fragmentos de ferro é muito rara, indiciando uma utilização incipiente da fundição de ferro.

O material lítico é constituído, sobretudo, por restos de talhe em sílex, em quartzito e em quartzo, entre os quais se encontra um fragmento de lamela em sílex. Dada a ocupação da Moita da Ladra desde o Neolítico Antigo, poderá dar-se o caso destes materiais serem oriundos de escorrências ou de terras atiradas intencionalmente sobre os depósitos votivos.

Entre o espólio lítico foram ainda exumados uma conta de colar em moscovite e quatro fragmentos de distintas placas em calco-arenito. Sendo o calco-arenito uma matéria que não existe no local, a sua origem pode estar em terrenos situados a Norte, onde se conhece a existência desta matéria. Duas placas não apresentam vestígios de utilização, uma tem uma face com polimento e a quarta encontra-se polida nas duas faces. O facto de ser matéria trazida do exterior (tal como o sílex, o quartzo e o quartzito) implica que teria uma funcionalidade específica, possivelmente para afiar o gume de artefactos metálicos, o que poderá explicar o polimento de duas das placas.

Figura 32
Conjunto dos oito
vasos estudados.



A distribuição aleatória do espólio lítico e metálico sugere que tais peças não integravam deposições votivas, sendo, mais provavelmente, peças perdidas e/ou peças que se encontravam envolvidas nas terras utilizadas no encerramento do espaço, após cada uma das cerimónias rituais que ali terão sido realizadas.

Deste modo, considera-se que as deposições votivas seriam constituídas exclusivamente por vasos e alimentos.

Do espólio cerâmico recolhido foram seleccionados, e desenhados, oito vasos (Figura 32) que se encontravam em melhor estado de conservação e que permitem ilustrar a diversidade de formas e tipologias presentes neste depósito.

Materiais metálicos

Os materiais metálicos são raros, encontram-se muito fragmentados e estão distribuído um pouco por todas as U.E.'s. Numa primeira análise parecem ser na quase totalidade peças de adorno, usadas sobre vestuário. A presença de fragmentos de ferro é rara.

O estudo detalhado e a representação gráfica destas peças será efectuada após a conclusão das análises químicas e da estabilização e restauro.

Peças em bronze

O espólio em bronze é constituído por cinco fragmentos indeterminados, dois alfinetes fragmentados (Fotografias 39 e 40), cinco argolas (Fotografias 41 e 42) completas (uma das quais fragmentada em duas partes) e quatro fragmentos de fíbulas (Fotografias 43 e 44), sendo que uma delas apesar de muito fragmentada poderá estar completa.



Figura 33
Exemplar de alfinete
ou agulha *in situ*.



Figura 34
Exemplar de argola.



Figura 35
Fíbula melhor
conservada, *in situ*.

Presentes no acervo metálico, ocorrem também pontas de alfinetes ou agulhas (Figura 33) e pequenas placas de bronze que podem corresponder a peças de artefactos de adorno.

As argolas de bronze (Figura 34) correspondem a artefactos multifuncionais, de adorno ou pertencentes a sistemas mecânicos mais complexos, sendo comuns a contextos da Idade do Bronze, habitacionais ou funerários, de Norte a Sul do território continental.

Salientam-se quatro fragmentos de fíbulas, sendo uma claramente pertencente a uma peça de enrolamento no arco (Figura 35), idêntica às descobertas na Roça do Casal do Meio, Cabeço do Crasto de S. Romão, Santa Luzia e Senhora da Guia, no território nacional e que Salette da Ponte (PONTE, 2006), coloca nos séculos XI a X a.n.e. em Huelva e, mais tarde, em Sesimbra, com balizas cronológicas apontadas entre o século X e a primeira metade do século IX. Esta tipologia também está representada além-Pirenéus, revelando intercâmbios peninsulares e extra-peninsulares e, de igual modo, relações com o Mediterrâneo oriental (CARDOSO, 1995; SENNA-MARTÍNEZ, 1994).

Peças em ferro

Apenas foram recolhidos 2 fragmentos de ferro e um pedaço de escória ferruginosa, não sendo possível determinar a função das peças no actual estado do estudo dos materiais.

Líticos

Os materiais líticos são constituídos, quase exclusivamente, por lascas e restos de talhe em sílex e em quartzo, com dez fragmentos de sílex e dez fragmentos de quartzo (Figura 36). Para além destes foi recolhido um resto de talhe em quartzito.

Entre o espólio lítico merece destaque um fragmento de lamela em sílex e uma conta de colar em moscovite, esta última em fase de análise química.

Figura 36
Restos de talhe em quartzo e quartzito (duas primeiras linhas) e em sílex



Figura 37
Placa em calco-arenito com as duas faces polidas, face com incisões.



O conjunto lítico integra quatro fragmentos de placas em calco-arenito, duas delas com vestígios de uso, uma com polimento numa face e a outra polida nas duas faces, tendo incisões numa das faces (Figura 37). As duas restantes placas não apresentam vestígios de utilização. Sendo esta matéria-prima compacta e abrasiva, tais peças poderiam ter como função afiar o gume de artefactos metálicos, como parecem indiciar as incisões presentes na face de uma das placas.

Fauna

Sendo muito abundante e diversificada, a fauna mamalógica (Figura 38) e malacológica (Figura 39) estava presente em todas as unidades que continham artefactos arqueológicos.

Figura 38
Fauna mamalógica.



Figura 39
Fauna malacológica.



Há a possibilidade de alguns dentes e ossos serem humanos, todavia, tal como a restante fauna, estes encontram-se em estudo, não havendo ainda dados concretos.

Neste conjunto destacam-se as já mencionadas deposições, ou sejam, na U.E.[04] os quartos traseiros de um animal (canídeo?) em posição anatómica e na U.E.[13] um conjunto de ossos dispostos de modo organizado.

Na opinião do doutor António Monge Soares, alguns ossos apresentam uma coloração provocada por exposição a fogo intenso, efeito que pode ter resultado de terã sido atirados para dentro de uma fogueira após o consumo ou de terem sido ateadas fogueiras sobre aqueles ossos que já se encontravam depositos no local.

Exumaram-se dois fragmentos de fósseis marítimos em calcário. Uma vez que nos calcários locais se observam alguns fósseis será legítimo duvidar da intencionalidade da sua inclusão no depósito votivo.

Cerâmica

As cerâmicas constituem a grande maioria do espólio exumado, predominando os vasos muito fragmentados. Todavia, julgamos que estavam presentes no depósito quase todos os fragmentos de cada vaso, senão todos, circunstância que permitirá efectuar a colagem e o restauro da maioria dos vasos.

Foram seleccionados oito vasos que permitiram abarcar várias formas e tipologias (Figura 40), tendo sido provisoriamente colados e desenhados.

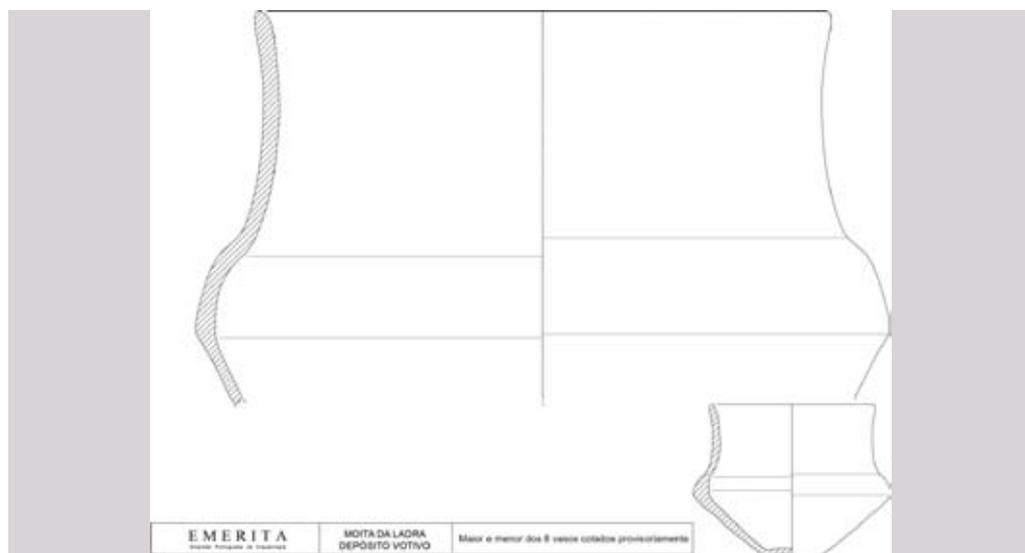


Figura 40
O maior e o menor
dos oito vasos
estudados.

Constatou-se que os vasos das camadas de topo e os localizados na extremidade Este se encontravam melhor conservados, estando os das camadas inferiores, principalmente na zona central, maioritariamente em muito mau estado de conservação. Casos havia em que para além da extrema fragmentação se encontravam esmagados bojo contra bojo, como se fossem duas “bolachas” sobrepostas, pertencentes ao mesmo recipiente.

Verificou-se igualmente que os vasos se encontravam posicionados de diversas formas, com a boca para baixo, lateralmente, sobre o fundo, e com inclinações também variadas. Tal facto sugere que estavam dispostos de modo aleatório.

O estado de preservação do depósito votivo poderá dever-se a diversos factores: por se situar em área que não foi atingida pela circulação de máquinas afectas à pedreira, onde não houve arborização (existem pinheiros mansos dispersos pela área da pedreira mas os

mais próximos estão a cerca de 30 m de distância) e onde se praticou uma agricultura cerealífera recorrendo a métodos tradicionais e por isso pouco intrusiva. Neste último caso, e reforçando o reduzido impacto causada pela agricultura, a presença do afloramento obrigaria o arado a contornar a área do depósito, situação que parece ser corroborada por rasgos observados no calcário brando, tanto de Este para Oeste como de Norte para Sul, a que se atribuiu como causa provável a passagem do arado.

Deste modo, a pressão exercida sobre o depósito votivo, que pode ser a principal causa do mau estado de conservação dos vasos, não estará relacionada com actividades desenvolvidas nos últimos séculos, mas com acções contemporâneas da formação deste depósito.

A hipótese mais plausível é que o mau estado de conservação das cerâmicas e a própria dispersão caótica destas, tal como dos restantes materiais arqueológicos, esteja relacionada com acções ocorridas durante a utilização do espaço, no Bronze Final.

Como antes referido, o mau estado das cerâmicas pode ter sido provocado por mais do que um factor: os vasos poderão ter sido intencionalmente partidos no âmbito do ritual, garantindo-se assim que não voltariam a ser utilizados; após o ritual o espaço votivo poderia ter sido selado com terra e pedras; antes do início de uma nova cerimónia o depósito votivo originado pela cerimónia antecedente também poderia ter sido coberto com terra e pedras, com a finalidade de selar aquele episódio e nivelar o terreno para o acto que iria decorrer (estes dois últimos casos podem responder ao posicionamento aleatório dos vasos, à sua fragmentação e dispersão dos fragmentos, à existência de blocos pétreos dispersos por toda a área do depósito e ao próprio enchimento da depressão onde este se encontrava); a realização de fogueiras sobre os depósitos anteriores terão alterado o estado da cerâmica que ali se encontrava deixando-a fragilizada; a realização das novas cerimónias e o pisoteio dos depósitos anteriores terá acentuado, conjuntamente com outros factores, a fragmentação e o esmagamento dos artefactos jazentes.

A reutilização ritual de um recipiente quebrado, que teria uma menor capacidade de uso ou que estaria inutilizado para o uso doméstico, é patente pelo menos no vaso 32, o qual contém três pares de perfurações para gateamento (Figura 41), sendo também o melhor preservado em todo o acervo cerâmico. O estado de conservação deveu-se não só ao facto de se encontrar de boca para baixo mas principalmente à boa qualidade da cerâmica. Contrastando na qualidade com a maioria dos recipientes ali depositados, coloca-se uma questão: serão os vasos melhor conservados, aqueles que aparentemente têm uma pasta de melhor qualidade, uma reutilização ritual de recipientes domésticos que se encontravam quebrados? E de outro modo, as pastas dos vasos mal conservados, além de alteradas pela acção das fogueiras ateadas sobre o local onde se encontravam, podem ter sido produzidas para aquele fim específico (o depósito votivo), ocorrendo uma economia tanto na escolha e depuração das argilas como na cozedura dos recipientes.



Figura 41
Vaso 32 com três pares de perfurações para gateamento (após colagem).

No que concerne aos acabamentos são notórias as superfícies brunidas, todavia sem vestígios da usual decoração de ornatos brunidos do Bronze Final. Estando as superfícies muito degradadas podem ter desaparecido evidências deste tipo de decoração. Contudo, a elevada quantidade de vasos e os abundantes vestígios de acabamento brunido que se observam, indiciam que no depósito votivo apenas foram utilizados vasos com este acabamento em toda a superfície exterior ou simplesmente alisados.

Como esta hipótese não pode ser validada no actual estado de conhecimento, o acabamento brunido das superfícies e a ausência de ornatos brunidos (ou de outro tipo de decorações) poderá corresponder a uma tradição local, ou mesmo regional. É certo que o povoado, a existir, não foi escavado, contudo, documentou-se idêntica característica nos vasos exumados nos dois covachos escavados em 2003 e nos frequentes fragmentos cerâmicos observados e/ou recolhidos à superfície e no decorrer do acompanhamento arqueológico.

No povoado de Santa Sofia, situado cerca de 10 km para NE, segundo informação de João Pimenta e Henrique Mendes, também não se identificaram cerâmicas de ornatos brunidos. Certo é que as cerâmicas do Bronze Final aqui exumadas se encontravam dispersas por uma área mais vasta e em mau estado de conservação.

O facto de em ambos os sítios não se terem encontrados cerâmicas decoradas poderá ser circunstancial, mas não se deve excluir a possibilidade de corresponder a uma tradição de expressão local.

Efectuou-se o estudo, o desenho e a descrição dos oito vasos que se encontravam em melhor estado de conservação, constituindo um conjunto uniforme enquadrável no Bronze Final (Figuras 42 a 59).

Em fase de estudo ainda precoce, foram estabelecidos alguns paralelos morfológicos entre o conjunto restaurado e exemplares da chamada “Baixa Estremadura”, da Península de Setúbal, além de pequenas incursões pelo Bronze Final das Beiras.

O estudo do restante conjunto, de cerca de 40 vasos, por restaurar, permitirá uma melhor compreensão do conjunto e confirmar ou refutar as conclusões aqui formuladas.

Vaso 1

Vaso de pequena dimensão, carenado, de colo médio, ombro convexo e bordo ligeiramente esvasado. Possui uma asa de fita, partindo do bordo para a carena. O fundo é côncavo, apresentando um ônfalo. A pasta, em relação ao conjunto exumado, parece de boa qualidade e a superfície externa apresenta-se integralmente brunida, embora de forma rude (Figuras 42 e 43). Indicam-se paralelos morfológicos para este exemplar na necrópole de Tanchoal dos Patudos, em Alpiarça (MARQUES, 1972) e iguais formas e dimensões, embora sem asa, na Lapa do Fumo, em Sesimbra, no Cabeço da Bruxa em Alpiarça (MARQUES e ANDRADE, 1974), e nos Moinhos da Atalaia, na Amadora (PARREIRA e PINTO, 1978).

Figura 42
Vaso 1 *in situ* (era o que se encontrava mais próximo da superfície).



Figura 43
Vaso 1 após colagem.



Vaso 2

Vaso de média dimensão, carenado, de colo alto, ombro convexo e bordo ligeiramente esvasado. O fundo apresenta-se plano. Em relação ao conjunto exumado, a pasta é de média qualidade. A superfície externa apresenta-se alisada ou rudemente brunida (Figuras 44 e 45). Existem paralelos morfológicos, embora com ornatos brunidos, no Monte da Pena, em Torres Vedras (MADEIRA, GONÇALVES, RAPOSO e PARREIRA, 1972) e na Necrópole de Meijão, em Alpiarça (MARQUES, 1972), este incluindo asa. Em diversos contextos referidos por Gustavo Marques e Miguéis Andrade, desde a Lapa do Fumo a Baiões, encontram-se recipientes de igual forma (MARQUES e ANDRADE, 1974).

Figura 44
Vaso 2 *in situ*.



Figura 45
Vaso 2 após colagem.



Vaso 9a

Vaso de grande dimensão, carenado, de colo baixo, ombro curto e bordo recto. O fundo apresenta-se ligeiramente côncavo. A pasta é de boa qualidade, tendo em conta o restante conjunto exumado. A superfície externa apresenta-se rudemente brunida (Figuras 46 e 47). Existem paralelos morfológicos, mas de dimensões mais reduzidas, no Moinho da Atalaia, Amadora (PARREIRA e PINTO, 1978), no Abrigo Grande das Bocas, Rio Maior (CARREIRA, 1994), e em Santa Sofia, Quinta da Marquesa II e Castro do Amaral, em Vila Franca de Xira (PIMENTA e MENDES, 2010/11). De dimensões variadas e maioritariamente com ornatos brunidos na superfície externa, tais formas estão presentes em diversos contextos referidos por Gustavo Marques e Miguéis Andrade, desde a Mangancha a Baiões (MARQUES e ANDRADE, 1974).

Figura 46
Vaso 9a *in situ*
(fragmentos à direita).



Figura 47
Vaso 9a após colagem.



Vaso 13

Vaso de muito pequena dimensão, carenado, de colo médio, ombro convexo e bem marcado, e bordo esvasado. O fundo apresenta-se côncavo, com ônfalo. Comparativamente ao

conjunto recolhido, a pasta é de boa qualidade. A superfície externa apresenta-se brunida (Figuras 48 e 49). Os paralelos morfológicos deste recipiente encontram-se na necrópole de Tancoal dos Patudos, em Alpiarça (MARQUES, 1972) e nos Moinhos da Atalaia, na Amadora (PARREIRA e PINTO, 1978). Outros paralelos formais, de dimensões variadas, foram recolhidos em diversos contextos referidos por Gustavo Marques e Miguéis Andrade, desde a Lapa do Fumo a Baiões (MARQUES e ANDRADE, 1974).

Figura 48
Vaso 13 *in situ*.



Figura 49
Vaso 13 após colagem.



Vaso 29

Vaso de pequena dimensão, carenado, de colo médio, ombro convexo e bordo ligeiramente esvasado. Possui uma asa de fita, partindo do bordo para a carena. Não conserva o fundo. A pasta é de boa qualidade, em relação ao conjunto exumado. A superfície externa apresenta-se integralmente brunida, mas de modo rude (Figura 50 e 51). Tal como o Vaso 1, tem paralelos formais na necrópole de Tancoal dos Patudos, em Alpiarça (MARQUES, 1972) e igual morfologia, mas desprovida de asa, na Lapa do Fumo, em Sesimbra, no Cabeço da Bruxa em Alpiarça (MARQUES e ANDRADE, 1974), e nos Moinhos da Atalaia, na Amadora (PARREIRA e PINTO, 1978).

Figura 50
Vaso 29 *in situ*.



Figura 51
Vaso 29 após colagem.



Vaso 32

Vaso de grande dimensão, carenado, de colo médio, ombro curto e bordo recto. O fundo é ligeiramente côncavo. Apresenta dois mamilos juntos, com perfurações verticais. A pasta é de boa qualidade em comparação com o conjunto exumado e a superfície externa encontra-se alisada, com alguns vestígios do que poderá ser brunimento. Este vaso foi gateado (com três pares de perfurações) e por esse motivo admite-se que tenha sido reaproveitado de contexto habitacional (Figuras 52 e 53). Existem paralelos morfológicos, de dimensões variadas, e maioritariamente com ornatos brunidos em diversos contextos referidos por Gustavo Marques e Miguéis Andrade, da Mangancha ao Jardo

(MARQUES e ANDRADE, 1974). Nesta fase preliminar do estudo foram também identificados paralelos em povoados da Beira Interior (VILAÇA, 1995).

Figura 52
Vaso 32 *in situ*.



Figura 53
Vaso 32 após colagem.



Vaso 37a+46

Vaso de pequena dimensão, carenado, de colo baixo, ombro recto e bordo esvasado. O fundo é côncavo, apresentando ônfalo. A pasta é de boa qualidade, tendo em conta o conjunto exumado. A superfície externa apresenta-se alisada ou rudemente brunida (Figuras 54 e 55). Identificam-se paralelos morfológicos, de idêntica dimensão, no Monte da Pena, em Torres Vedras (MADEIRA, GONÇALVES, RAPOSO e PARREIRA, 1972) e no Castro do Amaral, em Vila Franca de Xira (PIMENTA e MENDES, 2010/11).

Figura 54
Vaso 37A *in situ*.



Figura 55
Vaso 37A após colagem.



Vaso 45a

Vaso de grande dimensão, carenado, de colo alto, ombro convexo bem marcado e bordo esvasado. Não conserva o fundo. Em relação ao conjunto cerâmico, a pasta é de fraca qualidade, exibindo vestígios de alisamento na superfície externa (Figuras 56 e 57). Identificam-se paralelos formais, de idênticas dimensões, nas necrópoles de Tanchoal dos Patudos e Meijão, Alpiarça (MARQUES, 1972).

Figura 56
Vaso 45A *in situ*
(aparentemente partido em duas partes, à esquerda o fundo, à direita o bordo correspondente à colagem).



Figura 57
Vaso 45A após colagem.



Atendendo às características do espólio cerâmico estudado, consistindo em oito vasos num total de mais de 50, o depósito da Moita da Ladra insere-se, cronologicamente, numa 2.ª etapa do Bronze Final da Baixa Estremadura, cerca de séculos X e IX a.n.e., quiçá contemporânea da cerâmica de ornatos brunidos do tipo “Alpiarça” ou “Lapa do Fumo”, tendo as formas cerâmicas maior afinidade com o conjunto publicado por Gustavo Marques (MARQUES, 1972; MARQUES e ANDRADE, 1974) do que com o de Eduardo da Cunha Serrão (SERRÃO, 1958, 1959, 1970).

A evidente ausência de ornatos brunidos nas superfícies destes recipientes, apesar do brunimento muitas vezes vestigial, e os dados resultantes das análises cronométricas previstas, pode fazer avançar as cronologias para uma fase em que já começam a intensificar-se os contactos mediterrânicos orientalizantes, para meados do século VIII.

Pela análise do espólio metálico e cerâmico, podemos avançar com um balizamento da formação do depósito da Moita da Ladra entre os séculos X e IX a.n.e., apesar da ausência do que é tomado como “fóssil-director” desse período, designadamente a decoração das superfícies dos recipientes com ornatos brunidos. Situação idêntica ocorre no povoado de Santa Sofia (conforme a informação de João Pimenta e Henrique Mendes), cuja ocupação deverá ter sido, num determinado momento, contemporânea deste depósito.

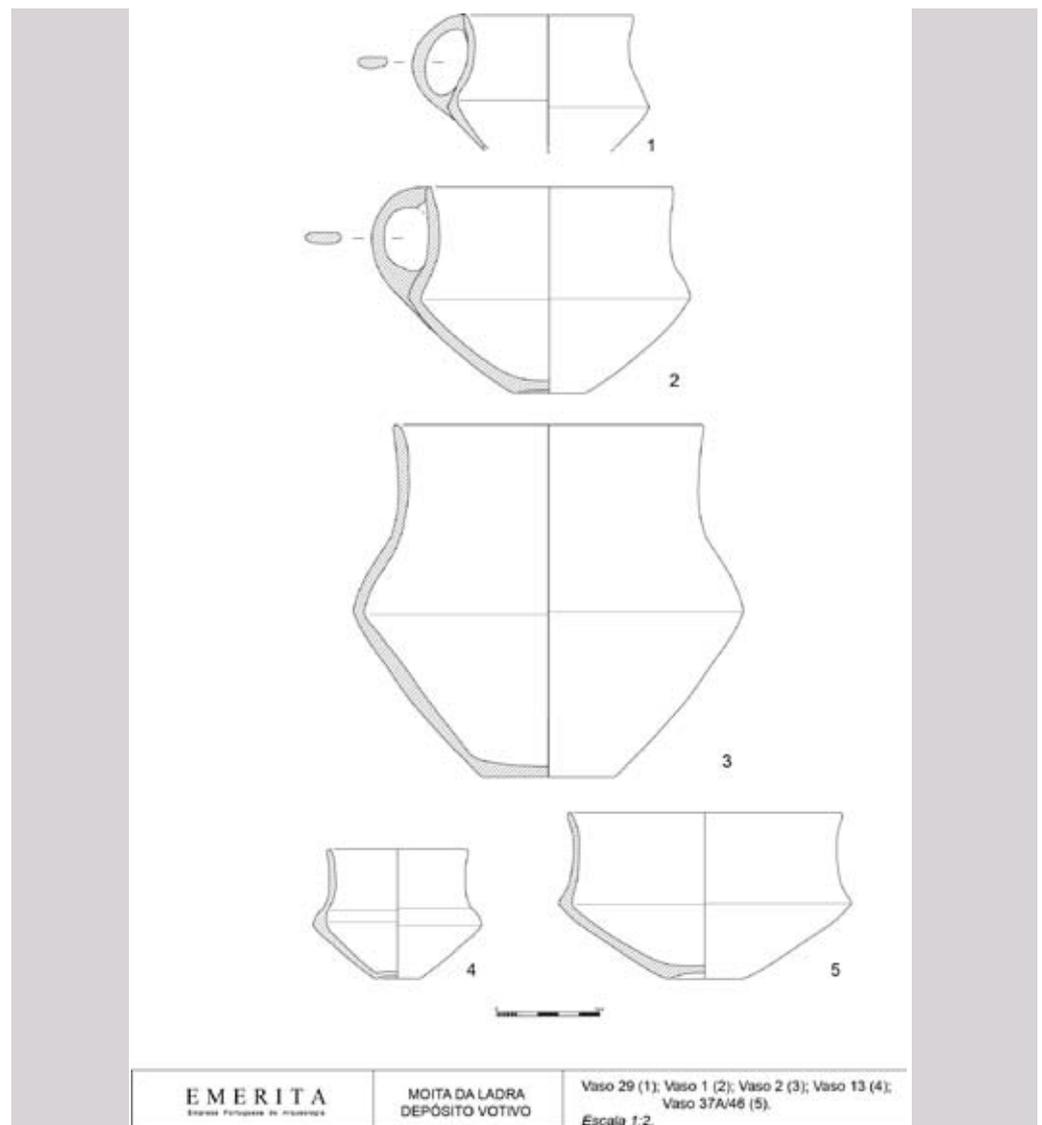


Figura 58
Desenhos de vasos.

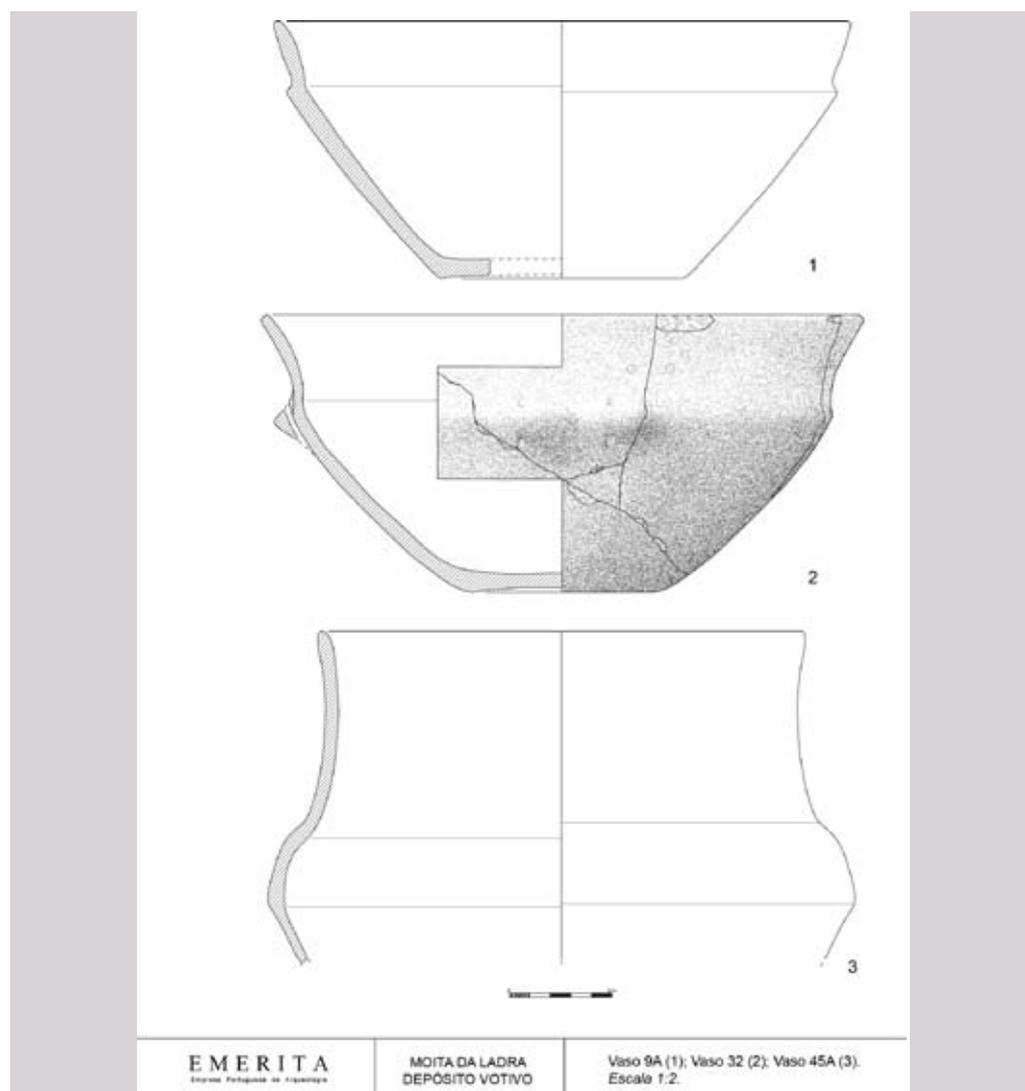


Figura 59
Desenhos de vasos.

5. Considerações Finais

O local do depósito votivo de Moita da Ladra, abrange uma área com pouco menos de 4 m de comprimento por 3 m de largura e uma profundidade máxima de cerca de 70 cm, e terá sido ocupado durante um curto período de tempo, durante o qual foi continuamente utilizado.

Supõe-se que aqui tenham decorrido, em sucessivos momentos, rituais relacionados com a morte, associados a refeições rituais e, hipoteticamente, a depósitos votivos, constituídos por espólio cerâmico (possivelmente contendo bens alimentares) e faunístico. Mas não se deve excluir a hipótese destes rituais terem sido dedicados a uma divindade.

Foi utilizada uma depressão natural (Figuras 60 e 61), muito irregular, na base da qual se identificou uma camada que poderá corresponder ao paleossolo existente no início da sua utilização como espaço ritual e na qual foi recolhido um pequeno fragmento de cerâmica com decoração campaniforme geométrica.

O mau estado de conservação e a dispersão das cerâmicas devem estar relacionados com a contínua utilização do espaço. Após cada ritual deve admitir-se que os vasos fossem intencionalmente quebrados ou o local fosse simplesmente coberto com terra, de modo



Figura 60 e 61
Depressão após o final
dos trabalhos.

a permitir um novo ritual no mesmo espaço. Os blocos pétreos ali presentes, de pequena e média dimensão, encontravam-se em todas as camadas, misturados com os materiais e em total desorganização, como se tivessem sido colocados de modo não estruturado.

Não existem estruturas que definam claramente áreas de combustão, sendo contudo abundante em todas as unidades arqueológicas a contaminação dos sedimentos com carvão (registando-se fragmentos de carvão muito reduzidos) e a existência de blocos de calcário com evidências de exposição ao fogo.

Apesar das marcas de arado (estes terrenos foram lavrados até aos anos 70-80 do século XX, segundo informação de um habitante local) e da toca, não terá havido uma pressão e um revolvimento do solo que justifiquem o mau estado de conservação das cerâmicas (mesmo nas camadas inferiores), apesar da má qualidade destas. Por isso, admite-se que a pressão exercida sobre os vasos terá ocorrido no período de utilização do espaço.

A reutilização de recipientes, cuja funcionalidade se encontrava reduzida para utilização doméstica, como é o caso do vaso 32, e o consumo de bivalves muito jovens, demonstram, aparentemente, uma economia de recursos em âmbito ritual.

O escasso e fragmentado espólio metálico e a presença de, pelo menos, um osso e um dente que podem ser humanos, a confirmar-se, poderão indiciar que o ritual ali efetuado incluía a seleção dos ossos e a colocação em urnas cinerárias, como atestado no Monte de São Domingos, em Castelo Branco, onde se encontrou uma urna com cinzas e ossos humanos dentro de uma cabana (CARDOSO, CANINAS & HENRIQUES, 1998). Tal circunstância sugere que a incineração, numa pira funerária, seria realizada em local muito próximo, possivelmente no topo do afloramento sob o qual se encontra o depósito votivo.

No local foram exumados cerca de 50 vasos (nalguns casos com superfície brunida) e abundante fauna mamalógica e malacológica, que integram o espólio votivo. Para além destes recolheram-se escassos fragmentos de adornos em bronze (entre os quais fíbulas, alfinetes e argolas) e uma conta de colar, aparentemente ali deixados sem qualquer intencionalidade, talvez como peças perdidas.

Sendo a incineração usual no Bronze Final não será de estranhar a sua prática na Moita da Ladra, devendo estar associados a esta os rituais de comensalidade ali identificados. No campo das hipóteses, poderão ser igualmente de âmbito comensal os restos de fauna identificados num dos covachos (o maior) escavados em 2003 (trabalhos que foram apresentados por João Luís Cardoso no colóquio *Sistemas de povoamento do centro*

e sul do território português no decurso do Bronze Final, Fábrica da Pólvora de Barcarena, 23 de Outubro de 2012), sendo possivelmente o segundo covacho (o menor) um espaço sepulcral onde se procedeu à deposição de cinzas. Neste último encontravam-se dois vasos sobrepostos contendo exclusivamente cinzas, o que poderá significar que houve uma prévia selecção dos ossos, quiçá enterrados na área de *habitat*.

A realização de rituais de comensalidade encontram-se atestados nos hipogeus com enterramentos da Idade do Bronze nos sítios de Torre Velha 3 e de Outeiro Alto 2, ambos em Serpa, onde a presença de restos faunísticos estão associados aos enterramentos (PORFÍRIO & PAIXÃO, 2010). De igual modo, na necrópole da Vinha do Casão, em Vilamoura, considerou-se que as várias lareiras identificadas no espaço da necrópole estariam talvez associadas a um ritual de comensalidade celebrado no decurso dos enterramentos.

O espaço ritual estaria certamente associado a um povoado, localizado hipoteticamente na colina imediatamente a Norte, e a uma necrópole, que deverá ter sido destruída pelas frentes de extracção da antiga pedreira, tendo sido identificados fragmentos cerâmicos (com idênticas características) ao longo do seu limite nas proximidades do depósito e dos covachos escavados em 2003. Estes covachos poderiam ser restos da necrópole e/ou de um espaço ritual mais pequeno.

O local enquadra-se na tipologia de povoados de altura, isolados na paisagem, emergentes nesta etapa do Bronze Final, quer na região de Lisboa, em locais como o Penedo do Lexim (Mafra) ou o Castelo dos Mouros (Sintra), quer no Sul, por exemplo no Cerro da Mangacha (Aljustrel), ou no Norte, por exemplo no Alto de Santa Ana (Chaves). Não poderemos, contudo, aludir com segurança à existência de um povoado desta época na Moita da Ladra, ainda que os vestígios conhecidos o indiquem, uma vez que não há vestígios reconhecíveis que se possam atribuir a um povoado.

Nas cerâmicas encontram-se ausentes as decorações brunidas, habitualmente consideradas como características desta etapa do Bronze Final. Porém, as superfícies integralmente brunidas ou simplesmente polidas encontram-se presentes no espólio cerâmico, o que é comum em sítios do Bronze Final estremenho, como são os casos da Quinta do Almaraz e de Santa Sofia, entre muitos outros.

Encontrando-se claramente identificada a prática da recollecção de moluscos estuários, a agricultura e a pastorícia e/ou caça apenas poderão ser abordadas após o estudo da fauna mamalógica e dos sedimentos recolhidos. Todavia, a confirmarem-se estas práticas apenas se estará a atestar algo que é comum em povoados desta época.

Os depósitos conhecidos para a Idade do Bronze correspondem a conjuntos de artefactos metálicos descontextualizados, sendo considerados votivos os achados em meio aquático e “esconderijo de fundidor” ou “depósito de sucata” os achados em meio terrestre, ainda que os segundos possam ter igualmente um cariz votivo (MELO, 2000). De modo diferente, o depósito votivo da Moita da Ladra diverge dos depósitos do Bronze Final conhecidos. Aqui, o metal é escasso e possivelmente não constitui parte integrante do espólio votivo, sendo este constituído, essencialmente, por vasos (contendo alimentos?) e fauna, talvez associados a dois dos momentos de uma cerimónia de carácter comensal, consistindo numa refeição ritual e no depósito de bens alimentares.

Embora distinto e com uma cronologia mais antiga, balizada entre o século XIV e os séculos XII/XI a.C., o depósito ritual, de carácter propiciatório, do casal agrícola de Abrunheiro, em Oeiras, (CARDOSO, 2010/2011), constituído por um recipiente contendo fragmentos de um ovino ou caprino juvenil, é, em termos comparativos, o mais aproximado do depósito da Moita da Ladra.

Perante os dados obtidos, atenta a uniformidade na tipologia do espólio e a análise prévia do mesmo, admite-se um curto período de ocupação daquele espaço (100 anos se tanto) composto por distintos momentos cerimoniais. Essa ocupação, de acordo com os paralelos obtidos para o espólio, pode balizar-se na segunda etapa da Idade do Bronze Final, cerca do século X-IX a.C. (datação relativa).

A presença de fragmentos cerâmicos da I Idade do Ferro, dispersos por toda a área da colina, sugerem que tal ocupação se terá prolongado até aos inícios deste período, pelo que o sítio de Moita da Ladra constituirá um testemunho da transição Bronze Final-Idade do Ferro na Estremadura Atlântica.

O depósito votivo (espaço ritual onde deveria ocorrer todo o processo relacionado com a cerimónia, desde a incineração, às refeições, à deposição final dos restos funerários, talvez em urna, e à deposição final do espólio funerário) corresponde a um sítio único, de elevado valor científico e cultural, para o qual não se obtiveram paralelos. Muito se leu sobre o período em questão, falou-se com colegas portugueses e espanhóis, não se tendo encontrado documento escrito ou investigador que referisse um sítio com idênticas características, pelo menos no espaço peninsular.

Estando atestada a ocupação humana, ainda que não de modo contínuo, no sítio arqueológico da Moita da Ladra entre o Neolítico Antigo e o Bronze Final, e prolongando-se possivelmente para a I Idade do Ferro, seria muito importante que se identificasse, futuramente, o local onde teriam decorrido as incinerações, a localização do povoado e seu balizamento cronológico, acrescentado saber a este já tão valioso sítio e a uma era para a qual existem muitas lacunas de conhecimento.

BIBLIOGRAFIA

- CARDOSO, J. L. (1995)** – O Bronze Final e a Idade do Ferro na região de Lisboa: um ensaio In *Conímbriga*. XXXIV. Coimbra: Universidade de Coimbra, p. 33, 74.
- CARDOSO, J. L. (1996)** – O Bronze Final da Baixa Estremadura e as cerâmicas de ornatos brunidos da Lapa do Fumo (Sesimbra) In *Sesimbra Cultural*. 5. Sesimbra: Câmara Municipal de Sesimbra, p. 6-14.
- CARDOSO, J. L. (1997/1998a)** – As cerâmicas de ornatos brunidos da Gruta do Correio-Mor (Loures). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 7. Oeiras: Câmara Municipal, p. 155-167.
- CARDOSO, J. L. (1997/1998b)** – O povoado do Bronze Final do Castelo dos Mouros (Sintra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 7. Oeiras: Câmara Municipal, p. 169-178.
- CARDOSO, J. L.; CANINAS, João Carlos; HENRIQUES, F. (1998)** – *Duas Cabanas Circulares da Idade do Bronze do Monte de São Domingos (Malpica do Tejo, Castelo Branco)*. Vila Velha de Rodão: Associação de Estudos do Alto Tejo.
- CARDOSO, J. L. (1999/2000)** – Aspectos do povoamento da Baixa Estremadura no decurso da Idade do Bronze. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 8. Oeiras: Câmara Municipal, p. 355-413.
- CARDOSO, J. L. (2000)** – Na Arrábida, do Neolítico Antigo ao Bronze Final. *Actas do Encontro sobre Arqueologia da Arrábida. Trabalhos de Arqueologia*. 14. Lisboa: IPA, p. 45-70.
- CARDOSO, J. L.; SILVA, I. M. da (2004)** – O povoado do Bronze Final da Tapada da Ajuda (Lisboa): estudo do espólio cerâmico. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 7.1. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 227-271.
- CARDOSO, J. L. (2006)** – A Estação do Bronze Final do Cabeço do Mouro (Cascais): resultados das escavações realizadas. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 9.1. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 21-46.
- CARDOSO, J. L.; CANINAS, J. C. (2006)** – *Relatório Final dos Trabalhos executados no povoado muralhado calcolítico de Moita da Ladra (Vila Franca de Xira)*. Relatório não editado, fornecido pela EMERITA, Lda.
- CARDOSO, J. L.; CANINAS, J. C. (2010)** – Moita da Ladra (Vila Franca de Xira). Resultados preliminares da escavação integral de um povoado calcolítico muralhado. *Transformação e Mudança no Centro e Sul de Portugal: o 4.º e 3.º milénios a.n.e.* *Actas do Colóquio Internacional (Cascais, 4-7 Outubro 2005)*. Cascais: Câmara Municipal, p. 65-95.
- CARDOSO, J. L. (2010/2011)** – O Casal Agrícola do Bronze Final de Abrunheiro (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 18. Oeiras: Câmara Municipal, p. 33-74.
- CARREIRA, J. R. (1994)** – A Pré-história recente do Abrigo Grande das Bocas (Rio Maior). *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. 2. Lisboa: Colibri, p. 47-144.
- COFFYN, A. (1983)** – La fin de l'Âge du Bronze dans le centre-Portugal. *O Arqueólogo Português*. IV.1. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 169-196.
- FÉLIX, P. J. S. (1999)** – O Final da Idade do Bronze no Centro-Oeste Peninsular: a Contribuição do Ribatejo Norte. *Revista de Guimarães*. Volume Especial, II. Guimarães: Casa de Sarmento. Centro de Estudos do Património, p. 715-740.
- JORGE, S. O. (1991)** – Idade do Bronze : apontamento sobre a natureza dos dados arqueológicos. *Revista da Faculdade de Letras: História*. série II. vol. 8. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 385-392.
- MADEIRA, J.; GONÇALVES, J. L.; RAPOSO, L.; PARREIRA, R. (1972)** – Achados da Idade do Bronze no Monte da Pena (Barro / Torres Vedras) – Notícia Prévia. *O Arqueólogo Português*. III.6. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 207, 212.
- MARQUES, G. (1972)** – Arqueologia de Alpiarça. As estações representadas no Museu do Instituto de Antropologia do Porto. *Trabalhos do Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»*. 13. Porto: Faculdade de Ciências.
- MARQUES, G.; ANDRADE, M. (1974)** – Aspectos da proto-história do território português – 1 – Definição e distribuição geográfica da Cultura de Alpiarça (Idade do Ferro). *Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia*. I Volume. Porto: Ministério da Educação Nacional/Junta Nacional da Educação, p. 125-148.
- MELO, A. Á. de (2000)** – Armas, utensílios e esconderijos. Alguns aspectos da metalurgia do Bronze Final: o depósito do Casal dos Fiéis de Deus. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Vol. 3. N.º 1. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 15-120.
- MELO, A. Á. de; SENNA-MARTINEZ, J. C. (2002)** – Agricultores e Metalurgistas, da Troca ao “Mercado”. Alguns aspectos e problemas do Bronze Final e Primeira Idade do Ferro na “Península de Lisboa”. *Turres Veteras. IV Actas de Pré-história e História Antiga*. Torres Vedras: Câmara Municipal de Torres Vedras, Sector da Cultura/Instituto de Estudos Regionais e do Municipalismo “Alexandre Herculano”. p. 95-118.

- PARREIRA, R. (1985)** – Inventário do Património Arqueológico e Construído do Concelho de Vila Franca de Xira – Notícia da Parcela 403-8. *Boletim Cultural*. 1. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, p. 107-119.
- PINTO, C. V.; PARREIRA, R. (1978)** – Contribuição para o Estudo do Bronze Final e do Ferro Inicial a Norte do Estuário do Tejo. *Actas das III Jornadas Arqueológicas. 1977*. Volume I. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 147-163.
- PONTE, S. da (2006)** – *Corpus Signorum das Fibulas Proto-históricas e Romanas de Portugal*. Casal de Cambra: Caleidoscópio.
- PORFÍRIO, E. M. B.; PAIXÃO, M. A. (2010)** – Rituais Funerários e Comensalidade no Bronze do Sudoeste da Península Ibérica: novos dados a partir de uma intervenção arqueológica no sítio da Torre Velha 3 (Serpa). *Estudos do Quaternário*. N.º 6. Braga: APEQ, p. 49-66.
- SENNA-MARTÍNEZ, J. C. de (1994)** – Entre o Atlântico e o Mediterrâneo: algumas reflexões sobre o Grupo Baiões – Santa Luzia e o desenvolvimento do Bronze Final peninsular. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. 2. Lisboa: Colibri, p. 215-232.
- SERRÃO, E. da C. (1958)** – Cerâmica proto-histórica da Lapa do Fumo (Sesimbra) com ornatos coloridos e brunidos. *Zephyrus*. IX-2. Salamanca: Universidad de Salamanca, p. 177, 186.
- SERRÃO, E. da C. (1959)** – Cerâmica com ornatos a cores da Lapa do Fumo (Sesimbra). *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia*. Volume I. Lisboa: IAC, p. 337-359.
- SERRÃO, E. da C. (1970)** – As cerâmicas de «retícula bruñida» das estações arqueológicas espanholas e com «ornatos brunidos» da Lapa do Fumo. *Actas das I Jornadas Arqueológicas. Lisboa – 1969. Volume II*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 271-309.
- SILVA, I. - Coord. (1995)** – *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de Poder. Catálogo da Exposição*. Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura/Instituto Português de Museus/Museu Nacional de Arqueologia.
- VILAÇA, R. (1995)** – Aspectos do povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos finais da Idade do Bronze. *Trabalhos de Arqueologia*. 9. 2 Vols. Lisboa: IPPAR.
- VILAÇA, R.; ARRUDA, A. M. (2004)** – Ao longo do Tejo, do Bronze ao Ferro In *Conímbriga*. XLIII. Coimbra: Universidade de Coimbra, p. 11-45.
- VILAÇA, R. (2008)** – *Através das Beiras. Pré-História e Proto-História*. Coimbra: Palimage.

NOTAS

¹ Arqueólogos da EMERITA, Empresa Portuguesa de Arqueologia, Lda.

Nota sobre um machado plano em bronze de “Tipo Bujões” de Vila Franca de Xira.

J.C. SENNA-MARTINEZ¹, E. LUÍS¹, J. PIMENTA², E. FIGUEIREDO^{3,4}, F. LOPES³, M.F. ARAÚJO³ E R.J.C. SILVA⁴

1. Introdução

➤ A presente nota decorre da incorporação no acervo do Museu Municipal de Vila Franca de Xira de uma importante peça para o estudo da Idade do Bronze no vale do Tejo.

Trata-se de um machado plano em bronze de Tipo Bujões, característico das primeiras etapas da metalurgia do bronze na Península Ibérica (Senna-Martinez, 2007).

Face à sua relevância científica e patrimonial foi estabelecida uma profícua parceria entre o Museu Municipal de Vila Franca de Xira e as equipas da Uniarq, ITN⁵ e CENIMAT/I3N integradas no projecto EARLYMETAL⁶ que conduziu ao presente estudo.

A peça MMVFX04457, foi incorporada no Museu em 2007, na sequência do depósito legal, por parte da Empresa *Ozecarus, Serviços Arqueológicos, Lda.*, nas Reservas do Museu Municipal de Vila Franca de Xira.

A sua descoberta decorre dos trabalhos de acompanhamento arqueológico, efectuados pela Empresa acima referida, entre 13 de Maio de 2005 e 12 de Agosto de 2006, no âmbito da construção do projecto da Estrada Nacional N.º 115-5, estabelecendo ligação entre o Mercado Abastecedor da Região de Lisboa (MARL) e o Itinerário Complementar N.º 2 (IC2).

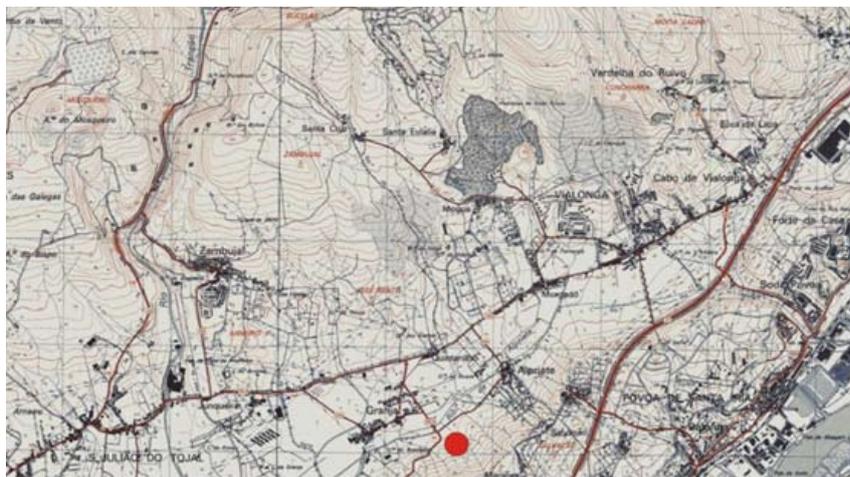
A nível de localização, o local da descoberta encontra-se na zona sul do concelho de Vila Franca de Xira, na freguesia de Vialonga nas imediações da povoação de Granja de Alpriate (ver Figura 1).

Segundo o relatório final dos trabalhos desenvolvidos, esclarece-se que, em Julho de 2005, “...Na zona junto ao poste de alta tensão (PK1+375) foi encontrado, como achado isolado, um machado em bronze, do Bronze Final (sic), com 115mm de comprimento, 70 mm de largura no gume, 29 mm de largura mínima no talão e 6 mm de espessura máxima. O gume apresenta vestígios de utilização e não foram encontrados mais artefactos nesta zona...” (Barradas, 2006, p. 10 e 11).

A área da descoberta corresponde a uma zona de vertente suave, sobranceira ao fértil vale de Vialonga implantando-se sobre a margem esquerda da ribeira de Alpriate.

Posteriormente a estes trabalhos e no âmbito do projecto de Carta Arqueológica do Município, técnicos do Museu Municipal revisitaram a zona onde foi detectada esta ocorrência.

Figura 1
Localização, a vermelho, do local da descoberta do machado na Carta Militar de Vila Franca de Xira, 1:25.000, Folha n.º 403.



Aí foi possível detectar a existência, à superfície do terreno, de fragmentos de bojo de cerâmica manual a par de elementos de sílex denticulados conhecidos na literatura científica como “dentes de foice”, peças atribuíveis a um largo espectro cronológico que se estende ao longo da Idade do Bronze Peninsular e vulgares, nomeadamente, nos chamados povoados agrícolas do Bronze Final da região de Lisboa (Cardoso, 2004).

Apesar de estarmos perante uma área de vertente, o sítio arqueológico da Granja de Alpriate goza de uma ampla visibilidade sobre a larga bacia do rio Trancão, ainda denominado no século XVI como “mar de Sacavém”, sendo visíveis os locais atribuídos a diversos sítios arqueológicos com ocupações da Idade do Bronze.

Para Oeste, é perfeitamente visível o povoado do Bronze Médio do Catujal - Loures (Carreira, 1997), a noroeste vê-se o topo do povoado do Bronze Final do Castelo da Amoreira – Odivelas (Marques, 1987) e o sítio da gruta do Correio Mor (Loures), com bem conhecidas ocupações desta fase e onde foi mesmo recolhido um machado similar ao de Alpriate (Cardoso, 2004). Por último, a Este depara-se o sítio do Bronze Final da Moita da Ladra – Vila Franca de Xira (ver neste volume o artigo sobre o depósito votivo aí recentemente intervencionado).

2. O Machado de Alpriate

Figura 2
Anverso do machado de Alpriate
(Foto Senna-Martinez).



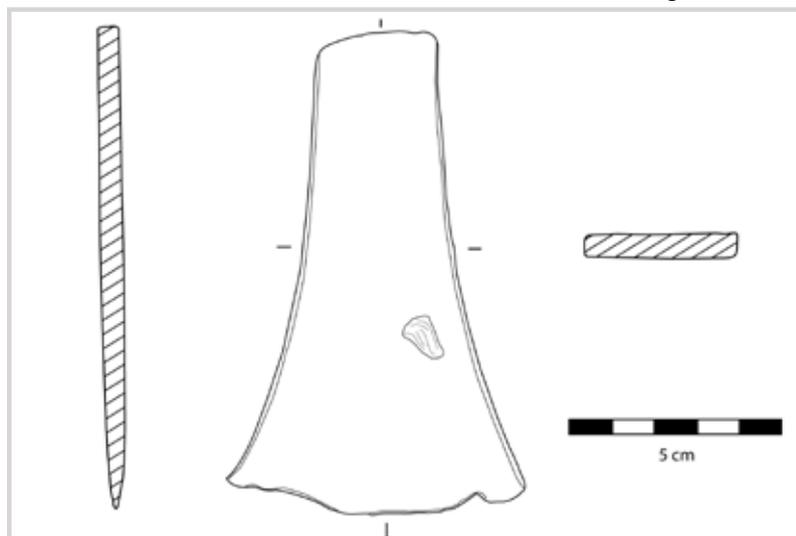
Figura 3
Reverso do machado de Alpriate
(Foto Senna-Martinez).



2.1. Caracterização Tipológica

O machado de Alpriate aproxima-se tipologicamente dos machados planos de gume largo e muito aberto, feitos em bronze, de que o conjunto tipo provém do depósito de Bujões (Vila Real) que lhes dá o nome (Harbinson, 1968). As suas dimensões são: comprimento máximo 11,5 cm, largura máxima (no gume) 7,0 cm, largura do talão 2,9 cm e espessura máxima (secção longitudinal) 0,6 cm. Tem 174 g de peso.

Figura 4
Anverso e secções do machado de Alpriate
(desenho a lápis e tintagem de Elsa Luís).



Não obstante a sua semelhança geral com o tipo acima referido, o exemplar de Alpriate apresenta algumas características próprias que o diferenciam.

Assim a abertura do gume é bastante mais acentuada do que no tipo Bujões com um *índice de abertura do gume*⁷ muito inferior aos verificados nas peças do sítio epónimo ou do depósito de Escaroupim (Alpiarça – Senna-Martinez, *et al.* 2013), este aspecto aproxima esta peça de alguns dos machados argáricos (Tipo I de Lull, 1983: 180-5). Outra característica diferenciadora, parte da espessura máxima que é metade da média verificada para os dois conjuntos acima referidos.

As variações dimensionais reflectem-se ainda no peso da peça em apreço que é cerca de um quinto do peso médio das peças dos conjuntos que vimos referindo em comparação.

A observação macroscópica deste artefacto permitiu ainda verificar que esta apresenta um “defeito de fundição” (figs. 2 e 4), materializado numa bolha de gás, que deixou um oco no lado esquerdo do anverso, sobre a zona onde se inicia o alargamento do gume. Esta cavidade de forma sub-trapezoidal alongada (11 mm de comprimento), com a base mais larga (6 mm) no sentido do talão e a mais estreita (4 mm) virada para o gume, desenvolve-se numa profundidade que atinge cerca de um terço da espessura (2 mm em 6 mm). A existência, posição e dimensões do negativo da bolha são compatíveis com uma fundição em molde duplo e com enchimento pelo lado do talão e tornam pouco provável uma fundição em molde aberto. A favor da primeira milita a própria formação da bolha pouco provável num molde aberto, enquanto a forma e dimensões com um alargamento em direcção ao talão mostra um arrefecimento da liga mais lento nessa direcção, consentâneo com um enchimento com o molde virado sobre o gume e, portanto, efectuado a partir do talão. Os moldes conhecidos no Noroeste Peninsular para machados de tipo Bujões funcionariam deste modo, como, por exemplo, no caso do molde de Erosa (Ourense – Taboada Chivite, 1973).

2.2. Caracterização Arqueometalúrgica

Numa primeira etapa, o machado foi analisado por espectrometria de fluorescência de raios X, dispersiva de energias (FRX) para se determinar o tipo de liga metálica e principais impurezas. Os resultados foram considerados como semi-quantitativos, uma vez que estas análises foram efectuadas sem preparação prévia das superfícies do artefacto, estando assim afectados pela composição da camada de corrosão. As análises foram efectuadas num espectrómetro KeveX 771, instalado no CTN, que permite utilizar condições analíticas variadas, através de alvos secundários e filtros apropriados. Os detalhes do equipamento assim como do procedimento experimental adoptado para a análise de metais arqueológicos encontram-se já publicados em detalhe, por exemplo em Valério *et al.* (2006). Esta análise permitiu identificar uma liga binária de cobre e estanho com teores variáveis em impurezas (níquel, arsénio, antimónio e chumbo).

Posteriormente, a peça foi sujeita a análises elementares quantitativas, por espectrometria de micro-fluorescência de raios X, dispersiva de energias (micro-FRX). Para estas análises foi efectuada uma remoção da camada de corrosão superficial numa pequena área no talão do machado (< 25 mm²) com esmeril eléctrico. Estas superfícies foram posteriormente polidas com cotonete e pasta de diamante (até 1 µm).

As análises de micro-FRX foram efectuadas num espectrómetro ArtTAX Pro, instalado no Departamento de Conservação e Restauro, da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa (DCR/FCT-UNL). Este equipamento efectua análises em áreas <100 µm de diâmetro, tendo sido efectuadas três análises na área preparada, considerando-se a média. As características deste equipamento, assim como do procedimento experimental associado à quantificação da composição do metal encontram-se já publicados em detalhe, por exemplo em Figueiredo *et al.* (2011).

Quadro 1 – Resultados das análises por micro-FRX

Proveniência	n.º Inv.	Composição (%)				
		Cu	Sn	Pb	As	Fe
Alpriate	NMVFX04457	88,5 ± 1,5	10,5 ± 1,3	0,4 ± 0,2	0,5 ± 0,1	< 0,05

O teor em estanho do machado de Alpriate enquadra esta peça nos bronzes binários de boa qualidade que constituem a generalidade da amostra dos artefactos deste tipo já estudados no âmbito do Projecto Earlymetal (teores em estanho entre os 9% e 11% – Figueiredo *et al.* 2012; Senna-Martinez *et al.* no prelo), o mesmo podendo dizer-se dos teores verificados para os elementos minoritários (Pb e As) (Quadro 1).

Figura 5

Microestrutura do talão do machado de Alpriate (observação em campo claro com superfície contrastada).

Para complementar o presente estudo, efectuou-se a caracterização microestrutural em duas áreas limpas de corrosão superficial, uma no talão e outra no gume, através de um microscópio óptico Leica DMI 5000 M. As observações das fases metálicas, inclusões e heterogeneidades foram feitas sob três condições de iluminação (campo claro, campo escuro e luz polarizada) e a contrastação das áreas para visualização dos vestígios de trabalho termomecânico foi realizada com uma solução aquosa de cloreto férrico.

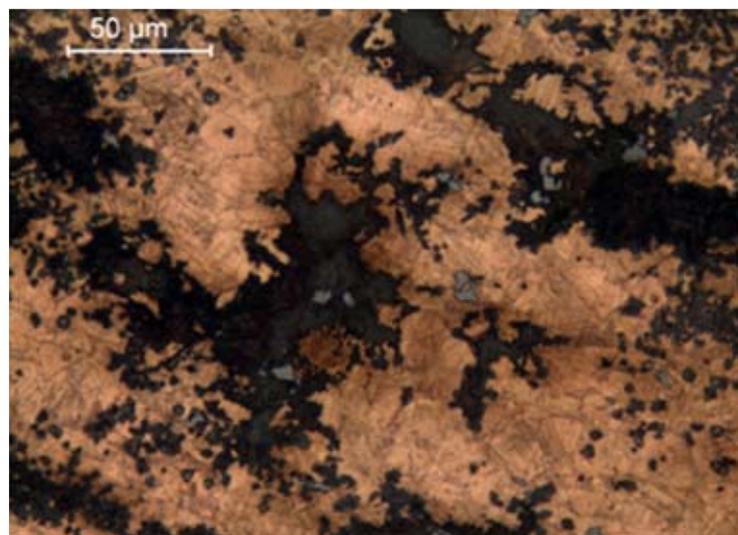
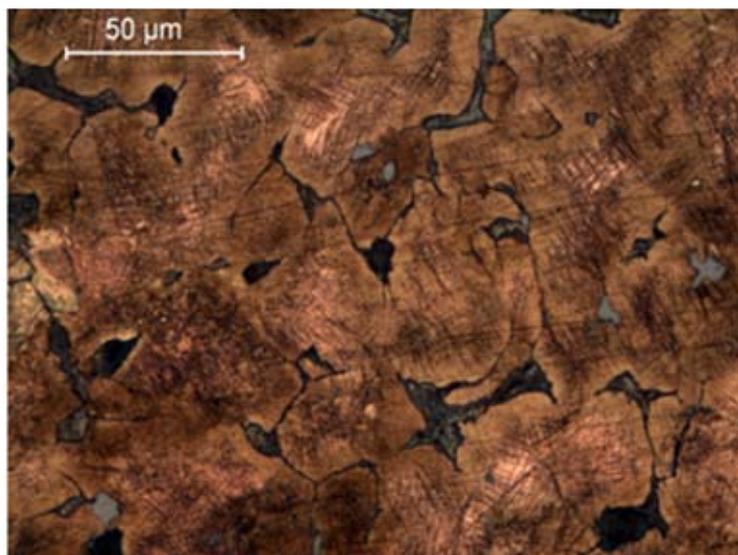
Figura 6

Microestrutura do gume do machado de Alpriate (observação em campo claro com superfície contrastada).

Nas duas áreas observadas foram identificadas inclusões de sulfuretos de cobre, um tipo de inclusão vulgarmente presente em artefactos da Idade do Bronze (Figueiredo *et al.* 2011). A presença de corrosão intergranular é evidente nas duas áreas, mas mais acentuada no gume.

O talão apresenta uma microestrutura grosseira e heterogénea, com a presença de $\alpha+\delta$ eutectóide e bandas de escorregamento (fig. 5). Por sua vez, o gume apresenta uma microestrutura monofásica de grãos α , recristalizados (maclados) e com bandas de escorregamento (fig. 6). A combinação destas características permitiu estabelecer

os processos termomecânicos de fabrico do artefacto da seguinte forma: vazamento + martelagem no gume + recozimento + martelagem/acabamento da superfície.



3. Discussão e Conclusões

Os machados de gume muito aberto, de tipo Bujões/Barcelos, parecem protagonizar, tipologicamente, um primeiro momento de expansão dos objectos em bronze binário ao longo da fachada atlântica peninsular (Senna-Martinez, 2007). Nestes termos, o machado de Alpriate integra-se naturalmente na problemática dos primeiros objectos de bronze no Ocidente Peninsular a Sul do Maço Central.

Não parece hoje facilmente contestável a hipótese de uma origem transpirenaica dos primeiros bronzes binários peninsulares (Fernández-Miranda, Montero Ruiz e Rovira Llorens, 1995). É, assim, possível considerar a transmissão de exemplares artefactuais, senão do *know-how* necessário à produção de bronze, como tendo ocorrido, numa primeira fase, ao longo da Cornija Cantábrica de oriente para ocidente (Cantábria, Galiza, Minho e Trás-os-Montes) como propõem Fernández-Miranda, Montero Ruiz e Rovira Llorens (1995).

Mais difícil é pensar a correlativa (ou talvez não...) expansão da metalurgia do bronze ao longo dos vários espaços regionais da fachada atlântica, uma vez que, para sul da bacia do Douro, apenas no Bronze Final existe prova arqueográfica de fabrico local de objectos em bronze nesses espaços (Senna-Martinez, 2013).

Por sua vez, a sul da Bacia do Tejo e no caso do actual território português, a primeira evidência, radiometricamente datada, de fabrico local de objectos em bronze é representada pelo fragmento de valva de molde para machados planos de gume aberto proveniente da fossa 8 do sítio do Casarão da Mesquita 3 (Santos, *et al.* 2008). Esta peça conservava parte do revestimento do negativo por *bone black* – uma substância carbonatada de cor negra resultante de enfumar o negativo a partir da queima de ossos (Soares, *et al.* 2007). A data radiocarbónica obtida a partir de uma amostra dessa substância cavalga a viragem do segundo para o primeiro milénio a.C.⁸

Atendendo ao que acima se expõe, entre a emergência, no princípio do segundo quartel do segundo milénio a.C., dos machados Bujões/Barcelos⁹ bem como da metalurgia do bronze no Norte Português e a chegada desta última ao Sul Atlântico peninsular, já sobre o Bronze Final, teríamos um intervalo entre os 250-500 anos.

Dado que em nenhum local da orla ocidental a Sul do Douro conhecemos qualquer evidência de prática da metalurgia do Bronze antes do Bronze Final, a presença de objectos em bronze (tipológica e crono-culturalmente integráveis num Bronze Médio?) poderá dever-se mais a um processo de percolação gradual de objectos por via das cadeias de solidariedades ou alianças matrimoniais entre elites com a eventual refundição de alguns objectos a explicar o restante. Contudo, a generalizada descontextualização, da Estremadura Portuguesa para Sul, dos objectos em bronze binário¹⁰ que, além dos machados Bujões/Barcelos, permitem considerar uma filiação tipológica e crono-culturalmente possível na Primeira Idade do Bronze não permite ter certezas.

Importa contudo dizer que, na falta de contextos de produção e se nos falta cronometria radiocarbónica para balizar os primeiros bronzes da Estremadura Atlântica, nomeadamente na sua parte sul, podemos apontar para uma cronologia dentro do terceiro quartel do II Milénio a.C. – c. 1500-1250 a.C. – sugerida pela presença de dois dos raros exemplares de machados de talão de 1ª geração da fachada atlântica peninsular (Senna-Martinez, 2013): Reguengo Grande (Lourinhã) e Pombalinho (Santarém).

Acresce que, nas regiões peninsulares do Sudoeste e Andaluzia a raridade, senão ausência¹¹, de machados de talão ou de alvado (Monteagudo, 1977: Taf. 137-142) pode ser resultante de desfazamentos na transmissão, para sul da bacia do Tejo, de alguns dos modelos “atlânticos” que já existem na parte central e norte da fachada ocidental peninsular pelo menos desde o último quartel do segundo milénio a.C. – por exemplo no Grupo Baiões/Santa Luzia (Senna-Martinez, *et al.* 2011). Tal pode implicar que, como o citado molde do Casarão da Mesquita 3 sugere, mesmo durante os primeiros momentos do Bronze Final do Sudoeste poderíamos ainda ter produção regional de machados planos de gume largo e aberto, muito próximos do “tipo Bujões”.

É, assim particularmente difícil ser-se conclusivo numa atribuição crono-cultural segura para o machado de Alpriate. O seu estudo tipológico e arqueometalúrgico sugerem fortemente um fabrico, que pode ser local/regional ou não, em que uma variante do tipo original (atribuído ao Bronze Médio no NW), com um defeito de fundição bem evidente, foi contudo preparada para ser plenamente funcional por um cuidado trabalho de forja pós-fundição o qual incidiu preferencialmente na zona do gume. A proximidade da Granja de Alpriate em relação a diversos sítios quer da Primeira Idade do Bronze quer do Bronze

Final também não permite certezas. Será necessário aguardar que escavações modernas que, eventualmente recuperando restos de trabalho metalúrgico em contexto datável, venham permitir novos desenvolvimentos.

Agradecimentos

O presente trabalho de investigação foi efectuado no âmbito do projecto EARLYMETAL financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (PTDC/HIS-ARQ/110442/2008). Os autores agradecem também o apoio financeiro concedido ao CENIMAT/I3N através do Projecto Estratégico LA25/2011-2012 (PEst-C/CTM/LA0025/2011). E.L., E.F. e F.L. agradecem à Fundação para a Ciência e a Tecnologia as bolsas individuais SFRH/BD/72369/2010, SFRH/BPD/73245/2010, e SFRH/BD/85329/2012, respectivamente.

BIBLIOGRAFIA

- BARRADAS, E. (2006)** – *Relatório final do acompanhamento arqueológico do projecto EN 115-5/Ligação do MARL ao IC2. Ozecarus*, Serviços arqueológicos, Lda. Abrantes. Policopiado.
- CARDOSO, J. L. (2004)** – *A baixa estremaadura dos finais do IV milénio a.C. até à chegada dos romanos: Um ensaio de História Regional. Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. Câmara Municipal de Oeiras. 12.
- CARREIRA, J. R. (1997)** – Catujal: um povoado da Idade do Bronze (Médio) à entrada da “ria de Loures”. Contribuição para o estudo das influências do Bronze do Sudoeste na formação do Bronze estremenho. *Vipasca*. Aljustrel. 6, p. 119-140.
- FERNÁNDEZ-MIRANDA, M.; MONTERO RUÍZ, I. & ROVIRA LLORENS, S. (1995)** – Los primeros objetos de bronce en el Occidente de Europa. In: *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 52(1), p. 57-69.
- FERNÁNDEZ RODRÍGUEZ, M. e ESPERANZA MANTEROLA, M. J. (2002)** – Los Depósitos de Armas en el Bronce Final: Un nuevo hallazgo en Puertollano (Ciudad Real). *Trabajos de Prehistoria*. 59(2), p. 113-133.
- FIGUEIREDO, E.; LOPES, F.; ARAÚJO, M. F.; SILVA, R. J. C.; SENNA-MARTINEZ, J. C. e LUÍS, E. (2012)** – Os primeiros bronzes do território Português: uma primeira abordagem arqueometalúrgica a um conjunto de machados tipo Bujões/Barcelos. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. Câmara Municipal. 19, p. 71-78.
- FIGUEIREDO, E., MELO, A. A. e ARAÚJO, M. F. (2007)** – Artefactos metálicos do Castro de Pragança: um estudo preliminar de algumas ligas de cobre por Espectrometria de Fluorescência de Raios X. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 25, p. 195-215.
- FIGUEIREDO, E.; VALÉRIO, P.; ARAÚJO, M. F.; SILVA, R. J. C. & MONGE SOARES, A. (2011)** – Inclusions and metal composition of ancient copper-based artefacts: a diachronic view by Micro-EDXRF and SEM-EDS. *X-Ray Spectrometry*. 40, p. 325-332.
- HARBINSON, P. (1968)** – Três tipos de machados de bronze do norte de Portugal e suas prováveis origens. *Revista de Guimarães*. LXXVIII, p. 49-54.
- LULL, V. (1983)** – *La “Cultura” de El Argar*. Madrid. Akal.
- MARQUES, G. (1987)** – Aspectos da proto-história do território Português III – Castelo da Amoreira (Odivelas, Loures). *Boletim Cultural*. Loures. Câmara Municipal de Loures. 1, p. 51-58.
- MONTEAGUDO, L. (1977)** – *Die Beile auf der Iberischen Halbinsel*. Munique. Prähistorische Bronzefunde, IX (6).
- RUIZ-GALVEZ, M. L. (1995)** – *Ritos de Paso y Puntos de Paso. La Ría de Huelva en el Mundo del Bronce Final Europeo*. Madrid. Complutum, extra/5. Servicio de publicaciones de la universidad Complutense.
- SANTOS, F. J. C., AREZ, L., SOARES, A. M. M., DEUS, M., QUEIROZ, P. F., VALÉRIO, P., RODRIGUES, Z., ANTUNES, A. S., ARAÚJO, M. F. (2008)** – O Casarão da Mesquita 3 (S. Manços, Évora): um sítio de fossas “silo” do Bronze Pleno/Final na Encosta do Albardão. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 11, p. 55-86.
- SENNA-MARTINEZ, J. C. (2013)** – Um rio na(s) rota(s) do estanho: O Tejo entre a Idade do Bronze e a Idade do Ferro. *CIRA Arqueologia*. 2.
- SENNA-MARTINEZ, J. C. (2007)** – Aspectos e problemas das origens e desenvolvimento da metalurgia do bronze na fachada atlântica Peninsular. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. Câmara Municipal de Oeiras. 15, p. 119-134.
- SENNA-MARTINEZ, J. C.; FIGUEIREDO, E.; ARAÚJO, M. F.; SILVA, R. J. C.; VALÉRIO, P. e VAZ, J. L. I. (2011)** – Metallurgy and Society in “Baiões/Santa Luzia” Culture Group: Results of the METABRONZE Project. MARTINS, Carla B.; BETTENCOURT, Ana M. S.; MARTINS, José Inácio F. P. & CARVALHO, Jorge (eds.) (2011) *Povoamento e Exploração de Recursos Mineiros na Europa Atlântica Ocidental*. Braga: CITCEM, APEQ, p. 409-425.
- SENNA-MARTINEZ, J. C.; LUÍS, E.; REPREZAS, J.; LOPES, F.; FIGUEIREDO, E.; ARAÚJO M. F. e SILVA, R. (no prelo)** – Os Machados Bujões/Barcelos e as Origens da Metalurgia do Bronze na Fachada Atlântica Peninsular. *Actas do I Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa. 2013.
- SOARES, A. M. (2005)** – “A metalurgia de Vila Nova de São Pedro. Algumas reflexões”. In: J. M. Arnaud e C. V. Fernandes, Eds. *Construindo a Memória. As Coleções do Museu Arqueológico do Carmo*. Lisboa. Associação dos Arqueólogos Portugueses. p. 179-188.
- SOARES, A. M. M., VALÉRIO, P., FRADE, J. C., OLIVEIRA, M. J., PATOILLO, D., RIBEIRO, I., AREZ, L., SANTOS, F. J. C., ARAÚJO, M. F. 2007**. A Late Bronze Age stone mould for flat axes from Casarão da Mesquita 3 (São Manços, Évora, Portugal). *Proceedings of 2nd International Conference Archaeometallurgy in Europe*. Aquileia. Associazione Italiana di Metallurgia. (CD-ROM).

TABOADA CHIVITE, J. (1973) - Los moldes de Erosa. *Actas XII Congreso Nacional de Arqueología*. Zaragoza. p. 227-235.

VALÉRIO, P., ARAÚJO, M.F., SENNA-MARTINEZ, J.C., VAZ, J.L.I. (2006) –Caracterização química de produções metalúrgicas do Castro da Senhora da Guia de Baiões. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 24, p. 289-319.

NOTAS

- ¹ Centro de Arqueologia, UNIARQ, Universidade de Lisboa, 1600-214 Lisboa, Portugal. smartinez@fl.ul.pt
- ² Museu Municipal/Câmara Municipal de Vila Franca de Xira.
- ³ Campus Tecnológico e Nuclear, Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa, Estrada Nacional 10, 2686-953 Sacavém, Portugal.
- ⁴ CENIMAT/I3N, Departamento de Ciências dos Materiais, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Nova de Lisboa, 2829-516 Caparica, Portugal.
- ⁵ Hoje Campus Tecnológico e Nuclear, Pólo de Loures do Instituto Superior Técnico.
- ⁶ Metalurgia Primitiva do Território Português (PTDC/HIS-ARQ/110442/2008) aprovado e financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- ⁷ Obtido pela fórmula: *Largura do Talão/Largura do Gume x 100* (Senna-Martinez, *et al.* 2013).
- ⁸ Beta-331981 2830±40 BP calibrando entre 1122-898 cal a.C. para uma probabilidade de 2 σ . Agradecemos ao Doutor António Monge Soares a comunicação desta data ainda inédita.
- ⁹ Artefactos que, preferencialmente e de forma quase exclusiva, servem de suporte ao aparecimento da tecnologia do Bronze, de Norte para Sul, ao longo da Fachada Atlântica Peninsular.
- ¹⁰ Nomeadamente e na Estremadura: um pequeno punhal de rebites da gruta da Cezareda; outro punhal de rebites de Pragança – referido por Figueiredo Melo e Araújo (2007) e por nós estudado no Museu Nacional de Arqueologia – e, finalmente, de Vila Nova de S. Pedro, onde com um machado tipo Bujões, um cinzel e uma alabarda de tipo Cano, em bronzes binários, convivem outros objectos igualmente atribuíveis à Primeira Idade do Bronze mas em cobres arsenicais (Soares, 2005).
- ¹¹ Nomeadamente nos chamados depósitos da Ria de Huelva (c. 1225-825 a.C. – Ruiz-Gálvez, 1995) e de Puertollano (Ciudad Real – cf. Fernández Rodríguez e Esperanza Manterola, 2002).

A ocupação da foz do Estuário do Tejo em meados do 1º milénio a.C.

ELISA DE SOUSA¹

➤ O início da Idade do Ferro no Estuário do Tejo, tal como em muitas outras zonas da fachada litoral peninsular, parece estar assinalado pela chegada de populações de matriz cultural oriental.

Este fenómeno ocorre, de acordo com as datações de radiocarbono obtidas durante escavações realizadas em Santarém (Arruda, 2005), e Almaraz (Barros, Cardoso & Sabrosa, 1993), entre finais do séc. IX e inícios do séc. VIII a.C., e irá alterar, em definitivo, a paisagem humana e cultural do Estuário.

É justamente neste momento que são introduzidas novas tecnologias e conceitos mentais que as comunidades anteriores do Bronze Final desconheciam, como é o caso, por exemplo, da roda de oleiro, do moinho giratório, da metalurgia do ferro e de modelos arquitetónicos de planta retangular, para além de novas técnicas construtivas (Arruda, 2010). Tal fenómeno provocou um choque cultural que modificou profundamente as sociedades autóctones, alterando, a vários níveis, diferentes aspetos da vivência quotidiana e da sua cultura.

A própria introdução de novos objetos nos repertórios artefatuais, como é o caso de novas formas cerâmicas, artefactos em metal e objetos de pasta vítrea, irá marcar uma profunda revolução no registo arqueológico dos inícios do 1º milénio, conferindo-lhe, desse momento em diante, um cariz marcadamente orientalizante, que irá perdurar até à chegada dos primeiros contingentes militares romanos ao território.

A chegada destas gentes orientais ao Estuário do Tejo não acontece por acaso, parecendo obedecer a objetivos muito específicos e a um planeamento prévio (Arruda, 2005). É provável que a colonização fenícia da costa ocidental atlântica tenha surgido como consequência da necessidade de abastecer as áreas nevrálgicas do Mediterrâneo Oriental de recursos metalíferos, que é tido como um dos factores primários desta diáspora (Aubert, 1994).

O curso do Tejo tem, por um lado, consideráveis riquezas naturais, das quais se pode destacar a exploração do ouro, constituindo, para além do mais, uma via de comunicação privilegiada para zonas mais interiores, ricas também em estanho (Arruda, 2005). Estas condições foram alguns dos factores que seguramente atraíram, durante os primeiros séculos do 1º milénio a.C., as populações orientais para este território.

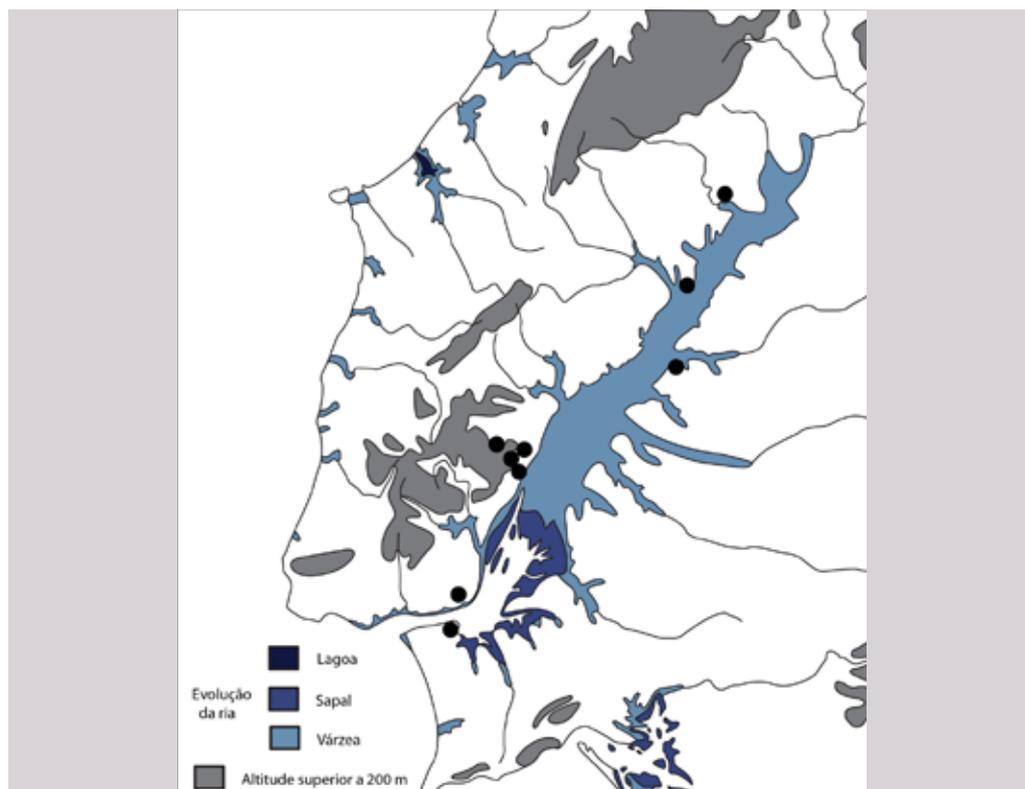
Estes interesses de natureza económica justificam também, por outro lado, a densa malha de povoamento humano que se verifica nas margens do Estuário entre os séculos VIII e VI a.C.

Com efeito, os grandes povoados orientalizantes do Estuário, concretamente Lisboa e Almaraz, na foz, e também Santarém, no interior, ocupam, desde o século VIII a.C., locais estratégicos na paisagem, estando implantados em colinas bem destacadas, com ampla visibilidade do território envolvente e, mais concretamente, com um controle visual do curso do Tejo.

No curso médio do Estuário, na área de Vila Franca de Xira, os trabalhos desenvolvidos durante os últimos anos por João Pimenta e Henrique Mendes (2010-2011) revelaram um padrão de povoamento intensivo desta área durante a 1ª metade do 1º milénio a.C. Os materiais arqueológicos recolhidos no povoado de Santa Sofia, Quinta da Marquesa II e a Quinta da Carapinha I (Pimenta & Mendes, 2010-2011), entre outros, indicam a

existência de contactos intensos entre as comunidades indígenas da zona de Vila Franca e os agentes orientais dos grandes povoados do Estuário, como Lisboa e Santarém. Também em áreas mais interiores do curso do Tejo se verifica alguma densidade da malha urbana ribeirinha, como refletem os povoados de Chões de Alpompé (Diogo, 1993), Porto do Sabugueiro (Pimenta & Mendes, 2008) e Alto do Castelo (Pimenta, Henriques & Mendes, 2012) que proporcionaram materiais também integráveis em cronologias arcaicas da Idade do Ferro.

Figura 1
Ocupação do Estuário do Tejo durante a primeira metade do 1º milénio a.C.



Durante o decurso dos três séculos do chamado período orientalizante (VIII a VI a.C.), a cultura material do Estuário do Tejo não é muito diferenciada de outras áreas tocadas pela colonização fenícia. As chamadas ânforas de saco, ou R1, os pratos e taças de engobe vermelho e de cerâmica cinzenta, os *pithoi* pintados em bandas e as urnas tipo Cruz del Negro são elementos típicos do repertório artefactual orientalizante presentes desde a costa de Málaga à área de Cádiz, à Extremadura espanhola e à fachada atlântica portuguesa. Com efeito, quer na costa algarvia, como nos estuários do Sado, Tejo e Mondego, os mesmos materiais marcam a cultura material de toda a primeira metade do 1º milénio a.C. (Arruda, 1999-2000). A homogeneidade da cultura material que se verifica durante este período poderá refletir, justamente, a existência de contactos frequentes entre estas diversas áreas, com movimentações contínuas de pessoas, objectos e ideias.

Em meados deste 1º milénio, esta *koine* cultural orientalizante desaparece um pouco por todo o Extremo Ocidente. Os momentos finais do século VI a.C. traduzem-se, em todo o mundo colonial fenício, num momento de grande instabilidade. Devido a uma série de fatores internos e externos, relacionados com a desvalorização dos recursos metálicos e momentos de maior fragilidade política e social, as diferentes áreas peninsulares tocadas pela colonização fenícia são estrangidas a reestruturar, de forma independente, novos modelos de exploração de território e alterar estratégias económicas, situação esta que se reflete também a nível político e social.

A partir de finais do século VI a.C., assiste-se, em linhas gerais, a um progressivo fenómeno de regionalização que se manifesta não só em transformações da malha de povoamento e de exploração de recursos, mas também em alterações urbanísticas dentro dos próprios povoados e na criação de quadros próprios da cultura material que irão distinguir áreas específicas durante a 2ª metade do 1º milénio.

A situação mais emblemática ocorre no sul do território peninsular, onde a metrópole de *Gadir* conseguiu, em pouco tempo, reorientar a sua economia para a produção, em grande escala, de preparados piscícolas, que se tornaram no produto mais distintivo dessa área meridional. A presença dos contentores ocidentais que transportavam esses produtos, as chamadas ânforas Maña Pascual A4, na Grécia, concretamente em Corinto e Olímpia (Maniatis & *alli.*, 1994), assim como as referências dos textos clássicos à existência desses preparados nos mercados grego e cartaginês, são claros indicadores da rápida adaptação de Cádiz a uma nova realidade comercial. Estas alterações são claramente visíveis ao nível do registo arqueológico, refletindo-se não só na modificação da cultura material, mas também em novas estratégias de ocupação do território e reestruturação das redes comerciais do sul da Península Ibérica.

Também na zona da Extremadura espanhola, a emergência de um novo sistema de organização territorial, este marcado por complexos monumentais, surge na sequência da crise do século VI a.C. A nova malha de povoamento está marcada por modelos arquitetónicos de inspiração oriental, sendo o palácio-santuário de Cancho Roano o seu melhor representante (Celestino Pérez, 1995). Também aqui, durante o século V a.C., os espólios da zona estremenha assumiram características muito individualizantes que permitem a sua clara distinção face a outras zonas peninsulares.

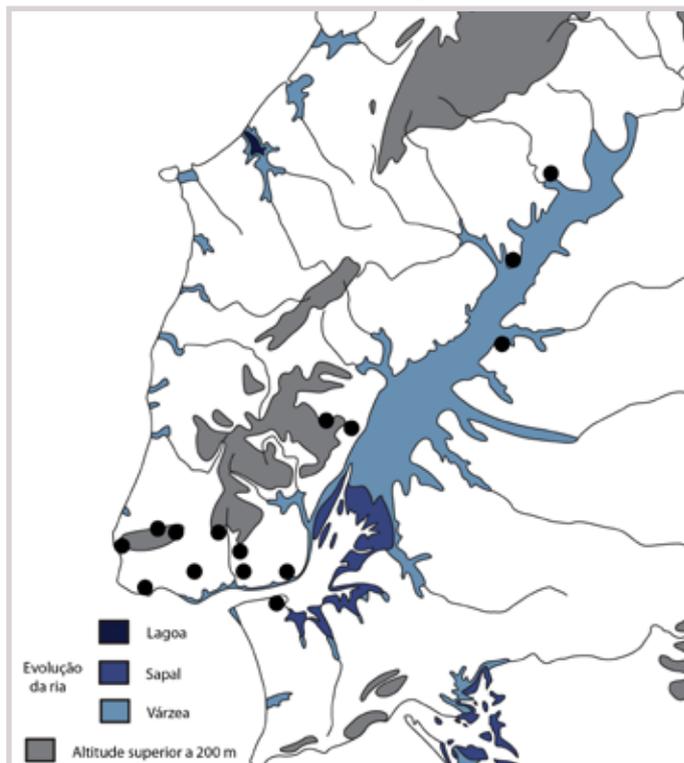
Os meados do 1º milénio a.C. configuram-se, assim, como o momento áureo da “regionalização” das diferentes áreas previamente tocadas pelos influxos orientalizantes, que mostram uma notável capacidade de reestruturação interna face a uma situação de instabilidade. Apesar da drástica diminuição da frequência de contactos culturais e comerciais,

estas comunidades mostram ter tido a capacidade de explorar recursos internos e sobreviver em condições menos propícias, quando comparáveis à da fase anterior.

Também na fachada centro-atlântica do território português a chamada “crise do século VI a.C.” despoletou um fenómeno de metamorfose que se refletiu a vários níveis e configurou a criação de uma nova etapa dentro da Idade do Ferro.

A alteração mais perceptível ocorre em termos da paisagem antrópica do Estuário do Tejo. Enquanto que durante os séculos VIII, VII e VI a.C. o povoamento se concentra junto às margens do rio, a partir do século V a.C. é visível uma clara reorientação do dinamismo populacional para os territórios mais ocidentais. Esta alteração da malha de povoamento é, seguramente, o reflexo de novas estratégias económicas que passam a privilegiar os ricos solos agrícolas em detrimento da captação de recursos metalíferos que seguiam o curso do Tejo.

Figura 2
Ocupação do Estuário do Tejo durante a segunda metade do 1º milénio a.C.



Com efeito, na área de Vila Franca de Xira, a maioria dos sítios ocupados na fase anterior parecem ser abandonados, conhecendo-se, para os meados do 1º milénio a.C., apenas as ocupações do Castro do Amaral e do Casal da Mó (Pimenta & Mendes, 2010-2011).

Por outro lado, junto ao complexo basáltico de Lisboa, a fase que se inicia em finais do século VI a.C. é marcada por um drástico incremento de núcleos de habitat, enquanto que nos séculos anteriores, toda a área era, de acordo com os dados existentes até ao momento, praticamente desocupada. A intensidade deste fenómeno é uma situação que só tem paralelo com a realidade conhecida durante o Bronze Final (Cardoso, 2004).

Os concelhos de Amadora, Oeiras, Cascais e Sintra parecem constituir, a partir de meados do 1º milénio a.C. um foco especial de atração para o desenvolvimento de atividades económicas, estando estas muito provavelmente relacionadas com a agricultura e pecuária.

Para esta área, a nova malha de povoamento não comporta, de acordo com os dados disponíveis até ao momento, grandes povoados como os de Lisboa ou Almaraz, mas integrada, pelo menos, duas categorias diferentes de *habitats*. Uma delas corresponde aquilo que se pode chamar de povoados centrais, de que é exemplo Santa Eufémia (Arruda, 1999-2000) e o Castelo dos Mouros, em Sintra, e talvez também o povoado das Baútas, no concelho da Amadora.

Estes sítios correspondem a povoados de considerável dimensão, implantados em áreas de ampla visibilidade e com boas condições de defensabilidade natural. Este tipo de núcleos poderão ter desempenhado um papel ativo a nível político, social e administrativo, tendo estruturado no seu entorno uma série de *habitats* de menor dimensão com funções eminentemente rurais.

Estes últimos, dos quais são exemplo o Moinho da Atalaia Oeste (Pinto & Parreira, 1978; Sousa, 2011), na Amadora, Outorela I e II (Cardoso, 2004) e Gamelas III (Cardoso, 2011), em Oeiras, e a Sepultura do Rei Mouro (Serrão & Vicente, 1980; Sousa, 2011), em Sintra, são definidos, contrastando com o cenário anterior, por se localizarem em cotas baixas e sem condições de defensabilidade natural. A sua implantação tem também em conta, por norma, a proximidade a linhas de água e o potencial agrícola dos terrenos.

Por outro lado, dentro dos grandes povoados localizados junto à foz do Estuário do Tejo, os meados do 1º milénio a.C. correspondem a uma fase de notável vitalidade, sendo observável uma expansão da área ocupada, um maior dinamismo das atividades económicas e uma maior diversificação e caracterização da cultura material, assistindo-se a um aumento exponencial da produção anfórica e também das restantes categorias cerâmicas (Sousa, 2011).

Por exemplo, em Lisboa, concretamente na área do Castelo de São Jorge, os espaços ocupados, que durante os séculos VIII, VII e VI a.C. se concentravam na zona da encosta do Castelo (Calado, 2008), estendem-se agora à zona ribeirinha, concretamente à Rua dos Correeiros e à Rua dos Douradores, na baixa pombalina.

O Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros é um exemplo notável desse crescimento. As escavações arqueológicas realizadas durante a década de noventa revelaram a existência de um núcleo ocupado entre o século V a.C. e inícios da centúria seguinte (Sousa, 2011). Trata-se de um espaço amplo, cujas estruturas arqueológicas e características da cultura material permitem propor a utilização enquanto zona portuária, centro de produção oleira, e mesmo espaço de habitat, sendo ainda de equacionar a acumulação de várias destas funções (Sousa, 2011).

Figura 3

Vestígios pré-romanos na área de Lisboa:
 1 a 6 – Castelo de São Jorge; 7 – Termas dos Cássios; 8 – Rua de São Mamede; 9 – Teatro Romano; 10 – Sé de Lisboa; 11 – Casa dos Bicos; 12 – Pátio da Senhora de Murça; 13 – Rua de São João da Praça; 14 – Travessa do Chafariz d'El Rei; 15 – Rua dos Correiros; 16 – Rua dos Douradores; 17 – Rua Augusta (Zara) (segundo Calado, 2008, modificado).

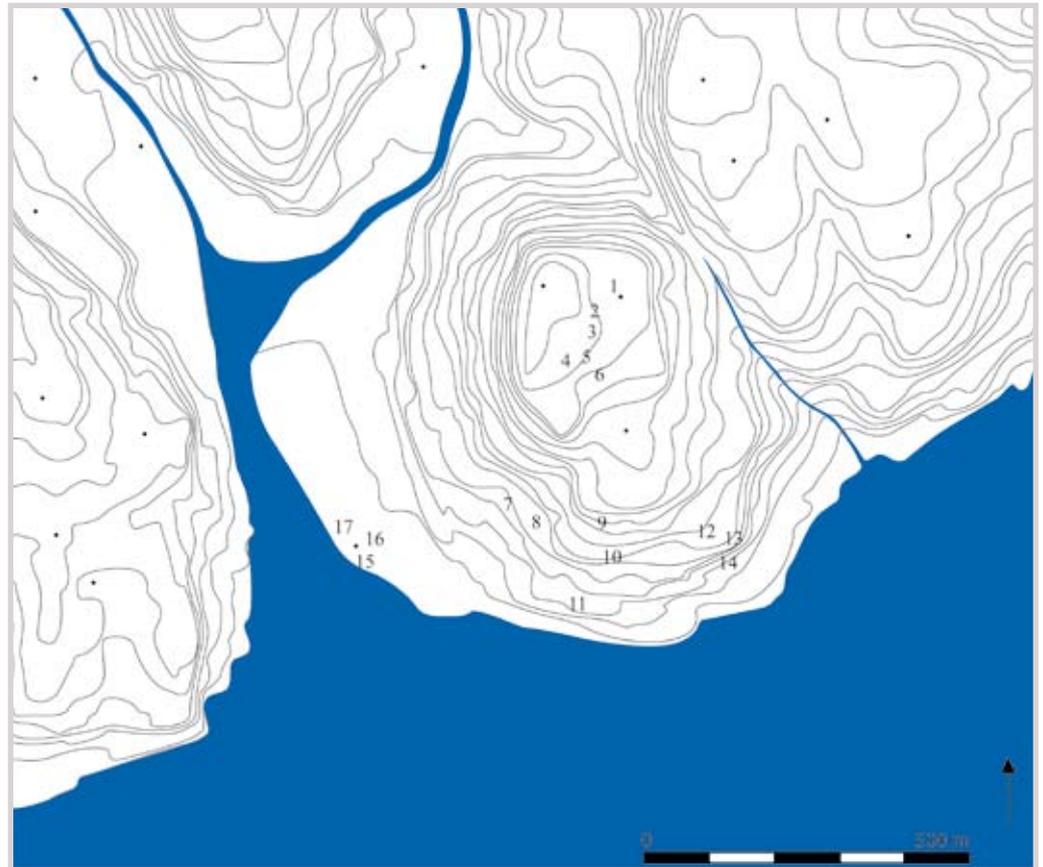
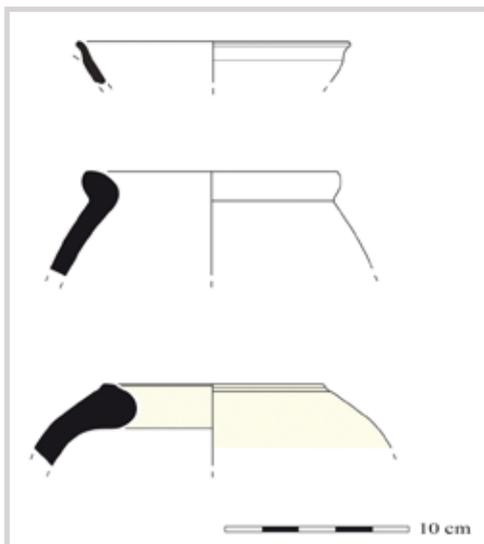


Figura 4

Materiais importados recuperados nas escavações da Rua dos Correiros (de cima para baixo - taça Cástulo, ânfora produzida na área meridional da Península Ibérica e ânfora centro-mediterrânea do tipo 4.1.1.3. de Ramon Torres).



Este sítio arqueológico permitiu a recolha de um vasto conjunto de dados que refletem um notável dinamismo de *Olisipo* durante os meados do 1º milénio.

O estudo do conjunto artefactual aí recolhido foi essencial para criação do modelo de evolução da Idade do Ferro do Estuário do Tejo que acabei de apresentar, na medida em que permitiu caracterizar, pela primeira vez, as várias *facies* da cultura material dessa área durante o século V e inícios do séc. IV a.C. (Sousa, 2011).

A existência, entre os níveis arqueológicos da Idade do Ferro da Rua dos Correiros, de um fragmento de cerâmica grega (taça Cástulo), de uma ânfora centro mediterrânea (4.1.1.3 de Ramon Torres) e de uma outra proveniente da zona meridional da Península Ibérica, permitiu consolidar a cronologia proposta. Estes correspondem, contudo, à quase totalidade de exemplares importados num conjunto composto por cerca de 5000 peças, sendo todas as restantes de produção local e/ou regional (Sousa, 2011).

A análise realizada ao conjunto da Rua dos Correiros permitiu ainda reconhecer que o dinamismo da malha de povoamento que se verifica na foz do Estuário em meados do 1º milénio é acompanhado pela criação de uma cultura material que apresenta marcas muito individualizantes e que confere às comunidades que aí habitavam uma identidade muito própria.

Com efeito, as grandes categorias de cerâmica da Idade do Ferro, concretamente as ânforas, a cerâmica cinzenta, de engobe vermelho e a cerâmica comum apresentam, nos seus repertórios tipológicos, formas muito individualizantes para as quais não se conhecem paralelos fora da área do Estuário.

Os contentores anfóricos centro atlânticos, apesar de sofrerem influências de outras áreas peninsulares, especificamente da área gaditana e, possivelmente, também da atual Extremadura espanhola, adquirem traços marcadamente característicos, nomeadamente diâmetros de bordo consideravelmente amplos, quando comparados com as restantes produções, e aspetos morfológicos singulares, como é o caso da aplicação de asas de secção oval com um acentuado sulco na sua parte externa (Sousa, 2011).

Na cerâmica de engobe vermelho, os meados do 1º milénio marcam, no Estuário do Tejo, o aparecimento de uma série de pratos e taças de perfil muito carenado que não têm paralelos próximos fora desta área geográfica. Também entre a cerâmica cinzenta surge uma série de pequenos potes de perfil carenado, possivelmente utilizados para o consumo de líquidos, que são específicos da área atlântica (Sousa, 2011).

Entre a cerâmica comum, que tradicionalmente engloba recipientes destinados a uma multiplicidade de funções (serviço de mesa, cerâmica de cozinha e de armazenamento, higiene pessoal, etc), surgem também várias formas características dos meados do 1º milénio, concretamente morfologias próprias de tigelas, pratos e alguidares, e, sobretudo, recipientes de tipo pote e/ou panela, alguns dos quais mostram também fortes influências, na sua génese, de elementos da zona meridional peninsular e da Extremadura espanhola (Sousa, 2011).

Entre os objetos de cariz mais excecional, cabe destacar a presença considerável de suportes em cerâmica. Esta morfologia é recorrente, em contextos fenício-púnicos, precisamente em áreas onde uma produção oleira está claramente atestada. É o caso, por exemplo, do forno de Camposoto, na área de Cádiz, e do Cerro del Villar, na costa de Málaga. Este elemento, conjugado com a presença de uma estrutura de forno, identificada durante as escavações arqueológicas da Rua dos Correeiros, permitiu consolidar a proposta de que aquela área terá funcionado, num dado momento da sua ocupação, enquanto centro de produção cerâmica (Sousa, 2011).

Cabe ainda referir que é justamente nos suportes que surgem os vestígios mais recorrentes de decoração, concretamente duas estampilhas de cavalos e, num outro recipiente, uma representação estilizada de uma espiga, em decoração incisa (Sousa, 2011).

Um outro motivo decorativo emblemático dos materiais da Rua dos Correeiros corresponde à representação, no interior de um fragmento de tigela de cerâmica cinzenta, de uma pequena embarcação que poderá relacionar-se com um *hippos* (típica embarcação fenícia – pequenos barcos de transporte, com a proa decorada - cavalo) (Arruda, 1999-2000). A mesma temática surge em dois objetos de terracota, que corresponderiam a miniaturas desse tipo de barcos (Sousa, 2011). Estes elementos parecem evidenciar a importância que o transporte marítimo-fluvial terá assumido na organização económico-comercial do Estuário do Tejo.

Do restante conjunto artefactual, cabe destacar a presença de uma fíbula de bronze (tipo 13a de Ponte e de 14a Cuadrado Diaz), datável também entre o século V e inícios do século III a.C.

A importância deste estudo incidiu, justamente, na possibilidade de caracterizar um amplo conjunto artefactual datado com parâmetros cronológicos precisos (séc. V – inícios do séc. IV a.C.), que permitiram definir as fases de ocupação de outros locais situados em áreas mais periféricas que não continham, entre os seus espólios, elementos datantes. Era o caso, por exemplo, das estações arqueológicas sidéricas dos concelhos de Amadora e Sintra.

A análise dos conjuntos artefatuais dessas áreas, permitiu observar, em primeiro lugar, a quase total ausência de elementos claramente associados a uma ocupação antiga do período orientalizante.

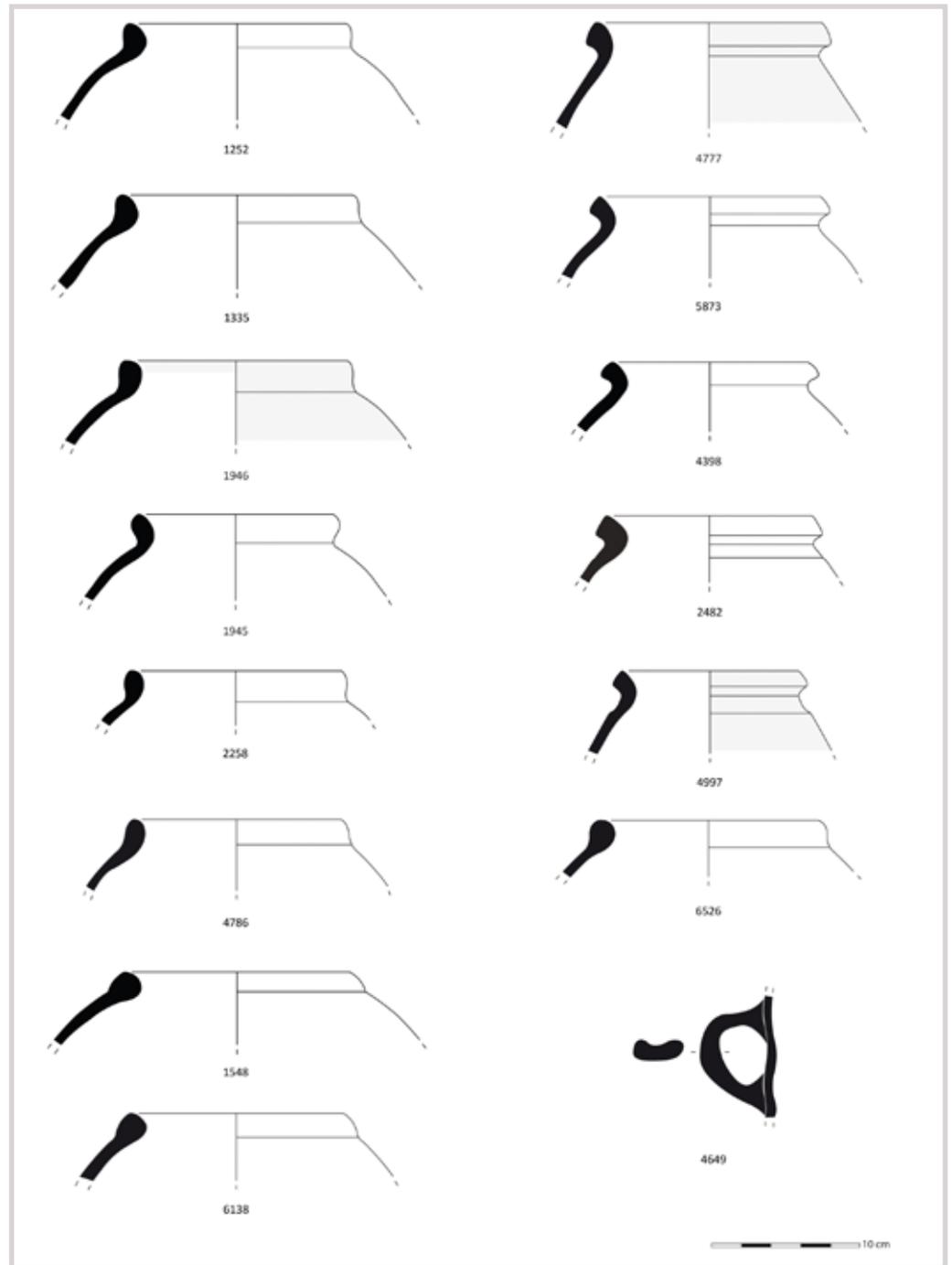


Figura 5
Ânforas de produção
local da Rua dos
Correiros.

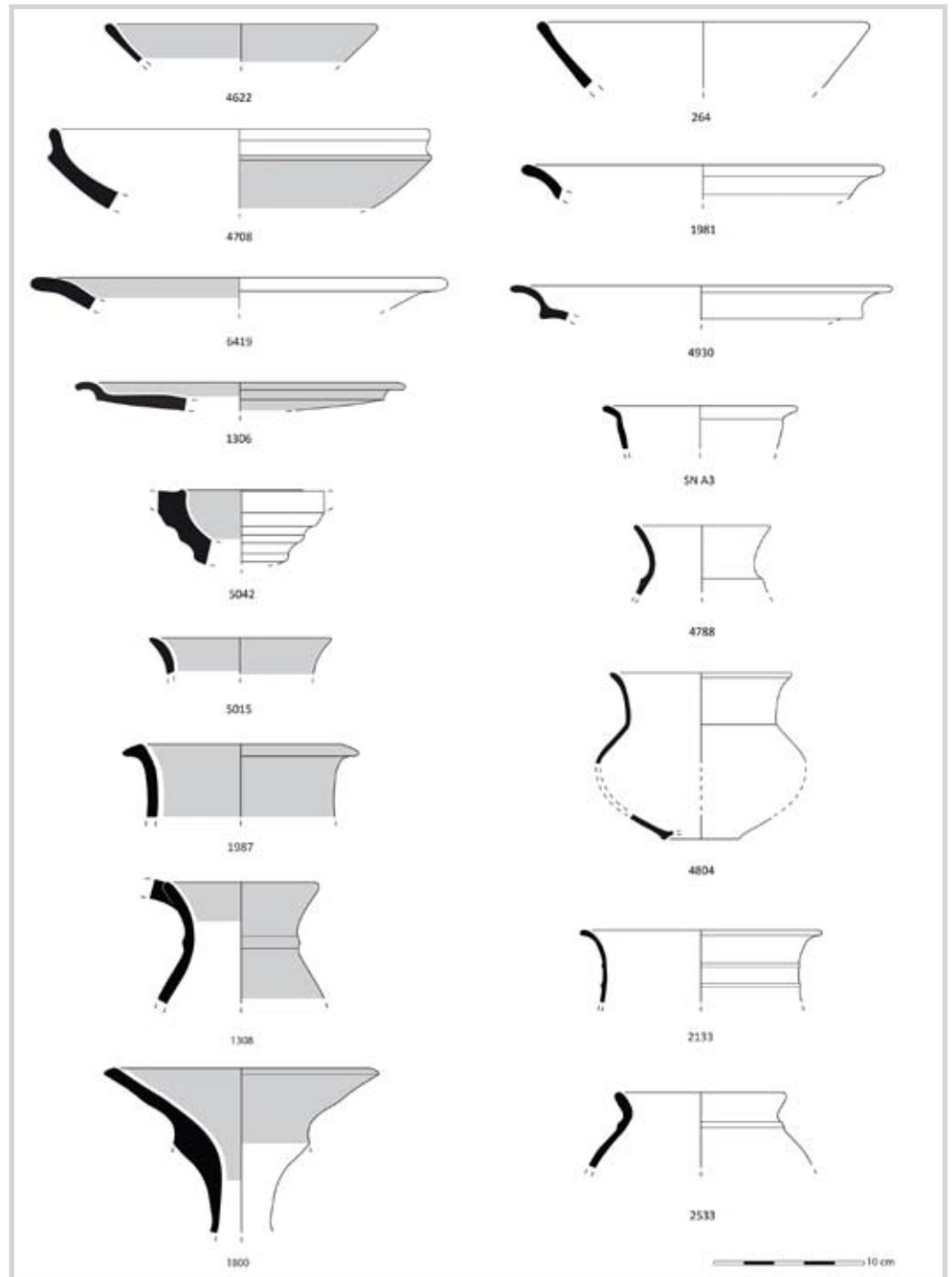


Figura 6
Cerâmica de engobe vermelho (lado esquerdo) e cerâmica cinzenta (lado direito) da Rua dos Correiros.

Com efeito, os únicos artefactos que atestavam uma maior antiguidade de ocupação foram recolhidos em Santa Eufémia, em Sintra, em Baútas e em Casal de Vila Chã Sul, na Amadora, correspondendo a ânforas integráveis ainda no tipo 10.1.2.1. de Ramon Torres, juntamente com alguns escassos fragmentos de vasos de cerâmica cinzenta de formas mais arcaicas (Sousa, 2011). No entanto, a análise destes materiais não permitiu, na minha opinião recuar as cronologias para momentos anteriores à segunda metade do século VI a.C.

Na esmagadora maioria dos sítios analisados, os artefactos recolhidos no decurso de campanhas de escavação e prospeção indicam uma ocupação não anterior ao século V a.C. É o caso do Moinho da Atalaia Oeste, um pequeno povoado rural do concelho da Amadora, cujo registo artefactual mostra inegáveis semelhanças, não só ao nível das formas documentadas mas também ao nível dos fabricos, com o conjunto de Lisboa. A mesma situação ocorre no povoado das Baútas, também no mesmo concelho, e em Sintra, em Santa Eufémia (Sousa, 2011).

A análise destes conjuntos permitiu, assim, reconhecer a existência de contínuas redes de comércio e abastecimento entre os grandes povoados da foz do Estuário (Lisboa e, eventualmente, Almaraz) e a rede de povoamento secundária dos concelhos de Amadora e Sintra. Também no concelho de Oeiras, a publicação recente de materiais recolhidos por Gustavo Marques no sítio de Gamelas III (Cardoso, 2011), permite reconhecer que a mesma realidade se aplica para os sítios do concelho de Oeiras, como já anunciavam os exemplares publicados de outros dois estabelecimentos de cariz rural, conhecidos como Outorela I e II (Cardoso, 2004).

Com efeito, não são apenas as mesmas formas que são comuns a todas as áreas, mas também os fabricos, o que indicia a existência de centros de produção oleira comuns a toda a foz do Estuário e, conseqüentemente, a sua integração numa mesma esfera económica e, possivelmente, política (Sousa, 2011).

A crise do século VI a.C. parece ter provocado no Estuário do Tejo, tal como em outras áreas da Península Ibérica, a exigência de uma profunda reestruturação das estratégias económicas. No Estuário, essa reestruturação parece ter passado por um novo modelo de ocupação do território, que se traduziu no desenvolvimento de um sistema de povoamento periférico de carácter essencialmente rural, em áreas com bom potencial agrícola, que podia, contudo, apresentar alguma complexidade e hierarquização, com núcleos de povoamento secundários em relação a Lisboa, mas que, no entanto, organizavam a rede de sítios menores na sua área mais próxima.

Estas zonas mais periféricas, localizadas não só nos concelhos de Sintra e da Amadora, mas também, em Oeiras e até em Cascais, integrariam uma mesma esfera cultural, um provável território político e, simultaneamente, um mercado para os produtos manufacturados do núcleo olisiponense, a julgar pelas características da cultura material identificada. A própria existência de uma produção anfórica específica da área de Lisboa implica, necessariamente, uma organização social complexa, capaz de gerar, estruturar e controlar excedentes produtivos importantes que circulariam num sistema de intercâmbio estruturado (Sousa, 2011).

A ocupação dos meados do 1º milénio a.C., no Estuário do Tejo caracterizou-se, assim, por um modelo complexo de estruturação do território, com uma hierarquização aparentemente bem definida e, acima de tudo, através de uma identidade muito particular que permite a sua individualização das restantes esferas culturais que se seguiram ao período orientalizante no território peninsular.

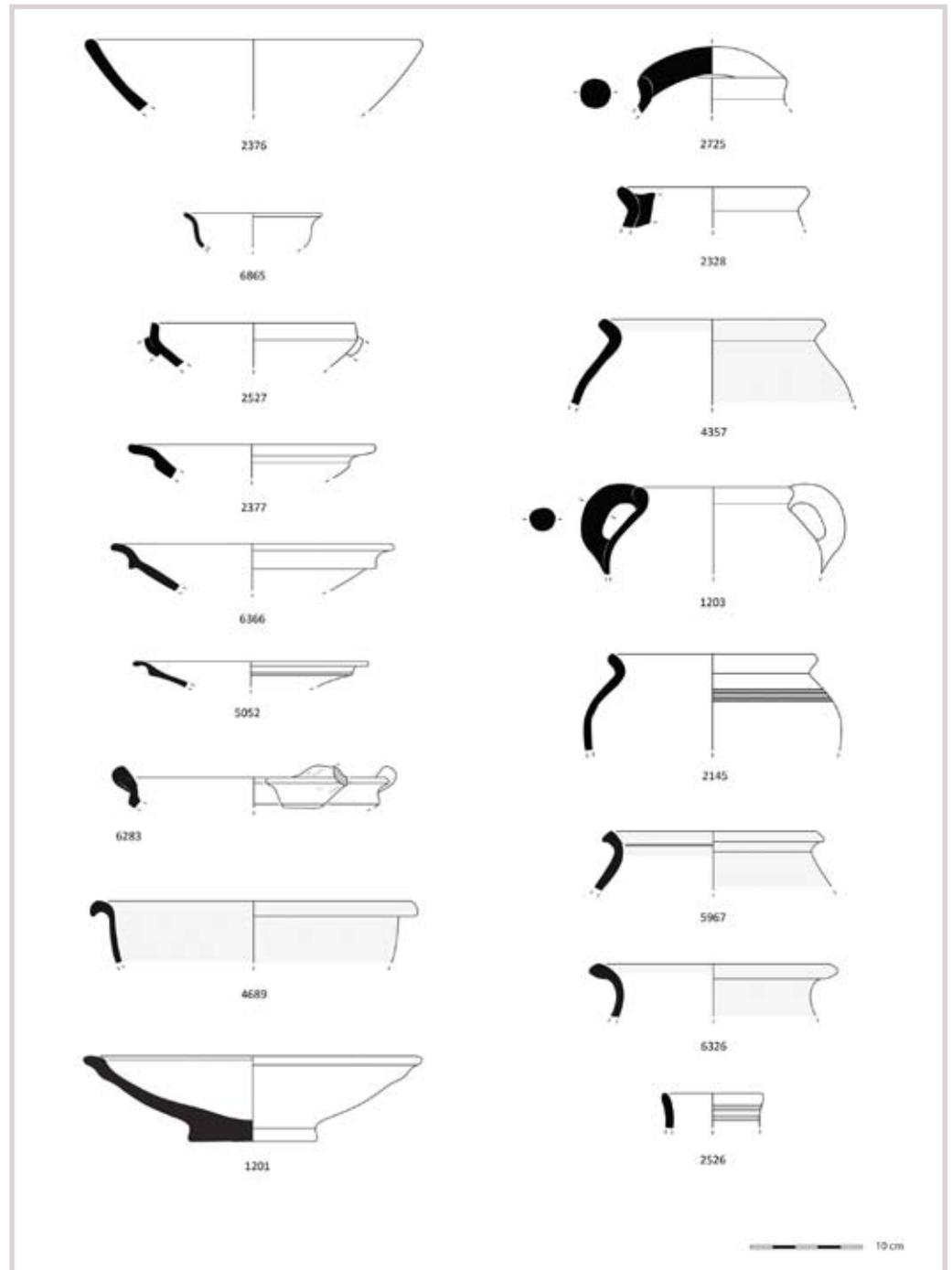


Figura 7
Cerâmica comum da
Rua dos Correiros.

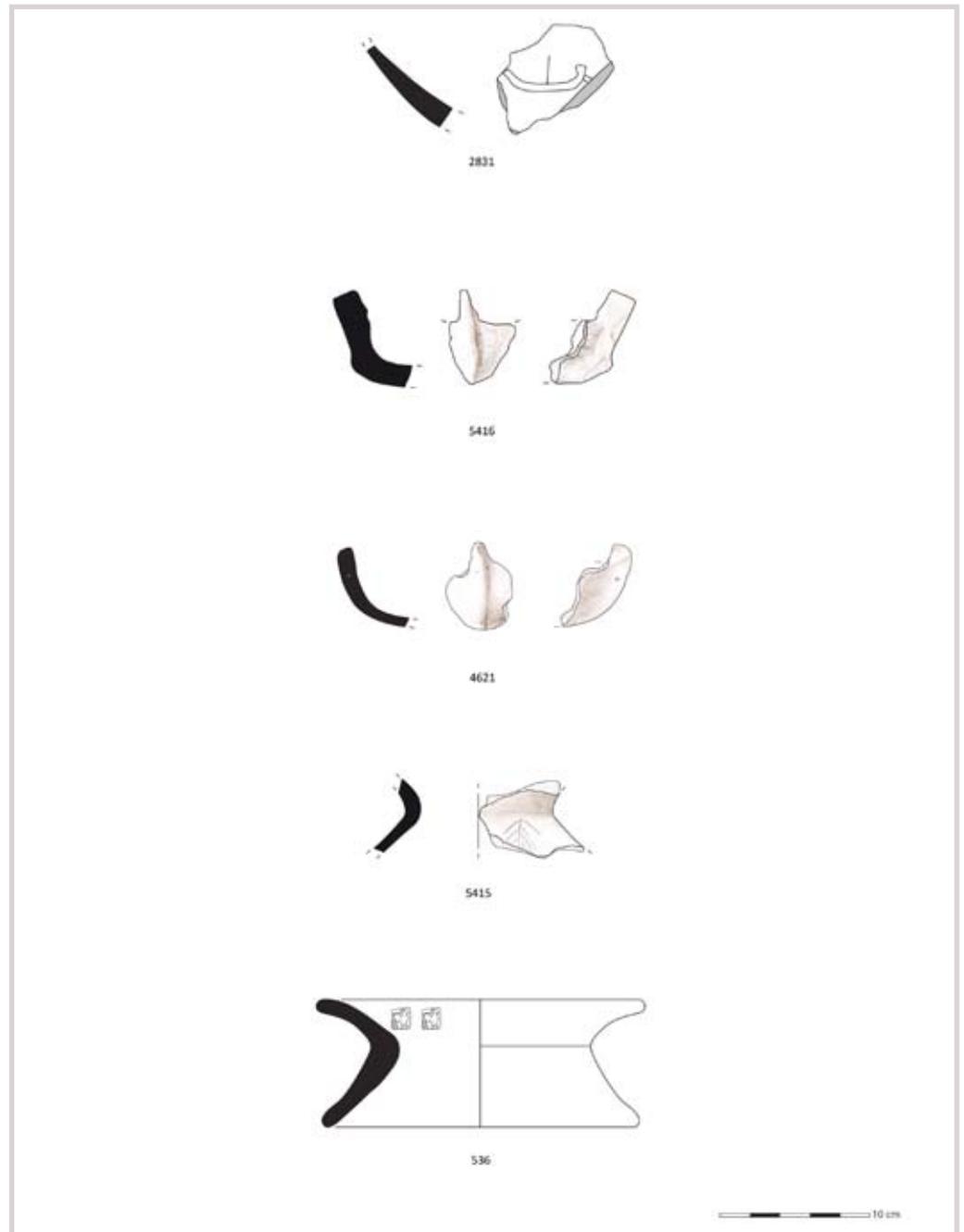


Figura 8
Fragmento decorado com grafito de embarcação (2831), vasos coroplásticos representando embarcações (5416 e 4621) e suportes cerâmicos decorados (5415 e 536).

Figura 9

Ânforas de tipo 10.1.2.1. de Ramon Torres de Santa Eufémia (SE/BF/73/206) e Casal de Vila Chã Sul (6/88/18) e vasos de cerâmica cinzenta de Baútas (274/1573/31, 25/628/14 e 26/655/3).

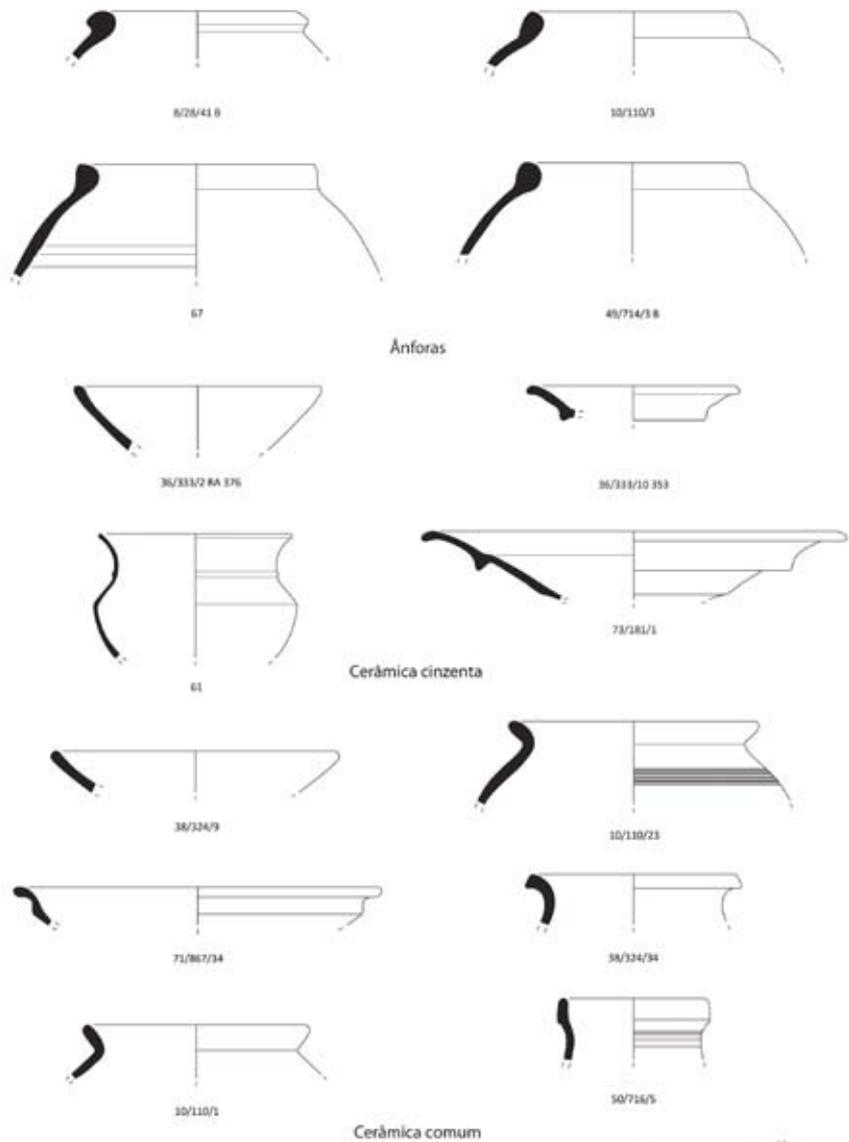
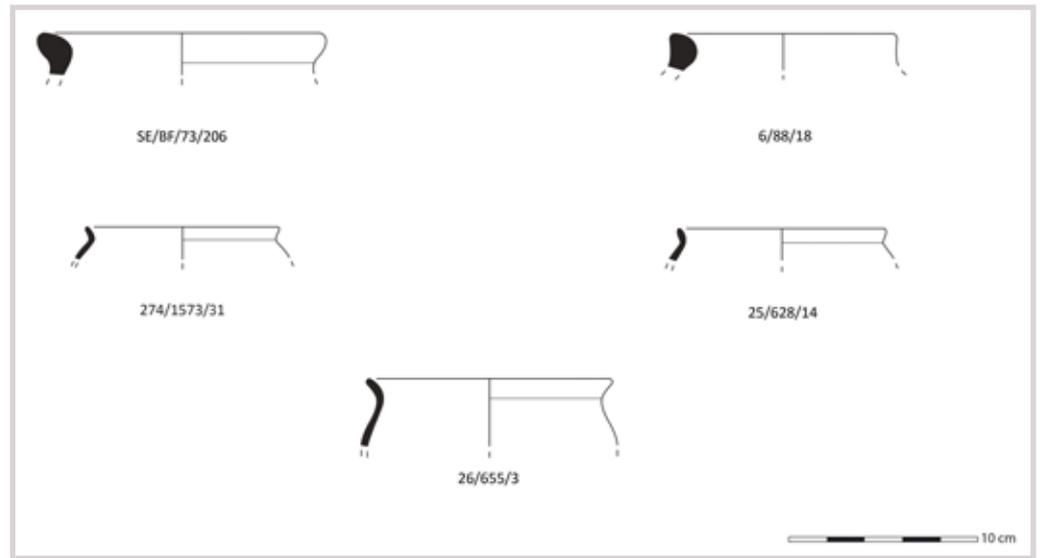


Figura 10

Materiais da Idade do Ferro de Moinho da Atalaia Oeste.

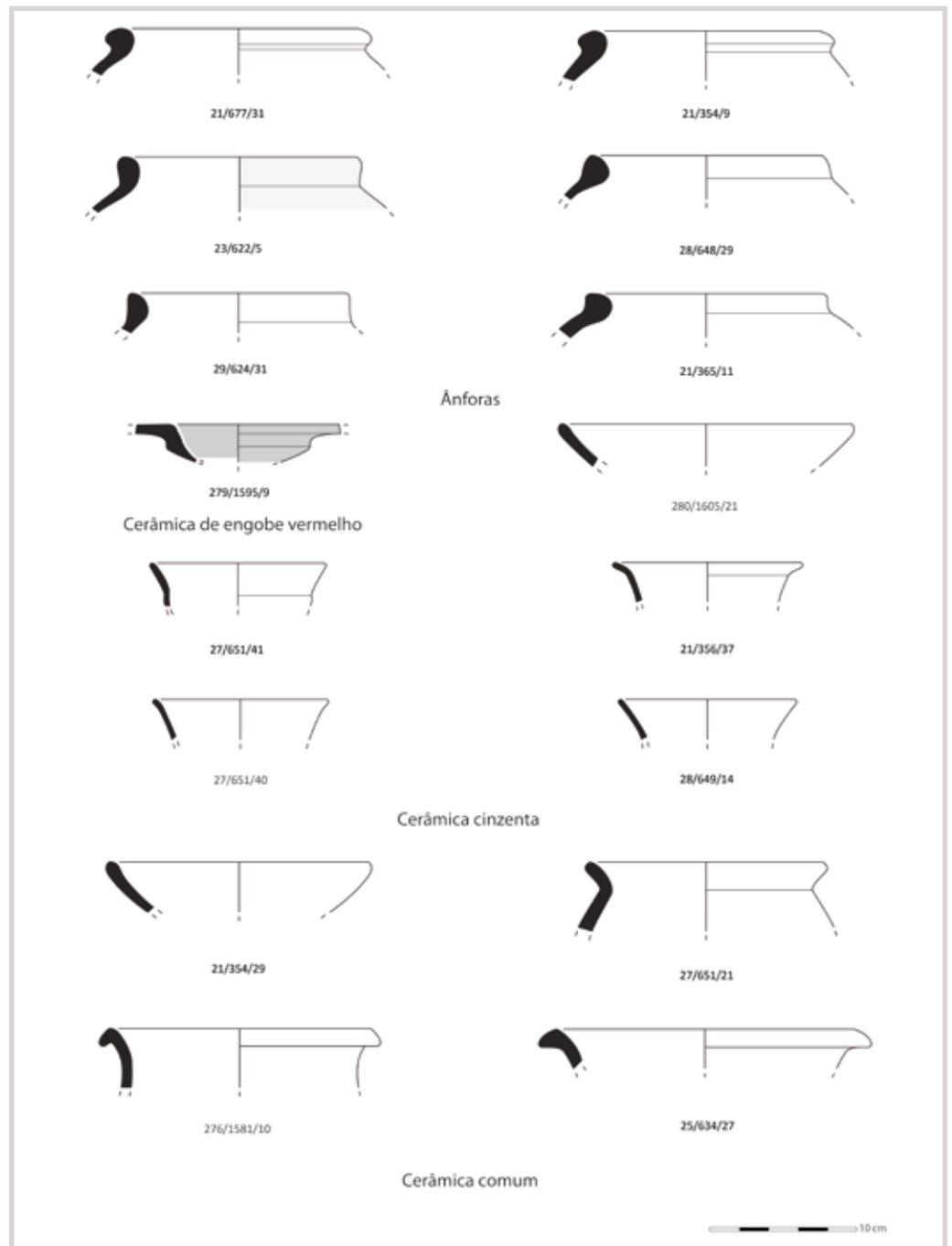


Figura 11
Materiais da Idade do
Ferro de Baútas.

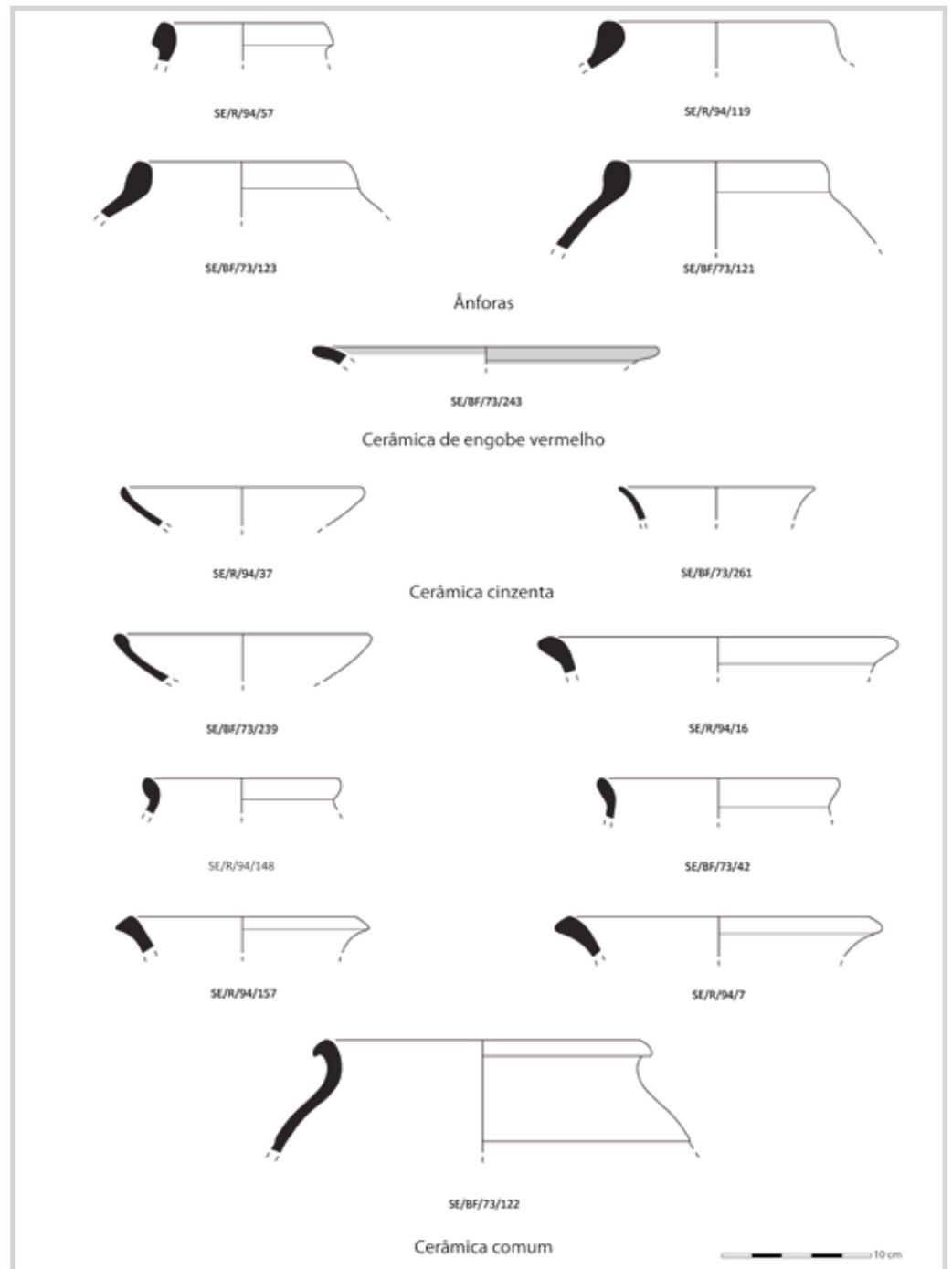


Figura 12
Materiais da Idade
do Ferro de Santa
Eufémia.

BIBLIOGRAFIA

- ARRUDA, A. M. (1999-2000)** – *Los Fenicios en Portugal. Fenicios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a.C.)*. Barcelona: Publicaciones del Laboratorio de Arqueología de la Universidad Pompeu Fabra (Cuadernos de Arqueología Mediterránea, n.o 5- 6).
- ARRUDA, A. M. (2005a)** – Orientalizante e pós-orientalizante no sudoeste peninsular: geografia e cronologias. *Anejos de Archivo Español de Arqueología. Actas del III Simposio Internacional de Arqueología de Mérida: Protohistoria del Mediterráneo Occidental*. Mérida, vol. I, p. 277- 303.
- ARRUDA, A. M. (2010)** - Fenícios no território actualmente português: e nada ficou como antes. In *El Carambolo. 50 años de un tesoro*. Sevilla: Universidad, p. 439-452.
- AUBET, M. E. (1994)** – *Tiro y las colonias fenicias de Occidente*. Barcelona: Crítica.
- BARROS, L.; CARDOSO, J. L.; SABROSA, A. (1993)** – Fenícios na margem sul do Tejo. Economia e integração cultural do povoado de Almaraz – Almada. *Estudos Orientais*. Lisboa, IV, p. 143- 181.
- CALADO, M. (2008)** – *Olisipo pré-romana. Um ponto da situação*. Lisboa: Apenas.
- CARDOSO, J. L. (2004)** – *A Baixa Estremadura dos Finais do IV milénio a.C. até à chegada dos romanos: um ensaio de história regional*. Oeiras: Câmara Municipal (Estudos Arqueológicos de Oeiras, 12).
- CARDOSO, J. L. (2011)** – *Arqueologia do Concelho de Oeiras. Do Paleolítico Inferior ao século XVIII*. Oeiras: Câmara Municipal.
- CELESTINO PÉREZ, S. (1995)** – El período orientalizante en Extremadura. *Extremadura Arqueológica*. Cáceres, IV, p. 67-90.
- DIOGO, A. M. D. (1993)** – Ânforas pré-romanas dos Chões de Alpompe (Santarém). *Estudos Orientais*. Lisboa, IV, p. 215-227.
- MANIATIS, Y.; JONES, R. E.; WHITBREAD, I. K.; KOSTIKAS, A.; SIMOPOULOS, A.; KARAKALOS, C.; WILLIAMS, C. K. (1984)** – Punic amphoras found at Corinth, Greece: an investigation of their origin and technology. *Journal of Field Archaeology*. Boston, 11-2, p. 205-222.
- PIMENTA, J.; MENDES, H. (2008)** – Descoberta do povoado pré-romano de Porto do Sabugueiro (Muge). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa, vol. 11, 2, p. 171-194.
- PIMENTA, J.; MENDES, H. (2010-2011)** – Novos dados sobre a presença fenícia no vale do Tejo. As recentes descobertas na área de Vila Franca de Xira. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras, 18, p. 591-618.
- PIMENTA, J.; HENRIQUES, E.; MENDES, H. (2012)** – *O acampamento romano do Alto dos Cacos, Almeirim*. Almeirim: Câmara Municipal.
- PINTO, C. V.; PARREIRA, R. (1978)** – Contribuição para o estudo do Bronze Final e do Ferro Inicial a norte do Estuário do Tejo. In *Actas das III Jornadas da Associação dos Arqueólogos Portugueses (1977)*. Lisboa, p. 147-163.
- SERRÃO, E. C.; VICENTE, E. P. (1980)** – A sepultura do Rei Mouro (uma estação da Idade do Ferro) – Negrais (Sintra). *Arqueologia*. Porto, 1, p. 28-35.
- SOUZA, E. (2011)** – *A ocupação pré-romana da Foz do Estuário do Tejo durante a segunda metade do 1º milénio a.C.* Tese de doutoramento apresentada à Universidade de Lisboa. Edição policopiada.

NOTAS

¹ Uniarq – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.

Cronologias absolutas para a I^a Idade do Ferro em Olisipo – O exemplo de uma ocupação em ambiente cársico na actual Rua da Judiaria em Alfama

MARCO CALADO, LUÍS ALMEIDA, VASCO LEITÃO E MANUELA LEITÃO

Introdução

➤ A Rua da Judiaria, em Alfama, corresponde a um pequeno troço pedonal compreendido entre o Arco do Rosário, junto ao Largo do Terreiro do Trigo e o Largo de São Rafael, acompanhando um pano de muralha da designada “Cerca Velha” que faz a ligação entre o troço principal da cerca urbana e a ainda existente Torre de São Rafael (figura 1).

A intervenção arqueológica decorreu entre Maio e Junho de 2009, no âmbito do Projecto Integrado de Estudo e Valorização da “Cerca Velha” de Lisboa, da responsabilidade do Museu da Cidade – CML, tendo por objectivo detectar contextos relacionados com a construção deste troço da muralha. No entanto, as construções modernas e a remodelação do espaço na década de quarenta do século passado, inviabilizaram a identificação de níveis estratigráficos mais recentes, transportando-nos de imediato para momentos de ocupação em ambiente cársico, datados da Idade do Ferro.

A metodologia adoptada corresponde à preconizada por Edward Harris (HARRIS, 1979). A direcção esteve a cargo dos dois últimos signatários e contou com a colaboração temporária do Dr. Vasco Vieira ao qual se agradecem os desenhos do espólio apresentado. Agradecemos também ao Eng.º Monge Soares a sua disponibilidade na realização das datações por radiocarbono e os esclarecimentos prestados.



Figura 1
Vista aérea com a localização da área intervencionada na Rua do Terreiro do Trigo.

Enquadramento arqueológico e regional

As ocupações em ambientes cárscicos, integráveis na Idade do Ferro não são estranhas à realidade arqueológica da Península Ibérica. No actual território português basta referirmos os exemplos da Gruta da Calatras Alta em Alcobaça (FERREIRA, 1982), a Lorga de Dine em Vinhais (JORGE, 1986) ou a Gruta da Avecasta em Ferreira do Zêzere (FÉLIX, 1993), para ficarmos com uma ideia da dispersão deste género de ocupação. Estes exemplos foram interpretados pelos autores como situações de abrigo.

Embora na região da Extremadura e principalmente na zona do Maciço Calcário Estremenho, existam muitos casos similares, a realidade é que para o período em causa, este tipo de ocorrência ainda não se tinha verificado no registo arqueológico da região de Lisboa e Península de Setúbal. Os casos conhecidos e cronologicamente mais próximos, limitam-se a ocupações datadas do Bronze Final. Como exemplos, mencionamos as conhecidas grutas da Lapa do Fumo, em Setúbal (SERRÃO, 1970), do Poço Velho, em Cascais (Carreira, 1990-1992) e do Correio-Mor, em Loures (CARDOSO, 1995) que, segundo os autores, poderão corresponder a depósitos votivos. Já no concelho de Oeiras, e também enquadrada no Bronze Final, a Gruta da Ponte da Lage ofereceu um conjunto de contentores cerâmicos que pelas suas dimensões, levou os autores a interpretarem o local como uma área de armazenamento (CARDOSO e CARREIRA, 1996).

Assim, a Rua da Judiaria constitui para já um importante modelo, senão mesmo um caso ímpar, para a compreensão do panorama sidérico a nível regional. Devemos realçar por um lado, a singularidade da sobrevivência desta formação num espaço densamente urbanizado e por outro, a disparidade na forma de ocupação, dado que a poucos metros de distância, no Palácio do Marquês de Angeja, foi identificado um conjunto de estruturas sobrepostas evidenciando uma ocupação contínua, cronologicamente balizada entre o século VII a.C. e a romanização (FILIPE *et ali*, 2005).

Enquadramento geológico

O espaço intervencionado encontra-se afeiçoado na formação miocénica designada por “calcários de entre-campos” ou simplesmente “Banco Real”.

As formações geológicas miocénicas estendem-se por grande parte da cidade e correspondem na sua génese a uma época de sedimentação que terá actuado durante 16 milhões de anos na zona vestibular da bacia do Tejo, com características alternadas de deposição sujeitas a condições continentais, costeiras e marinhas. Em resultado dessas características a Série Miocénica é constituída por arenitos, argilitos e calcários (ALMEIDA, I., 1994).

Aflorante na cidade de Lisboa, esta formação calcária é constituída por litótipos de características distintas, como atesta a ocorrência de calcários margosos, finamente micáceos, formados quase unicamente por moldes de moluscos cobertos por camadas de areia, seguidas por bancadas de calcários, menos compactos, com espessura total na ordem dos 12 metros (ZBYSZEWSKI, G., 1963).

A expressão desta formação na série miocénica de Lisboa é particularmente interessante na zona em estudo. A análise da estrutura geológica local, numa faixa orientada SO-NE, no sopé da encosta do Castelo, voltada a sul, evidência uma série de acidentes tectónicos que expõem à superfície litologias mais antigas que as que compõem o substrato localizado a Norte da área em análise (figura 2).

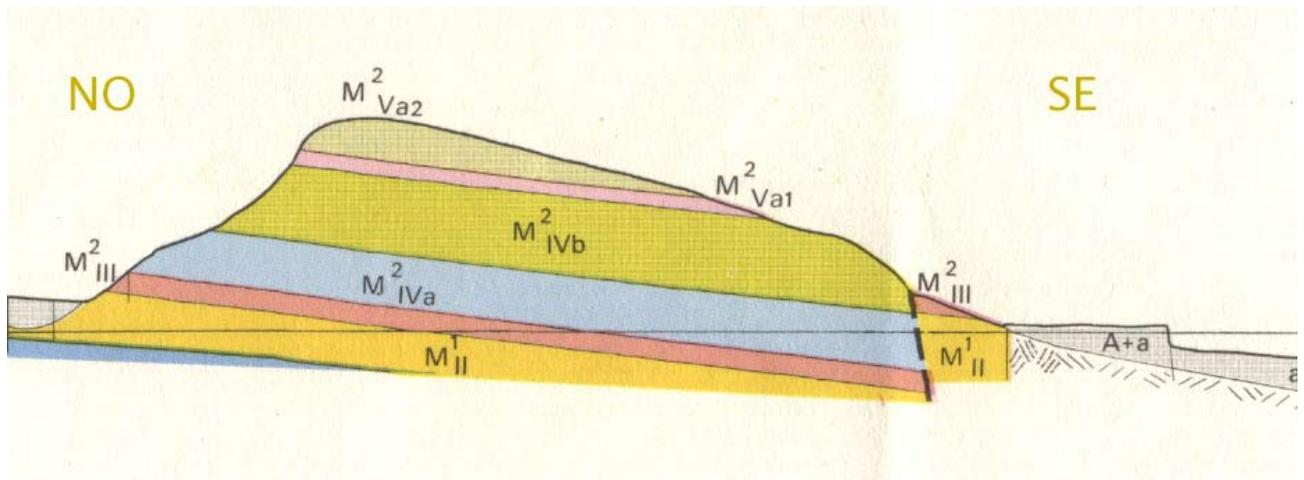


Figura 2
Excerto do corte geológico NO – SE, inserido na carta geológica do Concelho de Lisboa, na escala de 1:10 000 (ALMEIDA, F. M, 1986), traçado sobre a zona intervencionada cortando a encosta do Castelo. Na secção SE observa-se o acidente tectónico que produz a elevação das formações do “Banco Real” (M2III) e das “Areolas da Estefânia” (M1II).

Figura 3
Representação das principais diaclases (descontinuidades) identificadas no afloramento do “Banco Real”, sobre fotomontagem.

Enquadramento geomorfológico

Esta formação é composta localmente por calcários ligeiramente gresosos e fossilíferos de tonalidade amarelada constituindo maioritariamente o suporte do embasamento estrutural do pano de muralha.

Por se tratar de uma formação com um nível de resistência aos processos mecânicos e meteóricos superior à que lhe subjaz (Areolas da Estefânia), terá sido determinante na evolução geomorfológica da base da encosta e assumido um destaque paisagístico em fase anterior à intensa ocupação urbana desta zona da cidade.

A rede de diaclases identificada nestes calcários (figura 3) leva a supor uma forte contribuição dos fenómenos diagenéticos, tectónicos e ambientais que actuaram desde a génese à exposição superficial. A elevada porosidade e permeabilidade desta litologia, assim como a presença das descontinuidades e a disponibilidade dos recursos hídricos, sobretudo subterrâneos, como recordam as várias ocorrências hidrominerais na zona de Alfama, terão sido relevantes nos processos de dissolução e na subsequente precipitação química evidenciada pelas diversas ornamentações identificadas.

Por altura das primeiras ocupações registadas, existia maior proximidade com o leito do rio Tejo. A resistência desta formação em relação às formações envolventes terá produzido um relevo destacado na configuração morfológica local, tornando possível a ocupação em contexto de abrigo.



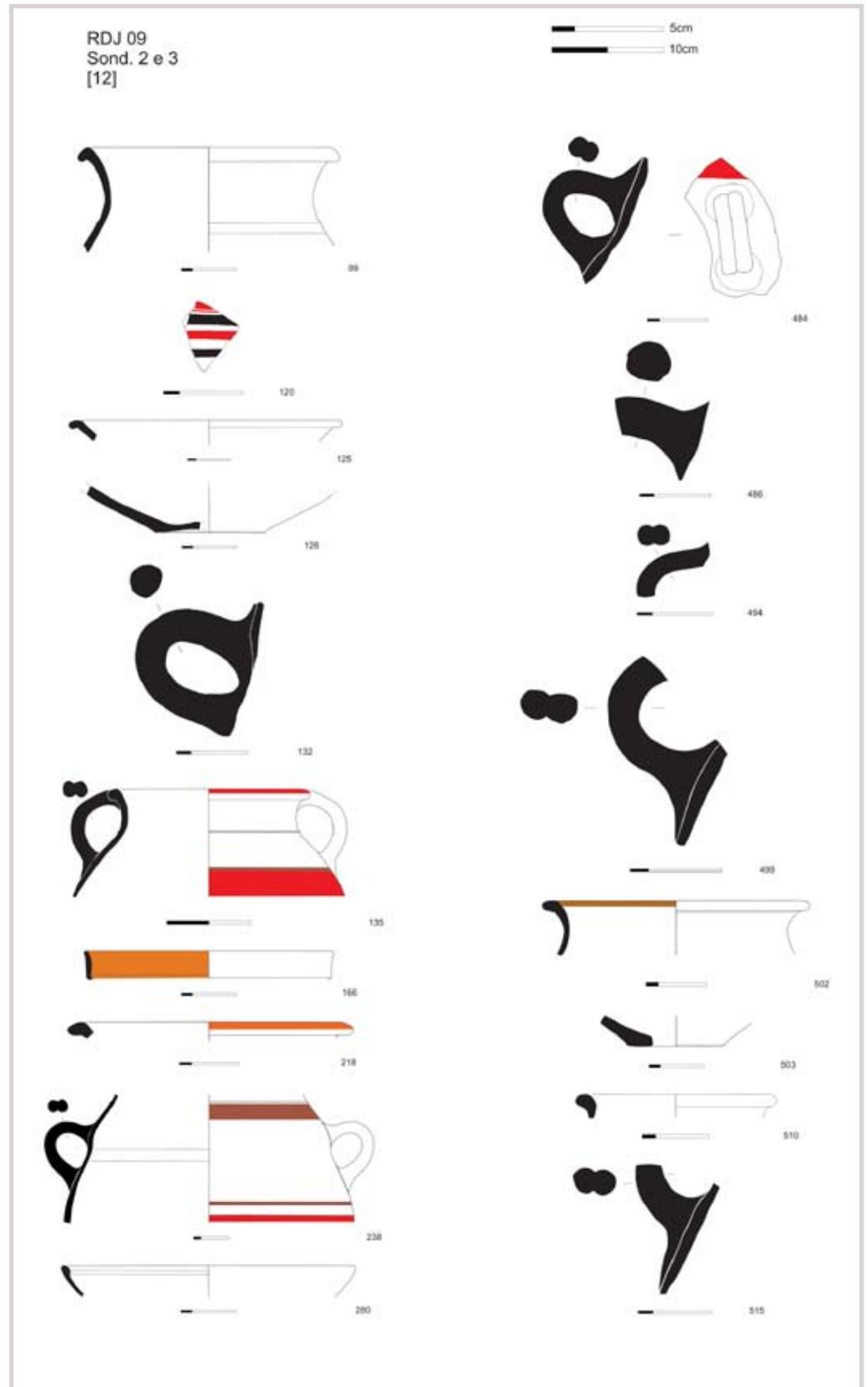


Figura 4

Contextos e espólio

U.E. [12]

Unidade caracterizada por um sedimento argilo-arenoso de coloração verde amarelado, medianamente compacto, com pequenos carvões e material pétreo de pequeno calibre. Foi detectada quer na sondagem 2, quer na sondagem 3 e corresponde aos últimos momentos de deposição detectados. Encontra-se perturbada pelas acções efectuadas em período medieval relacionadas com a muralha, pelas remodelações localizadas no embasamento do cubelo em período moderno e pela instalação de infra-estruturas em época contemporânea.

Entre o espólio exumado destacamos na figura 4 as seguintes ânforas:

N.º 132 - asa de rolo, com fractura recta. A pasta apresenta coloração laranja-rosado clara com cerne cinzento claro com alguns vácuos e aguada exterior bege;

N.º 486 - fragmento de asa de rolo, pasta semelhante à anterior com aguada exterior bege. Tipologicamente propomos a integração destes elementos no grupo T - 10.1.2.1. ou T - 10.2.1.1. de Ramon Torres, sendo também os fabricos coerentes com o grupo “Málaga” do mesmo autor (RAMONTORRES, 1995. pp 256-257).

Já na figura 5, com o n.º 427, encontra-se representado um fragmento de bordo com colo e ombro, integrável no grupo T - 11.2.1.2. A pasta, bem depurada e com pequenos elementos calcíticos, exhibe uma coloração de tonalidade violácea no exterior e acinzentada no interior, com fractura recta, conservando uma aguada de coloração esbranquiçada.

Esta peça integra-se no grupo “Bahia de Cadiz” (RAMONTORRES, 1995. p 256).

Entre as formas de *pithoi* (figura 4) salientam-se:

Nº 99 - bordo e colo com ligeiro ressaltado no arranque do bojo.

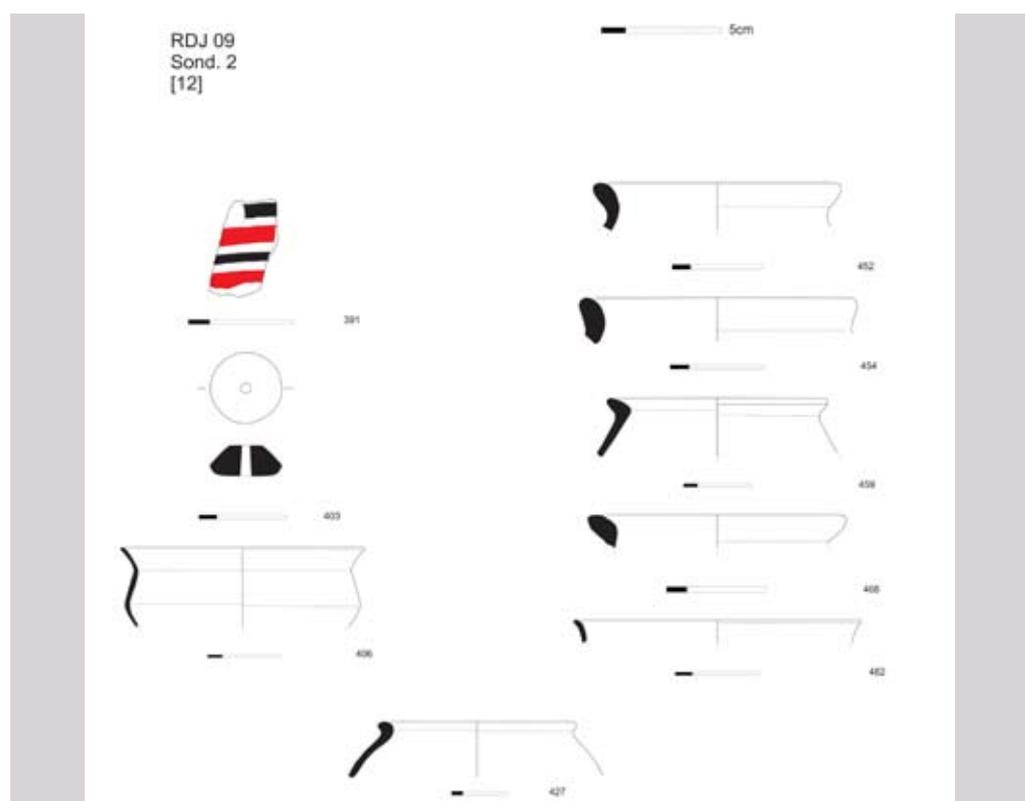


Figura 5

N.º 135 - bordo, parte de colo e asa bífida preservada com ligeiro ressalto entre o bojo e o colo. A pasta é bem depurada, fractura lisa de coloração bicroma entre o laranja e cinza claro. Ostenta pintura a vermelho no bordo, aguada branca abaixo do ressalto do colo e na asa bem como duas bandas (vermelha e castanha) no colo.

N.º 502 - fragmento de bordo com pintura vermelho acastanhada e ligeira canelura externa abaixo do lábio marcando o arranque do colo.

N.º 238 - fragmento de bojo com asa bífida e decoração pintada de bandas. Pasta semelhante ao 132 e 486 das ânforas.

N.º 484 - fragmento de colo com asa bífida. A pasta apresenta, coloração laranja claro com cerne cinzento claro sem acabamento exterior e pintura a vermelho sobre a asa, tem fractura recta evidenciando alguns vácuos

Entre as formas entendidas como taças (figura 4) foram recolhidos dois fundos em ônfalo (n.º 128 e 503); um fragmento de bordo extrovertido (n.º 125); um bordo espessado (n.º 280) e um fragmento de bordo boleado (n.º 166) ligeiramente extrovertido com colo vertical e carena, sendo o acabamento efectuado por um engobe de coloração alaranjada no interior.

Os fragmentos n.os 510 (figura 4), 452, 459 e 468 (figura 5), correspondem no nosso entender a recipientes equivalentes a “painéis” atendendo ao facto de conservarem vestígios de marcas de fogo na superfície externa. São formas de acabamento grosseiro, efectuadas a torno com pasta arenosa de coloração laranja e acinzentada, contendo elementos quartzíticos rolados.

A cerâmica cinzenta encontra-se representada por dois exemplares de taças de tendência globular (n.º 406 e 482, figura 5). Correspondem ao grupo 3b proposto por Ana Margarida Arruda, Vera Teixeira de Freitas e Juan Vallejo Sánchez, para o espólio proveniente dos claustros da Sé Catedral de Lisboa (ARRUDA et al, 2000). Ainda em cerâmica cinzenta, destacamos com o n.º 403 (figura 5), uma fusiola de secção cónica.

U.E. [24]

Unidade detectada na sondagem 2, imediatamente sob a u.e. [12] e estratigraficamente relacionada com a u.e. [25]. Caracteriza-se por um sedimento argilo - arenoso, de coloração verde amarelado, medianamente compacto, com grande concentração de carvões, fauna malacológica e mamalógica e elementos pétreos de pequeno calibre. Foi recolhida uma amostra de carvões para determinação cronológica da qual se obteve o seguinte resultado:

Ref. de Laboratório	Ref. da Amostra	Tipo	$\delta^{13}\text{C}$ (‰)	Idade (anos BP)	Data Calibrada
Sac-2526	RDJ 24	Madeira carbonizada	-24,88	2390±50	*

* para 1 sigma: 701-696 cal BC (0,022366); 538-397 cal BC (0,977634).
para 2 sigma: 751-686 cal BC (0,14935 9); 667-637 cal BC (0,049383);
622-614 cal BC (0,00661 5); 595-387 cal BC (0,794643).

Entre o espólio representado na figura 6 destacamos dois fragmentos de ânforas com fractura recta, correspondendo o n.º 243 a um fragmento de bojo e colo com pintura de banda a vermelho e o n.º 543 a uma asa de rolo. As pastas são de coloração laranja-rosado claro com cerne cinzento claro, apresentando alguns vácuos. O acabamento é em aguada bege. Ambos os elementos se enquadram no grupo T - 10.1.2.1. ou T - 10.2.1.1. de Ramon Torres.

Recolheram-se ainda duas *pithoi* (N.ºs 356 e 368) e seis taças, duas das quais com perfil completo:

N.º 528 - apresenta um engobe esbranquiçado no interior e exterior.

N.º 348 - tem fundo em ônfalo, com acabamento de engobe laranja no interior e exterior. Correspondem ao mesmo fabrico, com a pasta de coloração laranja claro, de aspecto poroso, com elementos calcíticos e fragmentos de cerâmica moída.

A cerâmica cinzenta encontra-se representada por formas idênticas às recolhidas na u.e. [12], respectivamente: n.º 253 - bordo de taça do grupo 3b; n.º 301 - taça de tendência globular grupo 3b ; n.º 578 - taça de tendência globular grupo 3a (ARRUDA *et ali*, 2000).

Recolheu-se igualmente uma fusiola em cerâmica comum (n.º 545).

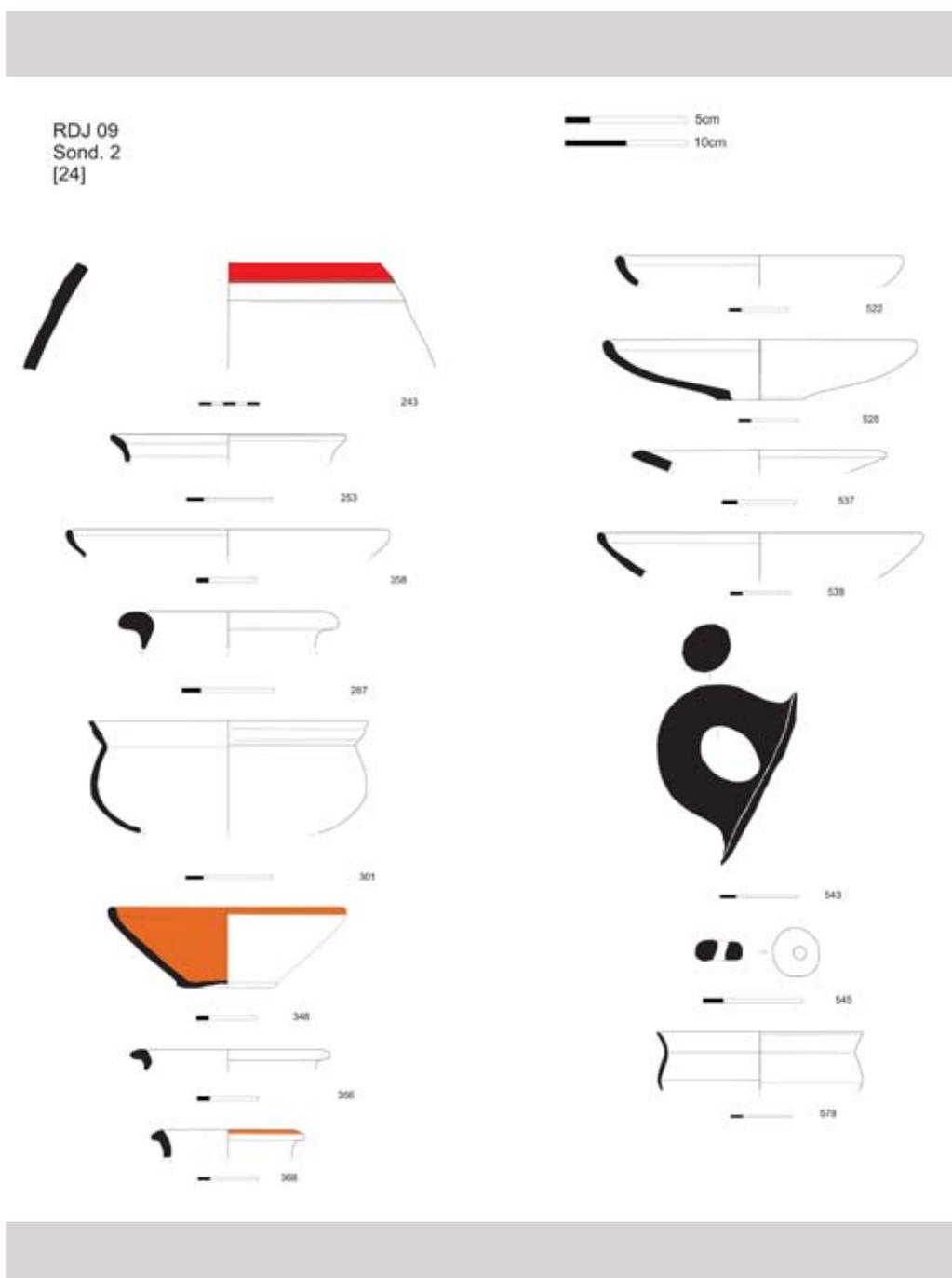


Figura 6

U.E. [25]

Tal como a u.e. [24] apenas foi detectada na sondagem 2 e como já foi referido, encontrava-se relacionada com esta. Corresponde a uma área de combustão sob a u.e.[12]. Embora não contivesse espólio cerâmico, foi recolhida uma amostra de carvões para aferição cronológica, da qual se obteve o seguinte resultado:

Ref. de Laboratório	Ref. da Amostra	Tipo	$\delta^{13}\text{C}$ (‰)	Idade (anos BP)	Data Calibrada
Sac-2525	RDJ 25	Madeira carbonizada	-27,45	2350±60	*

* para 1 sigma: 701-699 cal BC (0,006); 538-367 cal BC (0,994).

para 2 sigma: 751-686 cal BC (0,097851); 667-638 cal BC (0,03);
620-615 cal BC (0,003147); 594-351 cal BC (0,782361);
279-228 cal BC (0,079104); 222-210 cal BC (0,007539).

U.E. [43]

Encontra-se sob a u.e. [24] e [44] e corresponde ao último nível que foi possível escavar nesta sondagem. O depósito é semelhante à unidade [24], mas distinguindo-se desta por uma menor quantidade de carvões e fauna malacológica, e por uma significativa concentração de pedras de pequeno calibre. O espólio é escasso, sendo apenas relevante um fragmento de cerâmica pintada de bandas (n.º 211, figura 7).

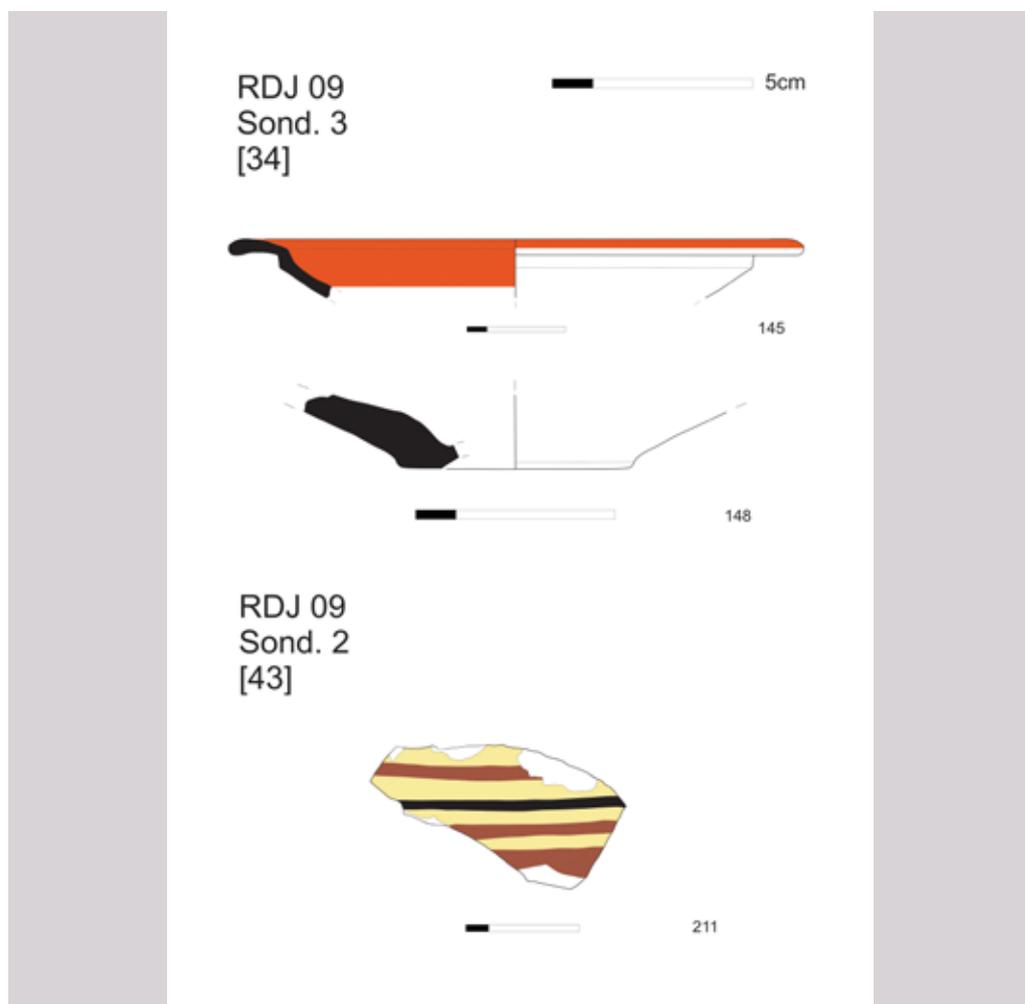


Figura 7

U.E. [34]

Foi detectada na sondagem 3, sob a u.e. [12]. É caracterizada por um sedimento areno-argiloso, pouco compacto, homogéneo de coloração castanha, contendo alguns carvões dispersos e fragmentos de pedra miúda. Apenas foram recolhidos dois fragmentos cerâmicos (figura 7). O primeiro corresponde a um prato com carena sob o bordo, pasta bicroma entre o laranja claro e o cinzento. É bem depurada com fractura lisa, e apresenta um engobe de coloração vermelho acastanhado no interior e exteriormente limitado ao bordo (n.º 145). O segundo fragmento corresponde ao fundo de uma taça (n.º 148).

U.E. [37]

Localizada na sondagem 3, sob a u.e. [34] corresponde ao momento de ocupação mais antigo identificado. O depósito apresenta matriz muito semelhante à anterior e à u.e. [12], com igual concentração de material pétreo de pequeno calibre (calcários conquíferos e calcarenitos), mas com a presença de alguns nódulos de sedimento argiloso de coloração acinzentada. Foi recolhida uma amostra de carvões para análise, da qual se obteve o seguinte resultado:

Ref. de Laboratório	Ref. da Amostra	Tipo	$\delta^{13}\text{C}$ (‰)	Idade (anos BP)	Data Calibrada
Sac-2527	RDJ 37/38	Madeira carbonizada	-25,68	2570±90	*

* para 1 sigma: 820-726 cal BC (0,411088); 693-541 cal BC (0,588912).
para 2 sigma: 895-871 cal BC (0,022386); 850-411 cal BC (0,977614).

O espólio exumado (figura 8), embora reduzido, não levanta grandes problemáticas na sua integração cronológica. Referimo-nos especificamente aos fragmentos de envases anfóricos, nomeadamente aos bordos com os n.ºs 57 e 92, ambos integráveis do ponto vista tipológico no grupo T - 10.1.1.1. No que respeita aos fabricos, ambos apresentam também afinidades com o grupo “Bahia de Cadiz”. O primeiro exemplar apresenta fractura recta, com pasta bem depurada, de coloração bicroma entre o laranja claro na face exterior e castanho acinzentado claro na interior, com pequenos elementos calcíticos. O acabamento evidencia um engobe de coloração castanho claro. O n.º 92 varia no acabamento por um engobe ligeiramente mais claro.

Identificámos também um único fragmento de *pithos* (n.º 188), correspondente a um bordo com pintura a vermelho, de pasta homogénea bem depurada e fractura recta com coloração rosa claro.

Entre as formas abertas, destacamos dois pratos:

N.º 185 - exemplar com bordo extrovertido plano e bojo preservado, sendo a pasta caracterizada por uma coloração rosa claro, fractura de aspecto ligeiramente laminado, medianamente depurada. O acabamento é uniforme no interior e exterior e é efectuado em aguada esbranquiçada.

N.º 189 - fragmento de bordo com carena na diferenciação para o bojo. A pasta, bem depurada de tonalidade variando entre o laranja e o cinzento, apresenta fractura recta. É acabada com engobe total no interior, de tonalidade vermelho acastanhado e exteriormente abaixo da linha do bordo.



Figura 8

Interpretação

Figura 9
Pormenor dos espeleotemas, actualmente expostos.

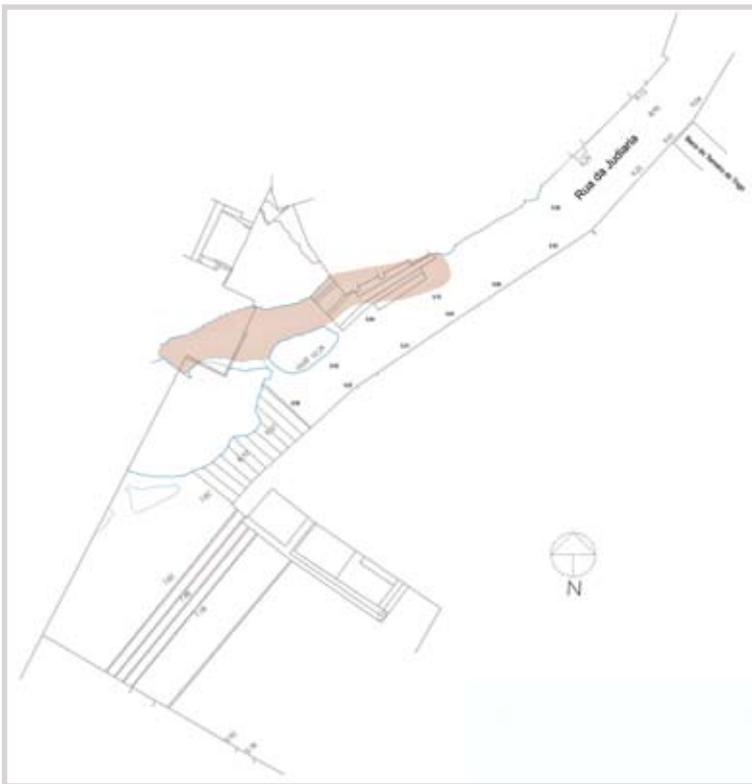


Figura 10
Planta da Rua da Judiaria com implantação dos afloramentos rochosos (contorno a azul) e reconstituição hipotética da galeria (a rosa).

A forma cársica que circunscreve a zona intervencionada apresenta-se ornamentada por espeleotemas típicos da acção hidrogeoquímica, no que diz respeito à morfologia de galerias ou grutas, ou seja, por mantos calcíticos e por pequenas colunas de expressão variável, incrustadas nas paredes internas. (figura 9)

A área definida pelas sondagens 2 e 3, não permite, no entanto, tirar ilações sobre a extensão geográfica da galeria com registo de ocupação, pelo que se assumirá como provável um prolongamento linear entre sondagens, como se ilustra na figura 10. A provável extensão da galeria para NE, em direcção ao Beco do Terreiro do Trigo, é também evidente pela ocorrência de espeleotemas nos afloramentos que suportam algumas estruturas edificadas na Rua da Judiaria.

Esta evidência, tal como a interpretação de uma possível reconstituição geográfica da extensão da gruta é restritiva. Por um lado, porque o acesso foi limitado a duas sondagens; por outro, porque a interpretação geomorfológica da possível extensão, bem como da eventual entrada e acessos ao seu interior, se torna limitada pelos constrangimentos da intensa ocupação urbana.

A circulação hídrica como suporte à actividade sedimentar de colmatção pode justificar a acumulação de sedimentos de matriz argilo-arenosa, com pedras calcárias frequentes, detectados no nível anterior ao da ocupação. A acumulação por deposição gravítica teria sido o resultado de fenómenos meteóricos e corrosivos possivelmente influenciados por uma rede interna de descarga e/ou de infiltração e circulação das águas que aportariam aqueles materiais.

A própria geometria dos depósitos não sugere uma reactivação dos fenómenos naturais de regime deposicional decorrentes

de circulação hídrica, que remobilizariam os registos ocupacionais preservados na u.e. [34] e [37], que são fortemente antropizados. Ao invés, estes encontram-se selados por outros depósitos com características deposicionais idênticas. Todavia, a unidade [12] apresenta características muito distintas das demais, levantando dúvidas quanto à sua génese deposicional.

Não se verificou, porém, nos vestígios remanescentes da gruta, qualquer evidência de fenómenos de abatimento do tecto nem da expressão vertical da galeria, levando a crer que o seu truncamento tivesse ocorrido em fases posteriores à primeira evidência ocupacional registada.

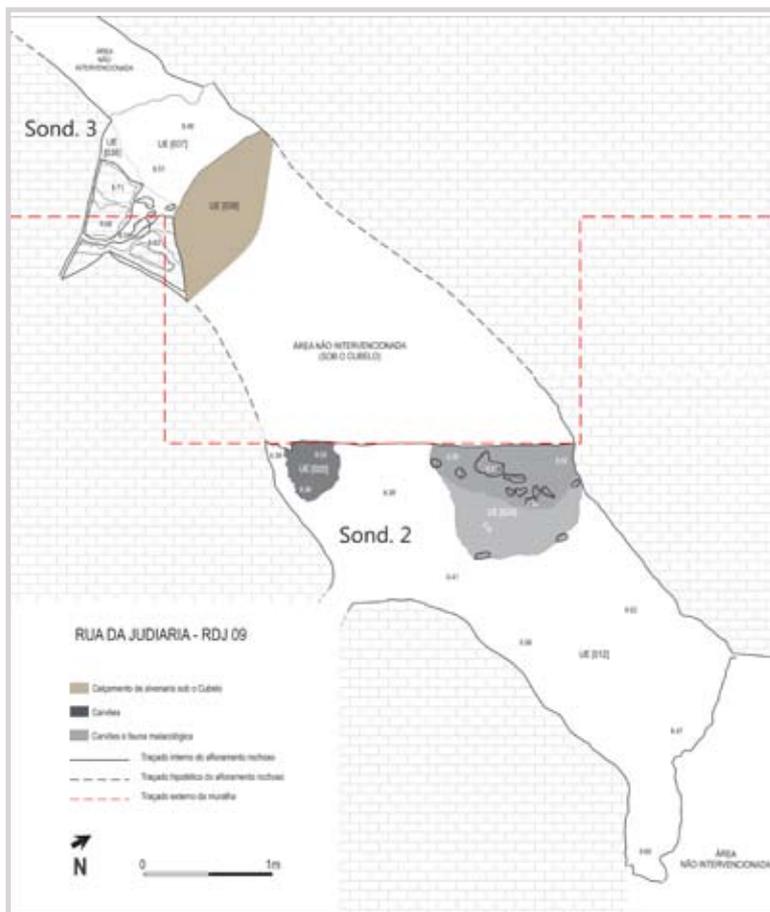
Do ponto de vista funcional os níveis identificados evidenciam dois momentos que mantêm, no nosso entender, as mesmas características da ocupação do espaço.

O primeiro momento encontra-se definido estratigraficamente pelas unidades [24] e [25] que em conjunto podem facilmente ser interpretadas como zona de combustão e área de acumulação detrítica, sugerindo um momento (ou momentos) de actividade de preparação alimentar e consumo – presunção que é reforçada quando consideramos a significativa quantidade de fauna malacológica e mamalógica recolhida na u.e. [24].

Já na unidade [37] da sondagem 3, foi possível atingir níveis cronologicamente mais recuados. Neste nível, embora não se tenham detectado evidências de actividades de fogo, atestou-se a presença de fauna mamalógica, nomeadamente uma mandíbula a par de outros fragmentos ósseos, sem qualquer tipo de conexão.

Na sondagem 2 e 3, o material anfórico exumado na u.e. [12] corresponde a uma fase posterior à área de combustão e muito embora maioritariamente dominado pelo grupo T - 10.1.2.1. ou T - 10.2.1.1. (e como tal com uma baliza cronológica entre o primeiro quartel do séc. VII a.C. e o terceiro quartel do séc. VI a.C. (RAMON TORRES, 1995, pp 231-232) acusa também a presença de um elemento do grupo T - 11.2.1.2. o que nos aponta para uma cronologia já integrável na primeira metade do séc. V a.C.. Com os dados disponíveis, não é possível apresentar qualquer interpretação para a formação deste depósito.

Figura 11
Pormenor dos espeleotemas, actualmente expostos. Figura 6 – Planta geral das sondagens 2 e 3 com as unidades estratigráficas em estudo e traçado hipotético do corredor.



Do ponto de vista cronológico, para a u.e. [24] apenas se exumaram elementos do grupo T - 10.1.2.1. ou T - 10.2.1.1. cuja cronologia tradicional, sobreposta aos resultados obtidos laboratorialmente para estes níveis (Sac - 2525 e Sac - 2526, gráfico 1), sugere uma cronologia entre meados e finais do séc. VI a.C..

Bem mais pacíficos parecem ser os dados obtidos para a u.e. [37] da sondagem 3, cuja presença de elementos do grupo T - 10.1.1.1., tradicionalmente enquadráveis entre meados do séc. VIII a.C. e primeiro terço do séc. VII a.C. (RAMON TORRES, 95, p 230), associados aos resultados obtidos (Sac - 2527, gráfico 1), nos sugere uma cronologia integrável na segunda metade do séc. VIII a.C..

Importa salientar a ausência de cerâmica manual em todos os contextos. Muito embora os resultados desta escavação não possam ser considerados representativos da realidade local para a 1ª Idade do Ferro, principalmente no que se refere aos primeiros contactos

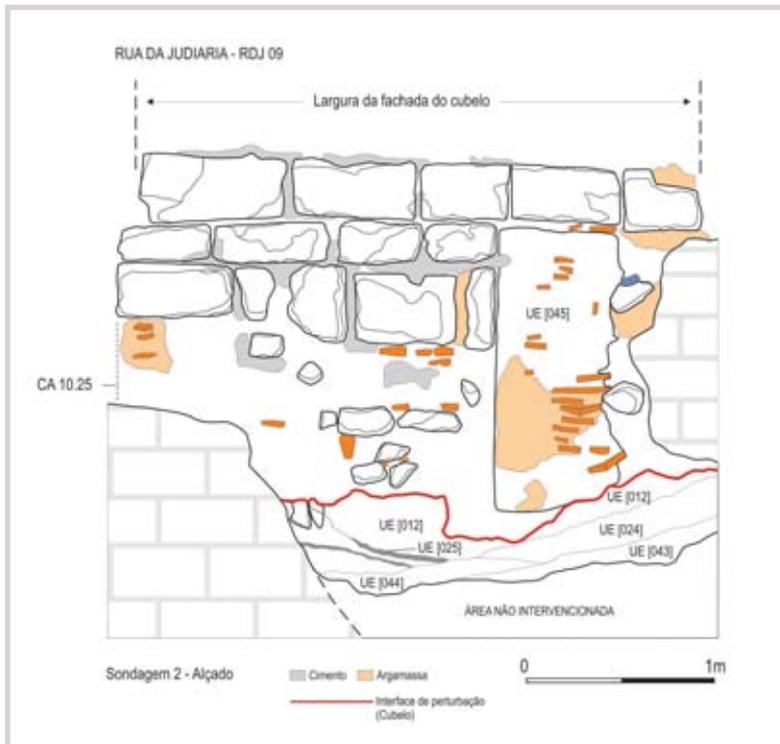


Figura 12
Perfil Norte da sondagem 2, sob o alçado parcial do cubelo da “Cerca Velha”.

Para concluir, importa ainda referir que as produções do “Grupo Málaga” e “Bahia de Cadiz”, sublinham a ligação que o território de Olisipo já manteria durante o séc. VIII a.C. com o designado “Circulo do Estreito”.

com o munto orientalizante, esta ausência de produções manuais não deixa de levantar questões. A primeira relaciona-se com o grau e celeridade com que esta “orientalização” se terá processado e a segunda (com reservas) se estes contextos não se poderão associar à frequência de populações directamente relacionadas com o mundo tartésico. Neste ponto não podemos deixar de referir os dados obtidos na intervenção realizada no n.º 15 da Rua de São Mamede, (com cronologias tradicionais equivalentes às obtidas para a u.e. [37]) na qual elementos do grupo T. 10.1.1.1. se encontravam associados a cerâmicas manuais, taças carenadas de tradição do bronze final e de um fragmento com decoração em retícula brunida do tipo “Lapa do Fumo” (PIMENTA *et ali*, 2005; CALADO, 2008).

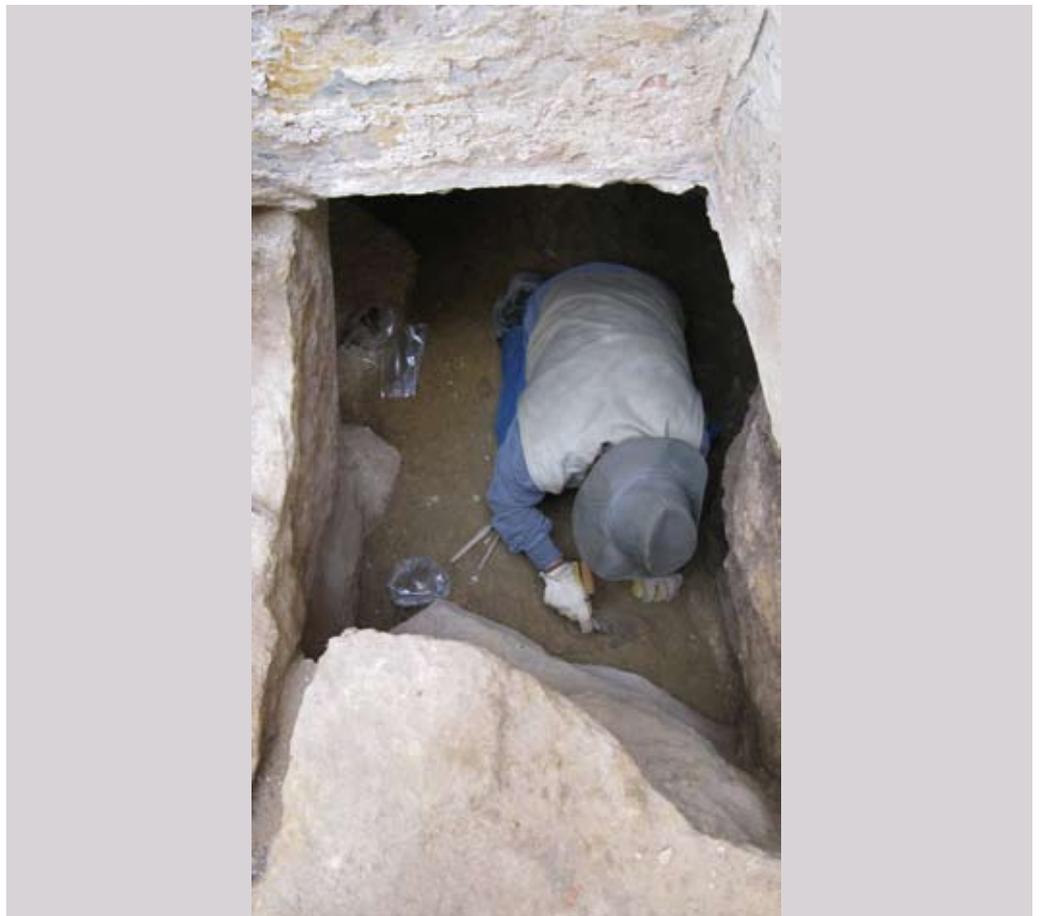


Figura 13
Vista da sondagem 3 em processo de escavação.



Figura 14
Pormenor de escavação
da sondagem 3.

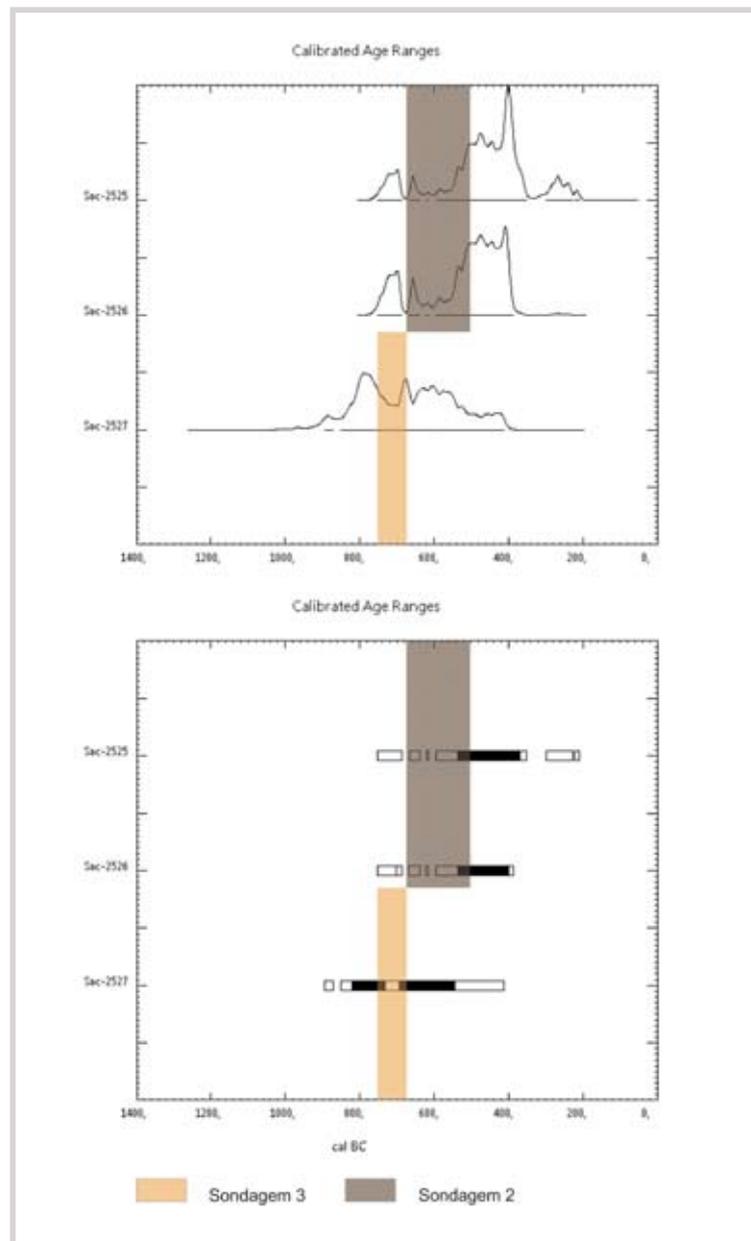


Gráfico 1
Sobreposição da
cronologia tradicional
partindo da análise
dos envases anfóricos,
com os gráficos de
probabilidade de
incidência cronológica
(cronologias
calibradas). Sondagem
3/U.E. [37]: Sac – 2527;
Sondagem 2/U.E.s [24]
e [25]: Sac – 2525/Sac.
– 2526.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, F. M. (1986)** – Carta Geológica do Concelho de Lisboa, na escala de 1:10 000 e Notícia Explicativa da Carta Geológica do Concelho de Lisboa. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- ALMEIDA, I. (1994)** – Lisboa antes do Homem. Catálogo da Exposição “Lisboa Subterrânea” [Museu Nacional de Arqueologia. Lisboa Capital Europeia da Cultura '94]. Electa: Lisboa, p. 20-23.
- ARRUDA, A. M. (2002)** – *Los Fenicios en Portugal. Fenicios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a. C.)*. Cuadernos de Arqueología Mediterránea. 5-6. Barcelona.
- ARRUDA, A. M. (2005)** – Orientalizante e pós-orientalizante no sudoeste peninsular: Geografias e cronologias In *Actas del III Simposio Internacional de arqueologia de Mérida: Protohistoria del Mediterráneo Occidental. El Periodo Orientalizante*. Volume I. Anejos de AE spa. XXXV. Mérida.
- ARRUDA, A. M.; FREITAS, V. T.; VALLEJO SÁNCHEZ, J. I. (2000)** – As cerâmicas cinzentas da Sé de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Vol. 3. Número 2, p. 25-59.
- CALADO, M. (2008)** – *Olisipo pré-romana – Um ponto da situação*. Coleção Os Vicentes 3. Apenas Livros. Lisboa.
- CARDOSO, J. L. (1995)** – As cerâmicas de ornatos brunidos da Gruta do Correio - Mor (Loures). In *Estudos Arqueológicos de Oeiras* 7. Oeiras.
- CARDOSO, J. L.; CARREIRA, J. R. (1996)** – Materiais cerâmicos da Idade do Bronze da gruta da Ponte da Laje (Oeiras). In *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 341-350.
- FÉLIX, P. J. S. (1993)** – A região nabantina no final da Pré-História: algumas considerações acerca do estudo do povoamento do I milénio a.C. In *Boletim Cultural da Câmara Municipal de Tomar* 19. Tomar.
- FERREIRA, O. V. (1982)** – Cavernas com interesse cultural encontradas em Portugal. In *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal* 68. Lisboa.
- FILIFE, V.; CALADO, M.; LEITÃO, M. (2005)** - Os níveis orientalizantes do Palácio do Marquês de Angeja. Comunicação apresentada no VI Congresso Internacional de Estudos Fenício Púnicos. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 25 de Setembro a 1 de Outubro de 2005. Lisboa (no prelo).
- GOMES, M. V.; CALADO, D. (2007)** – Conjunto de cerâmicas da gruta da Ladroeira Grande (Moncarapacho, Olhão, Algarve) e os santuários subterrâneos, da Idade do Bronze Final, no Sul de Portugal. In *Revista Portuguesa de Arqueologia*. volume 10. número 1. p. 141-158.
- HARRIS, E. (1979)** – *Principles of archeological stratigraphy*. Londres: Academic press.
- JORGE, S. O. (1986)** - *Povoados da Pré-história Recente (III.º Inícios do II.º Milénios A. C.) da Região de Chaves V.ª P.ª de Aguiar (Trás-os-Montes Ocidental)*. Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto (versão policopiada).
- PIMENTA, J.; CALADO, M.; LEITÃO, M. (2005)** – Novos dados sobre a ocupação pré-romana da cidade de Lisboa. A intervenção da Rua de São João da Praça. Comunicação apresentada no VI Congresso Internacional de Estudos Fenício Púnicos. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 25 de Setembro a 1 de Outubro de 2005. Lisboa (no prelo).
- PIMENTA, J.; SILVA, R. B.; CALADO, M. (2005)** – Sobre a ocupação pré-romana de Olisipo: A Intervenção Arqueológica Urbana da Rua de São Mamede ao Caldas N.º 15. Comunicação apresentada no VI Congresso Internacional de Estudos Fenício Púnicos. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 25 de Setembro a 1 de Outubro de 2005. Lisboa (no prelo).
- RAMONTORRES, J. (1995)** – *Las Ánforas Fenicio-Púnicas del Mediterráneo Central y Occidental*. Col. Lección Instrumenta. 2. Barcelona. Publicacions Universitat de Barcelona.
- SERRÃO, E. da C. (1970)** – As cerâmicas de “retícula brunida” das estações arqueológicas espanholas e com “ornatos brunidos” da Lapa do Fumo. In *Actas das I Jornadas Arqueológicas. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Vol. II, p. 271-307.
- SOUSA, E (2011)** - *A ocupação pré-romana da foz do Estuário do Tejo durante a segunda metade do 1º milénio a.C.* Dissertação de Doutoramento em História variante Arqueologia apresentada na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, versão policopiada.
- ZBYSZEWSKI, G. (1963)** – Carta geológica dos arredores de Lisboa, na escala 1/50 000. Notícia explicativa da folha 4 – Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal.

In memoriam do Professor Doutor Pedro Fialho

O povoamento pré-romano de Freiria – Cascais

GUILHERME CARDOSO E JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

Análise Espacial

➤ O nosso estudo incide numa área geográfica que é a baixa península de Lisboa. Delimitada, a sul, pelo estuário do Tejo e pelo Oceano Atlântico, compreende os concelhos de Lisboa, Amadora, Oeiras, Cascais e a zona meridional do município de Sintra.

A região tem um relevo acentuado, onde as elevações e as depressões de origem tectónica interferem com as formações de erosão – vales encaixados, superfícies de aplainamento incompletas, à mercê das rochas mais brandas. Tudo salpicado por chaminés basálticas, cuja forma, extensões e altitudes são as mais variadas.

A Serra de Sintra é a mais alta elevação da região com 519 m, seguindo-se grande número de cabeços, de que se salientam: Monte Abraão, 232 m; Monsanto, 228 m; Alfragide, 210 m; Alto dos Cabelos, 178 m; Manique, 197 m; e Alcoitão, 157 m. Estas elevações fazem parte de uma pequena serra denominada Achada, que é uma ramificação da Serra de Sintra, para o lado sul (Ávila e Bolama, 1912, 74).

Maioritariamente calcário, o subsolo da região é de origem secundária, do Jurássico Superior e do Cretácico, formado em fundos marinhos profundos. A norte, o batólito de granito da Serra de Sintra, elevou-se há cerca de 70 milhões de anos, no final do Mesozóico, obrigando as rochas do Jurássico Superior a elevarem-se. Os magmas que então escaparam das profundezas do manto preencheram as fendas dos calcários dobrados pelas forças tectónicas. Dessa época ficaram várias chaminés e pequenos mantos de basalto que cobrem áreas de excelentes solos agrícolas.

No Terciário, o mar continuava a cobrir toda a zona. A foz do Tejo espriava-se por toda a área oriental do concelho de Cascais até Lisboa e nos fundos marinhos depositava-se uma nova série de materiais, que deram origem às chamadas aréolas de Estefânia, durante o Aquitaniano, e aos calcários de Entrecampos, durante o Burdigaliano.

O Quaternário encontra-se demarcado por diversos níveis de praias pouco nítidas, no Calabriano (± 150 m) e Siciliano I (± 100 m), em contraste com os vestígios das praias do Siciliano II (± 60 m) e Tirreniano II (4-515 m), bem visíveis junto ao litoral. O Tejo tinha a sua foz mais a sul do que a actual, desaguava inicialmente a norte do cabo Espichel onde hoje se localiza a lagoa de Albufeira e só mais tarde modificou o curso da foz do seu leito

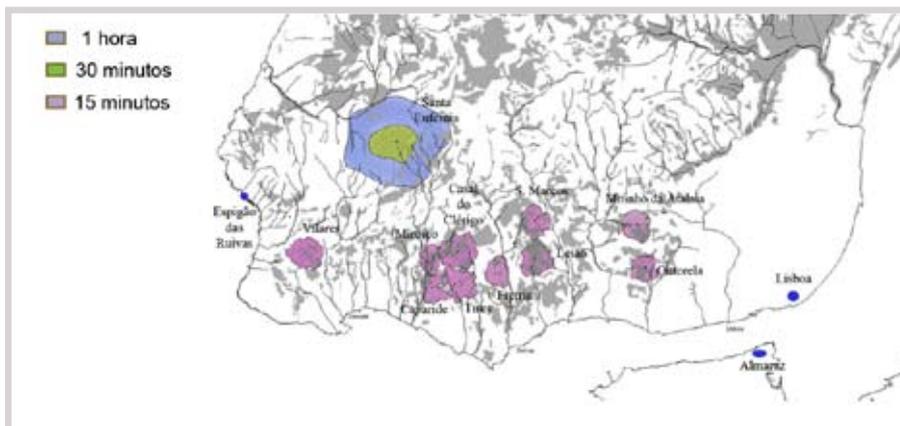
para actual saída.

Diversas ribeiras atravessam a região, sendo as mais importantes (de nascente para poente): Alcântara, Algés, Jamor, Barcarena, Paço d'Arcos, Lage, Junqueiro, Caparide, Bicesse, St.^a Rita, Caneira, Abuxarda, Vinhas, Mochos e Charneca.

O clima é ameno, de tipo mediterrânico, com médias

Figura 1

Mapa geral do lado sul da península de Lisboa. Nele estão registados os pontos onde surgiram os principais achados da I e II Idades do Ferro. As cores indicam trajectos percorridos a partir de um ponto central: roxo - áreas dos percursos de 15 minutos; verde - 30 minutos; e a azul - 60 minutos. As manchas cinzentas indicam os terrenos de melhor aptidão agrícola, das classes A e B.



anuais de temperatura mínima de 11° C e máxima de 21° C. Bastante ventoso durante o Verão, com ventos predominantes de norte, e pouco no Inverno, época em que predominam de sul. O sol brilha num céu sem nuvens durante grande parte do ano, sendo raros os nevoeiros.

Procuramos desde 1993 (Cardoso e Encarnação, 1992-93, 203-217) apresentar dados de produção do *fundus* de Freiria.

A nossa análise é, pois, sobre a zona oeste de Lisboa onde se insere o sítio de Freiria. Nos sítios escolhidos foram realizadas já intervenções arqueológicas ou neles foram feitas observações *in loco* por diversos investigadores, que possibilitaram atribuir-lhes, devido à área de dispersão de vestígios arqueológicos, as características de ocupações do período sidérico.

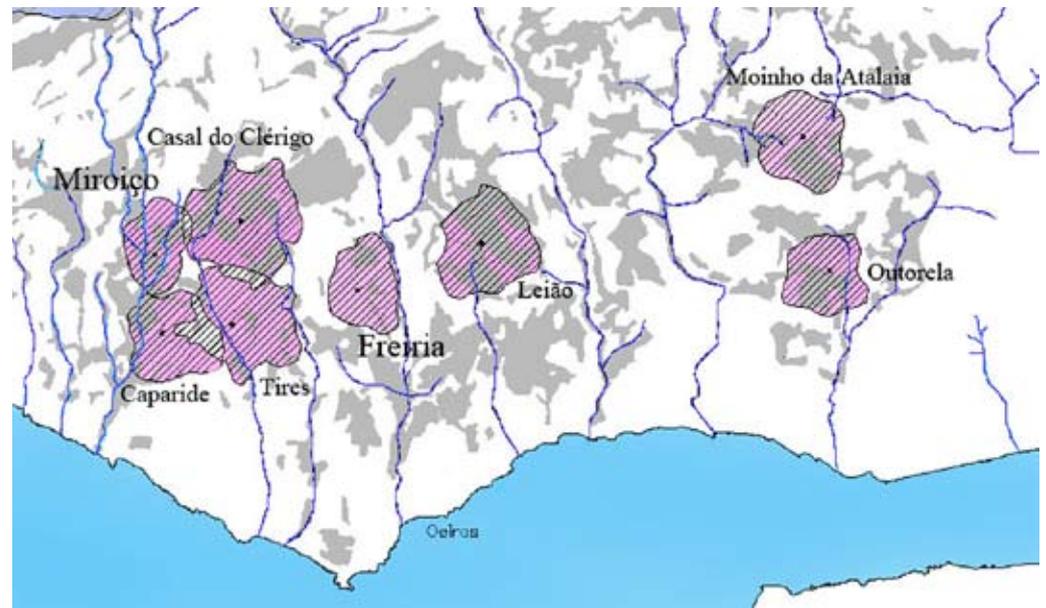


Figura 2
Parte do mapa onde se integram os sítios de Freiria e Miroiço.



Figura 3
Imagem de satélite da foz do rio Tejo com a localização dos pontos analisados.
Base: Google Earth.

Também no trabalho final de licenciatura de um de nós (G. C.)¹ se utilizou este método para analisar um período que abrangia o Neolítico Final até ao Calcolítico Final a ocidente de Lisboa, verificando-se então que existem alguns cuidados a ter com este tipo de estudos geográficos:

1º – *A questão da classe de produtividade dos terrenos.* As que apresentamos são as actuais, o que levanta a questão de poderem divergir das do passado, devido às sucessivas lavras a que estiveram sujeitos os terrenos ou, mesmo, a condicionantes ambientais que se fizeram sentir durante tanto tempo e, mais recentemente, ao factor urbanístico, que tem avançado sobre todo o território estudado, principalmente a partir do século XIX e, fundamentalmente, na segunda metade do século XX.

2º – *As jazidas poderão não ter coexistido no mesmo lapso de tempo.* Não temos modo de suplantar a questão, devido não só aos poucos dados fornecidos pelas escavações arqueológicas, mas também porque temos consciência de que tal será sempre difícil de saber. A forma de suplantar esta deficiência foi a divisão em períodos latos, como seja a Idade do Ferro, possibilitando-nos assim verificar a ocupação do espaço estudado, em relação aos modelos aplicados nas diversas épocas e, deste modo, as alterações sofridas.

3º – *As funções que os sítios tiveram no mesmo momento,* pois poderiam ter sido diferentes entre si. Foi uma questão que nos vimos forçados a não ter em consideração, devido à falta de dados sobre o assunto, preferindo integrar os sítios em contexto de unidades rurais, como fora proposto por João Luís Cardoso (Cardoso, 1995) e Ana Arruda (Arruda, 2005, 57).

A nossa análise incidiu assim sobre a área sudoeste da península de Lisboa, com o eixo cardeal a passar nas imediações de Freiria. É nítida na carta topográfica em que se insere a nossa análise, uma dicotomia espacial entre as zonas norte e a meridional, provocada pela cordilheira formada pela Serra de Sintra, a poente, e a de Montachique, a nascente.

Tirando os casos do Espigão das Ruivas, de Lisboa e de Almaraz, todas as outras estações arqueológicas da Idade do Ferro se encontram a mais de 2 km do litoral.

Dominam essencialmente as zonas dos vales, por se situarem em planaltos, havendo apenas a excepção de Freiria, que está localizada no fundo de uma encosta de vale, sem grande visibilidade, mas dotada de abundante manancial.

A média de cota situa-se nos 97 metros de altitude. A menor percentagem de sítios fica abaixo dos 70 metros e acima dos 120, com a maioria entre os 90 m e os 120 metros.

Notório o fraco povoamento na Antiguidade tanto a norte como a sul do eixo central este-oeste. De momento, o facto carece de justificação, a não ser no que respeita ao lado sul, por estar mais próximo do litoral e, por isso, sujeito a ataques de surpresa.

Observa-se que as distâncias entre sítios correspondem a percursos de 15 minutos ou menos, se tivermos em conta os casos de Miroiço, Clérigo, Caparide e Tires, onde os percursos se sobrepõem parcialmente devido a questões de relevo. Diga-se que o relevo mais ou menos acentuado é o factor principal da variação das áreas de influência de cada ponto central.

As ribeiras de maiores dimensões, caso da Lage e da de Caparide, devem ter servido de limites naturais geográficos, como é o caso de Freiria, que está delimitada, pelo lado oriental, pela ribeira da Lage. A ribeira das Marianas delimitava os territórios entre o Casal do Clérigo e o de Miroiço, e o de Tires do de Caparide. A ribeira de Caparide aparenta limitar o território do sítio de Caparide a poente.

Por sua vez, os achados da Serra de Sintra na área de Santa Eufémia e Castelo dos Mouros, onde os terrenos de aptidão agrícola se encontram a mais de meia hora de caminho, parecem indicar que estamos em presença de locais de defesa e pontos sagrados de um território maior.

O Sítio Arqueológico de Freiria

Tínhamos já detectado indícios, em 1980, da ocupação sidérica em Freiria, através da presença dos materiais arqueológicos que os trabalhos do amanho das terras e extracção de pedra trouxeram à superfície do solo ao longo dos séculos.

A observação do sítio através de prospecção de batidas sistemáticas do terreno, aliada aos resultados das escavações arqueológicas, permite-nos hoje afirmar que a distribuição dos achados da Idade do Ferro cobre uma vasta área que vai desde os terrenos da margem esquerda da pequena ribeira que nasce na várzea de Polima e corre a oriente da *villa* romana, até à zona poente da *pars urbana*. Pelo norte, o limite aparenta ser um muro de dupla fiada de grandes lajes colocadas em cutelo, no quadrado 21/2 (20 m a norte da área A), e do lado oposto situar-se-ia no lado meridional das chamadas ‘termas sul’.

Para sul, os materiais da ocupação sidérica existem em número significativo entre o lagar e o lado meridional das referidas termas sul, principalmente na lixeira localizada entre uma zona de corte de uma pedreira, anterior ao depósito, e a abside oriental das referidas termas.

A quase ausência de estruturas nesta grande área, com cerca de um hectare, deve-se ao hábito de os *structores* romanos procurarem construir os alicerces dos seus edifícios em solo fixe. Retiraram, por isso, não só a terra que cobria o substrato calcário mas também os restos das ruínas das construções da Idade do Ferro e do Calcolítico, aproveitando as pedras

que utilizaram nas suas construções. Já mais recentemente, durante o último quartel do século XIX e a primeira metade do século XX, foram abertas no local diversas pedreiras a céu aberto que acabaram por eliminar grande parte dos vestígios existentes.

Também na área da necrópole, existem, dispersos por todas as camadas arqueológicas que compõem o sítio, fragmentos de cerâmicas do mesmo período, o que levanta a hipótese de o local já servir para enterramentos naquela época, não confirmados, porém, pelas sondagens que ali realizámos nos anos de 1998 e 1999.

Pouco pode dizer-se dos vestígios observados no lado oriental de Freiria, visto que aí não fizemos escavações. Tivemos, no entanto, a hipótese de ver o que se passava em profundidade, quando foi aberta, em 1998, uma vala ao longo da ribeira, no sentido norte-sul, para instalação de uma conduta de esgoto. Os vestígios que se observavam à superfície prolongam-se até uma profundidade de cerca de um metro, no meio de uma camada de

Figura 4
Planta geral das estruturas encontradas em Freiria. A azul muros, a amarelo locais com achados da Idade do Ferro, de que se fala no texto.



lascas e pequenas pedras, provenientes dos resíduos das pedreiras que ali laboraram, como se disse, desde os finais do século XIX até meados do século XX e que se estendiam até às proximidades dos últimos quadrados que abrimos no lado nascente da escavação. Os restos materiais são constituídos por fragmentos de ânforas e outros recipientes, bem como cossoiros. No lado norte da referida vala observavam-se ainda, à mistura, cerâmicas da chamada “cultura campaniforme”.

Área Nordeste da Idade do Ferro

Por ser a primeira zona em toda a jazida arqueológica na qual encontrámos vestígios de estruturas da ocupação da referida época, passámos a identificá-la por sector da “Idade do Ferro”.

Na verdade, corresponde ao ponto mais alto do lugar, ligeiramente aplanado, dominando perfeitamente toda a zona.

Quando escavámos o quadrado 15/11, a norte das ruínas do lagar romano, encontrámos as primeiras estruturas atribuíveis à Idade do Ferro, área C. Por motivos que desconhecemos, não existiam fragmentos de telha naquele quadrado, nem nos 15 metros a norte da parede setentrional do lagar.

Perante aquela estranha situação, e como não sabíamos o que encontráramos, decidimos então apenas proceder ao levantamento do estrato superior de terra humosa, colocando as estruturas à vista, mas sem aprofundar abaixo destas, guardando a oportunidade de se proceder mais tarde à sua escavação integral, após termos uma ideia mais concreta do que se tratava (diga-se que essa área da Idade do Ferro ainda se encontra por escavar).

Observou-se então que estávamos em presença de um recinto murado pelo lado nascente, ligeiramente elevado em relação ao terreno. No seu interior, duas paredes de alvenaria, de uma habitação rectangular, com um lar constituído por uma pedra horizontal, delimitada lateralmente por duas outras colocadas em cutelo.

O alicerce do pequeno muro delimitativo do recinto assenta directamente sobre a rocha. Encostado àquele pelo lado poente, corre um lajeado no sentido norte-sul, que desaparece por debaixo de estruturas romanas apenas parcialmente escavadas em 1999.

A oriente destas ruínas, numa cota ligeiramente mais baixa, descobriram-se outros vestígios do mesmo período, bem como do Calcolítico Final, área A/B. Procedemos, assim, nesta área, à escavação integral, que se justificava pela escassez de terra ali existente sobre a camada rochosa e onde os estratos arqueológicos mais profundos teimavam em manter-se relativamente intactos, apesar de sujeitos, há séculos, a sucessivas lavras do solo e só ocasionalmente é que se preservaram testemunhos de alguns muros, mesmo assim com as pedras marcadas pelos ferros dos arados.

Figura 5

Fotografia da área C, tirada de poente para oriente. Em primeiro plano e no lado direito muros do período Romano.

Figura 6

Um dos pisos lajeados da Idade do ferro que se encontram no lado nascente da área C.





Figura 7
Muros da área A.

Figura 8
Planta da área A/B.
A zona colorida
corresponde aos
quadrados 21/8 e 21/9
da área A.

Muros rectilíneos, formados por grandes e médios blocos de calcário local, colocados em dupla fiada e travados por perpianhos, pertenceriam certamente à estrutura de um edifício destruído pela lavoura. O piso deste edifício apresenta uma regularização preparatória feita com um enrocamento de pequenas pedras, ao qual se seguia um piso de terra batida.

No recanto de um largo muro, de paredes direitas, protegido por uma grande pedra que terá caído da antiga parede, encontraram-se dois estratos, sendo o primeiro constituído por terras revolvidas pelo cultivo agrícola, onde abundavam fragmentos de recipientes cerâmicos de cozedura oxidante. A segunda camada que assentava num enrocamento de pequenas pedras, era constituída por terra humosa com alguns carvões e cerâmicas de pasta fina, de tons castanhos e cinzentos/negros. As duas camadas não tinham mais de vinte centímetros de altura e a sua preservação deveu-se à existência do muro que obrigava os arados a subirem naquele ponto.

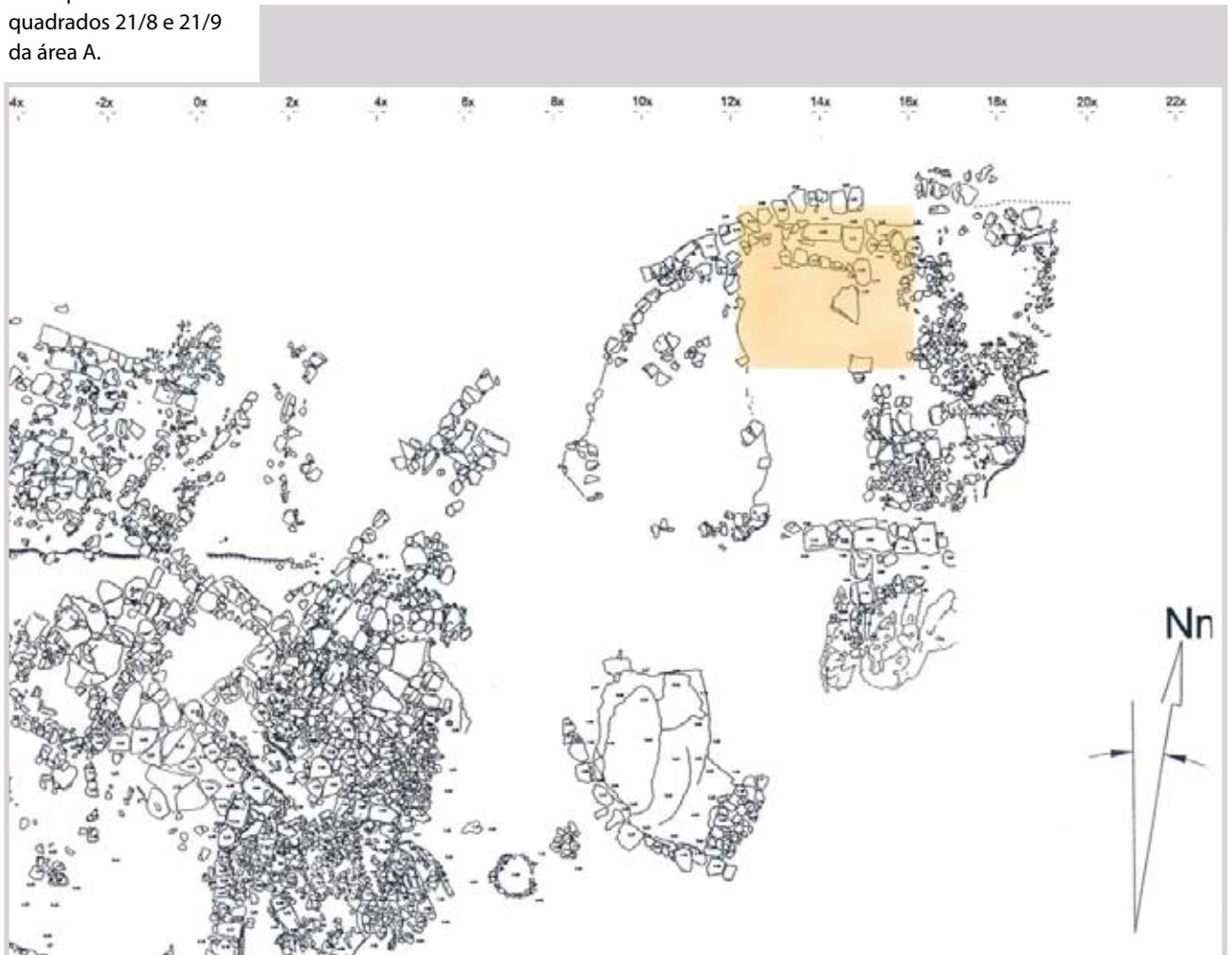




Figura 9
Cerâmicas *in situ*
na área A.

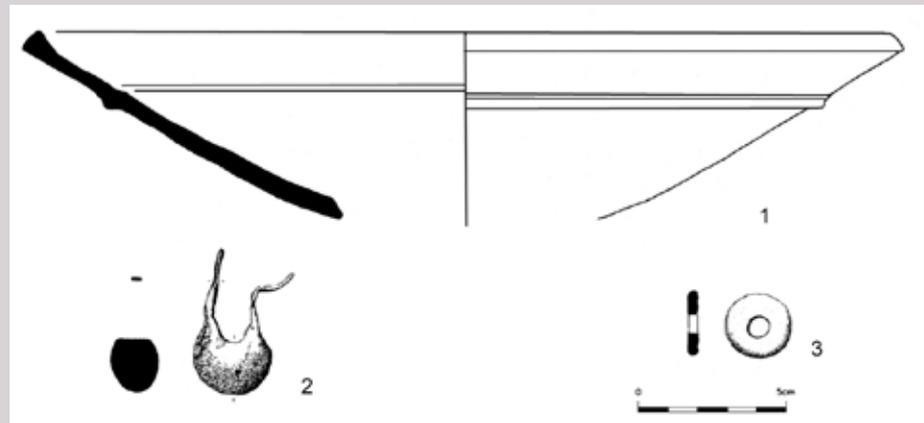


Figura 10
Taça de pasta
cinzenta, elemento de
xorca e conta discoidal
de osso do estrato 1,
da área das estruturas,
quadrados 21/8, 21/9
e 23/9.

No quadrado 21/8, junto ao piso, estrato 2, recolheu-se um fecho macho de cinturão de bronze, do tipo tartéssico, de três ganchos, conjuntamente a outras peças.

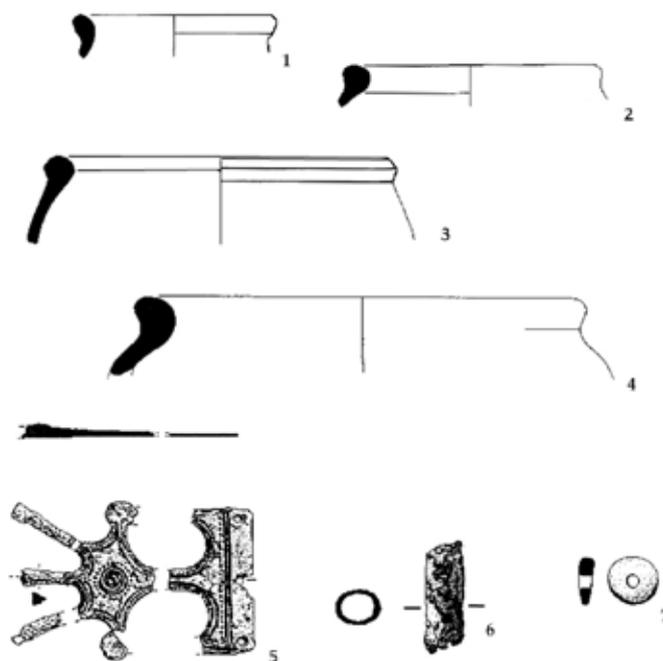


Figura 11
Cerâmicas e metais
do estrato 2, dos
quadrados 21/8, 21/9,
22/9 e 22/10. 1-4,
pithoi; 5, fecho macho
de cinturão de bronze;
6, alvado de ferro
possivelmente de
uma ponta de lança; 7,
conta discoidal
de osso.

Fossa/ Fundo de Cabana, Quadrados 20/10-11

Em 1996, iniciou-se a escavação de uma fossa de contornos irregulares, subcomprida, aberta no substrato rochoso de calcário amarelo, durante o período da Idade do Ferro.

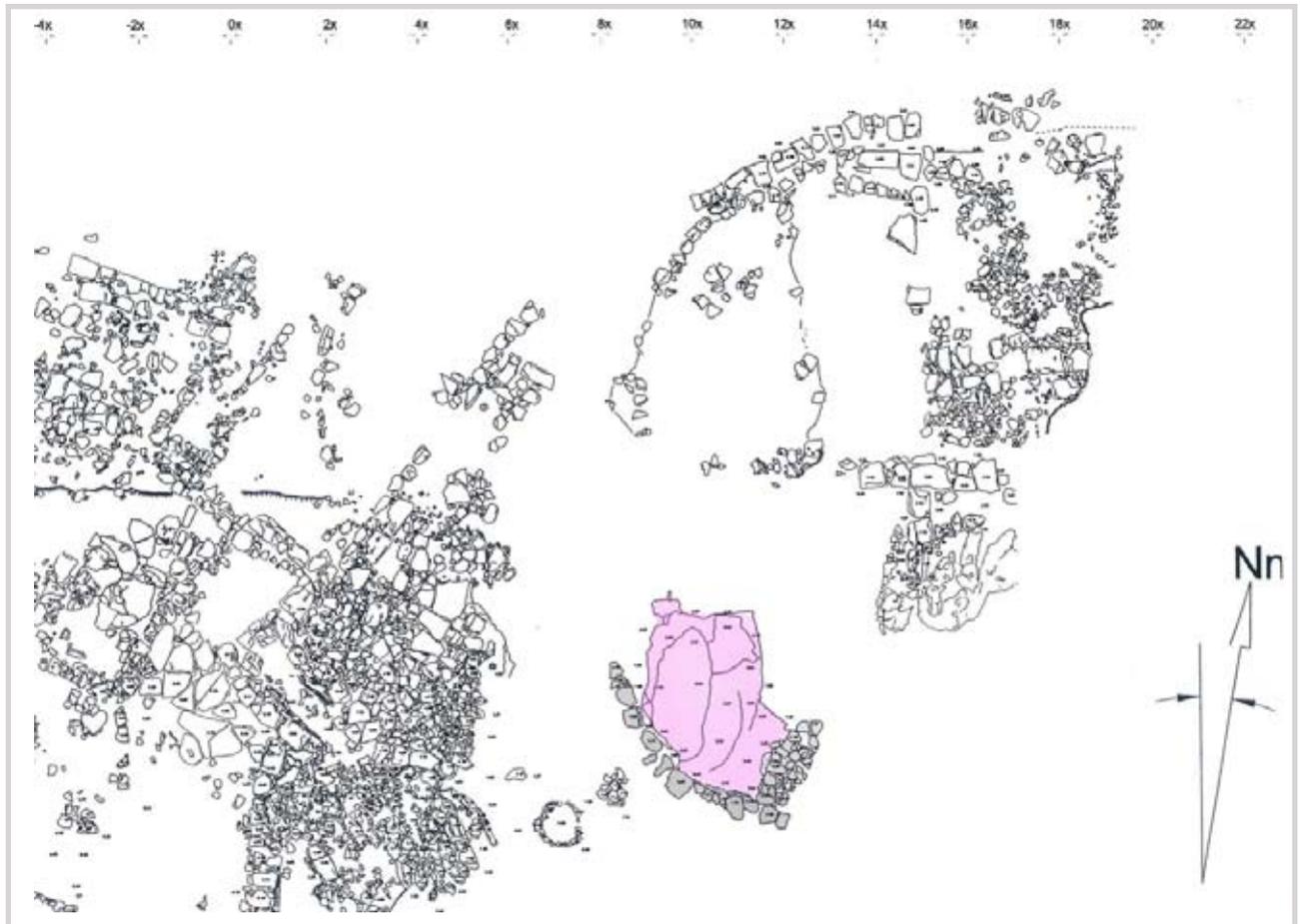


Figura 12
Planta da área A/B.
A zona colorida
corresponde à fossa
da Idade do Ferro,
delimitada por muros
de pedra seca,
da área B.

Fez-se uma primeira sondagem do lado norte e, no ano seguinte, a sua escavação integral, que revelou uma depressão no terreno, delimitada por um muro no lado poente e por outro na metade sul do lado nascente. Ambos os muros arrancavam do fundo da depressão. O conjunto integraria, decerto, uma estrutura maior, que, infelizmente, ora nos é impossível reconstituir, dada a ausência de outros vestígios.

Figura 13
Corte da fossa
observando-se
5 estratos.

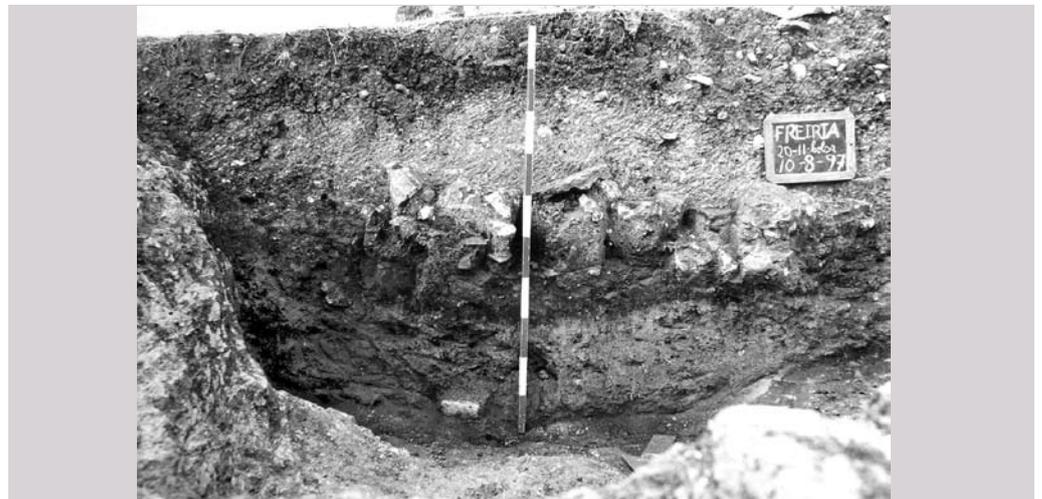


Figura 14

Corte da fossa:
 1, camada de terra arável, castanha escura; 2, camada de terra cinzenta com abundantes cascas de caracóis e algumas cerâmicas; 3, camada de abandono, de cor cinzenta escura, com pedras na base; 4, camada de cinzas, com abundantes materiais cerâmicos; 5, camada de terra amarela com materiais arqueológicos.

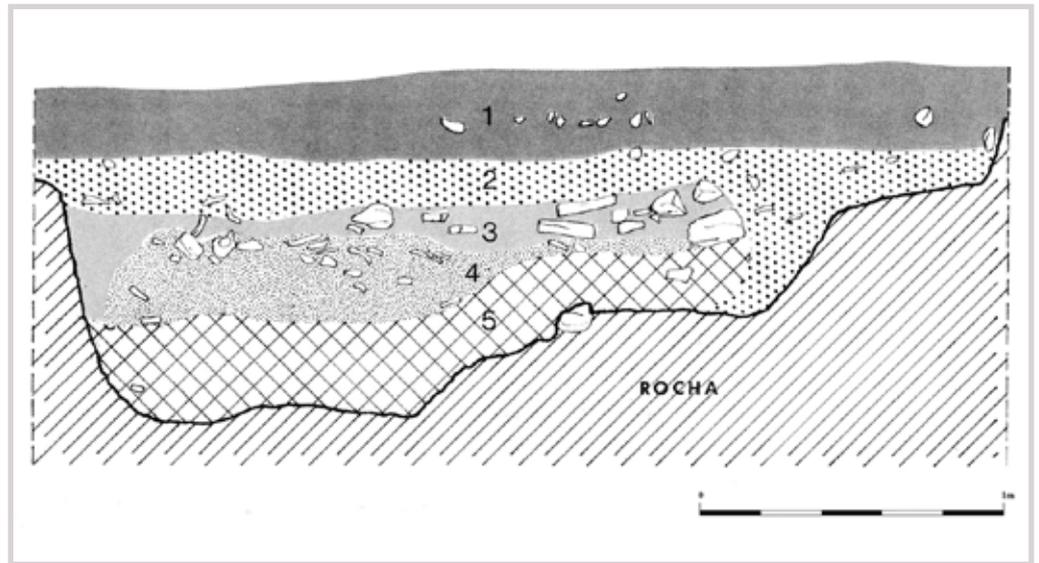


Figura 15

Fossa/ fundo de cabana. Estrato 2.
 Vista tirada de oriente.

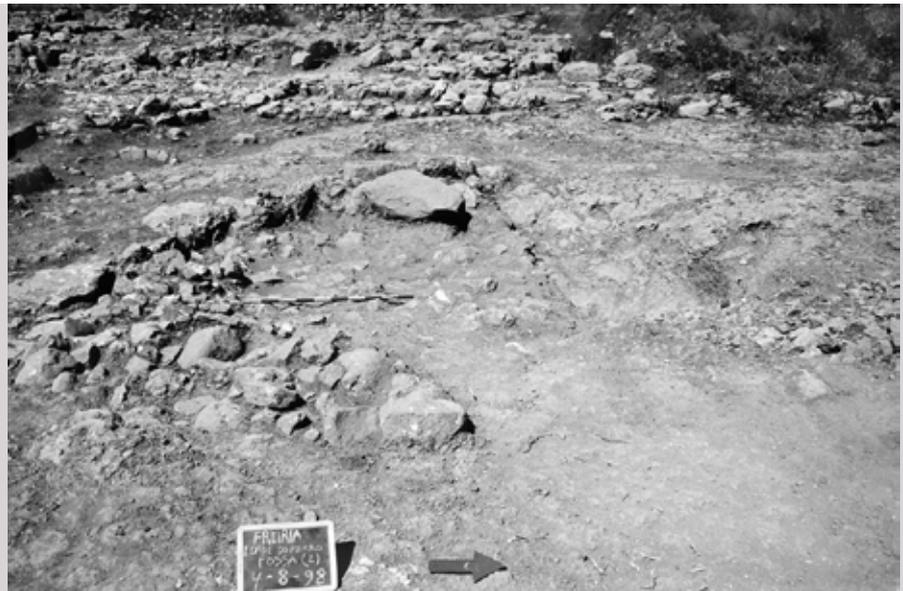


Figura 16

Fossa/ fundo de cabana. Estrato 2.
 Vista tirada de Sul.



Aí foi-nos possível definir cinco estratos, todos com materiais da Idade do Ferro, à excepção do primeiro, constituído pelo solo de lavoura, onde apareceram vestígios de algumas cerâmicas do período “campaniforme” e romanas e do último, junto à rocha, donde se exumou uma lâmina de sílex:

Estrato 1 – Neste nível, o elemento mais significativo é a peça fêmea de um fecho de cinturão, constituída por um arame de bronze de secção cilíndrica, serpentiforme, formando um enganche. José Carlos Caetano considerou-a do tipo Cerdeño EI e atribuível à mesma época do fecho exumado em A (quadrado 21/8).

Estrato 2 – Camada de enchimento com fragmentos de cerâmica cinzenta fina e castanha espatulada de pior acabamento que a das camadas mais profundas. Alguma cerâmica comum levantada a torno e manual, de cozedura oxidante e redutora.

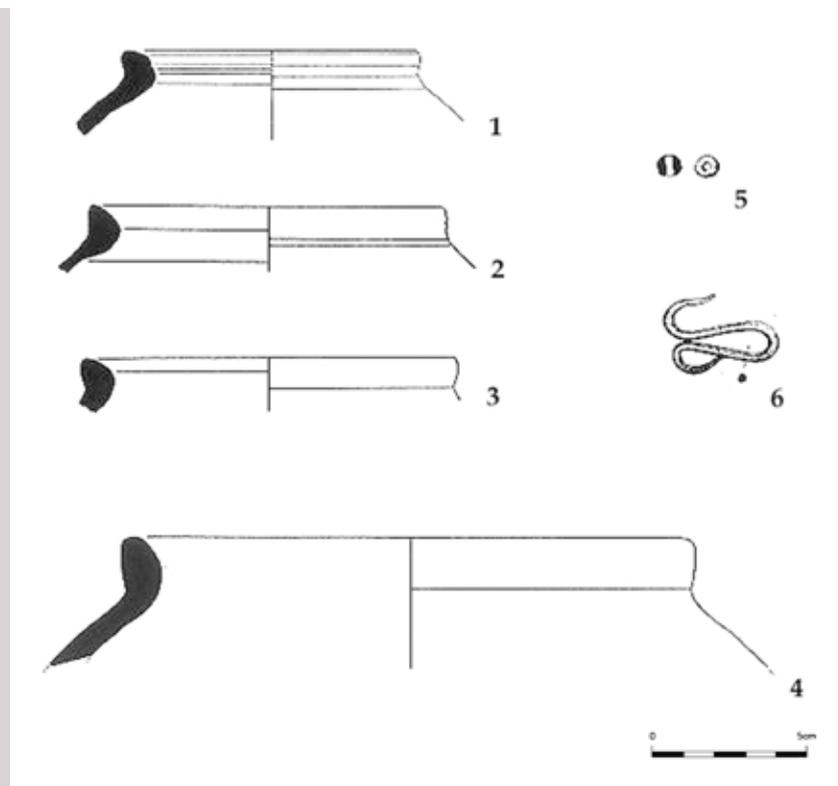


Figura 17
Materiais arqueológicos da fossa/ fundo de cabana. Cerâmicas, vidro e metais dos estratos 1 e 2.



Figura 16
Fossa/ fundo de cabana. Estrato 3. Vista tirada de Sul.

Estrato 3 – Camada de derrube de terra castanha, com blocos de calcário na zona central. Aí se recolheu um tosco paralelepípedo de mármore. Aumentam, em relação aos estratos inferiores, as cerâmicas comuns vermelhas com abundantes elementos não plásticos e as de fabrico manual. As cerâmicas cinzentas finas e castanhas espatuladas mantêm as formas dos níveis inferiores, se bem que de pior qualidade. As formas abertas das cerâmicas finas castanhas só apresentam, normalmente, brunimento no seu interior. As ânforas têm pequeno bordo espessado, idênticas às dos estratos inferiores, tendo uma delas o bordo semelhante ao de uma outra recolhida em Monastil (Elda, Espanha), da forma Ibérica I-4, datável do século III a. C. (RIBERA, 1982, fig. 10-5, p. 105).

Figura 19

Fossa/ fundo de cabana. Estrato 3. Parte central onde se observa uma asa de *pithoi* no meio do derrube.

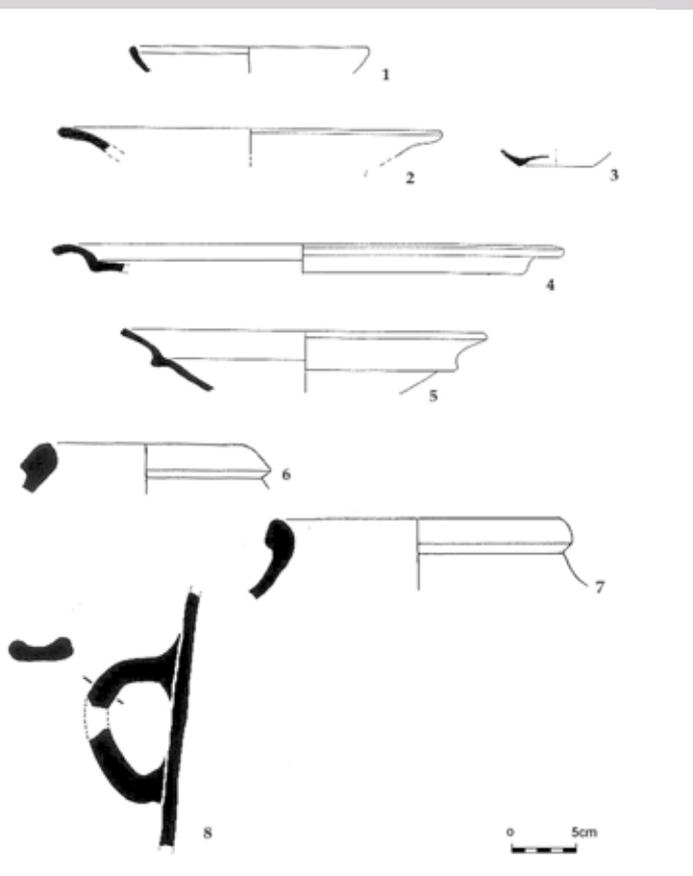


Figura 20

Fossa/ fundo de cabana. Cerâmicas do estrato 3.

Estrato 4 – Camada negra com abundantes cinzas, alguns ossos e restos malacológicos. As cerâmicas deste nível pouco diferem das do inferior, notando-se, no entanto, uma menor qualidade no fabrico das cerâmicas finas cinzentas e castanhas. Aumenta o número de recipientes fabricados à mão. Nesta camada apareceu, durante a sondagem, do lado norte, o punho de um espeto do tipo Guadalquivir, com decoração a punção. É idêntico a outros três que se recolheram no Cadaval, e que se encontram datados da I Idade do Ferro (Catálogo da exposição *De Ulisses a Viriato*, 1996, vitrina 15, p. 245, peças 20-22), bem como a um outro descoberto em Fernão Vaz, que Caetano Beirão data do mesmo período (BEIRÃO, 1986, p. 114).

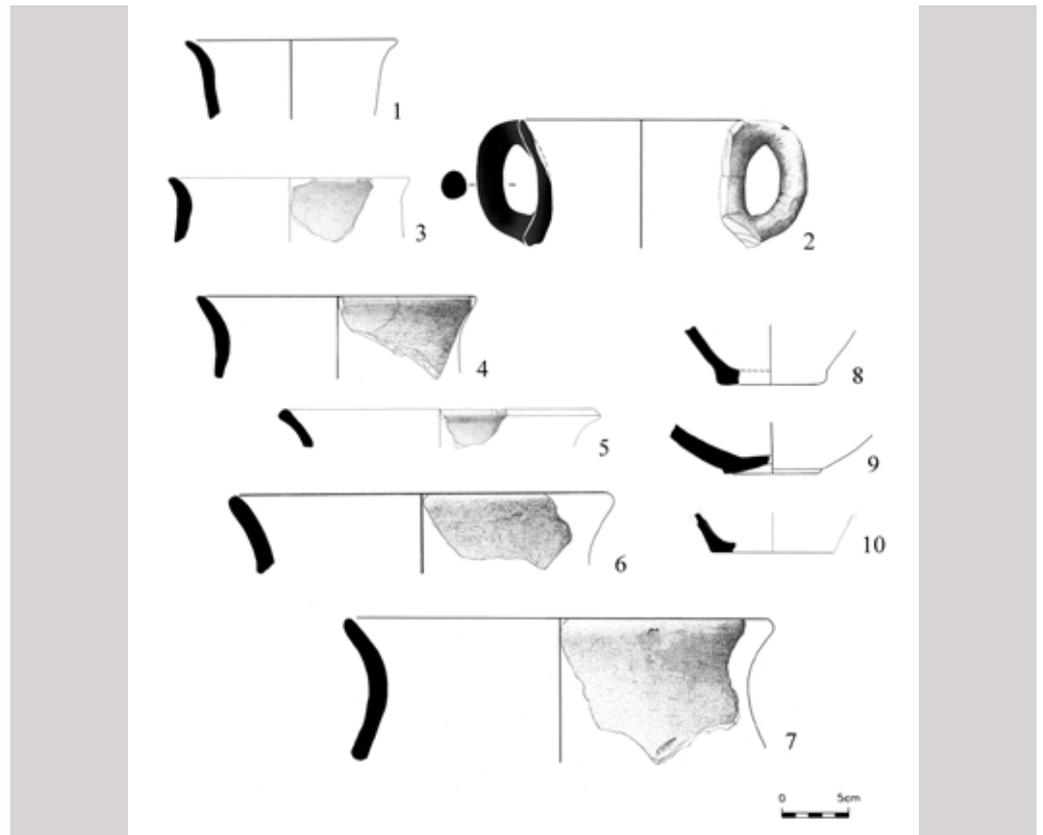


Figura 21
Fossa/fundo de
cabana. Cerâmicas
manuais do estrato 4.



Figura 22
Fossa/fundo de
cabana. Cerâmicas
manuais do estrato 4.

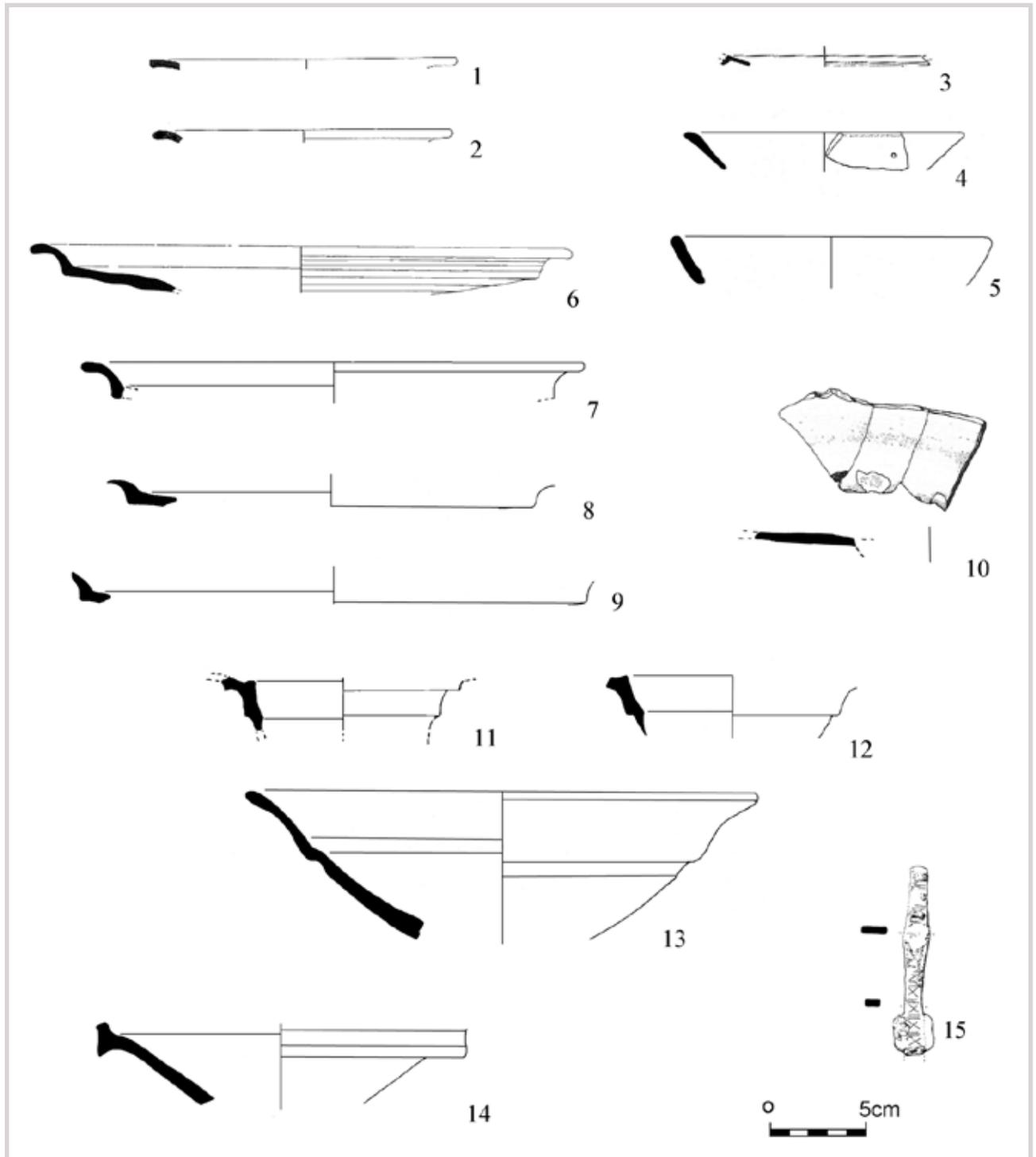


Figura 23

Fossa/ fundo de cabana. Materiais do estrato 4. 1-14, Cerâmicas cor de avelã e cinzentas. 15, punho de espeto de liga de cobre.

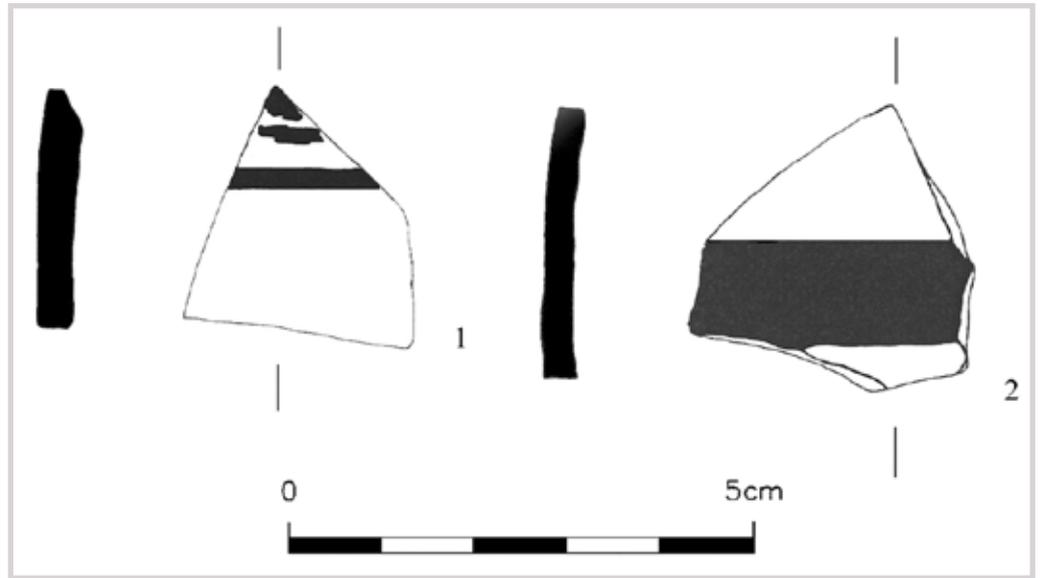


Figura 24
Fossa/fundo de
cabana. Cerâmica
pintada do estrato 4.

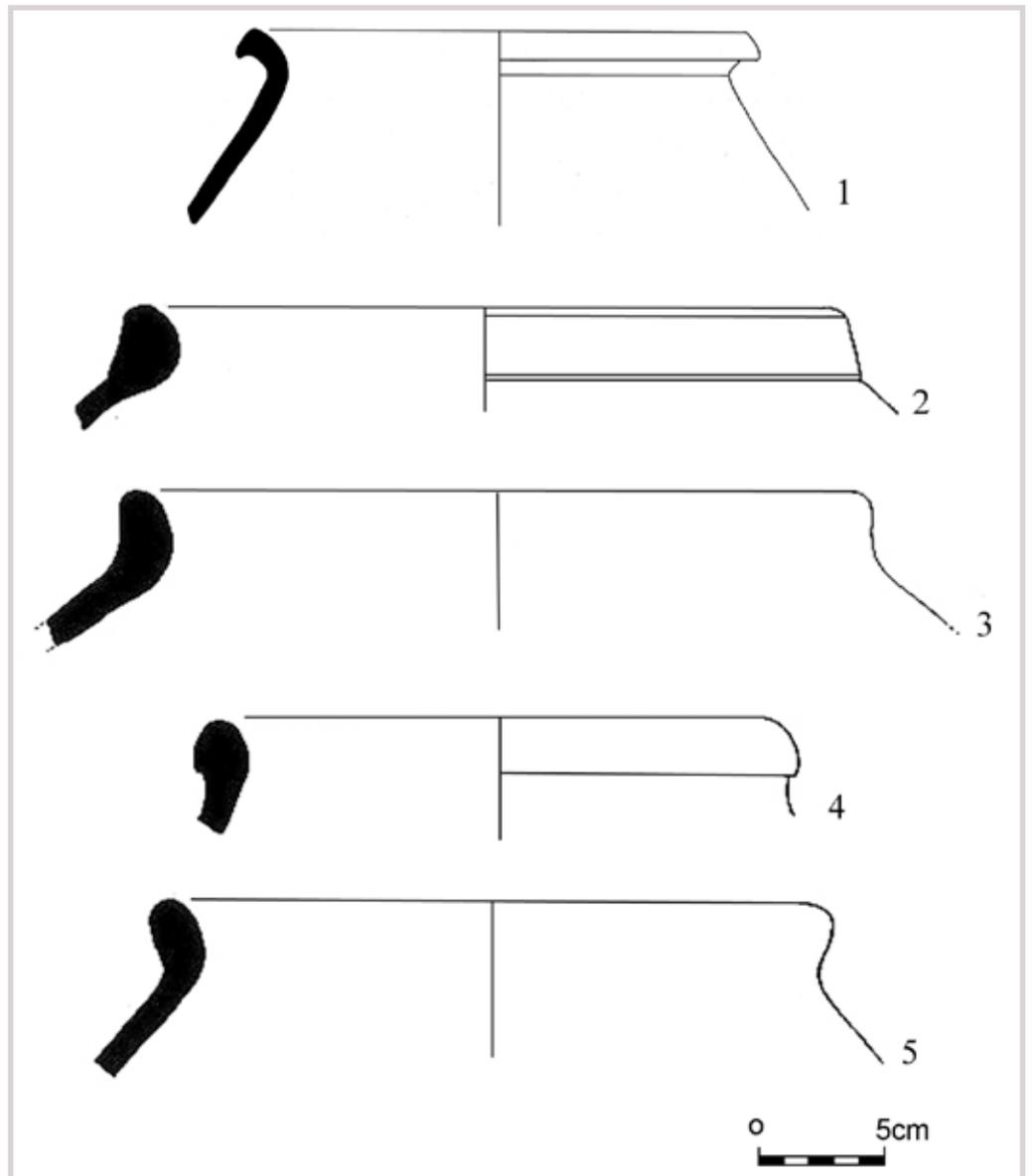


Figura 25
Fossa/fundo de
cabana. Cerâmicas
do estrato 4. Potes e
ânforas.

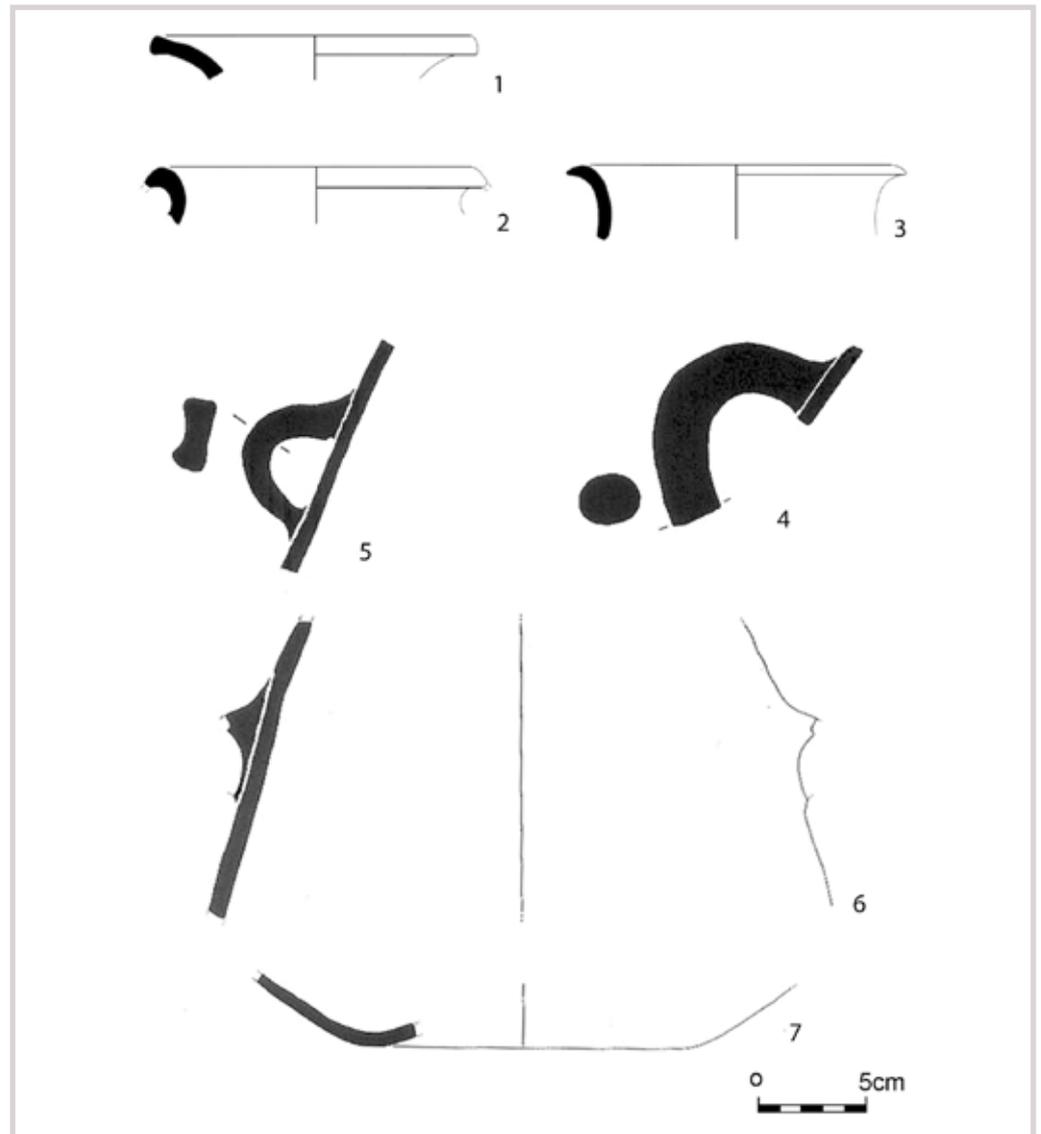


Figura 26
Fossa/fundo de
cabana. Cerâmicas do
estrato 4. Ânforas e
pithoi.



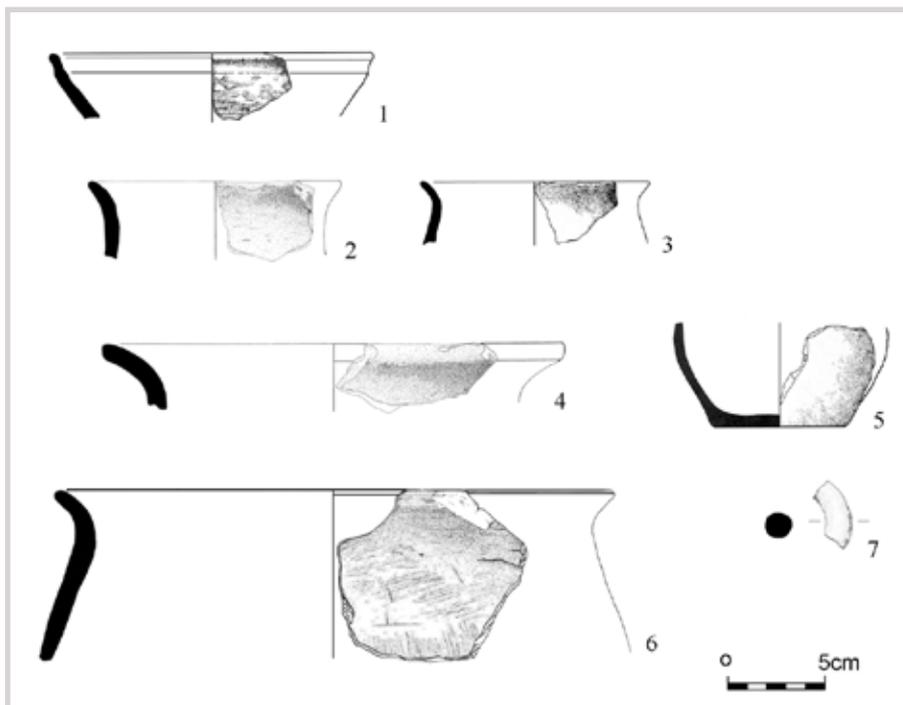
Figura 27
Fossa/fundo de
cabana. Cerâmicas do
estrato 4. Ânforas e
pithoi.



Figura 28
Fossa/fundo de
cabana. Estrato 5. Vista
tirada de Sul.

Estrato 5 – Camada de terra amarelada, do tipo ‘tufo’ margoso, muito pulverea (pensamos que se trata de uma espécie de estuque com que eram rebocadas as paredes). Continha essencialmente fragmentos de grandes recipientes, potes e ânforas, de pastas vermelhas, feitos a torno rápido, cobertos com engobe branco integral ou parcial. Alguns dos fragmentos de grandes recipientes eram de cerâmica manual. Os três fragmentos de lábios de ânforas aí recolhidos são de altura baixa. Aparentam-se com as ânforas de tipo ibérico I-1 (RIBERA, 1982, pp. 100-104). A asa em fita com espessamento lateral também é habitual nalguns exemplares desta forma bem como o fragmento do fundo largo, com base reentrante. Ribera data esta forma dos meados do século VI a. C. aos meados do IV a. C. As cerâmicas de pastas finas, de excelente qualidade, apresentam cor cinzenta,

Figura 29
Fossa/ fundo de
cabana. Cerâmicas
manuais do estrato 5.



cinzenta-negra e castanha, são feitas a torno rápido e detêm acabamento brilhante por brunido. São típicas de toda a Idade do Ferro do Sul da Península, notando-se, no caso de Freiria, que existe um melhor acabamento nas peças recolhidas neste estrato. Encontramos paralelos para este tipo de cerâmicas no castelo de Alcácer do Sal, estando datado do século VII a. C. o início do fabrico das de pastas cinzentas (tipo A, de Alcácer do Sal), e o século V a. C. para as de pasta cinzenta-negra (tipo B, de Alcácer do Sal), segundo Carlos Tavares da Silva *et alii* (1980-81, pp. 178-181).



Figura 30
Fossa/ fundo de
cabana. Cerâmicas
manuais do estrato 5.

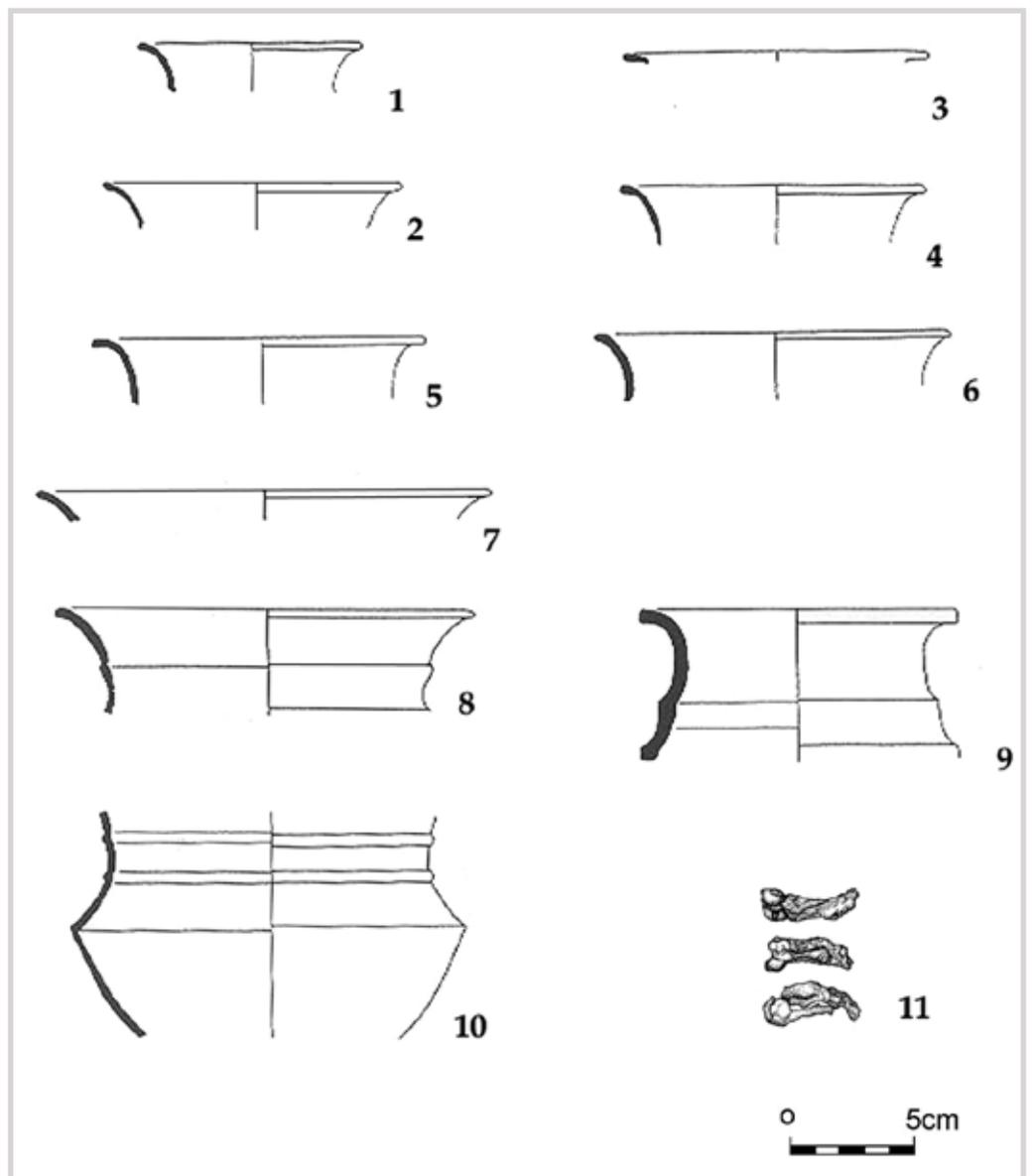


Figura 31
Fossa/ fundo de
cabana. Cerâmicas de
cor de avelã, cinzenta
e fragmento de fíbula
anular do estrato 5.

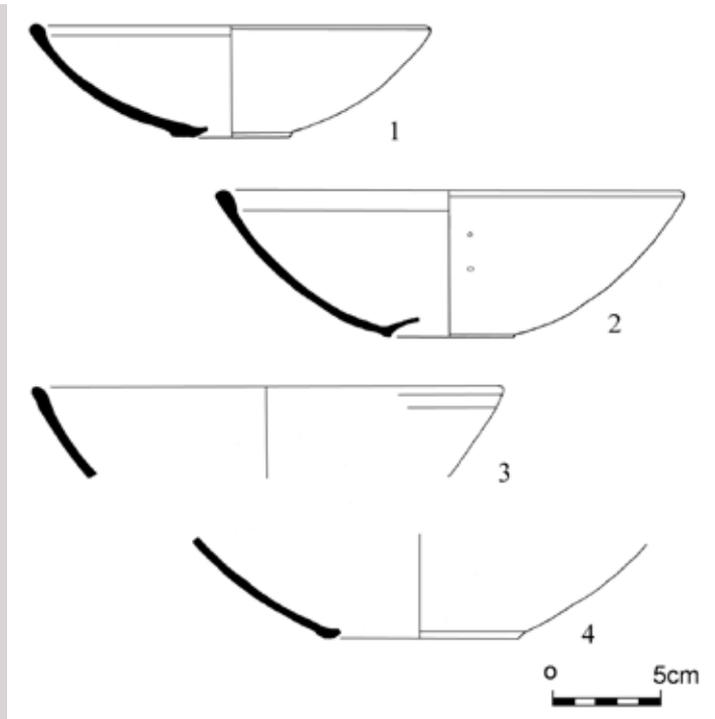


Figura 32
Fossa/ fundo de
cabana. Cerâmicas do
estrato 5.

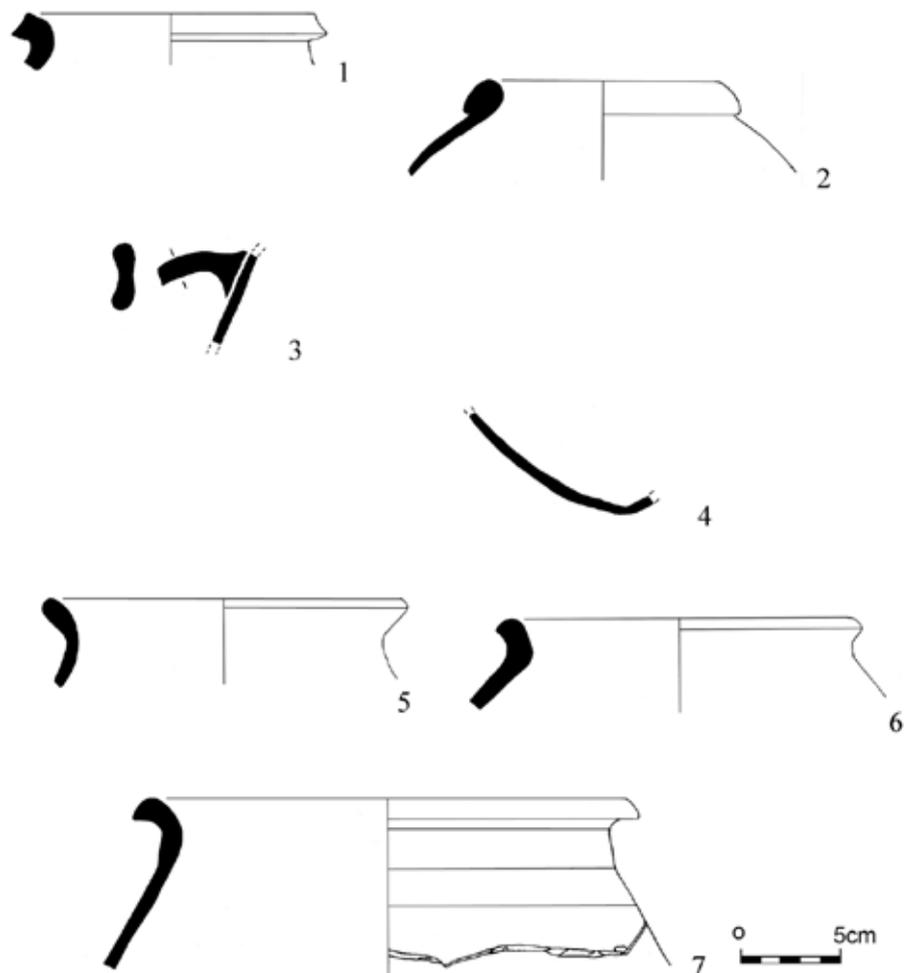


Figura 33
Fossa/ fundo de
cabana. Cerâmicas do
estrato 5.



Figura 34
Fossa/ fundo de
cabana. Cerâmicas do
estrato 5.

Figura 35
Fossa/ fundo de
cabana, após a
escavação.



Figura 36
Fossa/ fundo de
cabana, após a
escavação.



Figura 37
Fossa/ fundo de
cabana, após a
escavação.



Figura 38
Fossa/ fundo de
cabana, após a
escavação. Parente
sudeste.



Figura 39
Fossa/ fundo de
cabana, após a
escavação.
Parede poente.



TERMAS SUL

Quadrado MZ'

Durante a escavação de MZ', no lado SE das Termas Sul, foi encontrada uma bolsa de terra com diversos fragmentos de cerâmica da II Idade do Ferro – século II a. C. a finais da República romana.

Figura 40
Quadrado MZ';
entre a abside e
o corte foi o sítio
onde se recolheram
vários fragmentos
de cerâmica de
tradição indígena dos
séculos II-I a. C.



Figura 41
Quadrado MZ';
entre a abside e
o corte foi o sítio
onde se recolheram
vários fragmentos
de cerâmica de
tradição indígena dos
séculos II-I a. C.





Figura 42
Quadrado MZ: Corte
de pedra da Idade
do Ferro.

Estrato 1 – solo arável, sem quaisquer materiais proto-históricos.

Estrato 2 – Abunda a cerâmica comum e pintada, feita manualmente e ao torno, rareando a cerâmica fina cinzenta, com algumas cerâmicas do período republicano.

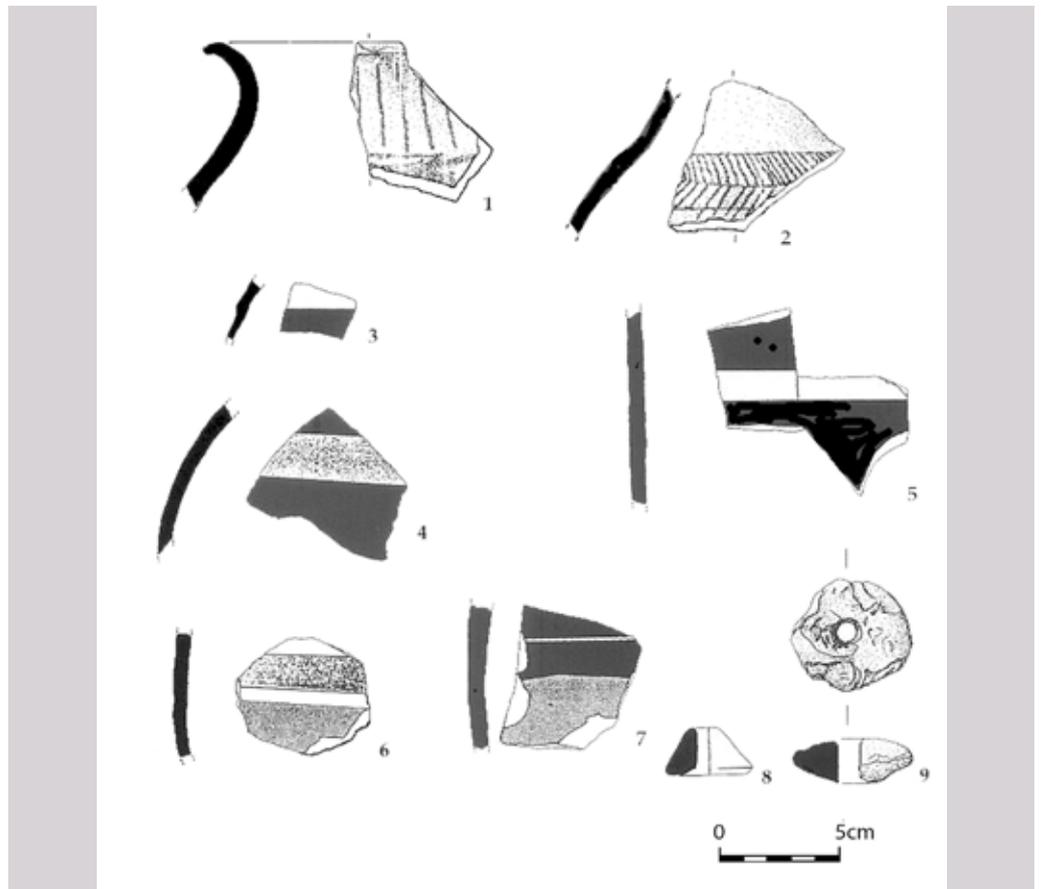


Figura 43
MZ, estrato 2.
1-2, cerâmica cinzenta
decorada com
brunidos;
3-7 cerâmica pintada;
8 e 9 cossoiros.

Estrato 3 – Recolheram-se três cossoiros; dois fragmentos de ânforas ibéricas do tipo I-6 e três do tipo I-8, datáveis do século III a. C. ao I a. C. (RIBERA, 1982, pp. 106 e 107); não contabilizamos as asas de secção circular e em fita, por não podermos definir a forma a que pertencem. Recolheram-se ainda 20 fragmentos de vasos de cerâmica pintada, sendo a maioria de bandas e um com círculos, de que encontramos paralelos em Miróbriga, com datações entre o século II a. C. e os inícios do seguinte (SOARES e SILVA, 1979, pp. 168-170). As cerâmicas de cor castanha e cinzentas finas continuam a perdurar neste estrato, só que em percentagens muito baixas. Significativa é a produção de cerâmica cinzenta fina e dura, levantada ao torno, de produção indígena. Cinco fragmentos apresentam decorações brunidas, idênticas às descobertas em Conímbriga, nos estratos pré-romanos. Jorge de Alarcão atribui a produção deste tipo de cerâmica aos séculos II-I a. C., podendo nalguns casos chegar ao século I d. C. (ALARCÃO, 1974, p. 62). Cerâmicas do mesmo tipo foram descobertas no Sítio do Castelo (Arranhó, Arruda dos Vinhos) que João Ludgero data do mesmo período (GONÇALVES, 1997, p. 10). Recolheu-se também um fragmento de ânfora romana, de pasta clara, arenosa e micácea, idêntico a outros de Lomba do Canho, ânfora que Carlos Fabião classifica como de Classe 67 (FABIÃO, 1989, p. 65), datando-a da segunda metade do século I a. C. Nas escavações do castelo de Alcácer do Sal, foi igualmente encontrado outro exemplar, a que, embora fora de contexto, os seus autores atribuem uma datação tardo-republicana (SILVA *et alii*, 1980-81, p. 195, n.º 277).

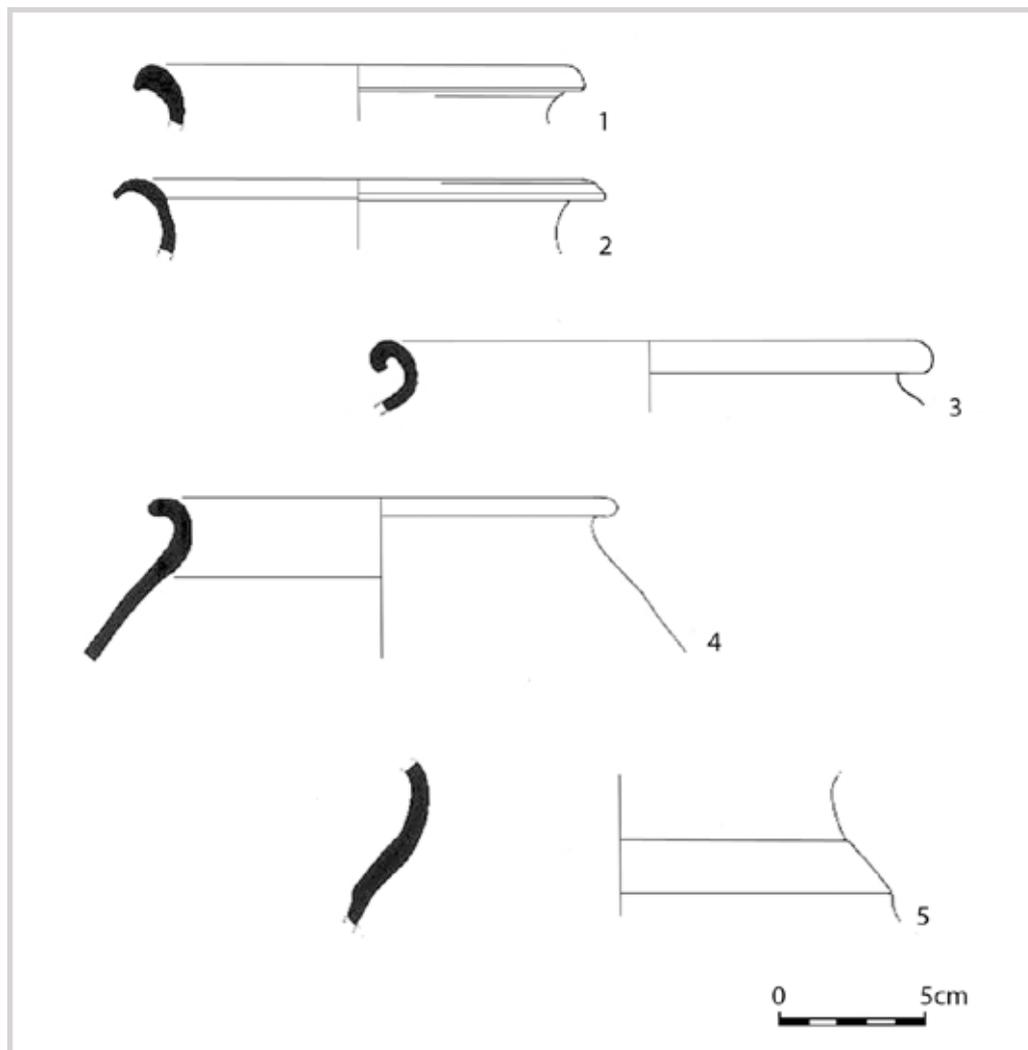


Figura 44
MZ, estrato 3.
Cerâmicas.

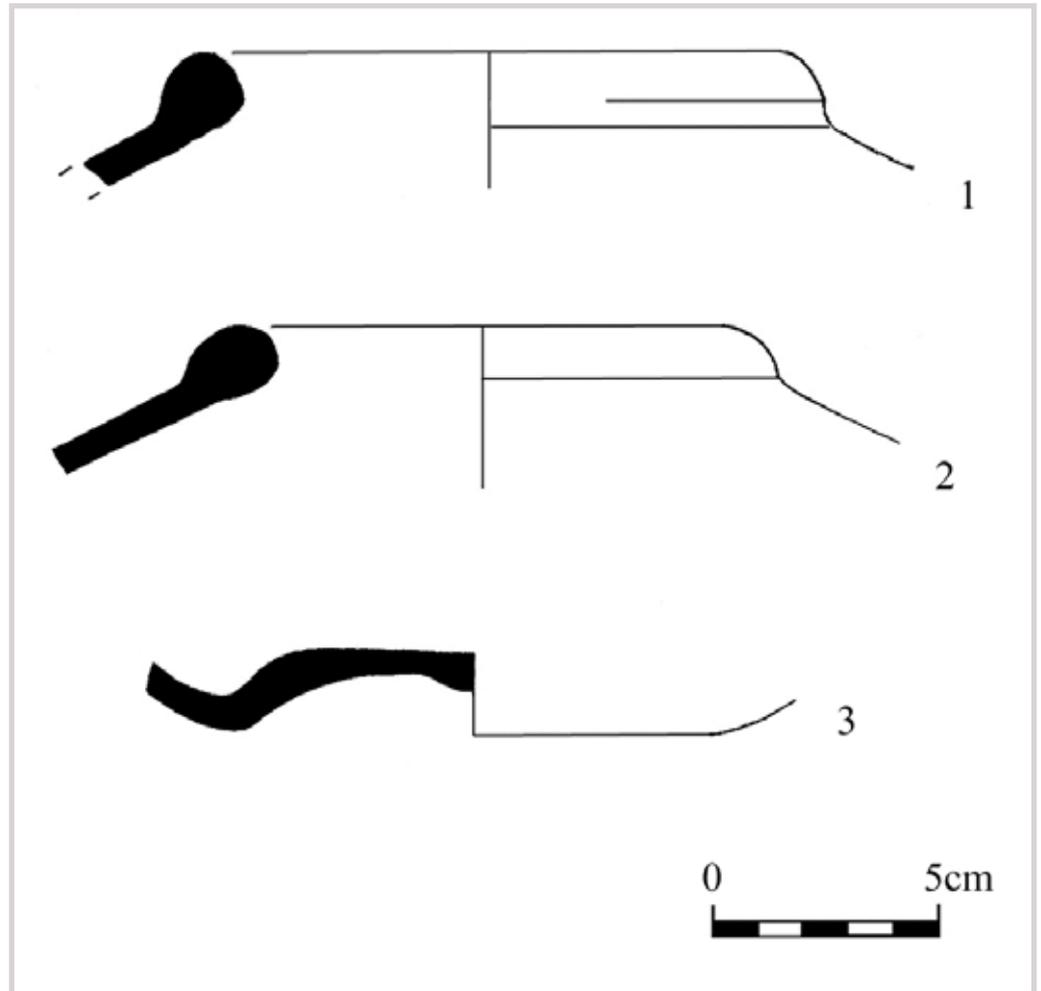


Figura 45
MZ, estrato 3.



Figura 46
MZ, estrato 3. Ânforas
e potes pintados.

Estrato 4 – Recolheram-se dois fragmentos de ânforas ibéricas do tipo I-8; dois fragmentos de potes com bandas brancas e vermelhas pintadas e alguma cerâmica cinzenta fina brunida.

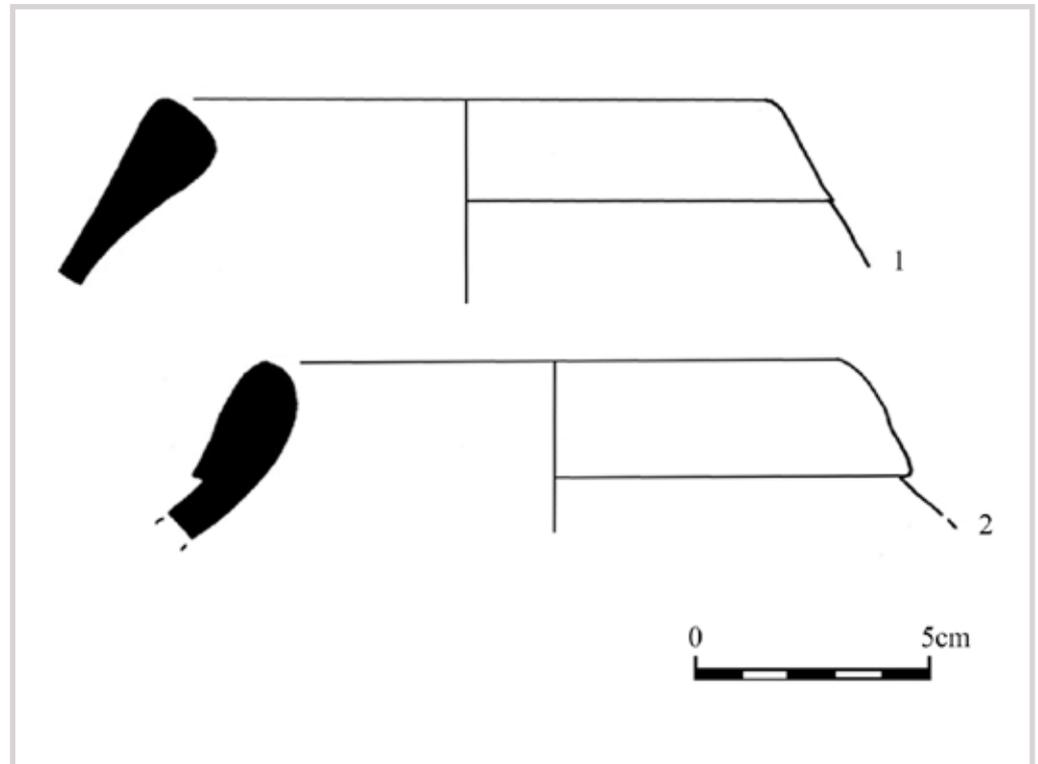


Figura 47
MZ, estrato 4. Ânforas.

Figura 48
MZ, estrato 4.
Cerâmica grosseira.



Área da Necrópole

O constante aparecimento de fragmentos de cerâmica da Idade do Ferro na zona da necrópole romana do Alto Império, na margem direita da ribeira de Freiria, num terreno ligeiramente inclinado, provocou, de início, uma certa estranheza, visto que não se detectara qualquer tipo de estrutura com que esses materiais pudessem estar associados.

Nota-se, porém, naquela área, que é diminuta a camada arqueológica onde estão inseridas as sepulturas romanas e os materiais da Idade do Ferro, enquanto a camada superior àquela chega a ter um metro de altura.

Junto à ribeira, no local onde esta faz uma curva e desagua um afluente que provém de norte, ao longo do vale que nasce na Conceição da Abóboda, construíram os Romanos um muro para regularizar o leito da ribeira, de modo a que esta não invadisse a necrópole. No topo desse muro, que se encontrava ao nível das sepulturas, recolhemos cerâmicas dos séculos XVII e XVIII. Um pouco mais a sul, a um nível ligeiramente superior, no estrato (de cerca de 80 cm) que cobria um outro grupo de sepulturas romanas, havia cerâmicas modernas, dos citados séculos.

A SE desta zona existe uma área onde a camada arqueológica é espessa e tem abundantes carvões, fragmentos de ossos queimados, pregos de ferro, fragmentos de cerâmica da Idade do Ferro e romanas. No meio deste estrato foram descobertas algumas sepulturas. Trata-se, sem dúvida, do *ustrinum* colectivo que, após o abandono, acabou também por servir para enterramentos individuais durante a época romana. Também ali o estrato superior é de grande espessura (mais de um metro).

Tudo nos leva, portanto, a concluir que a necrópole romana se poderá ter sobreposto à necrópole da Idade do Ferro e que, devido aos efeitos da escorrência das águas da encosta do Outeiro de Polima e ao transbordar das margens da ribeira de Freiria, durante os períodos de maior pluviosidade, as sepulturas mais arcaicas acabaram por ser destruídas.

Para obviar a este problema, os Romanos sentiram, então, a necessidade de regularizar o leito da ribeira, para não invadir o seu campo santo, acabando por construir o referido muro de suporte.

O achamento de cerâmica dos séculos XVII e XVIII nos níveis contíguos aos romanos, seguidos, por seu turno, de um segundo nível moderno mais espesso (onde se pratica actualmente a agricultura), demonstra que os terrenos da margem direita da ribeira estiveram por cultivar até meados da Idade Moderna, devido, certamente, ao acentuado pendor que ainda hoje detêm. E, por seu turno, a agricultura dos séculos XVII e XVIII acabaria por desflorestar e aumentar rapidamente a erosão do solo: por acção das águas pluviais, as terras concentraram-se no fundo do vale. Um outro muro de suporte da Época Moderna – construído para se obter um maior nivelamento do solo e a formação de um socalco que impedisse as águas de inundarem as culturas – obrigou a ribeira a manter-se no leito actual, situado sensivelmente metro e meio mais abaixo. É tal circunstância que permitiu a preservação, até aos nossos dias, da necrópole romana que viemos a encontrar.

Os Materiais

O maior conjunto de materiais de Freiria é, sem dúvida, o da cerâmica. Eles revelam que estamos perante uma sociedade com algum poder económico e técnico que lhe permite obter algumas peças de cerâmica de qualidade, certamente de produção regional, mas que, por sua vez, ainda continua a usar peças de produção rústica tradicionais da cultura indígena.



Figura 49
Materiais de Freiria da Idade do Ferro.

Podemos observar, assim, que, no primeiro conjunto, temos um grupo de pratos e de páteras de cerâmica brunida de cor de avelã (fig. 1.1-11), muito idênticos a outros de Abul B que apareceram em estratos datados do século VI a. C. e V a. C. (Mayet e Silva, 2000, p. 211, n^{os} 121 e 122). Também Elisa de Sousa se refere a peças idênticas de cerâmicas comuns, identificadas na Rua dos Correeiros, Lisboa, atribuindo-lhes dentro do seu grupo tipológico da Série 3, a variante 3Aa (Sousa, 2011: 242).

Dentro dos pratos cinzentos com nervura no tardo e pé alto, recolhemos vários exemplares, fig. 50 (12-18), estando apenas um completo, encontrado num pequeno compartimento quadrangular, vazio, ao lado do empedrado na área nascente do espaço C (fig. 6). Nos estratos 3 e 4, da fossa/fundo de cabana, recolheram-se fragmentos desta forma conjuntamente com outros de pratos e páteras de cor de avelã, *pithoi* e ânforas dos tipos Ramon Torres T-1.3.2.4. (fig. 19.6), datável do século V (Ramon Torres, 1995: 173), a da forma T-8.1.1.1. (fig. 18.6), datável do século IV a. C. (Ramon Torres, 1995: 222), a T-11.2.1.4. (fig. 18.7), datável do último terço do século V a. C. até início do IV (Ramon Torres, 1995: 236), T-11.2.1.3. (fig. 19.2), dos finais do século VI a. C. e todo o século V a. C. (Ramon Torres, 1995: 235), e a T-10.1.2.1. (fig. 19.3), do século VI a. C. (Ramon Torres, 1995, 231). Em Abul B, este tipo de pratos recolheu-se em estratos datados do século V a. C. (Mayet e Silva, 2000: 209, n^{os} 98, 99 e 102). Foram ainda recolhidos pratos do mesmo tipo na Rua dos Correeiros e no Moinho da Atalaia, que Elisa de Sousa integra na sua forma 2Ab, da Série 2 (2011: fig. 204).

Um grupo também significativo dentro das cerâmicas cor de avelã e cinzentas encontra-se representado na fig. 51, taças, e fig. 52, potes. No estrato 5 da fossa/fundo de cabana, encontra-se o grupo mais significativo deste tipo de peças que nos apareceram junto a fragmentos de *pithoi* e a um fragmento de ânfora do tipo T-1.3.2.3. (fig. 33.2), datável da segunda metade do século V a. C. (Ramon Torres, 1995, 231).

Se para o caso das cerâmicas decoradas com pinturas elas nos aparecem em estratos mais antigos, como no caso da fossa/fundo de cabana, estrato 5, mas também em contextos mais modernos, já na parte final da Idade do Ferro, séculos II-I a. C., (fig. 53 e 54),

no caso das decorações feita através de brunido elas apareceram dispersas pelos estratos mais profundos na zona sul da *villa* de Freiria, em contexto do século II a. C. a inícios do século I a. C., fig. 53.8-11 e fig. 54, das quais se destaca o grupo proveniente do quadrado MZ', estrato 3, fig. 43.1-2, conjuntamente a ânforas T-12.1.1.1. que se integram em cronologias que vão da segunda metade do século IV a. C., principalmente o século III a. C., e vão até à primeira metade do século I a. C. (Ramon Torres, 1995: 237 e 238).

No grupo dos metais, temos algumas peças significativas como o fragmento de asa de jarro ou *oenochoe* (fig. 62 e 67.1), que é idêntica aos jarros de tradição tartéssica.

No estrato 4, de cinzas, da fossa/fundo de cabana, recolheu-se um fragmento de punho de espeto ou *obelós* (fig. 63 e 52.2). Teresa Gamito colocou a forma deste tipo de espeto dentro do grupo do Sudeste peninsular, idêntico a outros três recolhidos na área da serra de Todo o Mundo, Cadaval, datando os mais antigos deste tipo entre o século VII e o VI a. C. e os mais modernos do século V a. C. (Gamito, 1986, 35).

Recolheu-se no lado nascente da área "A" um elemento de xorca do tipo Sanguessuga de bronze, (fig. 64 e 67.4).

No quadrado 21/8, junto ao piso, estrato 2, recolheu-se um fecho macho de cinturão de bronze, do tipo tartéssico, de três ganchos, (fig. 11.5, 65 e 67.5), constituído pelo talão rectangular ligado a uma placa poligonal; entre eles dois olhais fechados por pequenos aros limitados por pequenas rodas. Apresenta – e aqui seguimos a descrição de José Carlos Caetano – “decoração constituída por duas linhas de pontos impressos, rodeando o perímetro da placa e uma linha de pontos nos círculos que limitam os olhais. No talão, duas linhas de pontos impressos e uma de círculos separam as perfurações do resto do fecho. No centro da placa poligonal há um círculo definido por círculos mais pequenos, impressos e preenchido com pontos, também impressos”. O mesmo autor considera-o do tipo Cerdeño DIII3, cuja cronologia se situa entre os finais do séc. VI e o séc. V a. C. (Caetano, 1998, 12 e 17)

Na colecção de Gil Montes, proveniente de El Risco, existe um semelhante (Gómez Ramos e Rovira Lloréns, 2001, p. 212, fig. 17). Na necrópole celtibérica de Carratirmes, Tiermes, Soria, encontrou-se um fecho de cinturão de tipo céltico, idêntico ao de Freiria, que foi datado entre os fins do séc. VI ou princípios do século V até meados do IV a. C. (Argente e Díaz, 1996, 54, 164 e 165).

Para além do fecho de três ganchos, recolheu-se no estrato 2 da fossa/fundo de cabana, um fecho de cinturão fêmea de bronze serpentiforme de um olhal (fig. 17.6, fig. 66 e 67.4).

O único vestígio de uma arma do período da Idade do Ferro é o fragmento de alvado de uma lança (fig. 11.6 e 67.6), recolhido no meio das pedras de enrocamento onde assentava o piso de terra da área A.

O maior conjunto de fíbulas de Freiria é constituído por diversos tipos anulares hispânicos (fig. 70, n^{os} 1, 2, 4-6 e 8-10). A maioria deste tipo de peças tem um largo espectro temporal que se inicia no século VII a. C. e perdura até ao século I a. C.

A fíbula de campânula (fig. 53 e fig. 54.8) foi recolhida com alguns fragmentos de cerâmicas cinzentas da Idade do Ferro, na zona central da sala dos tanques do lagar, no nível inferior do alinhamento semicircular de pequenas lajes. Pertence ao tipo Meseta (33a Ponte), é habitual em povoados e necrópoles celtibéricas. Aparece normalmente em contextos datados dos finais do século VII/inícios VI a. C. até finais do século V/inícios do IV a. C. (Ponte, 2006: 285).

De entre as contas de colar temos as de vidro oculadas (fig. 71, nos 1 e 2; 72.3) e as de cor azul com ou sem núcleo branco (fig. 71, n^{os} 3-4; 72, n^{os} 1 e 2).

Recolheram-se algumas contas de ossos de forma discoidal (fig. 71, n^{os} 6-8).

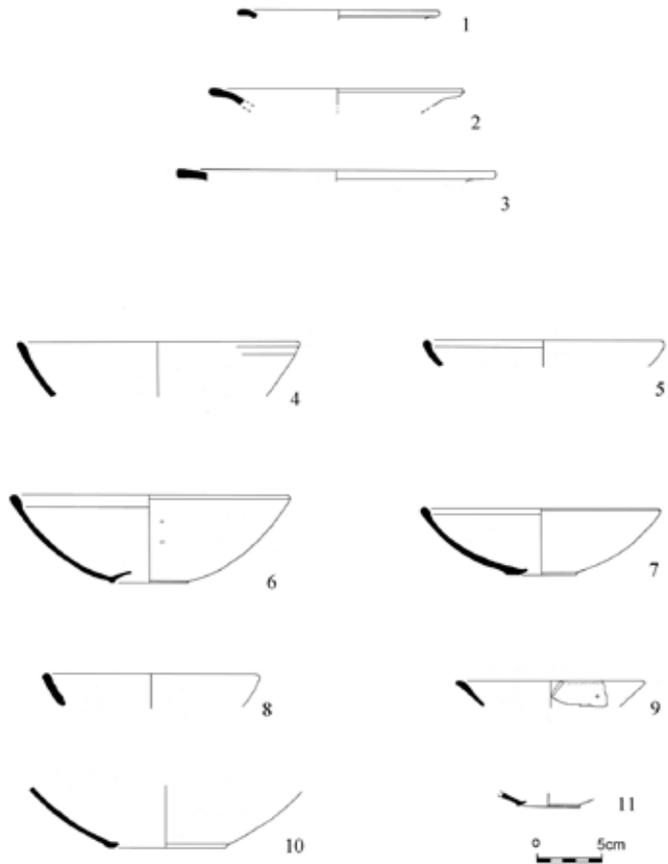


Figura 51
Taças.

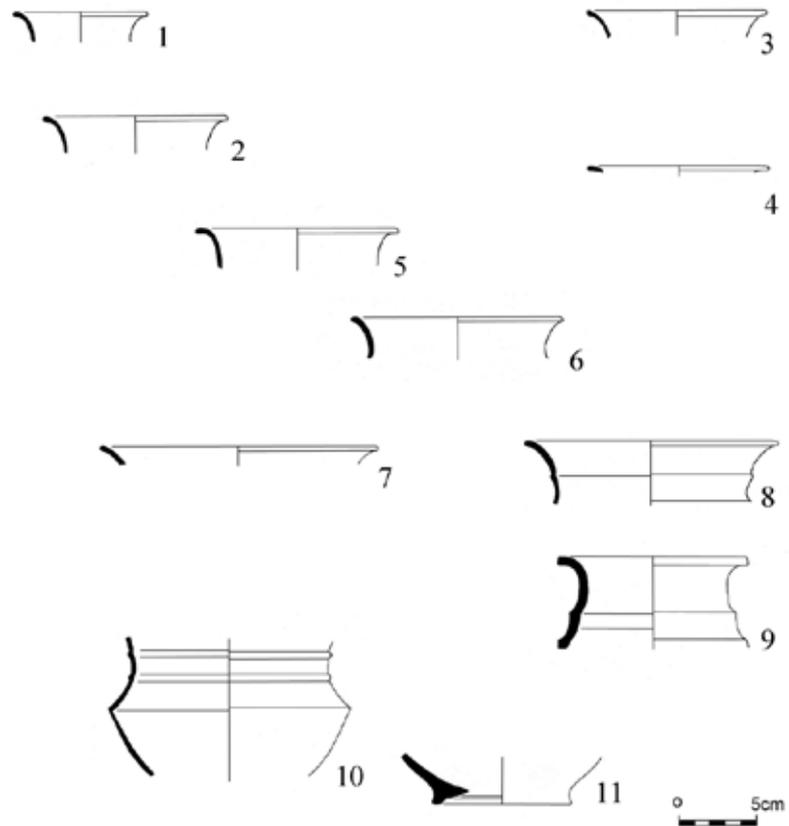


Figura 52
Potes.

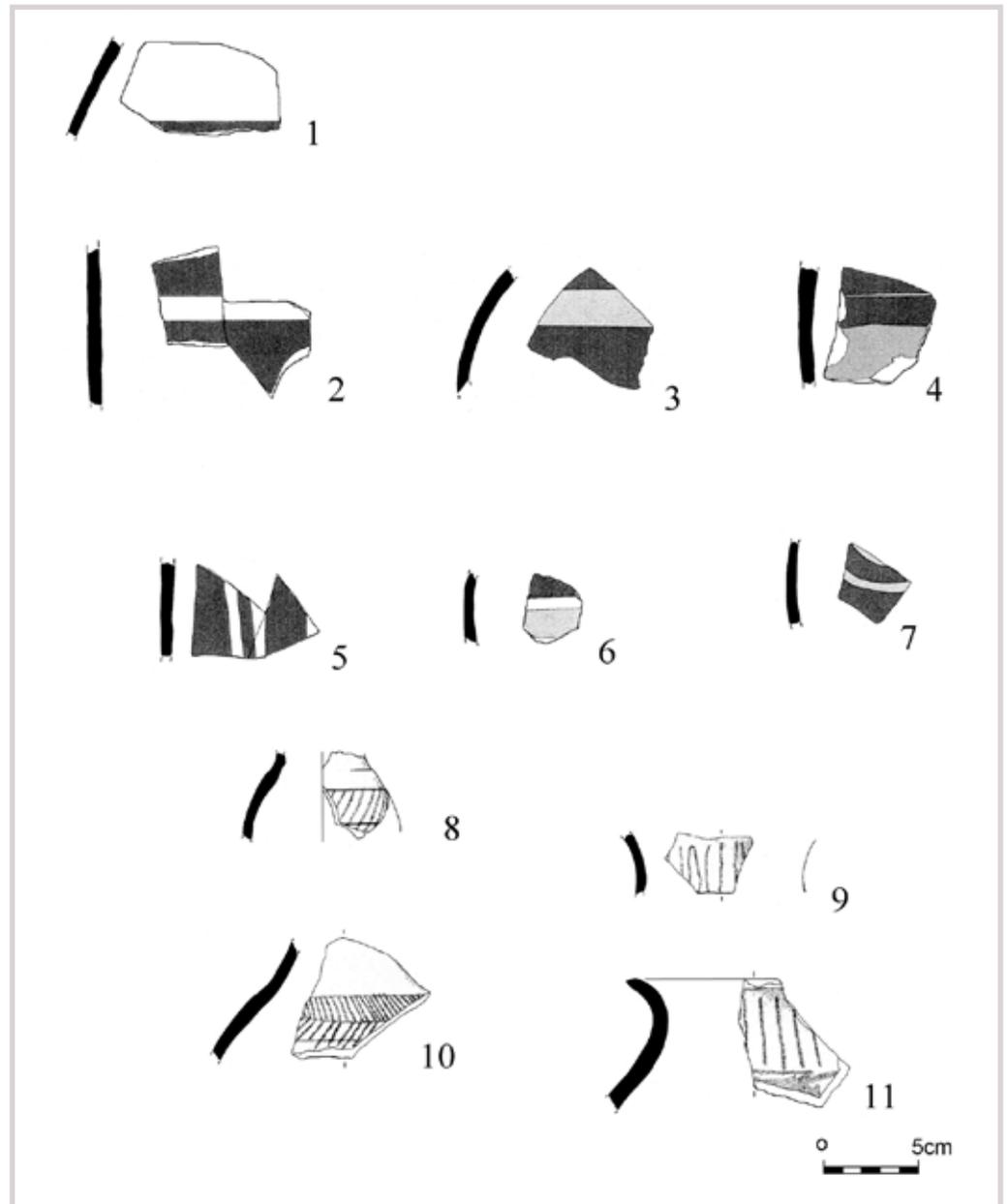
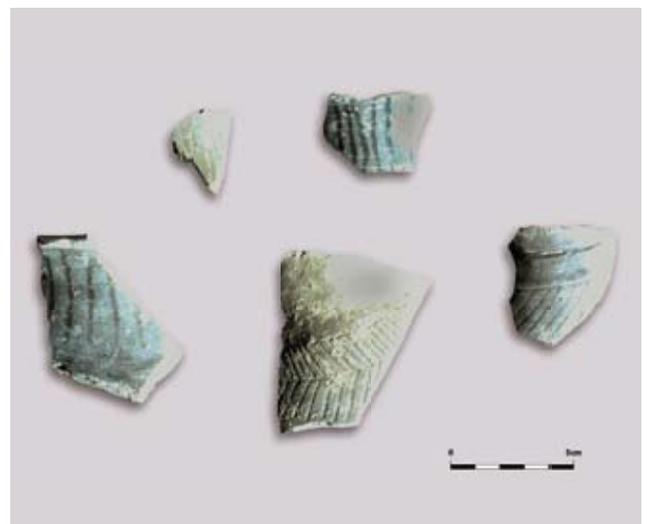


Figura 53
Cerâmicas pintadas e
brunidas.

Figura 54
Cerâmicas pintadas e
brunidas.

Figura 55
Cerâmicas pintadas e
brunidas.



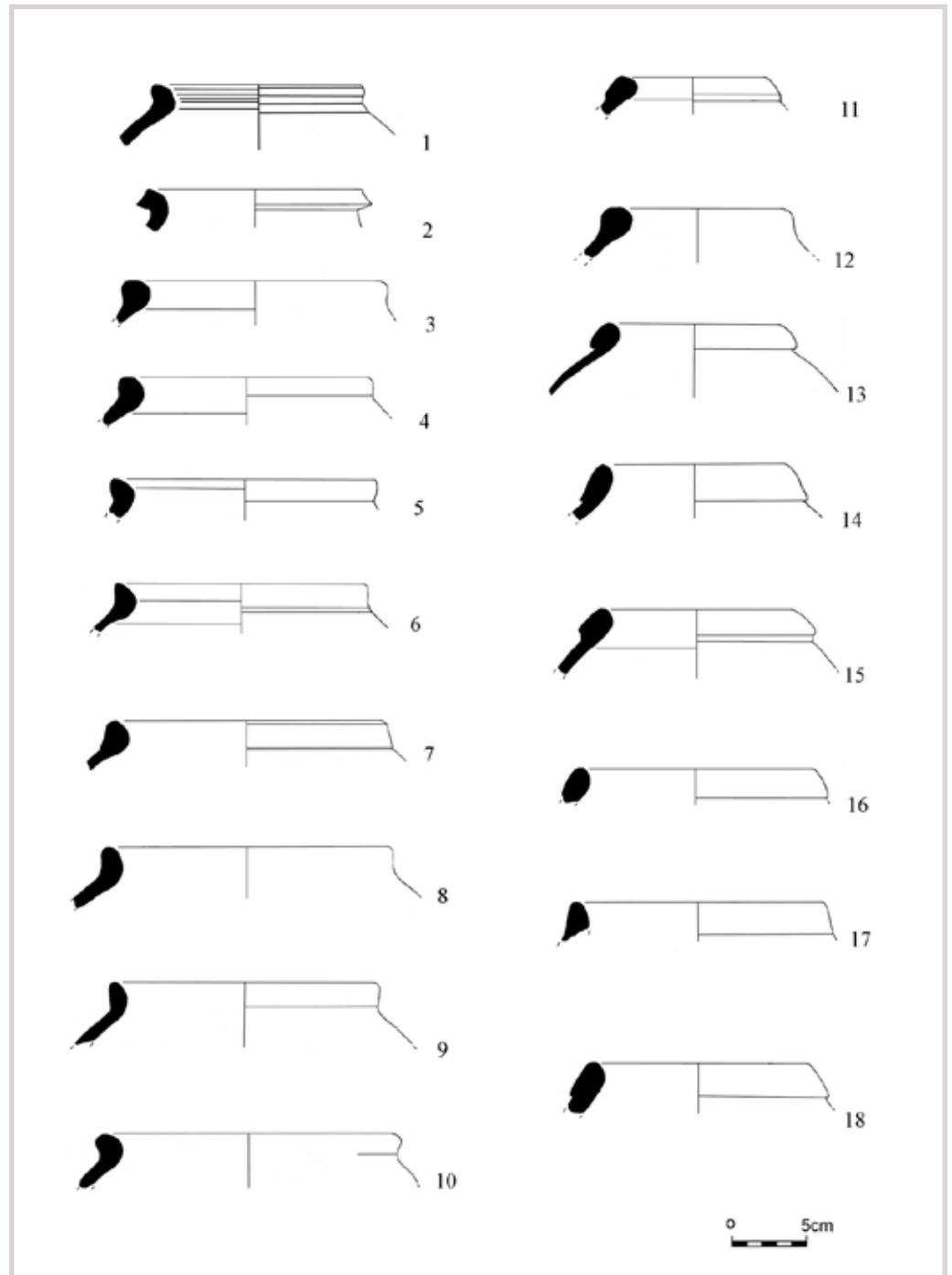


Figura 56
Ânforas do tipo B/C
de Pellicer.

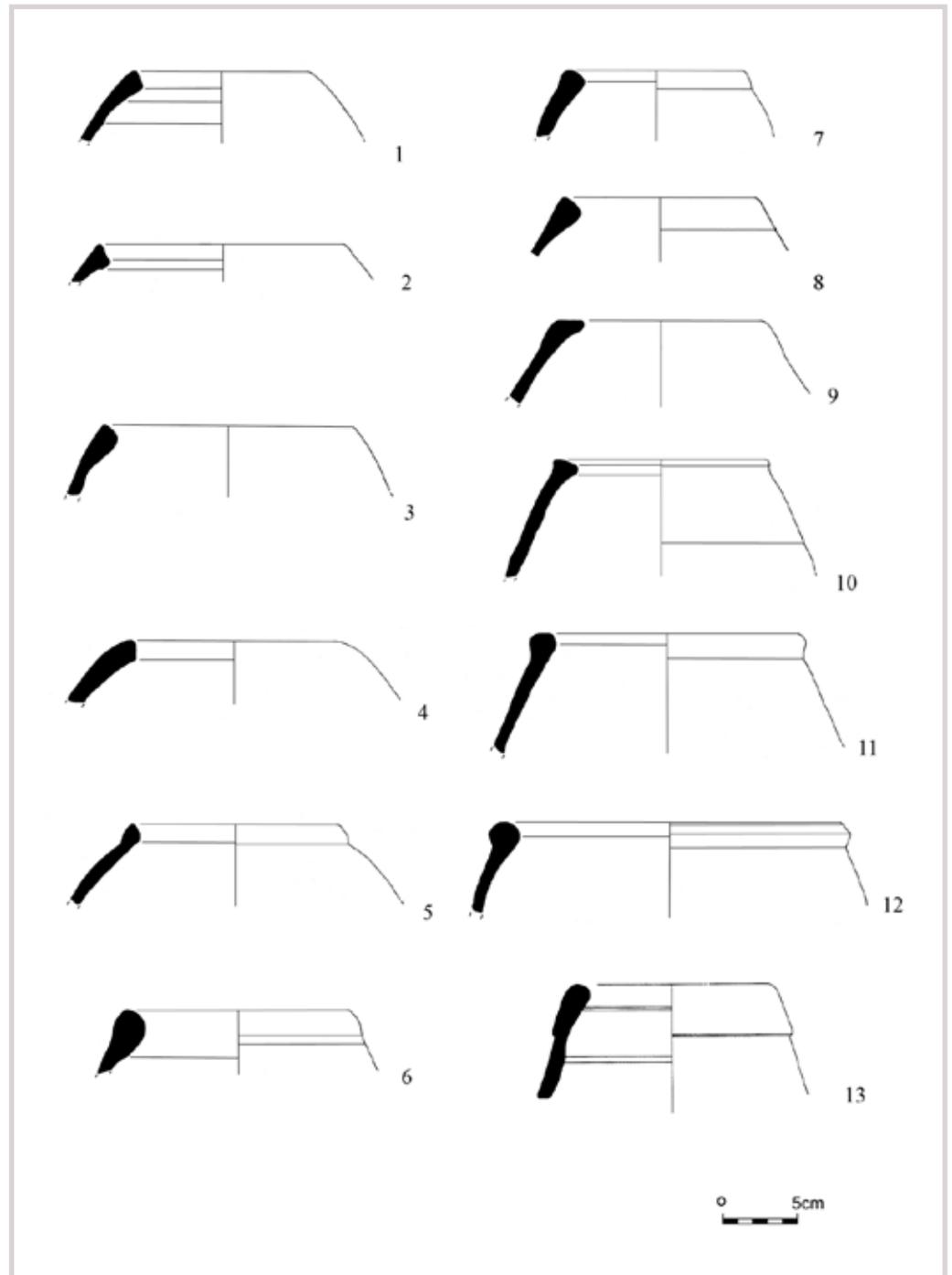


Figura 57
Ânforas do tipo
Maña-Pascual A4.

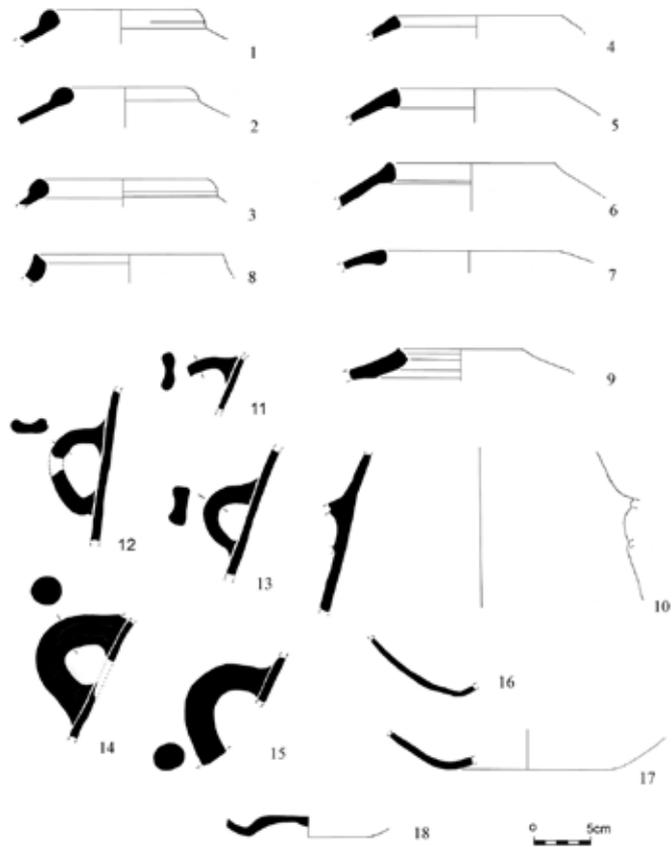


Figura 58
Ânforas e *pithoi*.

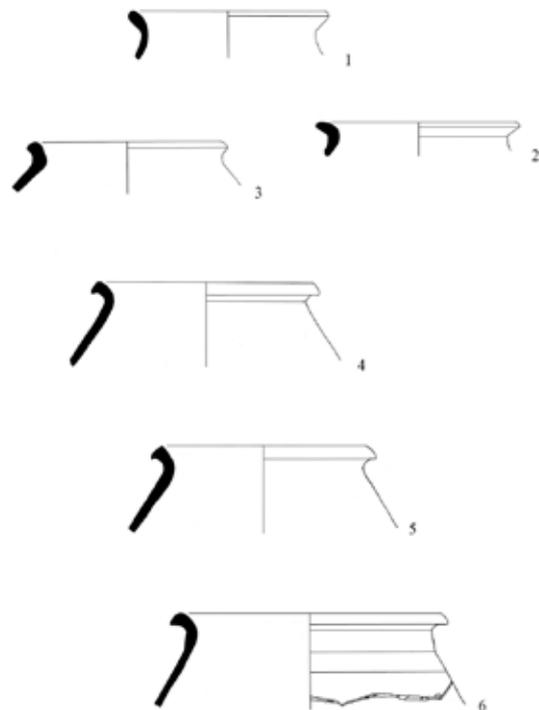


Figura 59
Pithoi.

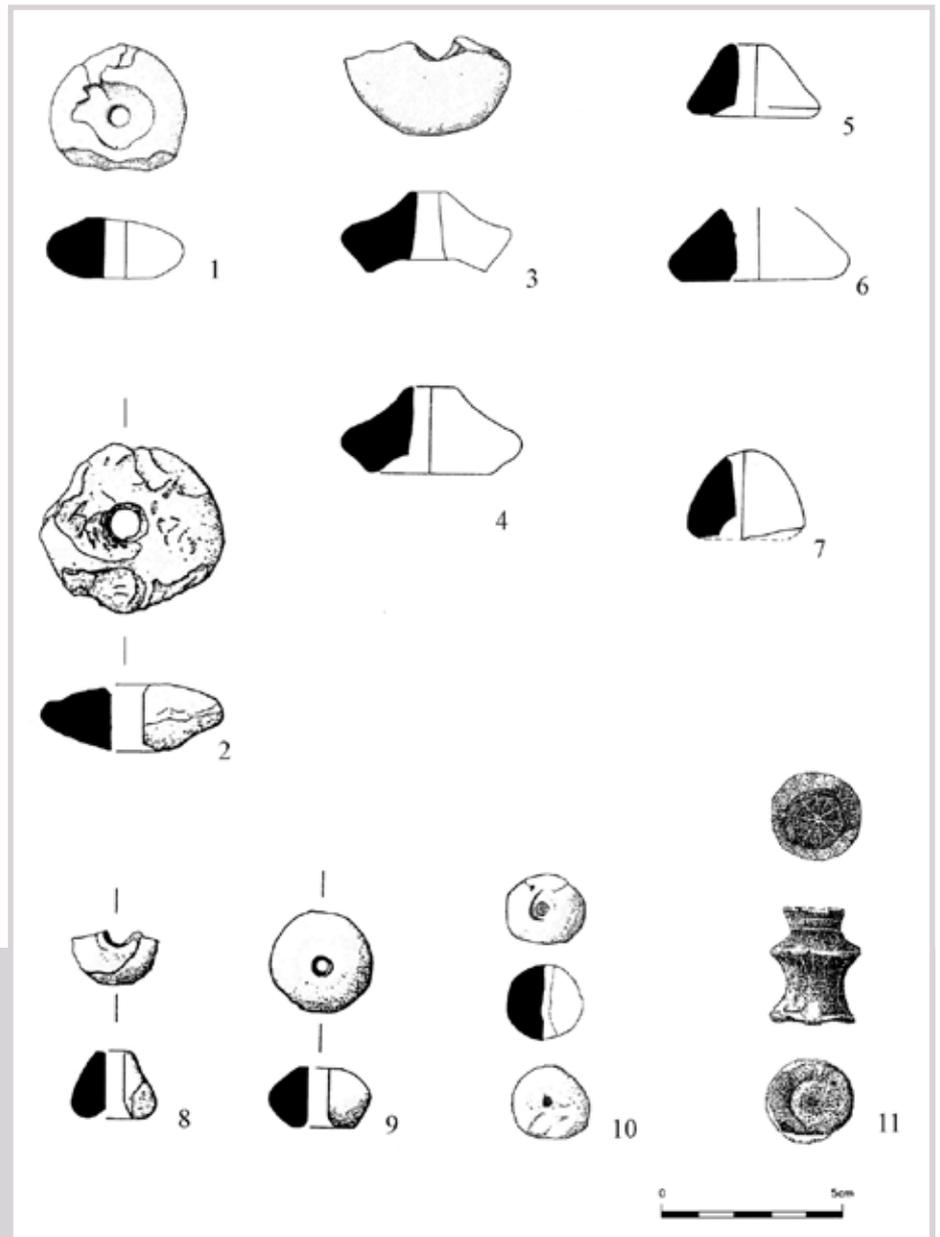


Figura 60
Cossoiros e sinete de
cerâmica.

Figura 61
Sinete de cerâmica.



Figura 62
Fragmento de asa de
jarro ou *oenochoe*.



Figura 63
Fragmento de punho
de espeto ou *obelós*.



Figura 64
Sanguessuga de
bronze, de xorca.



Figura 65
Fecho de cinturão de
bronze tipo Cerdeño
DIII3.



Figura 66
Fecho de cinturão
fêmea de bronze
serpentiforme.



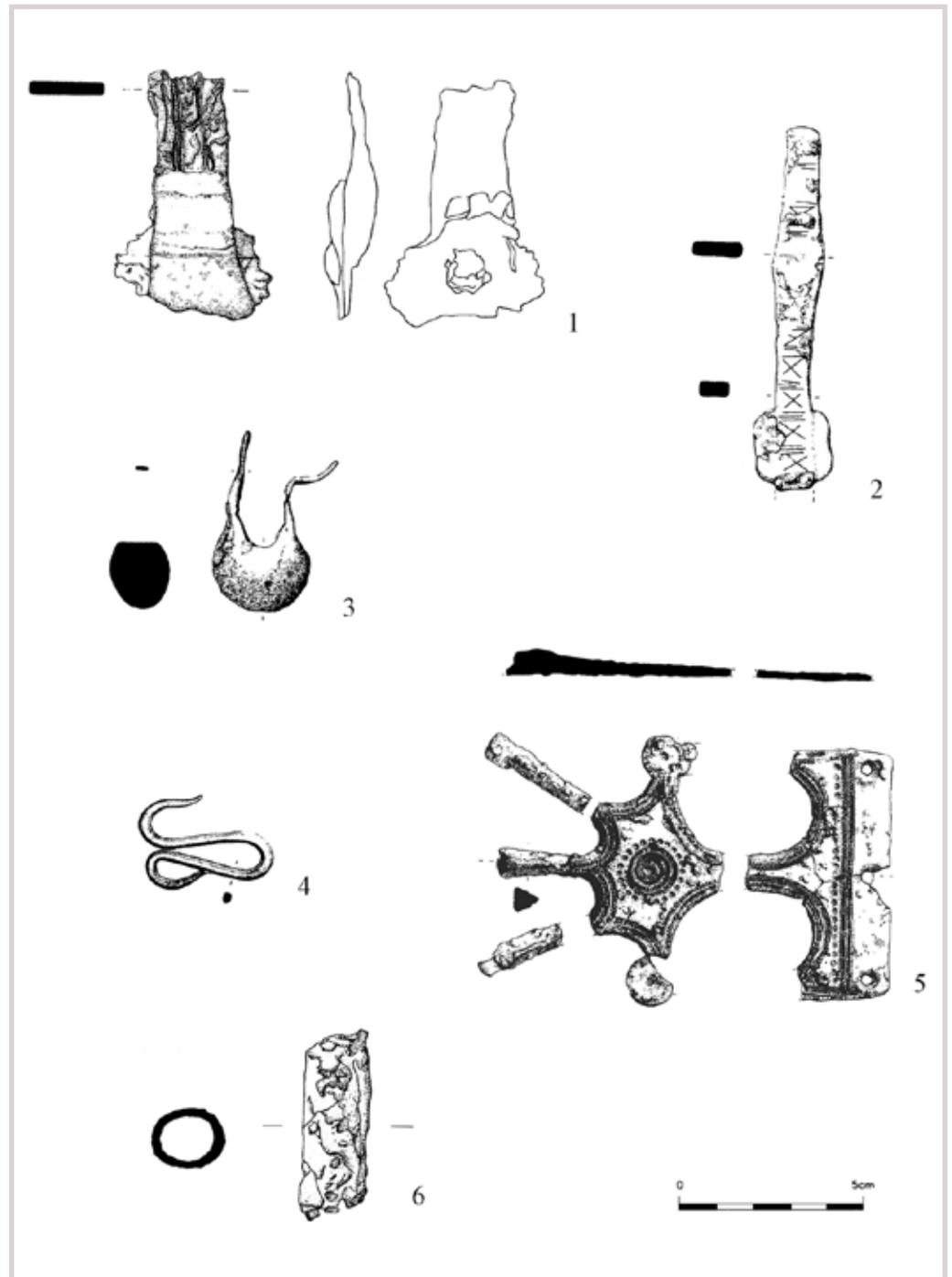


Figura 67

Metais. 1, pega de jarro de bronze; 2, punho de espeto; 3, sanguessuga; 4, fecho de cinturão fêmea, de bronze; 5, fecho de cinturão de bronze tipo Cerdeño DIII3; 6, alvado de lança.



Figura 68
Fíbula anular
hispânica.

Figura 69
Fíbula de campânula
tipo Meseta (33a
Ponte). Falta-lhe a
mola e o fuzilhão:
comprimento 48 mm;
altura 25 mm.

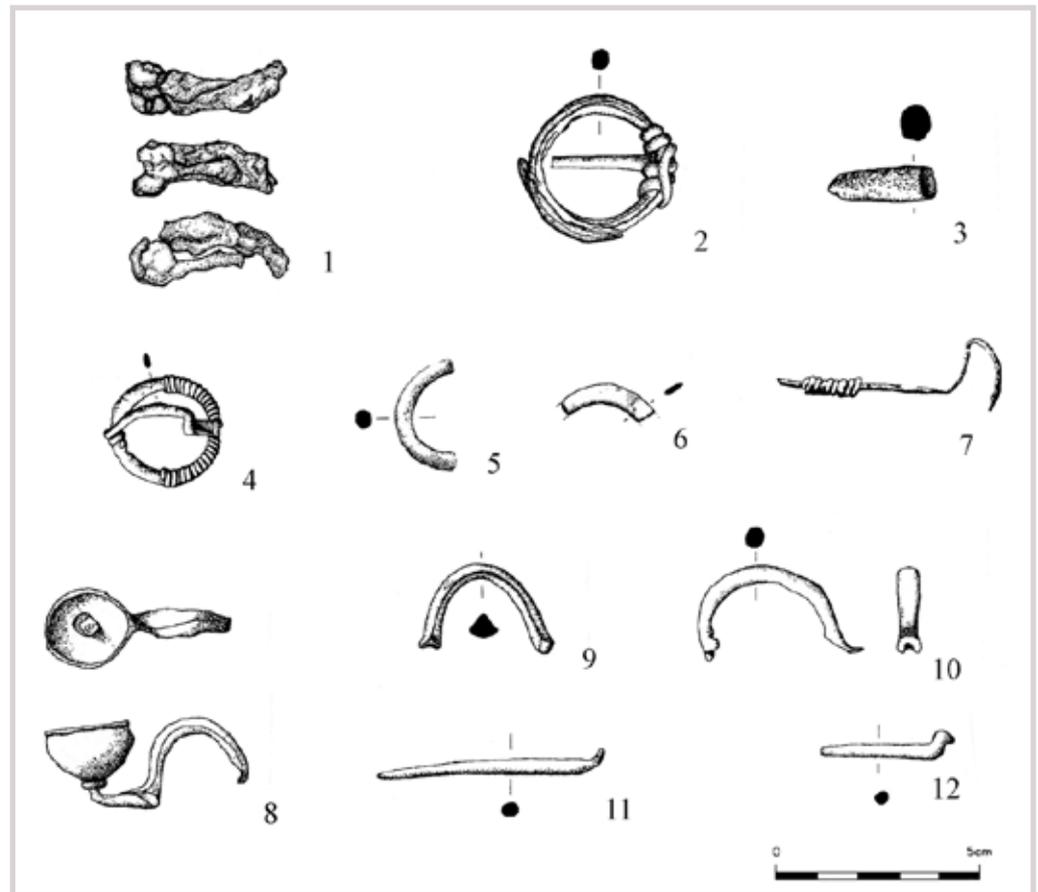


Figura 70
Fíbulas.

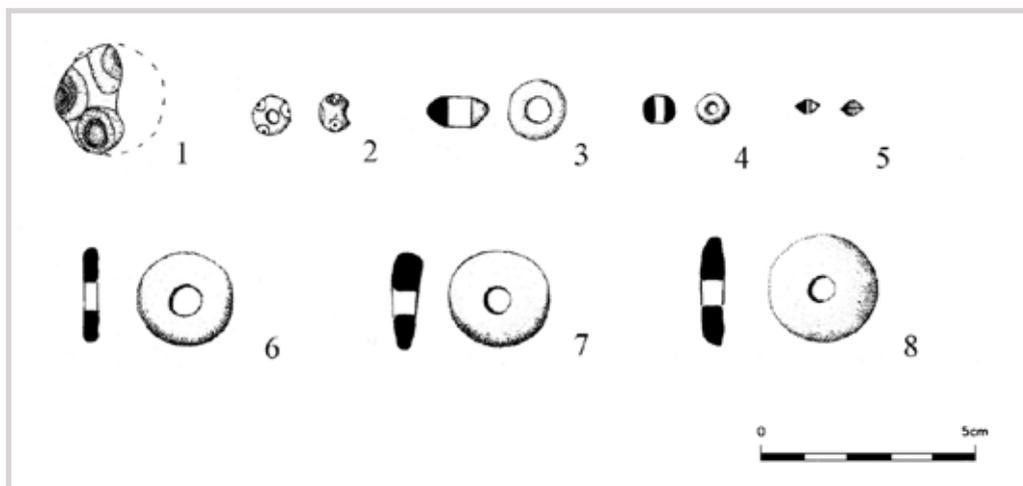


Figura 71
Contas de vidro: 1-5.
Contas de ossos: 6-8.



Figura 72
Contas de vidro.

Em 1987, descobriu-se uma rude escultura zoomórfica, de calcário local, no muro de suporte de terras que se encontrava sobreposto ao «compartimento da ara», nas termas sul.

Aliás, a referida circunstância da descoberta do protomo de Freiria não é singular, porquanto Vaquerizo, no seu trabalho sobre esculturas ibéricas de leões (1997, p. 19), começa precisamente por afirmar que “hasta la fecha, prácticamente la totalidad de leones documentados en el marco de las diversas manifestaciones arqueológicas atribuibles a la cultura ibérica, cuentan con el importante inconveniente de haber sido hallados fuera de contexto arqueológico”.

A peça sempre nos colocou não apenas problemas de datação, visto que foi encontrada fora de contexto, como também de identificação do animal representado e do seu possível contexto original.

Inicialmente, atribuímo-la ao período romano. Considerámo-la uma carranca, representando um felino ou canino de dentes arreganhados, destinada, muito provavelmente, a encimar um dos pilares do portão da *villa*, dada inclusive a sua vaga semelhança com o conhecido mosaico do *Cave Canem* da Casa do Fauno, em Pompeios. No entanto, quando nos visitou, em plena escavação, o então director do Museu de Badajoz, Dr. Guillermo S. Kurtz, sugeriu-nos logo que poderíamos, ao invés, estar em presença de um trabalho mais antigo, inclusive ibérico, datável da II Idade do Ferro.

Em 1996, ao observar com mais atenção a peça, nomeadamente a sua parte inferior, apercebemo-nos de que o animal deveria ser visto na globalidade e detinha, indiscutivelmente, uma forma fálica, em tudo semelhante à de outros amuletos frequentes tanto na época romana como em épocas anteriores. Daí se ter continuado a pensar

na hipótese de a escultura figurar à entrada da *villa* com evidente intenção apotropaica, contra o mau-olhado, como era habitual. E foi nessa base que a apresentámos na exposição *Cascais Romano* (Novembro de 1997).

Porém, após uma análise mais aturada da configuração da peça e tendo-a comparado com outras existentes no Sul da Espanha, fomos levados a repensar o contexto original em que o protomo terá sido integrado, sobretudo tendo em conta também a primeira opinião expendida por Guillermo Kurtz. Na verdade, as figuras de leões e de leoas aparecem amiúde na decoração de túmulos ibéricos na Idade do Ferro. Ora, se tivermos em conta o que atrás se disse acerca da possibilidade de a necrópole romana se haver instalado sobre a necrópole sidérica, não nos repugna que daí possa ter provindo esta escultura, que os Romanos ou, mais provavelmente, os povos que lhes sucederam não hesitaram em utilizá-la como material de construção, certamente por desconhecerem o seu exacto significado ou, até, por a não terem reconhecido como peça escultórica.



Figura 73
Protomo de Freiria.
Dentes arreganhados,
orelhas para trás e
focinho bipartido.

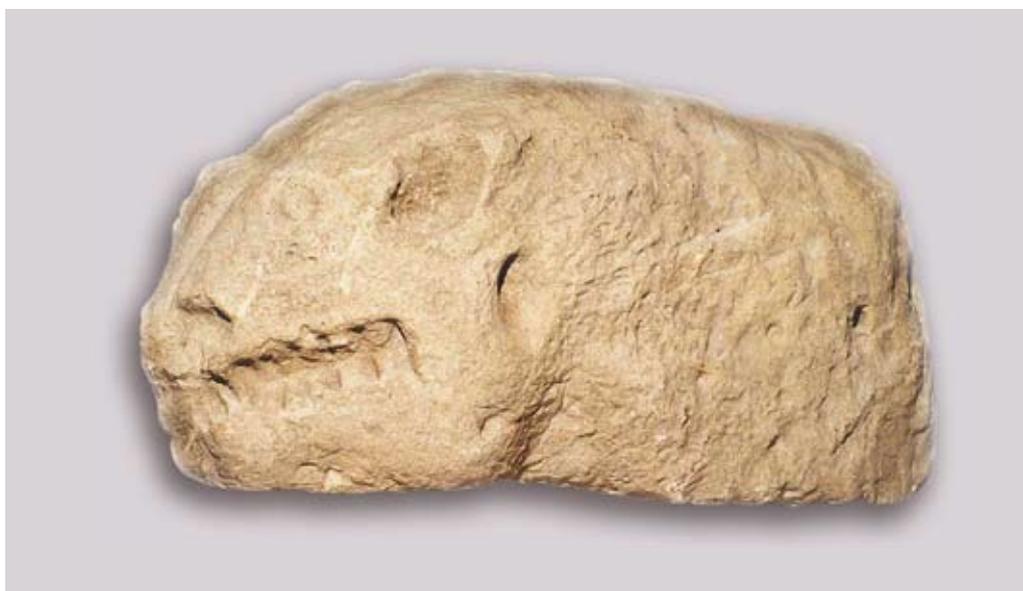


Figura 74
Protomo de Freiria.

Figura 75

Escultura de pedra de leão, datável da Idade do Ferro, recolhido na região de Córdoba, Espanha.



Figura 76

Cabeça de leão, de pedra, da Idade do Ferro, recolhido na região meridional espanhola.



O Sítio Arqueológico de Miroiço, Manique

É um dos mais vastos sítios arqueológicos de Cascais – 50 metros de largura por 200 metros de comprimento. Localiza-se num interflúvio que termina em forma de esporão, no lado norte do vale da ribeira de Caparide.

Foram recolhidos materiais do Calcolítico, Idade do Bronze e do Ferro, dispersos por toda a jazida, mas é do período romano que mais vestígios se encontram, com um cemitério no lado norte e na área sul onde deve estar a *pars urbana e rustica* de uma *villa*.

Séculos de lavoura destruíram grande parte dos vestígios. Em 1999, foi escavada a zona norte do sítio, tendo sido identificados um muro e um pequeno forno de cerâmica da Idade do Ferro. Pensamos que o muro faria parte de uma cerca ou muralha, devido à sua largura; o forno fora construído de barro, tendo cúpula de hastes de madeira forrada com barro.

Junto ao muro da cerca e do forno recolheram-se cerâmicas cinzentas e de cor de avelã mas sem grande significado, bem como carvões e conchas de bivalves e de lapas que foram datados no Instituto Técnico Nuclear e que deram datações dos séculos VII-VI a. C. até finais do século IV a. C.



Figura 77
Imagem de satélite do sítio de Miroiço, Manique. De amarelo, estruturas da Idade do Ferro; a verde, área da necrópole romana e tardia; a azul, a zona de dispersão dos vestígios romanos; a vermelho, o sítio onde apareceram materiais de todos os períodos.

Figura 78

Miroiço. Base de muro de cerca da Idade do Ferro.



Figura 79

Miroiço. Base de muro de cerca da Idade do Ferro.



Figura 80

Miroiço. Base de muro de cerca da Idade do Ferro.



Figura 81

Miroiço. Base de muro de cerca da Idade do Ferro.



Figura 82
Miroiço. Forno de
cerâmica da Idade do
Ferro.



Figura 83
Miroiço. Forno de
cerâmica da Idade do
Ferro.



Datações Absolutas

As datações absolutas obtidas por ^{14}C de alguns carvões, ossos e conchas, no antigo laboratório do Instituto Tecnológico e Nuclear (agradecemos ao doutor Monge Soares a elaboração da tabela que apresentamos com todas as datações dos sítios de Miroiço e Freiria), possibilitam-nos confirmar e aferir as datações de Freiria e Miroiço.

Assim, para Miroiço datas que estendem-se desde os finais do século VII - inícios do século VI a. C., até ao século IV a. C.

Para Freiria observa-se que para o estrato IV, correspondente à camada de cinzas da fossa/fundo de cabana, corresponde uma datação entre os finais do século VI a. C. e os finais do século IV a. C., enquanto o estrato II, de enchimento, nos aparece datado já dos séculos IV a. C. a III a. C.

A última fase de ocupação de Freiria também foi datada a partir de materiais orgânicos recolhidos a poente da *pars urbana* romana, área F (fig. 4), junto aos materiais idênticos recolhidos nas áreas E e D (fig. 4). As datas obtidas apontam para os séculos II e I a. C.

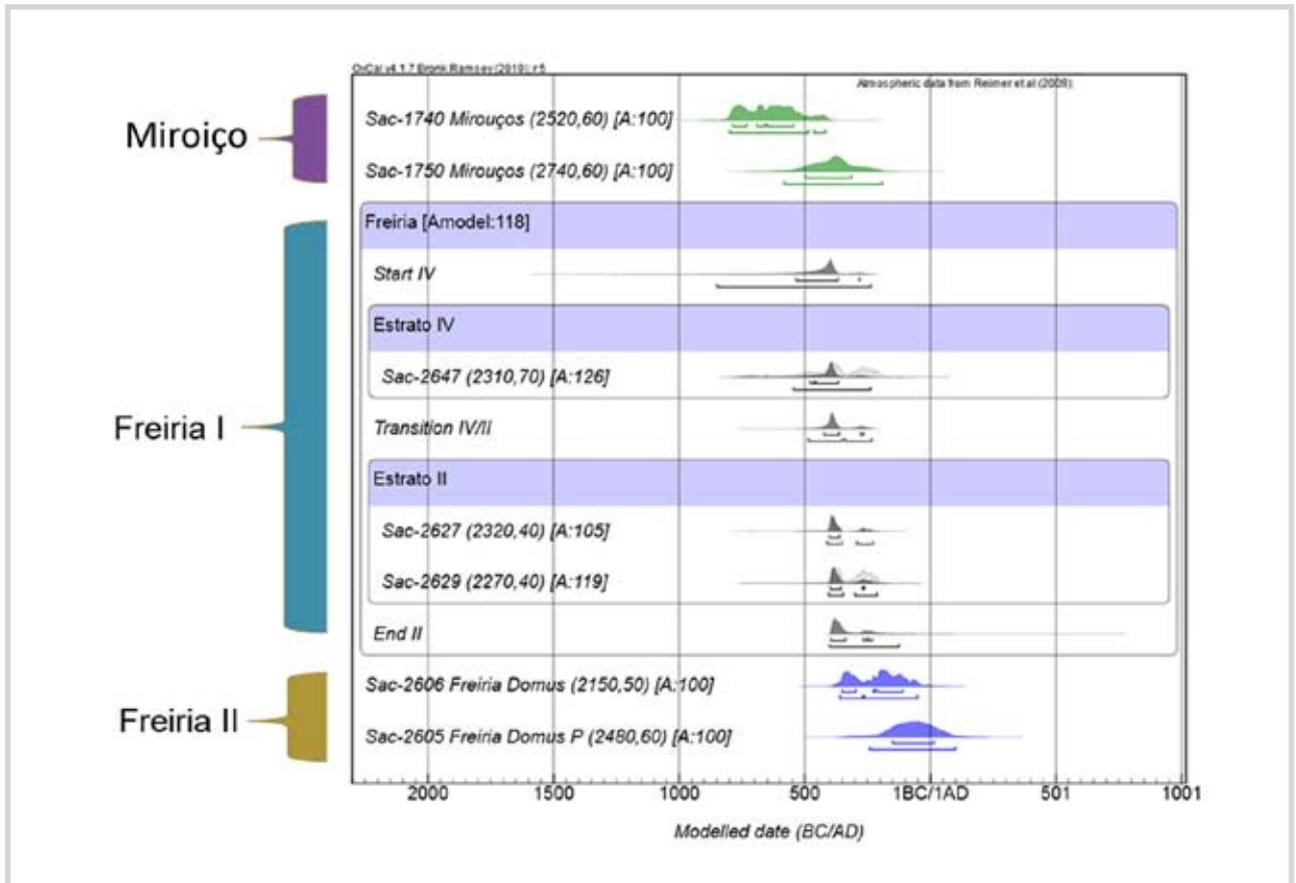


Figura 84
Tabela de datações
de 14C dos sítios
arqueológicos de
Miroiço e Freiria.

Conclusões

A grande área de dispersão de materiais arqueológicos leva-nos a dizer que estamos perante um povoado que teve fundação nos finais da I Idade do Ferro e terá prolongado a sua existência até aos finais da II Idade do Ferro. Pelas dimensões que os vestígios da Idade do Ferro ocupam pensamos que é abusivo tratar Freiria como um simples casal agrícola a exemplo de outros na região, conforme propostas de João Luís Cardoso (Cardoso, 1995) e de Ana Arruda (Arruda, 2005, 57).

Pensamos que a ausência de vestígios da Idade do Bronze final se deva a que, naquele período, a escolha do local para implantação de povoados tenha recaído sobre o Cabeço do Mouro, que fica a cerca de 400 metros a oeste de Freiria e a 150 metros de altitude, o que lhe dava um excelente domínio em todas as direcções (Marques e Andrade, 1975; Cardoso, 1991), ao contrário de Freiria, que se encontra no fundo do vale, à cota dos 90 m. João Luís Cardoso escavou, em 2003, um dos dois locais que localizáramos na encosta oriental daquele cabeço (Cardoso, 1991, nº 141), logo acima de Freiria, tendo verificado, através de datas de radiocarbono, que correspondia ao século IX a. C., podendo atingir a segunda metade do século X, datação compatível com a chegada dos Fenícios ao extremo peninsular, segundo o mesmo investigador (Cardoso, 2006, 45).

Durante o século IV ou nos inícios do III a. C, parece ter existido um abandono de Freiria, que volta a ser ocupada já no final da II Idade do Ferro, durante os séculos II e I a. C., o que é visível através de cerâmicas de decoração brunida e em ânforas do tipo Maña-Pascual A4.

Em síntese, está suficientemente documentado que, tanto em Freiria como em Miroiço, os Romanos vieram instalar-se em locais já anteriormente ocupados, durante milénios,

pelas populações que os antecederam. Preferindo muito embora a encosta soalheira e mais abrigada, deixaram quase intactos os vestígios das ocupações anteriores (ainda descortinamos eventuais trechos de muralha, que serão objecto de futuras escavações). Mau grado o facto de a agricultura intensa que aí se desenvolveu ao longo dos tempos ter destruído as estruturas naturalmente existentes, a identificação das “bolsas” atrás referidas possibilitaram-nos algumas conclusões:

- a ausência de cerâmicas de engobe vermelho e a predominância, num primeiro período, de cerâmicas finas, de cor cinzenta escura e castanha, associadas ao fecho de cinturão, punho de espeto, fíbulas, algumas ânforas e às datações de C¹⁴ permitem-nos datar a primeira ocupação de Freiria de finais do século VI a. C., na mesma data em que foram ocupados os sítios do Moinho da Atalaia, Outurela e Miroiço;

- são nítidas, por outro lado, designadamente no punho de espeto, no protomo e material anfórico, as influências culturais e económicas da área ibérica mediterrânica, muito provavelmente através dos povos instalados em Alcácer do Sal;

- por outro lado, a fíbula de sino e o fecho de cinturão apontam para influências celtibéricas;

- regista-se, porém, um aumento gradual da presença de cerâmica indígena levantada à mão, o que demonstrará, sem dúvida, que os materiais importados cedo escassearam e a população local começou a fabricar ela própria aquilo de que necessitava para o seu quotidiano;

- no final da Idade do Ferro, parece, por outro lado, ter-se registado, ao nível do material cerâmico, uma influência alheia, quiçá de povos do interior peninsular, portadores de cerâmica cinzenta brunida, cuja representação é – se nos ativermos aos dados de que por enquanto dispomos – demasiadamente escassa para ter havido uma produção local ou uma importação em larga escala.

BIBLIOGRAFIA

- ALONSO LUBIAS, A. (1992) – Broches de cinturón de tipo céltico en la necrópolis de Cerratierme. *In II Symposium de Arqueología Soriana*. Soria, p. 571-584.
- ARANEGUI, C. G. (1985) – Lás jarritas bicónicas grises de tipo Ampuritano. *Ceràmique Gregue i Helenístiques de la Península Ibérica*. Taula Rodona amb motiu del 75è. Aniversari de les excavacions d'Empúries (Empúries, 18-20 març 1983). *Monografies Emporitanes*. VII. Barcelona, p. 101-113.
- ARGENTE, J. L. O., e DÍAZ, A. D. (1996) – *Tiermes Guía del yacimiento y Museo Soria*. Junta de Castilla y León. Tiermes.
- ARRUDA, A. M. (2005) – O 1º milénio a.n.e. no Centro e no Sul de Portugal: leituras possíveis no início de um novo século. *O Arqueólogo Português*. Série IV. 23. Lisboa, p. 9-156.
- ARRUDA, A. M., FREITAS, V. T. de, e VALLEJO SÁNCHEZ, J. I. (2000) – As cerâmicas cinzentas da Sê de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 3. Lisboa, p. 25-59.
- ÁVILA E DE BOLAMA, G. M. d' (1912) – *Nova Carta Chorographica de Portugal*. Toma II. Imprensa Lucas. Lisboa, p. 74.
- BARBERÀ FARRÀS, J. i, SANMARTÍ GREGO, E. I (1982) – *Excavacions al poblament Ibèric de la Penya del Moro de San Just Desvern (Barcelonès) Campanyes 1974-1975 i 1977-1981*. *Monografies Arqueològiques*. 1. Barcelona.
- BARROS, L., CARDOSO, J. L., e SABROSA, A. (1993) – Fenícios na margem Sul do Tejo. *Estudos Orientais*. Instituto Oriental. Vol. IV. Lisboa, p. 143-181.
- CAETANO, J. C. (1998) – *Fechos e Placas de Cinturão Protohistóricos Encontrados em Portugal*. Trabalho elaborado no âmbito do Mestrado em Arqueologia Romana, na Faculdade de Letras de Coimbra.
- CARDOSO, G. (1991) – *Carta Arqueológica do Concelho de Cascais*. Câmara Municipal de Cascais. Cascais.
- CARDOSO, G., e ENCARNAÇÃO, J. d' (2000) – Notas sobre a ocupação proto-histórica na *Villa Romana de Freira*. In *Actas Congresso Proto-História Europeia*. *Revista Guimarães*. Número especial. Guimarães, p. 741-756.
- CARDOSO, J. L. (1990) – A presença oriental no povoamento da I Idade do Ferro na região ribeirinha do Estuário do Tejo. *Estudos Orientais*. Vol. I. Instituto Oriental. Lisboa, p. 119-134.
- CARDOSO, J. L., TAVARES DA SILVA, C., MARTINS, F., e ANDRÉ, C. (2010/2011) – O casal agrícola da I Idade do Ferro de Leião (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 18. Oeiras, p. 75-102.
- CARDOSO, J. L., TAVARES DA SILVA, C., MARTINS, F., e ANDRÉ, C. (2010/2011) – O estabelecimento rural romano Tardo-Republicano e Alto-Imperial de Leião (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 18. Oeiras, p. 103-146.
- CORREIA, V. H. (1993) – Os materiais pré-romanos de Conímbriga e a presença Fenícia no Baixo Vale do Mondego. *Estudos Orientais*. Instituto Oriental. Vol. IV. Lisboa, p. 229-283.
- DIOGO, A. M. D. (1993) – Ânforas pré-romanas dos Chões de Alpopmé (Santarém). *Estudos Orientais*. Instituto Oriental. Vol. IV. Lisboa, p. 215-227.
- DIOGO, A. M. D., e TRINDADE, L. (1993-1994) – Materiais provenientes dos Chões de Alpopmé (Santarém). *Conimbriga*. Vol. 32-33. Lisboa, p. 263-281.
- FABIÃO, C. (2001) – Importações de origem mediterrânea no interior do Sudoeste Peninsular na segunda metade do I Milénio a. C.: Materiais de Cabeça de Vaiamonte, Monforte. *Os Púnicos no Extremo Ocidente*. *Actas do colóquio internacional (Lisboa, 27 e 28 de Outubro de 2000)*. Universidade Aberta. Lisboa, p. 197-227.
- GAMITO, T. J. (1986) – Os espetos de bronze do sudoeste peninsular – sua interpretação sócio-ideológica. *Conimbriga*. XXV. Coimbra, p. 23-39.
- GÓMEZ RAMOS, P., e ROVIRA LLORÉNS, S. (2001) – Aspectos metalúrgicos de “El Risco” y de “El Torrejón de Bajo” (Cáceres). In ENRÍQUEZ NAVASCUES, Juan-Javier, RODRÍGUEZ DÍAZ, Alonso, e PAVÓN SOLDEVILLA, Ignacio, *El Risco Excavación de urgencia en Sierra de Fuentes. (Cáceres) – 1991 y 1993*. *Memorias de Arqueología Extremeña*. 4. Cáceres, p. 195-213.
- LÓPEZ MULLOR, A. i, ROVIRA PORT, J. i, e SANMARTÍ GREGO, E. i (1982) – Excavaciones en el poblado Layetano del Turó del Vent Llinars del Vallès. Campañas de 1980 y 1981. *Monografies Arqueològiques*. Vol. 3. Barcelona.
- MARQUES, G. (1982-1983) – Aspectos da Proto-História do território português. II – Povoado de santa Eufémia (Sintra). *Sintria*. I-II. Sintra, p. 59-88.
- NIEUWENDAM, L., e SANTOS, R. (2008) – *Villa Romana de Vilares, Cascais trabalhos arqueológicos em 2007-2008*. *al-madan online* adenda electrónica. IIª Série. 16. Almada, p. 2 e 3.

- PINTO, C.V., e PARREIRA, R. (1978)** – Contribuição para o estudo do Bronze Final e do Ferro Inicial a norte do Estuário do Tejo. In *Actas das III Jornadas Arqueológicas. 1977*. Associação dos Arqueólogos Portugueses. Vol. I. Lisboa, p. 145-163.
- PONTE, S. (2006)** – *Corpus signorum das Fibulas Proto-Históricas e Romanas de Portugal*. Caleidoscópio. Casal de Cambra.
- SOUSA, E. R. B. de (2011)** – *A ocupação pré-romana da foz do Estuário do Tejo durante a segunda metade do 1º milénio a.C.* Tese de Doutoramento. Universidade de Lisboa Faculdade de Letras. Departamento de História. Policopiada.
- RAMONTORRES, J. (1995)** – *Las Ánforas Fenicio-Púnicas del Mediterráneo Central y Occidental*. Col. Lección Instrumenta. 2. Barcelona. Publicacions universitat de Barcelona.
- VAQUERIZO, D. G., (1997)** – El León símbolo del poder. *Revista de Arqueología*. N.º 197. Madrid, p. 18-27.

NOTAS

- ¹ Cardoso, Guilherme, «Análise espacial da região litoral oeste de Lisboa no Neolítico e Calcolítico». Trabalho do Seminário de Arqueologia de licenciatura apresentado no Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1995. Inédito.

Cronologia Absoluta para o Povoado Pré-Romano de Santa Sofia (Vila Franca de Xira).

JOÃO PIMENTA¹, ANTÓNIO M. MONGE SOARES² E HENRIQUE MENDES³

RESUMO

O povoado proto-histórico de Santa Sofia localiza-se em pleno núcleo urbano da cidade de Vila Franca de Xira. A intervenção arqueológica de minimização levada a cabo, em 2006 e 2007, no vale da ribeira de Santa Sofia permitiu caracterizar a ocupação humana deste sítio e a sua organização espacial. A sequência de ocupações distribui-se por cinco fases bem definidas, espaçadas no tempo: um primeiro momento, do Calcolítico; uma segunda fase, com uma cultura material que se poderia atribuir ao Bronze Final, mas onde materiais exóticos do mundo fenício ocidental já circulavam e em que a datação pelo radiocarbono permite atribuir-lhe uma cronologia da segunda metade do séc. VIII a.C. ou do séc. VII, para o seu início, e que se poderia prolongar pelo séc. VI a.C.; seguia-se um extenso nível de abandono, sobre o qual irá assentar a ocupação de Época Romana e, sobre esta, a Medieval. A planta das estruturas proto-históricas exumadas permite verificar alguma complexidade construtiva. Individualizaram-se os alicerces de três cabanas proto-históricas, todas elas de planta elipsoidal, e com alicerces constituídos por grandes blocos calcários.

Os trabalhos realizados permitiram caracterizar o sítio proto-histórico, o qual, pela implantação na paisagem e pela sua arquitectura e economia, se insere dentro daquilo que tem vindo a ser definido como os casais agrícolas da Idade do Bronze da Península de Lisboa. O elemento mais perturbador é que neste contexto claramente indígena, surgem alguns materiais exógenos de influência fenícia, que indicam contactos regulares com os grandes povoados orientalizantes existentes a montante e a jusante no vale do Tejo. O programa de datação pelo radiocarbono da sua estratigrafia permitiu determinar quando é que teriam chegado as primeiras influências do mundo fenício a esta comunidade humana e quanto durou a ocupação do sítio que lhe corresponde.

ABSTRACT

The proto-historic settlement of Santa Sofia is located at the urban area of the town of Vila Franca de Xira (Lisbon, Portugal). The archaeological excavation took place during summer of the years 2006 and 2007 and allowed characterizing the human occupation of this site and its spatial organization. The occupation sequence is composed of five phases. From the first one, with a Chalcolithic chronology, a ditch and a hut circle were found; this phase is followed by a second human occupation, with a material culture apparently belonging to Late Bronze Age, but where foreign material ascribed to western Phoenician world was already circulating. Following this phase a thick abandon level was found superposed by a Roman level followed by a Medieval archaeological context.

The archaeological excavation allowed characterizing the proto-historic site. Three huts with an oval plan were recorded. The huts architecture, the site location, the surrounding landscape and the material culture, all this points out to a typical small Late Bronze Age agricultural site of the Lisbon peninsula. Nevertheless, Phoenician materials recorded at the site point out to regular exchange with the large orientalizing settlements located upstream and downstream in the Tagus valley. Radiocarbon dating allowed determining an accurate chronology for the recorded proto-historic contexts: the second half of the VIII century B.C. or the VII century B.C. for the beginning of the orientalizing contacts that can be prolonged to the VI century B.C.

1. Introdução

➤ O estudo conducente a esta comunicação decorre da inesperada descoberta, e consequente escavação, de uma ocupação proto-histórica no vale da ribeira de Santa Sofia, em pleno núcleo urbano da actual cidade de Vila Franca de Xira (Figs. 1 e 2).

Face ao interesse científico desta descoberta, o Museu Municipal de Vila Franca de Xira promoveu e apoiou a sua escavação, ao longo de duas extensas campanhas, nos verões de 2006 e 2007 (Mendes e Pimenta, 2008; Pimenta e Mendes, 2007).



Figura 1
Localização do povoado de Santa Sofia, na Península Ibérica e no Vale do Tejo.

Figura 2
Fotografia a partir do alto de Monte Gordo em 2006, sendo visível a obra então em curso do vale de Santa Sofia; a seta indica a área da intervenção onde se detectou o povoado proto-histórico.

O estudo da estratigrafia e da sua correlação com as estruturas arquitectónicas identificadas levam-nos a caracterizar esta estação como um habitat de meia encosta sem quaisquer condições naturais de defesa. Aproveitaria as boas condições de visibilidade e a abundância de água de nascente desta área, inserindo-se dentro do que tem vindo a ser caracterizado para os períodos da Idade do Bronze Final e da Idade do Ferro da península de Lisboa como “Casal Agrícola” (Cardoso, 2004).

2. A sequência de ocupação

A leitura das diversas áreas das sondagens efectuadas em distintos pontos do vale e, em particular, da extensa área intervencionada na Sondagem 4, com mais de 120 m², permitiu definir de forma clara a sua longa sequência de ocupação (Fig. 3) e as distintas organizações espaciais de que este sítio foi alvo ao longo da sua diacronia.

Os trabalhos realizados permitiram caracterizar esta estação e a sua sequência de ocupações em cinco fases bem definidas, espaçadas no tempo.

Fase 5: corresponde a um nível heterogéneo muito perturbado pela contínua realização de trabalhos agrícolas, UE [13]; identificaram-se materiais cerâmicos de época medieval e moderna a par de outros já do século XIX.

Fase 4: está atestada por um espesso nível de tom negro, UE [28], de cronologia romana. Este nível cobre um extenso derrube de pedras calcárias, correspondendo ao abandono do povoado proto-histórico de Santa Sofia. A sua remoção na totalidade não permitiu, ao contrário do que ambicionávamos, correlacionar este nível com quaisquer

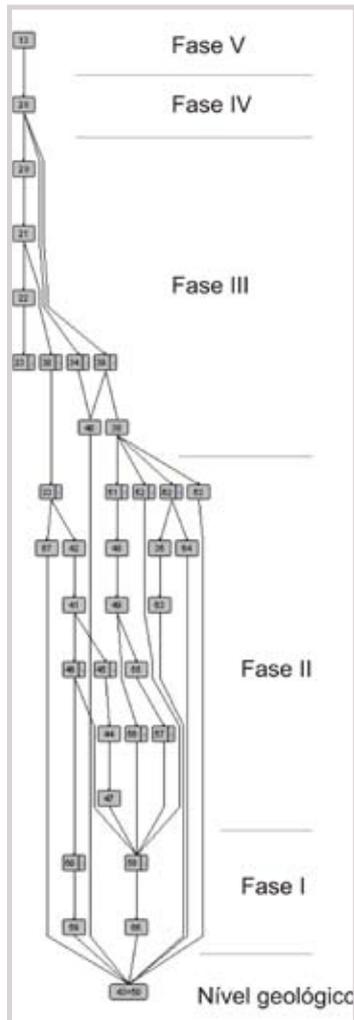
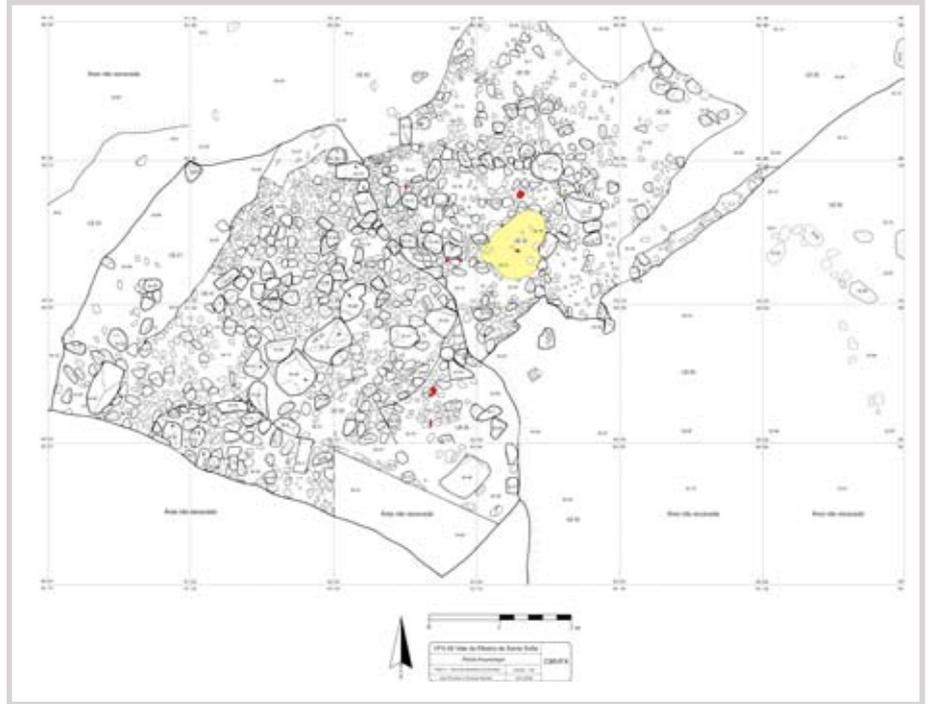


Figura 3
Matriz de Harris da escavação RSS 06 e 07.

Figura 4
Planta geral do extenso derrube identificado, sendo já visíveis os limites das áreas de contornos elipsoidais nos quadrados D2 e C2.

tipos de estruturas coevas. Contudo, foi possível exumar uma série de fragmentos cerâmicos e metálicos que atestam a existência de uma ocupação de cariz habitacional de meados do século I d.C. ao II d.C.

Fase 3: Sob a ocupação de época romana Alto-Imperial, colocou-se a descoberto um enorme e irregular derrube (UE's [30], [33], [39] e [42]), constituído por blocos calcários coralíferos e de arenito, de grande e média dimensão, unidos entre si por argila de tom castanho (Fig. 4)



A dificuldade de interpretação de estruturas proto-históricas, e a raridade das mesmas no vale do Tejo, levou a que tivéssemos precauções redobradas no seu registo e interpretação, antes de proceder à remoção gradual desta primeira realidade com que nos deparámos. Apesar destas dificuldades interpretativas e conceptuais, os dados disponibilizados pelos trabalhos de campo levaram-nos, desde logo, a propor estarmos perante evidências estruturais de um ambiente de habitat, possivelmente ante os alicerces de estruturas percíveis do tipo cabanas. A consubstanciar esta leitura surgiam diversos elementos de barro de revestimento com o negativo dos entrelaçados de restos vegetais.

Do ponto de vista da cronologia, nestes níveis, que se podem interpretar como ainda de uma fase de abandono do sítio, era clara a coexistência de cerâmicas manuais de tradição da Idade do Bronze final da área da Estremadura e vale do Tejo com cerâmicas a torno de características e influências do mundo orientalizante da Idade do Ferro.

Fase 2: Logo no início da remoção progressiva deste verdadeiro “cairn” começaram a definir-se três áreas distintas, com coerência do ponto de vista estrutural e com uma sequência estratigráfica própria, o que nos levou a individualizar a sua análise.

Estes ambientes correspondem a embasamentos de cabanas de planta elipsoidal, com bons paralelos na foz do Tejo no povoado da Tapada da Ajuda (Cardoso, 1995). A planta das estruturas identificadas permite verificar alguma complexidade construtiva. Individualizaram-se os alicerces de duas grandes cabanas proto-históricas, de planta elipsoidal, uma (cabana 1) com cerca de 4,0 m, de eixo maior, por 2,2 m, de eixo menor, e uma outra (cabana 2), de menor dimensão, com cerca de 2,6 m x 2,0 m. Entre estas dispõe-se

uma terceira cabana (a cabana 3) de dimensões menores que a cabana 2. Este conjunto arquitectónico é bastante coerente, correspondendo a uma área de habitat com características singulares. A construção das cabanas organiza-se em “favo”, apoiando-se umas nas outras, sugerindo um contexto familiar de inter ajuda, com espaços domésticos independentes e áreas comuns com funcionalidades específicas, como pode ser o caso da estrutura UE [62] - a cabana 3 (Figs. 5 a 8).



Figura 5
Planta geral da escavação do povoado proto-histórico de Santa Sofia, em 2007. São visíveis os alicerces de cabanas.



Figura 6
Vista geral da cabana 1.



Figura 7
Vista geral da cabana 3.



Figura 8
Vista da primeira fase de ocupação da Cabana 2. Ao centro o buraco de poste quadrangular.

O estudo da estratigrafia permite falar de uma única fase de ocupação para as Cabanas 1 e 3, tendo-se contudo identificado no caso da cabana 2, duas fases distintas de ocupação. Estas correspondem a repavimentações da área habitacional e, possivelmente, à alteração da sua estrutura de cobertura. Esta inferência baseia-se na anulação de um buraco de poste, que é selado pelo pavimento UE [49].

Fase 1: Corresponde ao primeiro momento de ocupação detectado, assentando directamente sobre o substrato geológico silto-argiloso, e corresponde às UE [50] e UE [43]. Esta fase materializa-se, no terreno, pela presença de uma estrutura tipo fosso, a UE [66], de secção quadrangular e planta semicircular. No seu interior detectámos o alicerce de uma cabana de contornos ovóides UE [59], atestando a ocupação habitacional da área assim delimitada (Figs. 9 e 10).



Figura 9
Planta geral dos níveis precedentes à implantação das cabanas.

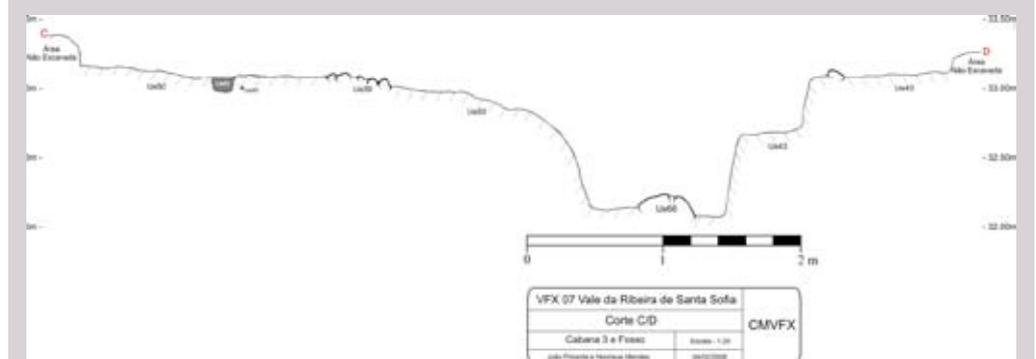


Figura 10
Corte da estrutura tipo fosso.

Qual a função deste fosso é algo que, de momento, face aos dados disponíveis não é claro, podendo-se colocar duas hipóteses: *i*) estarmos perante uma estrutura defensiva mais complexa, da qual apenas vemos uma pequena parte, com paralelos nos povoados de fossos que começam a surgir nas investigações da área do Alqueva; *ii*) tratar-se de uma estrutura mais simples para conduzir as águas de nascente existentes, ainda hoje, nesta área.

Uma situação é clara. O abandono desta fase é intencional, tendo o fosso sido colmatado com grandes blocos, sobre os quais se erguem as estruturas arquitectónicas da fase 2.

As cerâmicas (Fig. 11) recolhidas no fosso, associadas, por conseguinte, à primeira fase de ocupação, apontam para uma cronologia do Calcolítico, a qual veio a ser confirmada pela datação pelo radiocarbono.

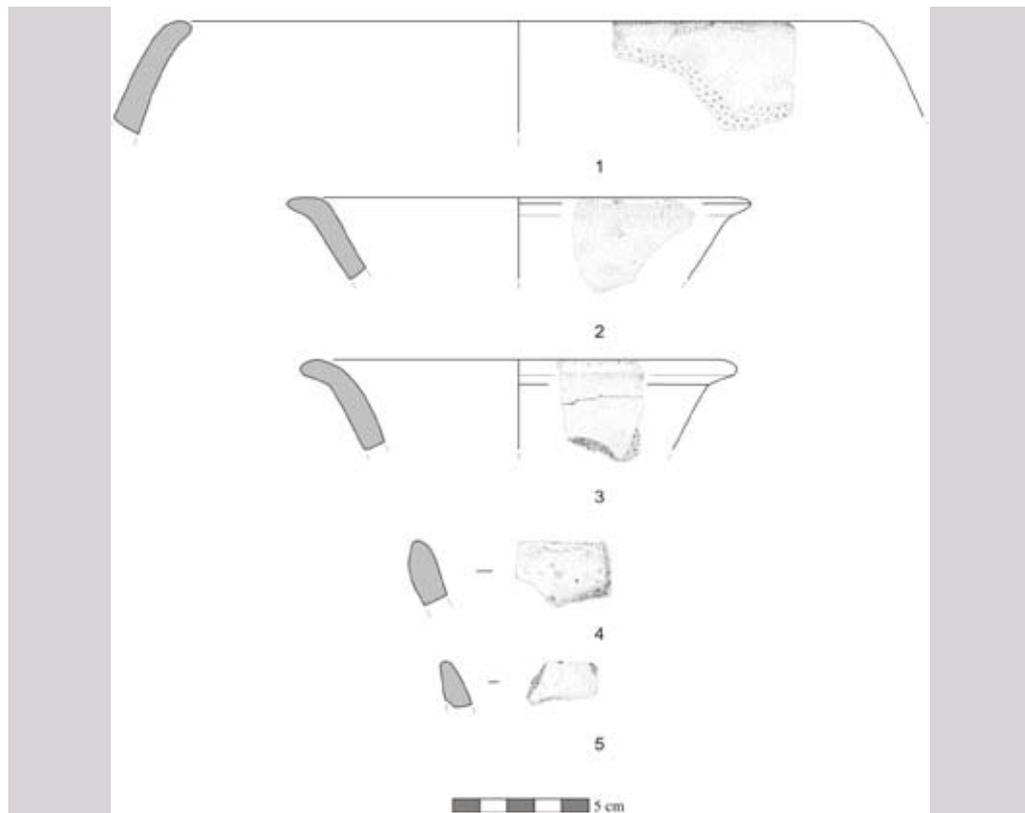


Figura 11
Materiais cerâmicos
associados à primeira
fase de ocupação.

3. O povoado proto-histórico de Santa Sofia

Situado numa área fértil de meio encosta, o povoado é delimitado, a Oeste, por uma linha de água que nasce poucos metros acima na encosta e desagua directamente na ribeira de Santa Sofia. A Este, as sondagens efectuadas não lograram identificar qualquer estratigrafia proto-histórica. Resta, assim, a possibilidade de o sítio se desenvolver para Norte, área hoje em dia já ocupada por prédios, ou para Sul, área não intervencionada ainda e que fica, consequentemente, como reserva arqueológica.

Julgamos estar perante um pequeno sítio de habitat, implantado numa área abrigada dos ventos, dominando uma área de circulação natural para o interior e com uma excelente visibilidade natural. Objectivamente, apesar de estar recuado em relação à actual margem do Tejo, ainda hoje é bem visível o rio e a margem sul, até alturas de Samora Correia e Porto Alto.

Estamos perante uma estação que, pela implantação na paisagem, arquitectura e economia, se insere dentro daquilo que tem vindo a ser definido como o típico modelo de exploração do mundo rural dos finais da Idade do Bronze (Cardoso, 2004), ainda que este modelo se encontre efectivamente pouco registado na investigação que tem sido levada a cabo. Este “casal agrícola”, possivelmente constituído por diversas famílias, deveria basear a sua economia na pastorícia e agricultura do vale, complementando a sua dieta com a pesca e recolha de moluscos no rio Tejo, evidenciando uma estreita relação mantida com o litoral.

A análise do espólio cerâmico e lítico (Figs. 12 e 13), associada aos níveis de ocupação e abandono das Cabanas 1, 2 e 3, permitem situá-las num breve espaço de tempo, provavelmente apenas de uma ou duas gerações.

Desde um primeiro momento, o elemento mais perturbador desta investigação é que neste contexto claramente indígena surgem alguns materiais exógenos de influência fenícia (Figs. 14 e 15), que indicam contactos com os grandes povoados orientalizantes existentes a montante e a jusante no vale do Tejo.

O conjunto exumado é dominado esmagadoramente, em todas as camadas, por cerâmicas manuais com tipologias do Bronze Final da Estremadura. Contudo, as primeiras importações do mundo fenício estão presentes, sendo um indicador precioso para a sua cronologia.

Na análise das cerâmicas de produção manual, predominam os grandes contentores de armazenamento de colo alto e lábio simples, que deveriam servir para guardar os excedentes agrícolas (Fig. 13, n.º 19 a 24). Estes apresentam bons paralelos em níveis da Idade do Bronze Final, em Alpiarça (Marques, 1972; Kalb e Höck, 1985), e na Beira Alta (Vilaça, 1995).

A par deste conjunto cerâmico, individualizou-se um grupo com pastas muito bem depuradas e acabamento cuidado. As formas identificadas correspondem a taças carenadas e pequenas tigelas com paredes muito finas e acabamento cuidado (Fig. 12).

As decorações resumem-se ao acabamento em *cepillo* e a pequenas incisões sobre os bordos de contentores de armazenamento. Destaca-se, ainda, uma peça com decoração ungulada (Fig. 13, n.º 18), com paralelos em sítios do Bronze Final, como o Castro do Ratinhos, onde lhe foi aferida uma cronologia de meados do século X a VIII a. C. (Silva e Berrocal-Rangel, 2005, Fig. 12).

As cerâmicas a torno, apesar de minoritárias no conjunto do espólio exumado (cerca de 31%), permitem um enquadramento cronológico mais preciso, tendo em conta paralelos com estações com cronologias bem definidas. Os paralelos encontram-se na foz do Tejo, nos níveis mais antigos dos povoados do Almaraz e da colina do Castelo em Lisboa e, mais para montante, na alcáçova de Santarém (Arruda, 2002).

Não podemos deixar de referir que a acidez dos terrenos prejudicou o estado de conservação das cerâmicas, com especial incidência nas peças a torno. Daí as peças observáveis revestidas a engobe vermelho e pintadas em bandas se resumirem a alguns fragmentos, sendo os restantes intuídos pelo tipo morfológico e macroscópico das pastas.

O estudo das cerâmicas a torno permite identificar algumas das formas mais típicas dos inícios da Idade do Ferro, denotando fortes influências orientalizantes. Entre estas destacam-se os grandes contentores de armazenamento do tipo *Phitoi*, (Fig. 14, n.º 42 a 47), as cerâmicas ditas cinzentas (Fig. 14, n.º 30 a 35) e alguns fragmentos de ânforas do Tipo 10.1.1.1. e possivelmente do Tipo 10.1.2.1 de Ramon Torres (1995) (Fig. 14, n.º 36 a 41).

Face aos paralelos com estações onde estes materiais encontram cronologias bem definidas, e tendo presente a representatividade das cerâmicas manuais de clara tradição do mundo da Idade do Bronze Final (69%), pareceria prudente sugerir uma datação deste povoado, num momento impreciso que se poderia situar, em cronologia tradicional, em meados do século VIII/VII a. C. (Pimenta e Mendes, 2010-2011).

No entanto, tendo em conta as críticas a que a utilização da designada cronologia tradicional tem sido sujeita (ver, por exemplo, Barros e Soares, 2004), desenvolveu-se um programa de datação pelo radiocarbono da estratigrafia identificada no sítio. Este programa permitiria também apreender quando é que teriam chegado as primeiras influências do mundo fenício a esta comunidade humana.

Figura 12
Cerâmicas manuais
de pastas depuradas e
acabamento cuidado
do povoado de Santa
Sofia.

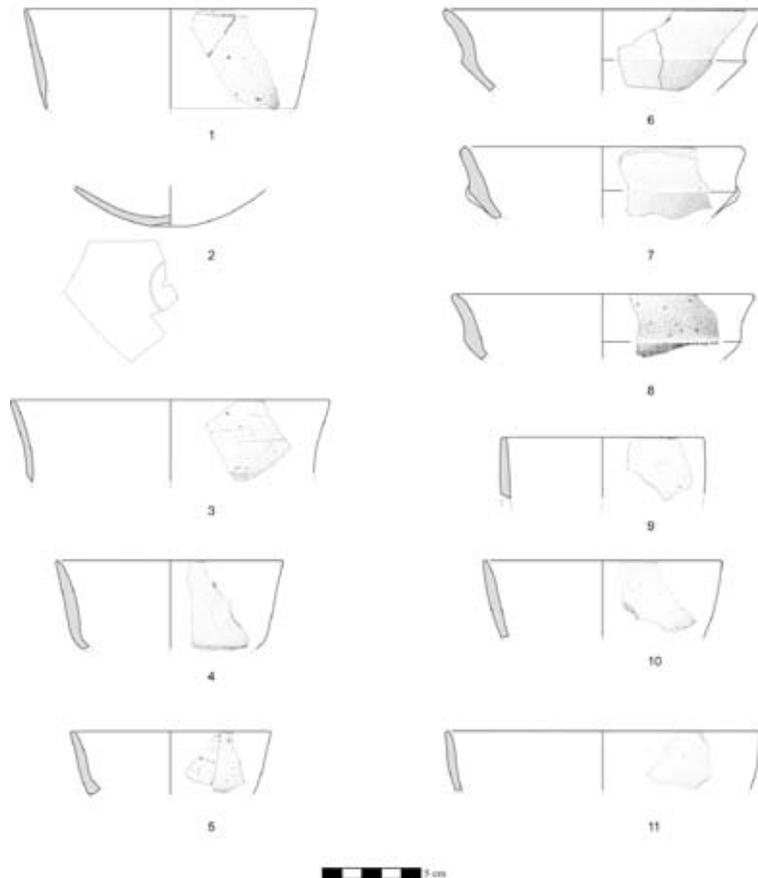


Figura 13
Contentores de
armazenamento em
cerâmica manual.

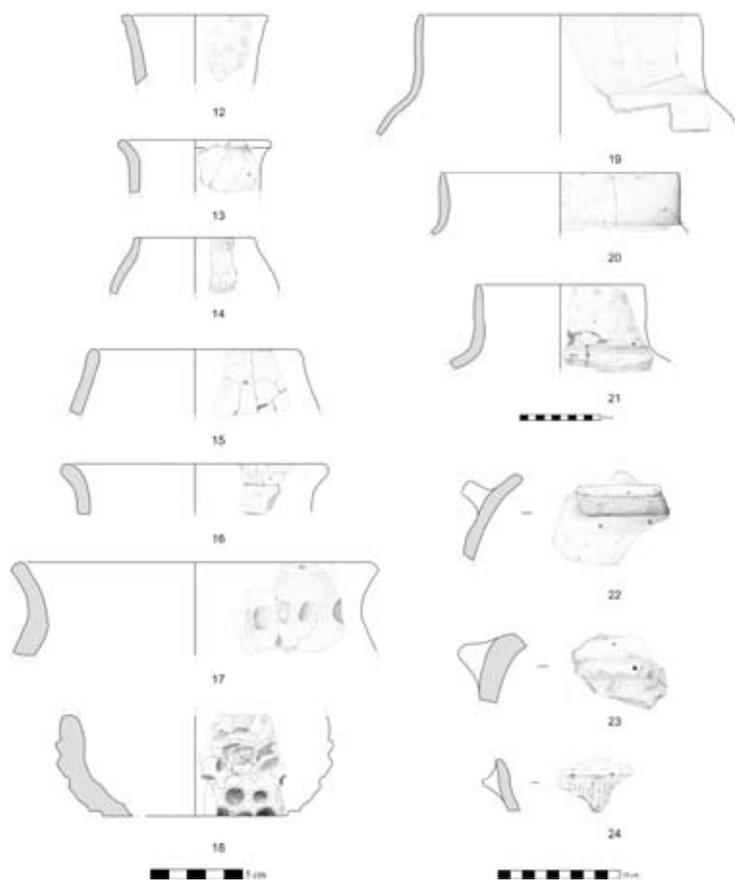


Figura 14

Cerâmicas a torno de influência do mundo “fenício” ocidental do povoado de Santa Sofia: taça da Forma C1a de Rufete Tomico (n.º 25); pratos em cerâmica cinzenta (n.º 26 e 27); pratos de engobe vermelho (n.º 28 e 29); taças em cerâmica cinzenta (n.º 30 a 34); pote em cerâmica cinzenta (n.º 35); ânfora do Tipo 10.1.1.1. (n.º 36); ânforas possivelmente do Tipo 10.1.2.1 (n.º 37 a 41); phittoi (n.º 42 a 47).

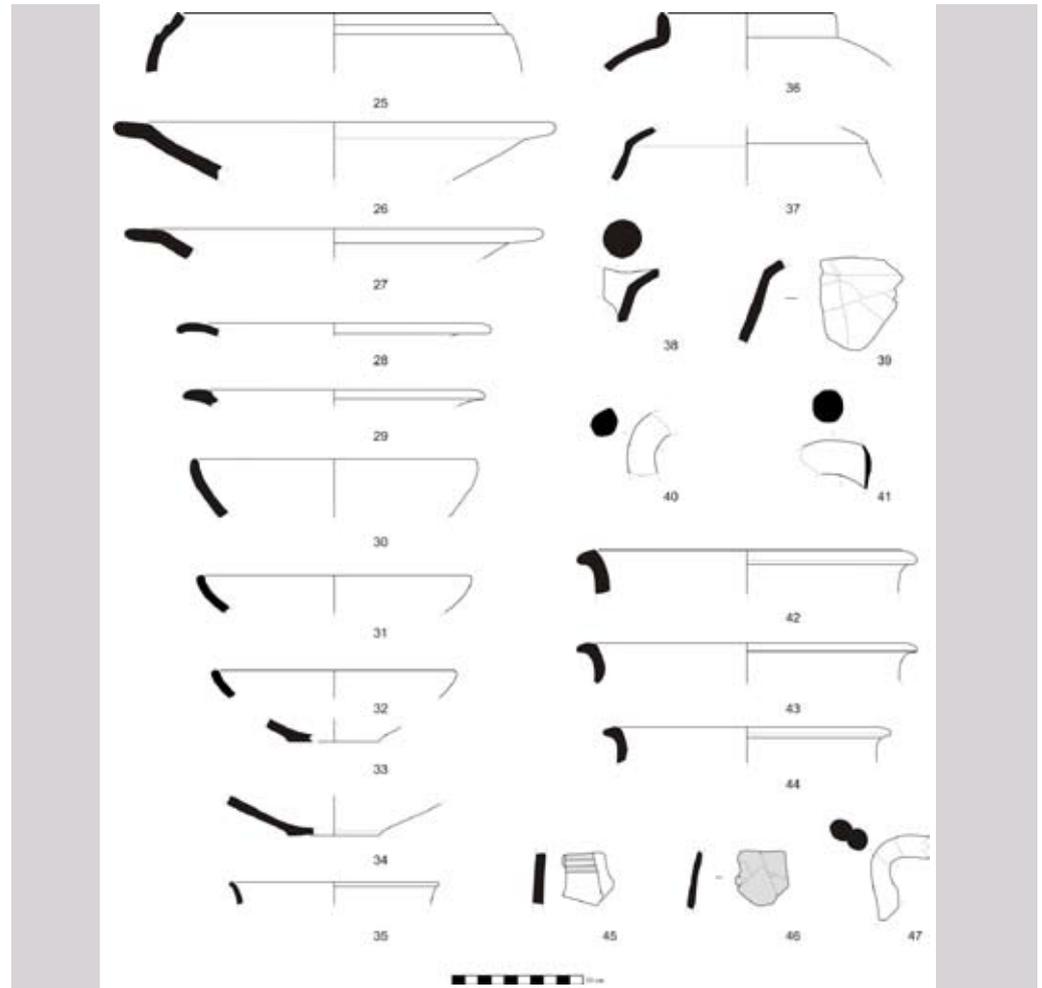


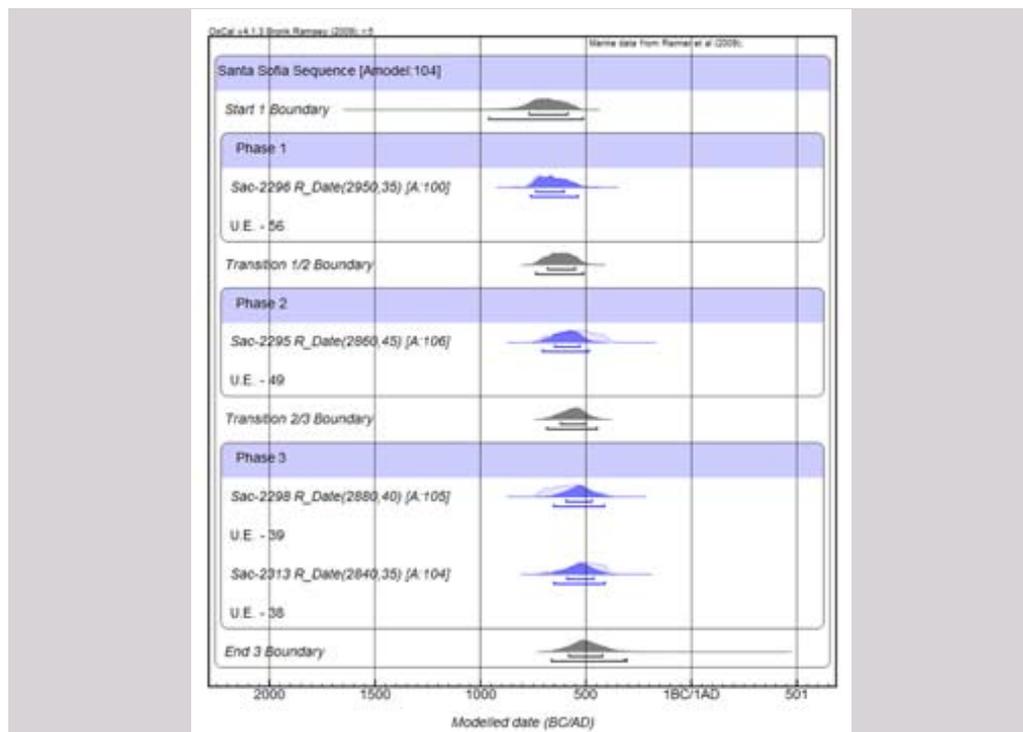
Figura 15

Pormenor da escavação do interior da cabana 1. É bem visível a associação entre cerâmicas manuais e a torno.



Figura 16

Representação gráfica das distribuições de probabilidade das datas de radiocarbono calibradas de Santa Sofia, após uma análise bayesiana para a qual se fez uso da curva Marine09 (Reimer et al., 2009) e do programa OxCal 4.1.3 (Bronk Ramsey, 2009).



4. Cronologia absoluta

Diversas amostras, de dois tipos – da biosfera marinha (conchas de *Venerupis decussata*) e da biosfera terrestre (fauna mamalógica não identificada) – provenientes da intervenção arqueológica de campo levada a cabo no sítio de Santa Sofia, foram datadas pelo radiocarbono. Infelizmente, a maioria das amostras de fauna não tinham colagénio suficiente para permitir efectuar uma datação.

As datas convencionais obtidas, calculadas segundo as recomendações de Stuiver e Polach (1997), encontram-se no Quadro I, acompanhadas de alguns dados julgados pertinentes, designadamente da respectiva proveniência e do valor do fraccionamento isotópico em ^{13}C .

Quadro I – Datas convencionais de radiocarbono para Santa Sofia

Ref. de Laboratório	Ref. da Amostra	Proveniência da Amostra	Tipo de Amostra	$\delta^{13}\text{C}$ (‰)	Data ^{14}C (BP)
Sac-2299	VRSS07/1 V	UE 58	Venerupis decussata	-0,07	4230±70
Sac-2296	VRSS07/2 V	UE 56	Venerupis decussata	-1,02	2950±35
Sac-2294	VRSS07/3 V1*	UE 49	Venerupis decussata	-1,18	2850±40
Sac-2295	VRSS07/3 V2*	UE 49	Venerupis decussata	-1,17	2860±45
Sac-2297	VRSS07/4 V1*	UE 39	Venerupis decussata	-1,06	2900±40
Sac-2298	VRSS07/4 V2*	UE 39	Venerupis decussata	-0,99	2880±40
Sac-2310	VRSS07/5	UE 38	Ossos (colagénio)	-19,97	2240±70
Sac-2312	VRSS07/6 V1*	UE 38	Venerupis decussata	-1,30	2860±35
Sac-2313	VRSS07/6 V2*	UE 38	Venerupis decussata	-1,91	2840±35

*V1 – fracção intermédia ; V2 – fracção interna

Como já foi referido, a sequência de ocupações do sítio, registada na intervenção de campo, compreende cinco fases espaçadas no tempo: um primeiro momento, de difícil enquadramento cronológico, de que foi datada a UE [58]; um segundo momento, em que materiais exóticos do mundo fenício ocidental já circulavam, sendo datadas as

UEs [56] e [49]; segue-se um extenso nível de abandono, que inclui as UEs [39] e [38] que foram, também, datadas, e sobre o qual assentam as ocupações de época Romana e, sobre esta, a Medieval, as quais não foram objecto de datação pelo radiocarbono.

Se se observar o Quadro I verifica-se que a UE [58] foi datada de 4230 ± 70 BP (Sac-2299), a qual calibrada conduz ao intervalo 2450-2040 cal BC (2σ), o que aponta para que exista, em Santa Sofia, uma ocupação anterior à da Idade do Bronze, atribuível ao Calcolítico Pleno/Final.

Por outro lado, a única data obtida a partir de fauna mamalógica (Sac-2310), proveniente da UE [38], não é compatível com a data Sac-2313, obtida a partir da fracção interna de uma amostra de conchas marinhas colhida na mesma unidade estratigráfica, a qual se pode considerar como muito fiável dado ser estatisticamente não diferenciável da data Sac-2312, obtida com a fracção intermédia das conchas da mesma amostra, além de que os valores de $\delta^{13}\text{C}$ de ambas as amostras não indiciam a existência de qualquer contaminação. A idade de reservatório $R(t)$, segundo a definição de Stuiver *et al.* (1986) e tendo em conta os valores de Sac-2310 e 2313, seria de 600 ± 80 anos ^{14}C , o que não é aceitável tendo em conta os valores conhecidos para esta época na costa portuguesa (Soares e Dias, 2006). No entanto, dado que qualquer destas amostras provem do nível de abandono, as datas obtidas são aceitáveis e compatíveis com as cronologias das ocupações que esse nível separa.

Normalmente, as datas de radiocarbono e os valores de $\delta^{13}\text{C}$ obtidos a partir das designadas fracções intermédias das amostras de conchas servem apenas para avaliar a fiabilidade das datas determinadas com as fracções internas das respectivas amostras, tal como vimos para o caso das datas Sac-2312 e 2313, tomando-se em linha de conta, em cálculos e raciocínios posteriores, somente o valor da data obtida com a fracção interna. Assim, analisando os pares (Sac-2294 2850 ± 40 BP; Sac-2295 2860 ± 45 BP) e (Sac-2297 2900 ± 40 BP; Sac-2298 2880 ± 40 BP), verifica-se que o valor da data da fracção interna não se diferencia estatisticamente do valor da data da fracção intermédia, pelo que se deverá atribuir uma elevada fiabilidade a essas datas.

Por fim, observando os valores das datas apresentadas no Quadro I, verifica-se que, com excepção das datas Sac-2299 e 2310, todas as outras não são estatisticamente diferenciáveis. Então, tendo em conta o atrás referido, e numa tentativa de discriminar, também pelo radiocarbono, a cronologia das fases de ocupação em causa, designadamente as correspondentes ao Calcolítico, Idade do Ferro Orientalizante e início do hiato que se lhes segue (fase de abandono), aplicou-se uma estatística bayesiana a partir do programa OxCal4.1.3 (Bronk Ramsey, 2001, 2008). Para a aplicação deste tratamento estatístico às datas obtidas para Santa Sofia construiu-se um modelo tendo em conta a seguinte condicionante, que mais não é do que uma resultante da estratigrafia registada na intervenção de campo: a série de datas distribui-se pela sequência estratigráfica já referida anteriormente, isto é, a data Sac-2295 (Fase 2 – Orientalizante) corresponde a uma amostra de um contexto arqueológico cronologicamente posterior ao contexto de onde provem a amostra que deu a data Sac-2296 (Fase 1 – Calcolítico), mas anterior ao contexto donde provêm as amostras que originaram as datas Sac-2298 e 2313¹.

No Quadro II apresentam-se as datas calibradas fazendo uso da curva Marine09 (Reimer *et al.* 2009), tendo ou não em conta o modelo referido. Utilizou-se para valor de ΔR o valor de 95 ± 15 anos ^{14}C (Soares e Dias, 2006, p. 59). Na Fig. 16

encontra-se a representação gráfica das datas calibradas tendo em conta a modelação efectuada e onde se pode verificar uma concordância (valor de A indicado no gráfico) igual ou superior a 100, quando o mínimo aceitável é de 60.

Quadro II Calibração das datas convencionais de radiocarbono para Santa Sofia*

Ref. de Laboratório	Data ¹⁴ C (BP)	Proveniência da Amostra Tipo de Amostra		$\delta^{13}\text{C}$ (‰) Data ¹⁴ C (BP)	
		1 σ	2 σ	1 σ	2 σ
<i>Fase 1 (Orientalizante)</i>					
Sac-2296	2950±35	760-610	780-530	740-600	770-530
<i>Fase 2 (Orientalizante)</i>					
Sac-2295	2860±45	650-440	720-390	650-520	710-480
<i>Fase 3 (Fase de Abandono)</i>					
Sac-2298	2880±40	700-490	730-410	600-470	660-410
Sac-2313	2840±35	570-400	700-380	590-460	660-410

* Datas obtidas sobre amostras de conchas marinhas. Calibração efectuada fazendo uso da curva Marine09 (Reimer *et al.* 2009) e do programa OxCal 4.1.3 (Bronk Ramsey 2001, 2008). Utilizou-se para ΔR o valor de 95 ± 15 anos ¹⁴C (Soares e Dias, 2006).

A aplicação do modelo levou a uma redução do intervalo de tempo correspondente à respectiva data calibrada e permitiu alguma discriminação no referente à cronologia das fases de ocupação datadas. Deverá notar-se que o troço da curva de calibração utilizado abarca a denominada “catástrofe da Idade do Ferro” (troço da curva com andamento quase horizontal), pelo que seria necessário um maior conjunto de datas para as várias fases para se obter uma efectiva discriminação cronológica.

De qualquer modo, a aplicação do modelo sugere fortemente a sucessão cronológica das ocupações em causa, bem como que os contactos com o mundo orientalizador se dão, em Santa Sofia, num momento relativamente tardio tendo em conta as cronologias já disponíveis para outros sítios próximos, como Almaraz (Barros e Soares, 2004) e Santarém (Arruda, 1999-2000) ou, um pouco mais distantes, como nos Ratinhos (Soares e Martins, 2010).

5. Em jeito de conclusão. Diferentes ritmos e distintos tempos?

Desde uma fase precoce deste projecto, o factor Tempo sempre foi um dos elementos relevantes na ponderação deste invulgar sítio arqueológico. Entenda-se, no desenrolar da intervenção, múltiplas problemáticas foram surgindo e uma das cruciais foi a nível da cronologia. Conceptualmente, estamos a lidar com um sítio indígena que, a determinado momento, é tocado pelo mundo orientalizador e a problemática reside no quando é que estes contactos terão ocorrido.

Confessamos que, nas nossas expectativas de investigadores, era expectável uma cronologia recuada para esse fenómeno, porventura compatível com as mais recuadas datações que começam a surgir no ocidente peninsular (Barros e Soares, 2004).

Os dados disponíveis permitem balizar o início destes contactos, quer no povoado da Alcáçova de Santarém, quer no povoado de Almaraz, em finais do século IX a.C. (Arruda, 2005; Barros e Soares, 2004).

O resultado da datação pelo radiocarbono dos diferentes níveis estratigráficos identificados, permitiu determinar um início de ocupação proto-histórica para o sítio na segunda metade do séc. VIII ou no séc. VII a.C., tendo em conta a data Sac-2296: 2950±35 BP.

Teria, assim, passado uma longa fase de contactos regulares entre o mundo fenício e os grandes povoados do vale do Tejo, antes que as comunidades periféricas sofressem a sua influência, as quais a par de alguns novos elementos introduzidos ou adquiridos desse “novo mundo orientalizante”, viviam e exploravam o território numa clara continuidade com as sociedades do Bronze Final.

Por último, resta referir que, perante um sítio como Santa Sofia, é clara a existência de diferentes ritmos e distintos tempos na dinâmica cultural nos inícios da Idade do Ferro no vale do Tejo, coexistindo, durante um primeiro momento, comunidades humanas com distintos desenvolvimentos e economias.

BIBLIOGRAFIA

- ARRUDA, A.M. (1999-2000)** – *Los Fenícios en Portugal. Fenícios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a.C.)*. Universidad Pompeu Fabra de Barcelona: Carrera Edició, S.L. (Cuadernos de Arqueologia Mediterrânea; Vol. 5-6).
- ARRUDA, A. M. (2005)** – Orientalizante e pós-orientalizador no sudoeste peninsular: Geografias e cronologias. In *Actas del III Simpósio Internacional de arqueologia de Mérida: Protohistoria del Mediterráneo Occidental. El Período Orientalizante*. Volume I. Anejos de AEspa. XXXV. Mérida, p. 277-303.
- BARROS, L.; SOARES, A.M.M. (2004)** – Cronologia absoluta para a ocupação orientalizante da Quinta do Almaraz, no estuário do Tejo (Almada, Portugal). *O Arqueólogo Português*, Série IV, 22: 333-352.
- BRONK RAMSEY, C. (2001)** – Development of the Radiocarbon calibration program OxCal. *Radiocarbon*, 43(2A): 355-363.
- BRONK RAMSEY, C. (2008)** – OxCal Program v4.1.03. Disponível em <http://cl4.arch.ox.ac.uk/oxcal.html>.
- BRONK RAMSEY, C. (2009)** – Bayesian analysis of radiocarbon dates. *Radiocarbon*, 51(1): 337-360.
- CARDOSO, J. L. (1995)** – O Bronze Final e a Idade do Ferro na região de Lisboa: um ensaio. *Conímbriga*. Coimbra. 34, p. 33-74.
- CARDOSO, J. L. (2004)** – *A baixa estremaadura dos finais do IV milénio a.C. até à chegada dos romanos: Um ensaio de História Regional*. Estudos Arqueológicos de Oeiras. 12. Câmara Municipal de Oeiras.
- KALB, P.; HÖCK, M. (1985)** – *Cerâmica de Alpiarça. Exposição permanente na Galeria dos Patudos*. Câmara Municipal de Alpiarça. Casa Museu dos Patudos em colaboração com o Instituto Arqueológico Alemão de Lisboa.
- MARQUES, G. (1972)** – Arqueologia de Alpiarça. As estações representadas no Museu do Instituto de Antropologia do Porto. *Trabalhos de Antropologia Dr. Mendes Correia*. N.º 13. Faculdade de Ciências do Porto.
- MENDES, H. e PIMENTA, J. (2008)** – O Povoado do Bronze Final e Idade do Ferro do Vale de Santa Sofia, em Vila Franca de Xira. In *Conhecer o Património de Vila Franca de Xira. Perspectivas de Gestão de Bens Culturais*. Museu Municipal de Vila Franca de Xira, p. 145-151.
- PIMENTA, J. e MENDES, H. (2007)** – Novos dados sobre a Presença Fenícia no Vale do Tejo a escavação do povoado de Santa Sofia (Vila Franca de Xira). *Al-madan*. II Série, n.º 15, p. 160.
- PIMENTA, J. e MENDES, H. (2010-11)** – Novos dados sobre a presença fenícia no vale do Tejo. As recentes descobertas na área de Vila Franca de Xira. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. N.º 18. Oeiras, p. 591
- REIMER, P.J.; BAILLIE, M.G.L.; BARD, E.; BAYLISS, A.; BECK, J.W.; BLACKWELL, P.G.; BRONK RAMSEY, C.; BUCK, C.E.; BURR, G.S.; EDWARDS, R.L.; FRIEDRICH, M.; GROOTES, P.M.; GUILDERSON, T.P.; HAJDAS, I.; HEATON, T.J.; HOGG, A.G.; HUGHEN, K.A.; KAISER, K. F.; KROMER, B.; McCORMAC, G.; MANNING, S.; REIMER, R.W.; RICHARDS, D.A.; SOUTHON, J.R.; TALAMO, S.; TURNEY, C.S.M.; VAN DER PLICHT, J.; WEYHENMEYER, C. E. (2009)** – “IntCal09 and Marine09 Radiocarbon Age Calibration Curves, 0-50,000 Years cal BP”. *Radiocarbon*, 51(4): 1111-1150.
- SOARES, A.M.M.; DIAS, J.M.A. (2006)** – “Coastal Upwelling and Radiocarbon – Evidence for Temporal Fluctuations in Ocean Reservoir Effect off Portugal during the Holocene”. *Radiocarbon*, 48(1): 45-60.
- SOARES, A.M.M.; MARTINS, J.M.M. (2010)** – A cronologia absoluta para o Castro dos Ratinhos: Datas de Radiocarbono. In L. Berrocal-Rangel e A.C. Silva “*O Castro dos Ratinhos (Barragem do Alqueva, Moura). Escavações num povoado proto-histórico do Guadiana, 2004-2007*” (O Arqueólogo Português, Suplemento 6). Lisboa. 409-414.
- STUIVER, M.; PEARSON, G.W.; BRAZIUNAS, T. (1986)** – “Radiocarbon Age Calibration of Marine Samples back to 9000 cal yr BP”. *Radiocarbon*, 28(2B): 980-1021.
- STUIVER, M.; POLACH, H.A. (1997)** – “Discussion. Reporting of ¹⁴C Data”. *Radiocarbon*, 19(3): 355-363.
- VILAÇA, R. (1995)** – *Aspectos do Povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos Finais da Idade do Bronze*. Trabalhos de Arqueologia 9. 2 Volumes. IPPAR. Lisboa.

NOTAS

¹ Museu Municipal de Vila Franca de Xira.
Joao.marques@cm-vfxira.pt

² Laboratório de Radiocarbono, Instituto Tecnológico e Nuclear,
Estrada Nacional 10, 2686-953 Sacavém amsoares@itn.pt

³ Museu Municipal de Vila Franca de Xira.
Henrique.mendes@cm-vfxira.pt

⁴ Não se tomaram em conta as datas Sac-2299 e Sac-2310, uma vez que não traziam qualquer mais valia ao modelo em causa. Por motivos também já expostos, não se tomaram em consideração, no modelo, as datas obtidas com as fracções intermédias das amostras de conchas.

1.ª Campanha de escavações arqueológicas no povoado pré-romano de Porto do Sabugueiro Muge – Salvaterra de Magos.

JOÃO PIMENTA E HENRIQUE MENDES

1 - Introdução (razões da intervenção)

➤ Data do ano de 2008, a descoberta de uma involgar ocorrência de natureza arqueológica, ocorrida num campo agrícola junto da povoação de Porto do Sabugueiro, freguesia de Muge, concelho de Salvaterra de Magos.

Perante este sucesso, efetuou-se um pedido de autorização ao então IGESPAR, para a realização de trabalhos de prospeção arqueológica. Esta investigação no terreno teve como objetivos o registo e recolha das realidades de índole patrimonial, assim como, a cartografia da dispersão das evidências arqueológicas (Pimenta e Mendes 2008).

Um dos elementos mais perturbantes, resultantes da realização deste trabalho foi a constatação da importância arqueológica de toda esta extensa área de terrenos entre o Porto do Sabugueiro e Benfica do Ribatejo e do estado de ameaça de destruição iminente, a que estes estão sujeitos.

Desde um primeiro momento, tivemos consciência de que algo mais tinha que ser feito, perante a relevância do que foi detetado.

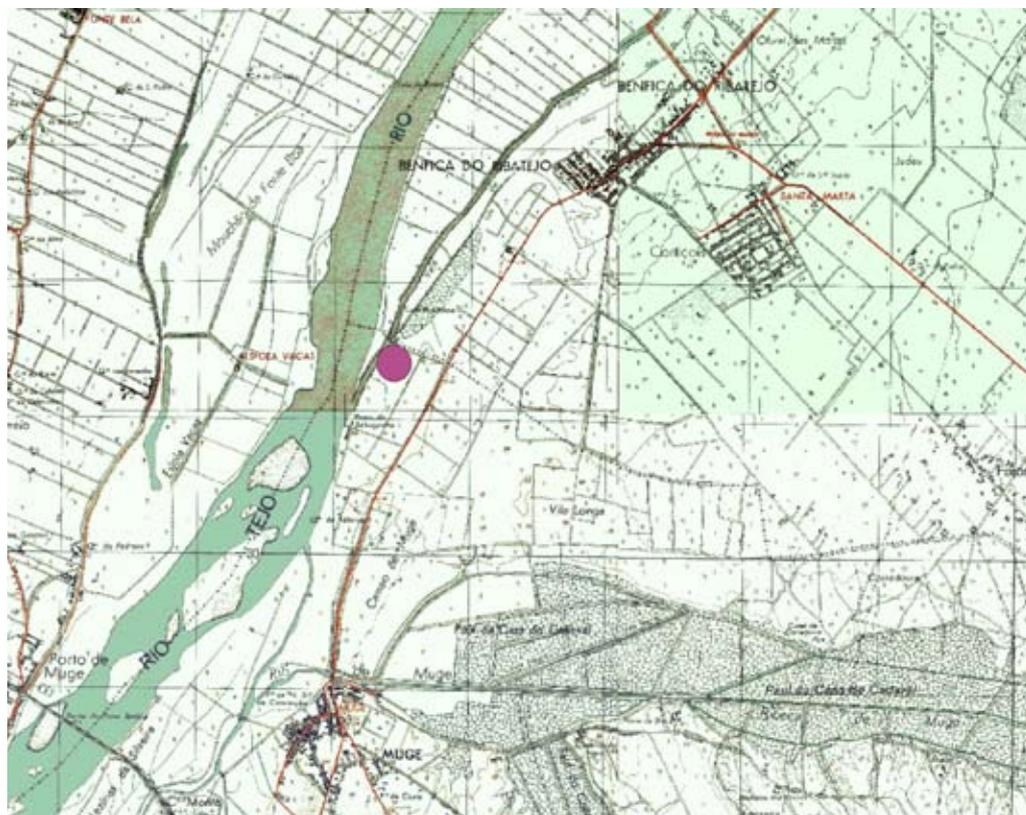


Figura 1
Localização da povoação do Porto do Sabugueiro Carta Militar 1: 25.000.

Na posse dos dados da prospeção, parecia-nos imperativo, tentar-se efetuar trabalhos de sondagem de diagnóstico a fim de aferir do real estado de conservação desta jazida.

Com esse intuito, entrámos em contacto com a Casa do Cadaval – Investimentos agrícolas, S.A., proprietária do terreno. Em reunião com a atual proprietária e administradora a

Sr.^a. Condessa Dona Teresa Álvares Pereira Schönborn-Wiesentheid, esta mostrou-se disponível para uma colaboração, dando o seu aval para a realização de escavações arqueológicas.

Vimos assim, apresentar os dados da primeira campanha de trabalhos de escavação arqueológica efetuada nos campos de Porto do Sabugueiro em Maio de 2010.

2. Duração dos trabalhos/meios técnicos e humanos

A intervenção ocorreu entre o dia 10 e 14 de Maio de 2010. Concluída a escavação, iniciou-se o tratamento e inventariação do numeroso e diversificado espólio recolhido.

A direcção científica e a execução prática dos trabalhos foram efectuadas pelos dois signatários, tendo contado no decorrer da mesma com a participação do Sr. Bruno Guerreiro.

Aproveitamos para agradecer publicamente à Sr.^a Condessa pela autorização para a realização destes trabalhos. Sem o seu apoio e curiosidade intelectual este projeto nunca teria nascido.

3. Metodologia:

Perante as características singulares de que se reveste esta estação arqueológica, tivemos que ponderar o plano de trabalhos arqueológicos a desenvolver, tendo em conta quer os ritmos dos trabalhos agrícolas, quer os mecanismos de rega (pivots), existentes no terreno e que condicionam à partida a intervenção.

Face a estas condicionantes, acordámos junto da Casa do Cadaval com o seu responsável, Sr. Engenheiro António Saldanha, efetuar as sondagens arqueológicas num cronograma que não colidisse com as sementeiras agrícolas incidindo numa altura em que os terrenos se encontrassem em pousio.

A localização da escavação a efetuar ficou assim definida, numa área lateral da estação, de forma a não perturbar o funcionamento do complicado sistema de rega. Estes são compostos por uma enorme estrutura circular giratória que permite cobrir grande parte dos campos, com uma rotação diária.

Do ponto de vista prático, definiu-se com a Casa do Cadaval, desenvolver trabalhos de arqueologia preventiva no decorrer do ano de 2010. Estes consistiriam na abertura de sondagens de quatro metros por quatro e pelo posterior acompanhamento das lavras

na totalidade do terreno.

Tendo em vista os objetivos a alcançar no âmbito deste projeto, acordou-se efetuar as sondagens, espalhadas no terreno, em áreas que pelo resultado dos trabalhos de prospeção, deveriam a nosso ver ser decisivas e que poderiam clarificar o estado de conservação do sítio arqueológico.

Infelizmente, como iremos ver no decorrer deste trabalho, diversas condicionantes alheias aos signatários impediram a prossecução deste propósito.

Figura 2
Fotografia dos campos agrícolas antes da intervenção arqueológica.



4. Descrição dos trabalhos:

Em Maio de 2010, ao deslocarmos-nos a esta estação, para iniciarmos os trabalhos arqueológicos e decidir “*in loco*” o local mais apropriado para a realização das sondagens, fomos confrontados com uma realidade inesperada.



Figura 3
Vista geral dos terrenos no início dos trabalhos.

Figura 4
Vista geral da estrada no início dos trabalhos. Em primeiro plano bocal de ânfora vinária do Tipo Greco-Itálico.

Perante o rigoroso Inverno que se fez sentir, a Casa do Cadaval não pode emprazar os terrenos para cultivo, como é habitual, pelo que à data, já tinha lavrado e semeado o terreno com milho. Face a esta situação, apenas nos foi possível realizar uma das sondagens que se encontravam planeadas. A localização desta Sondagem teve-se que enquadrar com os limites dos terrenos já agricultados, situando-se esta na extrema do campo agrícola.

Apesar desta alteração de planos, a observação cuidada da estrada de terra batida que conduz à vala de Alpiarça, veio conduzir a um reajustamento da estratégia de intervenção. A estrada encontrava-se em muito mau estado, devido às fortes chuvadas que se abateram sobre a região e que provocaram danos profundos no pavimento. Nos fundos sulcos rasgados pela intempérie era observável, inúmeros fragmentos de cerâmica, e em duas zonas em particular estes apresentavam-se aparentemente em conexão. Perante a informação por parte da Casa do Cadaval, de que a estrada iria ser reparada em breve, para permitir o acesso de maquinaria agrícola aos terrenos alvo de estudo, decidiu-se realizar de imediato duas sondagens (Sondagem n.º 1 e 2).

4.1. Sondagem 1:

Ao contrário do era espectável, esta zona, revelou-se bastante profícua quanto ao registo arqueológico realizado.

Um dos objetivos pretendidos era o de correlacionar as evidências de superfície com uma leitura estratigráfica vertical, que nos pudesse elucidar sobre qual o estado de afetação/preservação dos níveis arqueológicos.

Este trabalho iniciou-se junto à berma direita do caminho de terra batida que conduz ao rio Alpiarça. Aí, mesmo no próprio pavimento da estrada, são visíveis inúmeros fragmentos cerâmicos de tipologia pré-romana esmagados pelo consecutivo trânsito agrícola.

Os trabalhos de escavação iniciaram-se com a implantação de uma pequena sondagem de diagnóstico, limitada a uma área, de 2m x 1m, não se tendo atingido os níveis de base.

Dada a sua localização, utilização e estado do tempo, apenas nos foi possível escavar duas unidades estratigráficas, tendo-se descido cerca de 1,20m.

A UE [1], encontrava-se muito perturbada pelos consecutivos trabalhos de recuperação da estrada, pelo que as cerâmicas exumadas se apresentam bastante fragmentadas. A cerâmica a torno da Idade do Ferro é bastante abundante, tal como fragmentos de ânforas republicanas e cerâmica comum.

Sob esta unidade foi identificada a UE [2], caracterizando-se por uma camada homogénea e coerente com uma espessura considerável. O espólio recolhido foi particularmente numeroso sendo constituído por ânforas Itálicas do tipo Greco-Itálico e Dressel 1, ânforas de tipologia Ibero-púnica de produção regional dos tipos D de Pellicer e Mañá Pascual A4 evolucionadas, assim como cerâmica comum de tipologia pré-romana. Estaremos assim, apesar de todas as reticências que a exiguidade da área intervencionada nos levanta, perante um conjunto coerente datado de meados da segunda metade do século II a.C. a inícios do I a.C.

Lista das unidades estratigráficas identificadas:

UE [1] – Nível de pavimento da estrada. Camada de terra arenosa, de tom castanha clara, de grão fino e muito compactada. Composta por pedras e seixos do rio, cerâmica de construção romana e alguma cerâmica muito fragmentada de cronologia romana e pré-romana.

UE [2] – Camada argiloarenosa, de tom castanha escuro, grão fino e medianamente compacta. Composta por elementos calcários cerâmica comum, fragmentos de ânforas romana republicanas e cerâmica comum pré-romana.

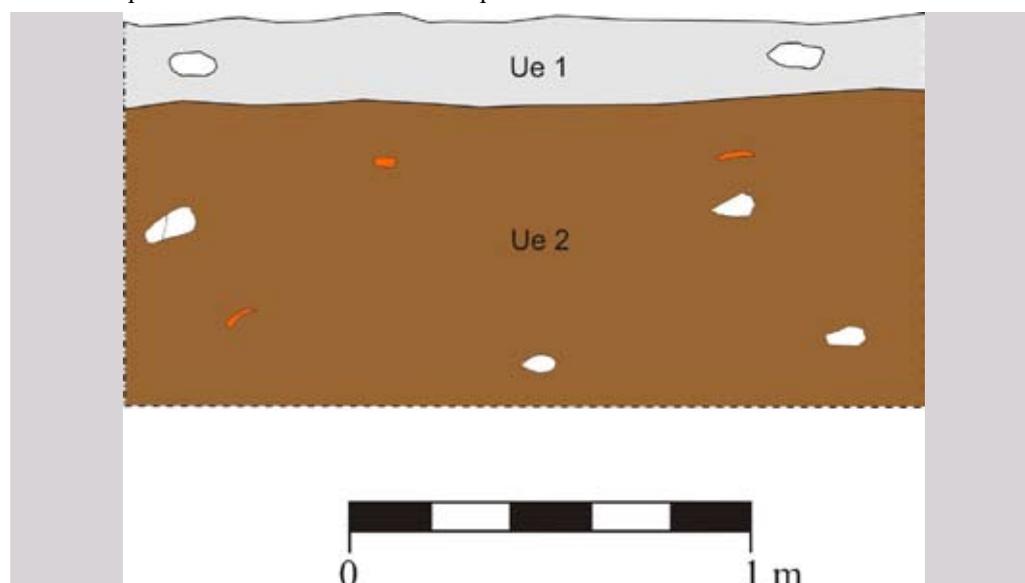


Figura 5
Perfil estratigráfico da
Sondagem 1.

Catálogo - Sondagem 1:

1 - Fragmento de bordo de ânfora Itálica do Tipo Greco-Itálica. O lábio é oblíquo, de secção triangular, apresentando um diâmetro externo de 15 cm. Índice altura do bordo, espessura máxima, 1,26. Pasta Grupo 1 (Pimenta, 2004). Caracteriza-se, por uma pasta bem depurada e muito compacta, de tom amarelo avermelhado (Mun. 2.5 YR 5/6). Os elementos não plásticos são de média dimensão pouco abundantes apresentando-se dispersos. Constituídos essencialmente por quartzos de pequena dimensão, pequenas partículas negras de origem vulcânica, grãos carbonatados e vacúolos alongados. As paredes apresentam-se alisadas do tom da pasta. P.SAB 2010 N.º INV. 1756. Sondagem 1, UE 2.

2 - Fragmento de bordo de ânfora Itálica do Tipo Dressel 1. O lábio é oblíquo, de secção triangular, apresentando um diâmetro externo de 16,8 cm. Índice altura do bordo, espessura máxima, 2,1. Pasta Grupo 3 (Pimenta, 2004). Caracteriza-se por uma pasta, compacta e pouco depurada, de tom amarelo avermelhado (Mun. 10 R 5/3). Os elementos não plásticos são abundantes constituídos por quartzos e quartzitos de pequenas dimensões, numerosas partículas negras de origem vulcânica e elementos carbonatados. As percentagens de elementos não plásticos e de argilosos são muito semelhantes o que dá um aspecto muito característico a esta pasta. As paredes apresentam uma espécie de aguada de tom branco ou beije amarelado (Mun. 7,5YR 7/4), resultante possivelmente da utilização de água salgada, no seu fabrico. P.SAB 2010 N.º INV. 1773. Sondagem 1, UE 2.

3 - Fragmento de bordo de ânfora Itálica do Tipo Dressel 1. O lábio é oblíquo, de secção triangular, apresentando um diâmetro externo de 13 cm. Índice altura do bordo, espessura máxima, 1,72. Pasta Grupo 3 (Pimenta, 2004). Amarelo avermelhado (Mun. 10 R 5/6). As paredes apresentam uma aguada de tom branco ou beije amarelado (Mun. 7,5YR 7/4). P.SAB 2010 N.º INV. 1778. Sondagem 1, UE 2.

4 - Fragmento de asa de ânfora Dressel 1. Asa vertical e secção ovoide. Pasta Grupo 3 (Pimenta, 2004). Amarelo avermelhado (Mun. 10 R 5/6). As paredes apresentam-se alisadas do tom da pasta. P.SAB 2010 N.º INV. 1741. Sondagem 1, UE 2.

5 - Fragmento de fundo de ânfora Dressel 1. Fundo maciço de perfil cilíndrico. Pasta Grupo 3 (Pimenta, 2004). Amarelo avermelhado (Mun. 10 R 5/6). As paredes apresentam-se alisadas do tom da pasta. P.SAB 2010 N.º INV. 1762. Sondagem 1, UE 2.

6 - Fragmento de bordo e arranque de bojo de pote. O lábio é biselado e voltado para o exterior apresentando um diâmetro externo de 11 cm. A pasta é compacta e pouco depurada, de tom castanho avermelhado (Mun. 2.5YR 4/3). Os elementos não plásticos são escassos e bem distribuídos constituídos por quartzos de pequenas dimensões, e alguns elementos carbonatados. As paredes apresentam-se alisadas do tom da pasta. P.SAB 2010 N.º INV. 3197. Sondagem 1, UE 2.

7 - Fragmento de bordo e arranque de bojo de pote. O lábio é arredondado e voltado para o exterior apresentando um diâmetro externo de 13,6 cm. A pasta é de matriz arenosa e pouco depurada, de tom castanho acinzentado (Mun. 2.5YR 4/1). Os elementos não plásticos são escassos e bem distribuídos constituídos por quartzos de pequenas dimensões, vacúolos alongados e alguns elementos carbonatados. As paredes apresentam-se alisadas do tom da pasta. P.SAB 2010 N.º INV. 3198. Sondagem 1, UE 2.

8 - Fragmento de bordo e arranque de bojo de pote. O lábio é arredondado e voltado para o exterior apresentando um diâmetro externo de 17,6 cm. A pasta é de matriz arenosa e pouco depurada, de tom castanho acinzentado (Mun. 2.5YR 5/1). Os elementos não plásticos são escassos e bem distribuídos constituídos por quartzos de pequenas dimensões, vacúolos alongados e alguns elementos carbonatados. As paredes apresentam-se alisadas do tom da pasta. P.SAB 2010 N.º INV. 3199. Sondagem 1, UE 2.

9 - Fragmento de bordo de Ânfora do Tipo Mañá Pascual A4 “Evolucionada”. Lábio espessado internamente de secção arredondada, apresentando um diâmetro externo de 12,5 cm. A pasta compacta e bem depurada, de tom amarelo avermelhado (Mun. 10 R 6/6). Apresenta escassos elementos não plásticos de pequena dimensão, constituídos por quartzos, elementos de cerâmica moída, grãos carbonatados algumas moscovites,

raras calcites assim como pequenos fragmentos de fauna malacológica. As superfícies apresentam-se alisadas do tom da pasta. P.SAB 2010 N.º INV. 1788. Sondagem 1, UE 2.

10 - Fragmento de bordo de Ânfora do Tipo D de Pellicer. Lábio espessado de secção arredondada encontrando-se destacado do corpo, por uma canelura, apresentando um diâmetro externo de 12 cm. A pasta compacta e bem depurada, de tom amarelo avermelhado (Mun. 10 R 5/6). Apresenta escassos elementos não plásticos de pequena dimensão, constituídos por quartzos e elementos de cerâmica moída. As superfícies apresentam-se alisadas do tom da pasta. P.SAB 2010 N.º INV. 1791. Sondagem 1, UE 2.

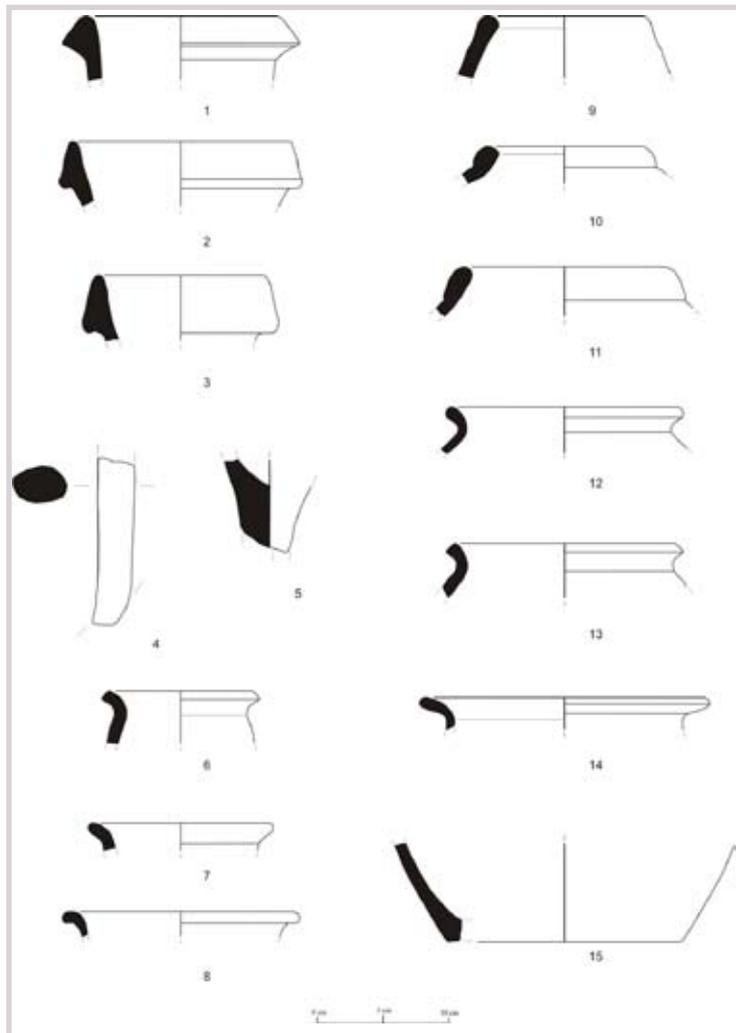
11 - Fragmento de bordo de Ânfora do Tipo D de Pellicer. Lábio espessado de secção arredondada encontrando-se destacado do corpo, por uma canelura, apresentando um diâmetro externo de 16 cm. A pasta compacta e bem depurada, de tom amarelo avermelhado (Mun. 10 YR 6/6). Apresenta escassos elementos não plásticos de pequena dimensão, constituídos por quartzos e elementos de cerâmica moída. As superfícies apresentam-se alisadas do tom da pasta. P.SAB 2010 N.º INV. 1152. Sondagem 1, UE 2.

12 - Fragmento de bordo e arranque de bojo de pote. O lábio é arredondado e voltado para o exterior apresentando um diâmetro externo de 17,5 cm. A pasta é de matriz arenosa e pouco depurada, de tom castanho acinzentado (Mun. 2.5 YR 5/2). Os elementos não plásticos são abundantes e bem distribuídos constituídos por quartzos de pequenas dimensões, vacúolos alongados e alguns elementos carbonatados. As paredes apresentam-se alisadas do tom da pasta. P.SAB 2010 N.º INV. 3203. Sondagem 1, UE 2.

13 - Fragmento de bordo e arranque de bojo de pote. O lábio é biselado e voltado para o exterior apresentando um diâmetro externo de 18 cm. A pasta é compacta e pouco depurada, de tom castanho (Mun. 7.5 YR 6/3). Os elementos não plásticos são abundantes e bem distribuídos constituídos por quartzos de pequenas dimensões, elementos de cerâmica moída e alguns elementos carbonatados. As paredes apresentam-se alisadas do tom da pasta. P.SAB 2010 N.º INV. 3201. Sondagem 1, UE 2.

14 - Fragmento de bordo e arranque de bojo de pote. O lábio é arredondado e voltado para o exterior apresentando um diâmetro externo de 20 cm. A pasta é de matriz arenosa e pouco depurada, de tom castanho acinzentado (Mun. 2.5 YR 5/3). Os elementos não plásticos são abundantes e bem distribuídos constituídos por quartzos de pequenas dimensões, vacúolos alongados e alguns elementos carbonatados. As paredes apresentam-se alisadas do tom da pasta. P.SAB 2010 N.º INV. 3202. Sondagem 1, UE 2.

Figura 6
Espólio cerâmico
recolhido na
Sondagem n.º 1



15 – Fragmento bojo e arranque de fundo de pote. Apresenta um diâmetro externo da base de 16,7 cm. A pasta é de matriz arenosa e pouco depurada, de tom castanho acinzentado (Mun. 2.5YR 6/6). Os elementos não plásticos são muito abundantes e bem distribuídos constituídos por quartzos de média e grande dimensão, vacúolos alongados e alguns elementos carbonatados. As paredes apresentam-se alisadas do tom da pasta. P.SAB 2010 N.º INV. 3200. Sondagem 1, UE 2.

4.2. Sondagem 2:

No extremo da estrada, numa zona onde era significativo o número de fragmentos espalhados pelo terreno, implantou-se mais uma área de sondagem. Apesar de o espaço intervencionado ser limitado, a coerência da estratigrafia identificada e o estado de conservação dos materiais, levam-nos a sublinhar a singularidade deste arqueossítio.

Sob os níveis da estrada UE [1], e cortando a UE [2], detectou-se uma camada de terra argilosa, de tom castanha, de grão fino e medianamente compactada.

A sua escavação viria a revelar-se extremamente profícua, visto esta unidade corresponder ao enchimento de uma fossa detritica, no interior da qual se veio a exumar três grandes recipientes de armazenamento fragmentados em conexão (fig 9 e 10).

A par destes recipientes recolheu-se um pequeno conjunto de materiais cerâmicos que permitem clarificar a cronologia deste contexto. Entre estes destaca-se a presença de bojós de ânforas importadas da península itálica e que são característicos de contextos de época romana republicana (séculos II a I a.C.). Exumou-se ainda um pequeno fragmento de cerâmica cinzenta com decoração em retícula brunida, possivelmente correspondendo a um jarro. Este tipo de recipientes e decorações encontra-se bem documentado em contextos do século II a.C. na cidade de Lisboa (Pimenta, Calado e Leitão, 2005).

Por último temos que destacar uma peça recolhida neste contexto, que apesar do seu estado de conservação não permitir uma interpretação categórica, a sua morfologia permite supor estarmos perante um *Askos* (fig 17, n.º 14). Estas características peças estão diretamente correlacionadas na zona de Cádiz com práticas religiosas e surgem normalmente associadas a áreas funerárias. A sua cronologia situa-se grosso modo entre meados do século III e o II a.C. (Sáez Romero, 2008). Contudo temos que sublinhar que a análise macroscópica da pasta, deste exemplar de Sabugueiro indica uma proveniência de cariz regional.

Perante as correlações estratigráficas assim como face à presença de importações de ânforas itálicas, podemos atribuir uma cronologia relativa de meados do Século II a.C. para o enchimento desta estrutura negativa.

Lista das unidades estratigráficas identificadas:

[UE 1] – Nível de pavimento da estrada. Camada de terra arenosa, de tom castanha clara, de grão fino e muito compactada. Composta por pedras e seixos do rio, cerâmica de construção romana e alguma cerâmica muito fragmentada de cronologia romana e pré-romana.

[UE 2] – Camada argiloarenosa, de tom castanha escura fina e medianamente compacta.

Unidade muito humosa composta por raízes, cerâmica romana e pré-romana.

[UE 3] – Camada argilosa, de tom castanha, de grão fino e medianamente compactada.

Nível essencialmente composto por fragmentos de cerâmica em conexão

[UE 4] – Nível geológico de areão do rio. Composto por algumas conchas e pedras de pequeno calibre.

[UE 10] – Fossa aberta nos níveis geológicos UE [4]. É preenchida pela UE [3].

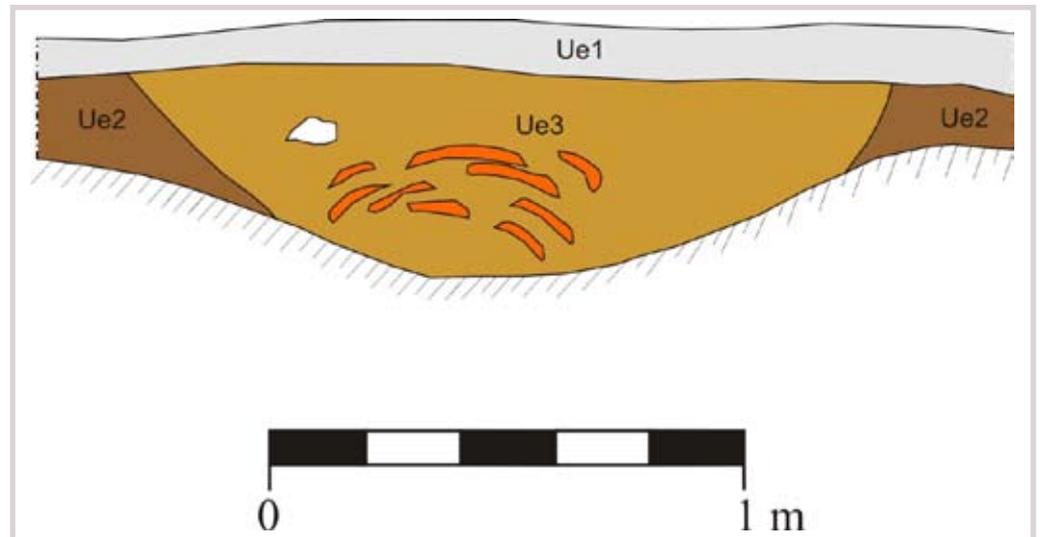


Figura 7
Perfil estratigráfico
da Sondagem 2.

Figura 8
Vista do terreno onde
se veio a implantar
a sondagem 2.



Figura 9
Pormenor de um dos
potes fragmentados
in situ.



Figura 10
Fotografia do perfil
norte no final
dos trabalhos.



Figura 11
Fotografia
do contentor
de armazenamento
P.SAB 2010 N.º INV. 3804.



Figura 12
Fotografia
do contentor
de armazenamento
P.SAB 2010 N.º INV. 3805.



Catálogo - Sondagem 2:

1 – Diversos fragmentos com colagem de contentor de armazenamento. O lábio é pendente e voltado para o exterior apresentando um diâmetro externo de 23 cm. O corpo é ovoide e alongado com cerca de 64 cm de altura, terminando numa base plana. A pasta é compacta e bem depurada, de tom castanho avermelhado (Mun. 5 YR 5/6). Os elementos não plásticos são muito escassos e bem distribuídos constituídos por quartzos de média dimensão, vacúolos alongados, alguns elementos carbonatados e micas douradas. As paredes apresentam-se alisadas do tom da pasta. P.SAB 2010 N.º INV. 3804. Sondagem 2, UE 3.

2 e 3 – Diversos fragmentos com colagem de contentor de armazenamento. O lábio é pendente e voltado para o exterior apresentando um diâmetro externo de 24 cm. O corpo é ovoide e alongado com uma altura estimável de 61 cm de altura, terminando numa base plana. A pasta é de matriz arenosa e mal depurada, de tom castanho-escuro (Mun. 5 YR 3/1). Os elementos não plásticos são muito abundantes e bem distribuídos constituídos por quartzos de média dimensão, vacúolos alongados, alguns elementos carbonatados e micas douradas. As paredes apresentam-se alisadas do tom da pasta. P.SAB 2010 N.º INV. 3805. Sondagem 2, UE 3.

4 e 5 – Diversos fragmentos com colagem de contentor de armazenamento. O lábio é pendente e voltado para o exterior apresentando um diâmetro externo de 26,5 cm. O corpo é globular com uma altura estimável de 41 cm de altura, terminando numa base plana. A pasta é de matriz arenosa e mal depurada, de tom castanho-escuro (Mun. 5 YR 6/3). Os elementos não plásticos são muito abundantes e bem distribuídos constituídos por quartzos de média dimensão, vacúolos alongados, alguns elementos carbonatados e micas douradas. As paredes apresentam-se alisadas do tom da pasta. P.SAB 2010 N.º INV. 3806. Sondagem 2, UE 3.

6 - Fragmento bordo de contentor de armazenamento. O lábio é pendente e voltado para o exterior apresentando um diâmetro externo de 33 cm. A pasta é de matriz arenosa e pouco depurada, de tom castanho acinzentado (Mun. 5 YR 5/1). Os elementos não plásticos são muito abundantes e bem distribuídos constituídos por quartzos de média e grande dimensão, vacúolos alongados e alguns elementos carbonatados. As paredes apresentam-se alisadas do tom da pasta. P.SAB 2010 N.º INV. 3225. Sondagem 2, UE 3.

7 – Fragmento de bordo e arranque de bojo de pote. O lábio é biselado e voltado para o exterior apresentando um diâmetro externo de 28 cm. A pasta é compacta e pouco depurada, de tom castanho (Mun. 7.5 YR 5/3). Os elementos não plásticos são abundantes e bem distribuídos constituídos por quartzos de pequenas dimensões, elementos de cerâmica moída, alguns elementos carbonatados e micas douradas. As paredes apresentam-se alisadas do tom da pasta. P.SAB 2010 N.º INV. 3227. Sondagem 2, UE 3.

8 – Fragmento de bordo e arranque de bojo de pote. O lábio é arredondado e voltado para o exterior apresentando um diâmetro externo de 29 cm. A pasta é compacta e pouco depurada, de tom castanho avermelhado (Mun. 2.5 YR 5/6). Os elementos não plásticos são escassos e bem distribuídos constituídos por quartzos de pequenas dimensões, e alguns elementos carbonatados. As paredes apresentam-se alisadas do tom da pasta. P.SAB 2010 N.º INV. 3228. Sondagem 2, UE 3.

9 – Fragmento de bordo e arranque de bojo de pote. O lábio é biselado e voltado para o exterior apresentando um diâmetro externo de 28 cm. A pasta é compacta e pouco depurada, de tom castanho (Mun. 7.5 YR 5/3). Os elementos não plásticos são abundantes e bem distribuídos constituídos por quartzos de pequenas dimensões, elementos de cerâmica moída, alguns elementos carbonatados e micas douradas. As paredes apresentam-se alisadas do tom da pasta. P.SAB 2010 N.º INV. 3803. Sondagem 2, UE 3.

10 – Fragmento de bojo de cerâmica cinzenta com decoração em retícula brunida. Pasta homogênea com presença de elementos não plásticos de pequena e média dimensão de distribuição regular de quartzo, calcite e de mica. Cozedura redutora. Tom cinzento (Mun. 5YR 4/1). A superfície externa e interna evidenciam um acabamento cuidado com um alisamento e polimento conferindo-lhe um aspeto metálico (Mun. 5 YR 5/1). P.SAB 2010 N.º INV. 3229. Sondagem 2, UE 3.

11 – Fragmento de bordo de jarro de cerâmica cinzenta com arranque de asa. Pasta homogênea com presença de elementos não plásticos de pequena e média dimensão de distribuição regular de quartzo, calcite e de mica. Cozedura redutora. Tom cinzento (Mun. 5YR 4/1). A superfície externa e interna evidenciam um acabamento cuidado com um alisamento e polimento conferindo-lhe um aspeto metálico (Mun. 5 YR 5/1). P.SAB 2010 N.º INV. 3224. Sondagem 2, UE 3.

12 – Fragmento de bordo e arranque de bojo de taça. O lábio é arredondado e voltado para o interior apresentando um diâmetro externo de 20 cm. A pasta é compacta e pouco depurada, de tom castanho (Mun. 7.5 YR 6/4). Os elementos não plásticos são escassos e bem distribuídos constituídos por quartzos de pequenas dimensões, alguns elementos carbonatados e micas douradas. As paredes apresentam-se alisadas do tom da pasta. P.SAB 2010 N.º INV. 3226. Sondagem 2, UE 3.

13 – Três Fragmento com colagem de bordo e arranque de bojo de *Askos* (?). O lábio é biselado e voltado para o exterior apresentando um diâmetro externo de 6 cm. Colo cilíndrico de onde arranca um canal cilíndrico possível bico vertedor. E o corpo ovóide da peça. A pasta é compacta e pouco depurada, de tom castanho (Mun. 7.5 YR 7/4). Os elementos não plásticos são escassos e bem distribuídos constituídos por quartzos de pequenas dimensões e micas douradas. As paredes apresentam-se alisadas do tom da pasta. P.SAB 2010 N.º INV. 3223. Sondagem 2, UE 3.

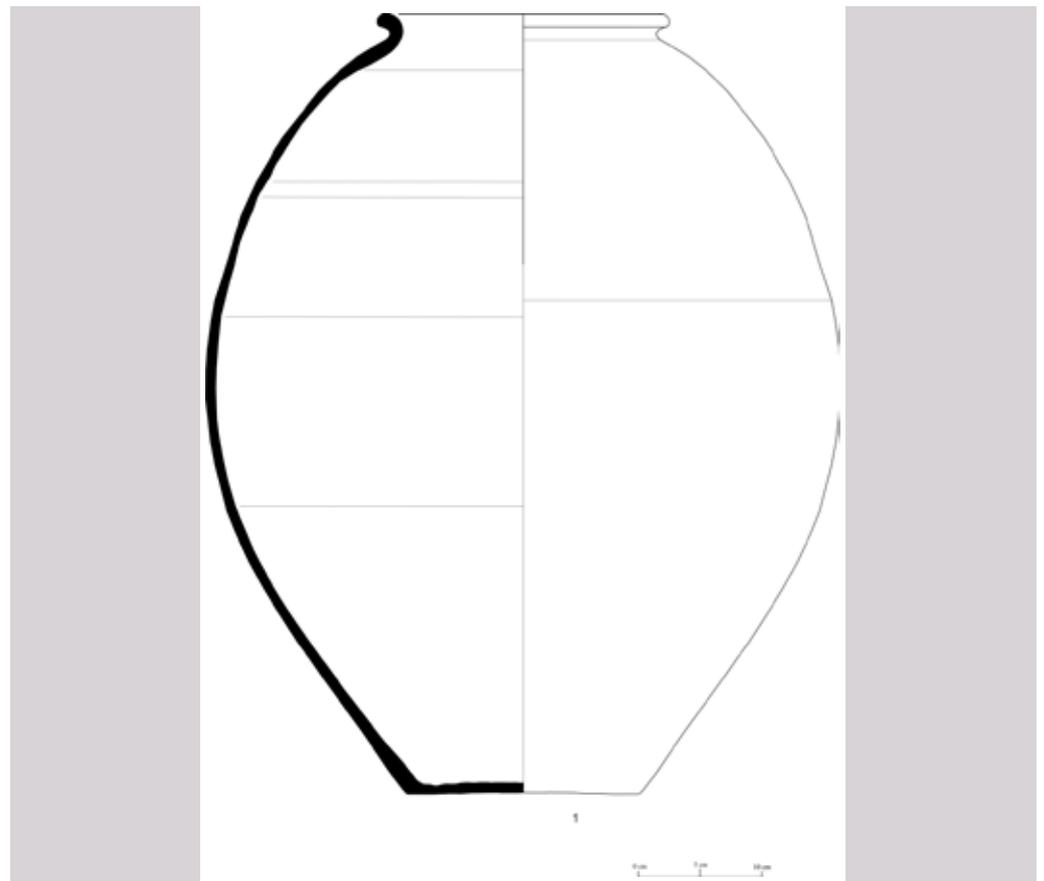


Figura 13
Contentor de
armazenamento em
cerâmica comum.

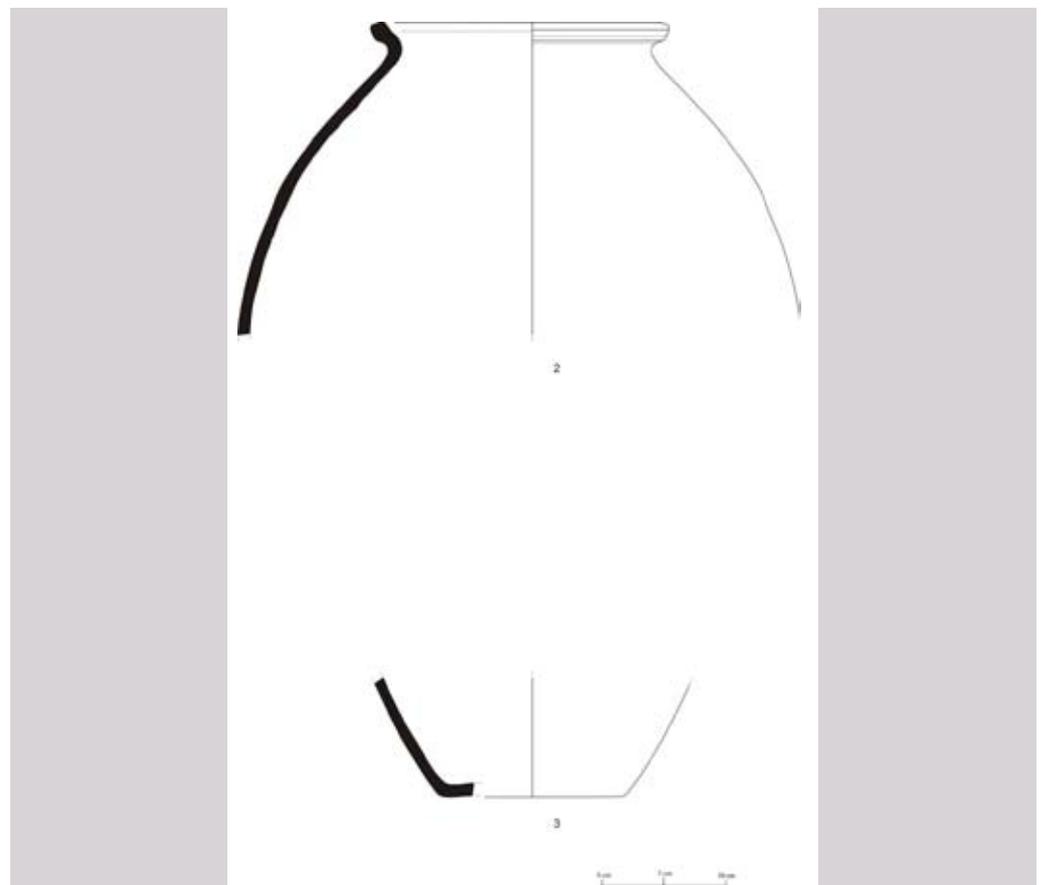


Figura 14
Contentor de
armazenamento em
cerâmica comum.

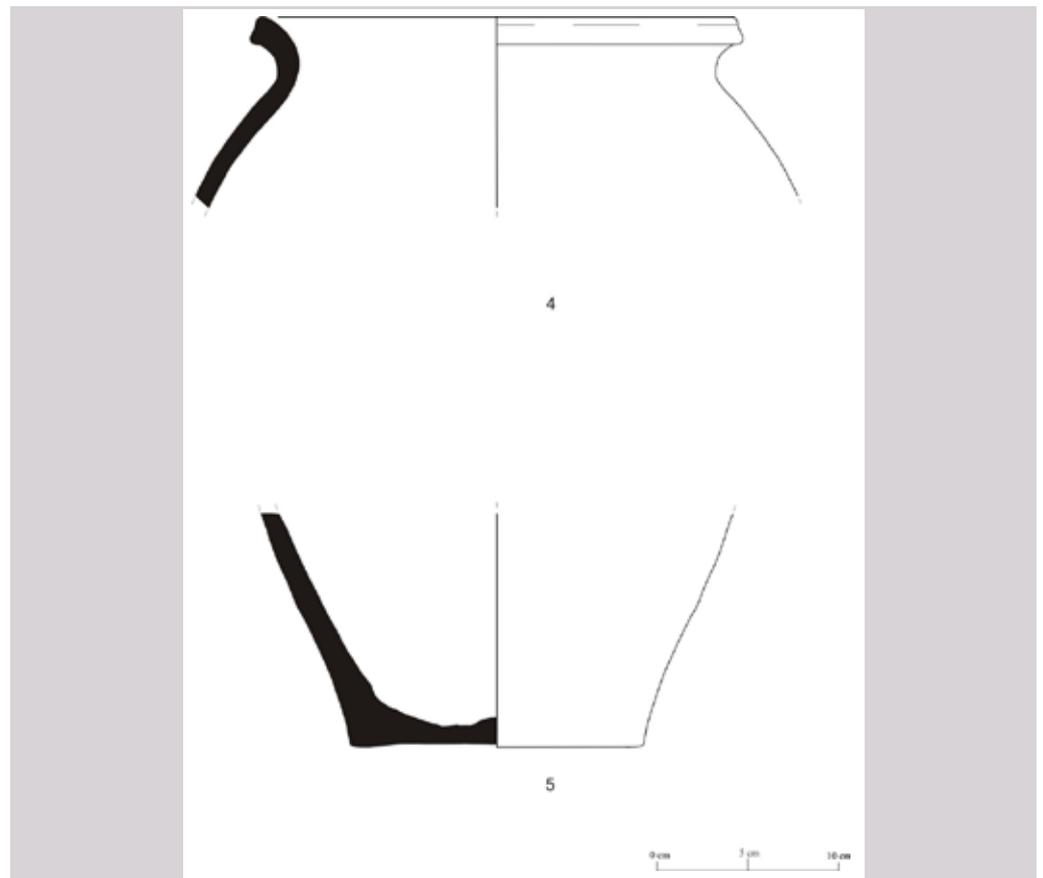


Figura 15
Contentor de
armazenamento em
cerâmica comum.

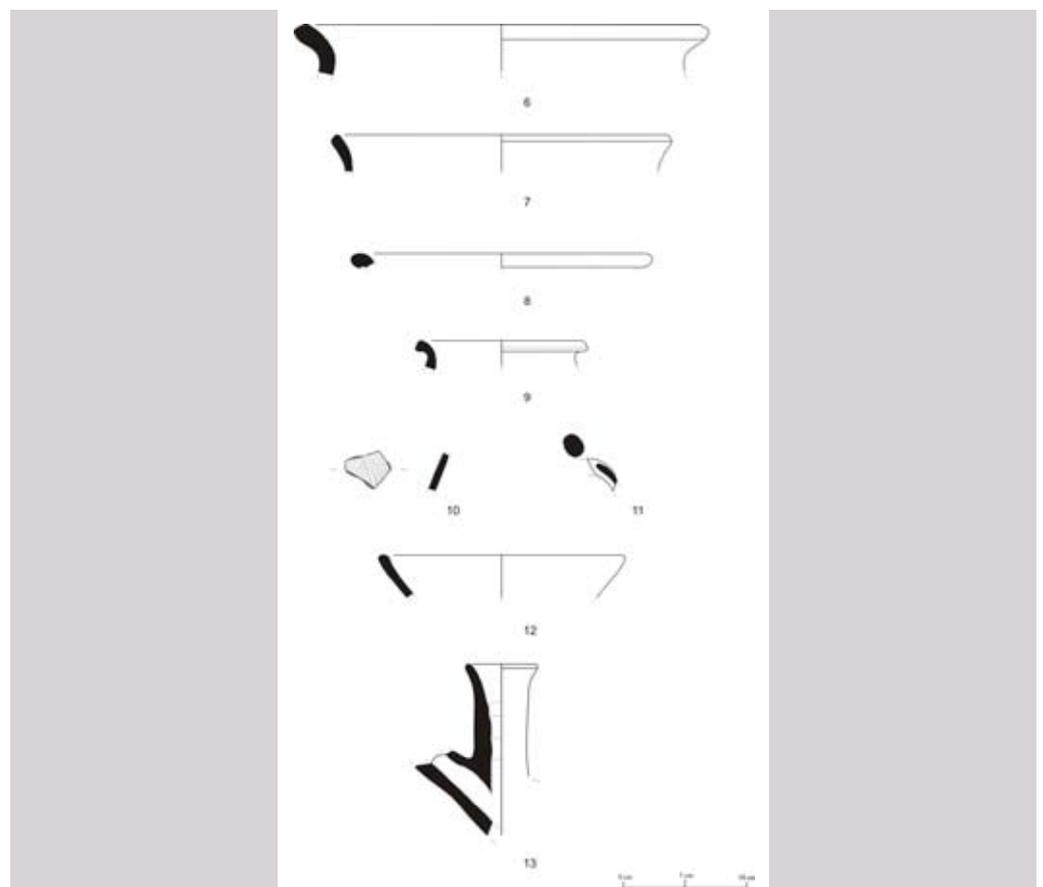


Figura 16
N.º 7 a 10 contentores
de armazenamento
em cerâmica comum;
n.º 11 e 12 cerâmica
cinzenta; n.º 13 taça
em cerâmica comum;
n.º 14 Askos (?).

4.3. Sondagem 3:

Apesar do campo agrícola se encontrar todo ele lavrado, restava-nos uma pequena faixa na extremidade do terreno, junto à vala de Alpiarça. Perante estes condicionalismos decidimos, mesmo assim, abrir um quadrado de 2 metros de lado, numa área livre de cultivo.

Apesar do tempo chuvoso, o terreno nesta zona apresentava-se em excelentes condições, iniciando-se os trabalhos no dia 12 de Maio, com a delimitação e implantação da quadrícula (fig. 17).

A escavação do primeiro nível arqueológico, UE [5], permitiu registar o já observado pelo trabalho de prospeção, ou seja, de que toda a superfície da estação se encontra profundamente afetada pela contínua realização de trabalhos agrícolas.

O espólio é particularmente numeroso tendo-se recolhido numerosos artefactos cerâmicos da idade do ferro e do período romano republicano.

Destaca-se do ponto de vista da informação a presença de dois fragmentos ânforas vinárias Itálicas possivelmente do tipo Dressel 1, assim como, um fragmento de bocal de ânfora de preparados piscícolas do tipo Mañá C2b, em mau estado de preservação, não tendo sido possível a sua reconstituição gráfica. Entre o material pré-romano ou de tradição Indígena, destaca-se a presença de um bocal de ânfora de produção regional do Tipo Mañá Pascual A4 “Evolucionada”, assim como duas asas e dois fundos de ânforas de difícil classificação mas de morfologias de tradição do mundo Fenício-púnico. Por último recolheram-se ainda duas contas de pasta vítrea de tom azul e quatro cossioiros pré-romanos.

Refira-se a título de curiosidade, que esta unidade é pautada pela presença de plásticos de estufas e restos de tubagens em plástico de antigos sistemas de rega!

Sob esta realidade, surgiu a unidade, UE [6], de sedimento argilo-arenoso, de tom castanho medianamente compacto. A sua escavação revelou pouco espólio sendo este composto unicamente por fragmentos cerâmicos (bojos) de cronologia pré-romana e romana republicana. Esta unidade UE [6] parece selar os níveis arqueológicos preservados.

Removendo-se este nível individualizou-se uma nova unidade, UE [7], de sedimento argiloarenosa de tom castanho-escuro, onde o impacto dos trabalhos agrícolas já não se encontra patente.

Embora não tenha sido possível associar este nível a estruturas positivas, o espólio recolhido na sua escavação é particularmente abundante e atesta o dinamismo comercial deste antigo porto. Na pequena área de intervenção, recolheram-se dez bocais de ânfora: oito de tipologia pré-romana de produção regional dos Tipos D de Pellicer e Mañá-Pascual A4 a par de dois exemplares de ânforas vinárias Itálicas do Tipo Dressel 1, datados de meados do século II a.C.

Na continuação dos trabalhos, e assentando diretamente sobre os níveis geológicos, escavou-se uma camada arenosa de tom castanha esverdeada, UE [8]. Esta unidade foi parca em espólio, tendo-se contudo identificado um conjunto coerente de materiais que aponta para uma cronologia mais recuada denotando fortes influências orientalizantes.

Recolheu-se uma pequena taça em cerâmica manual, uma taça em cerâmica cinzenta fina polida, um fragmento de asa bífida (não representada) e uma asa de ânfora de rolo. Estes elementos associados à presença de uma ânfora de tipologia fenícia enquadrável no Tipo 10.1.2.1. de Ramon Torres (1995) de clara importação meridional permitem aferir uma cronologia de meados do século VII a.C. para este estrato.

Esta camada [UE 8] veio a confirmar em escavação, os dados recolhidos em prospeção quanto à antiguidade de ocupação do local (Pimenta e Mendes 2008).

Lista das unidades estratigráficas identificadas:

[UE 5] – Camada arenoargilosa, de tom castanha clara, de grão fino e medianamente solta. Unidade muito revolvida pelos trabalhos agrícolas. Composta por seixos do rio, pedras de pequena dimensão, raízes, sacos plásticos, fragmentos de mangas de rega e cerâmica de construção romana e pré-romana.

[UE 6] – Camada argiloarenosa, de tom castanha, de grão fino e medianamente compacta. Composta por nódulos de argila alaranjada, pedras de pequeno calibre, cerâmica romana republicana e pré-romana.

[UE 7] – Camada argiloarenosa de tom castanha escura. Unidade muito homogénea. Composta por pequenos seixos, ossos, assas de rolo pré-romanas, bojos de ânfora romana republicanas e bordos de ânforas pré-romanas do tipo D de Pellicer.

[UE 8] – Camada arenosa, de tom castanha esverdeada. Nível de contacto com o geológico.

Apresenta-se muito limpa, surgindo alguns carvões assim como alguma cerâmica. Entre os materiais exumou-se um pequeno bocal de ânfora tipo R1.

[UE 9] – Nível geológico de base. Composto por areão do rio.

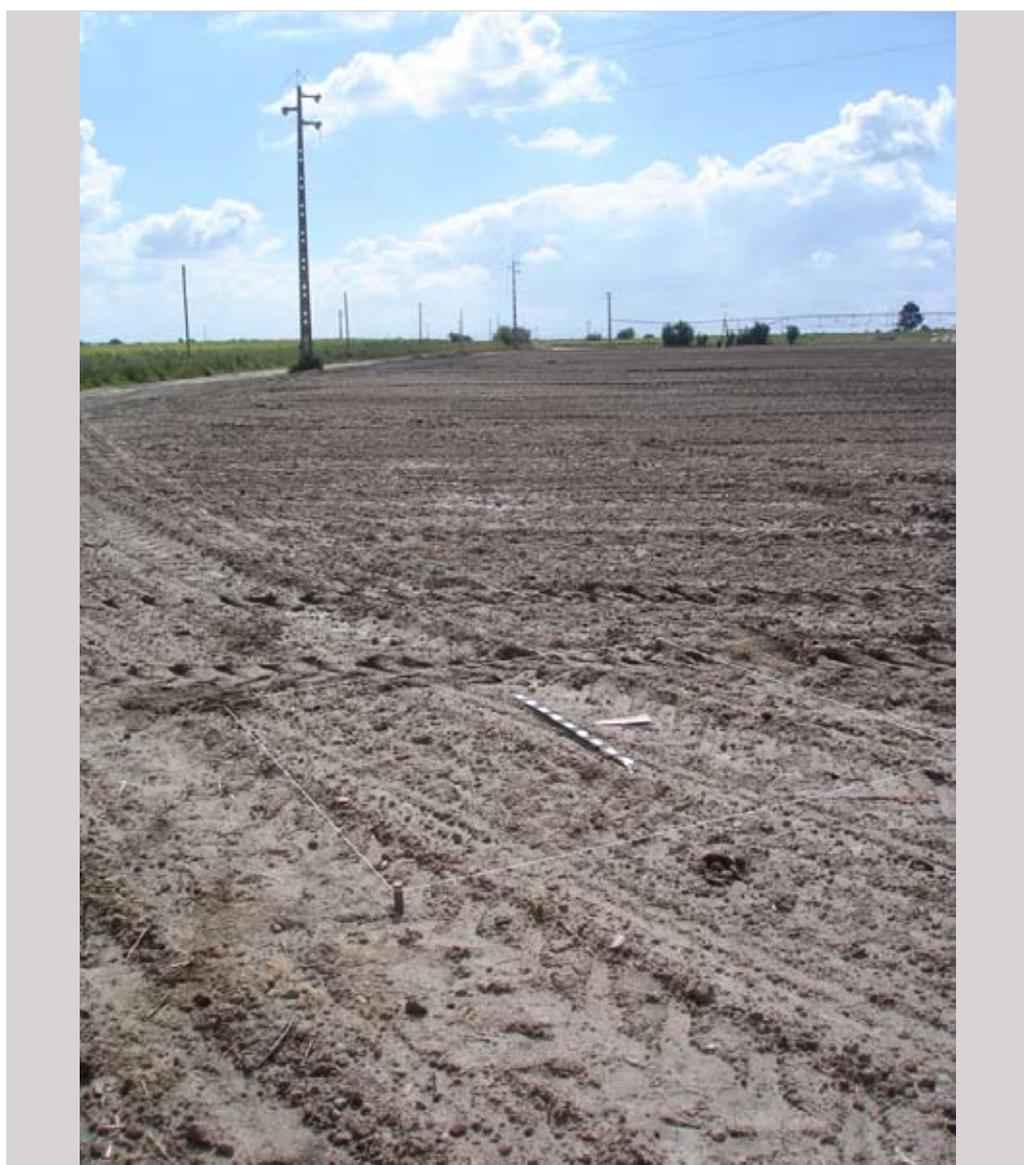


Figura 17
Vista do terreno
com a delimitação
e implantação da
quadrícula.



Figura 18
Pormenor do decorrer dos trabalhos de escavação.

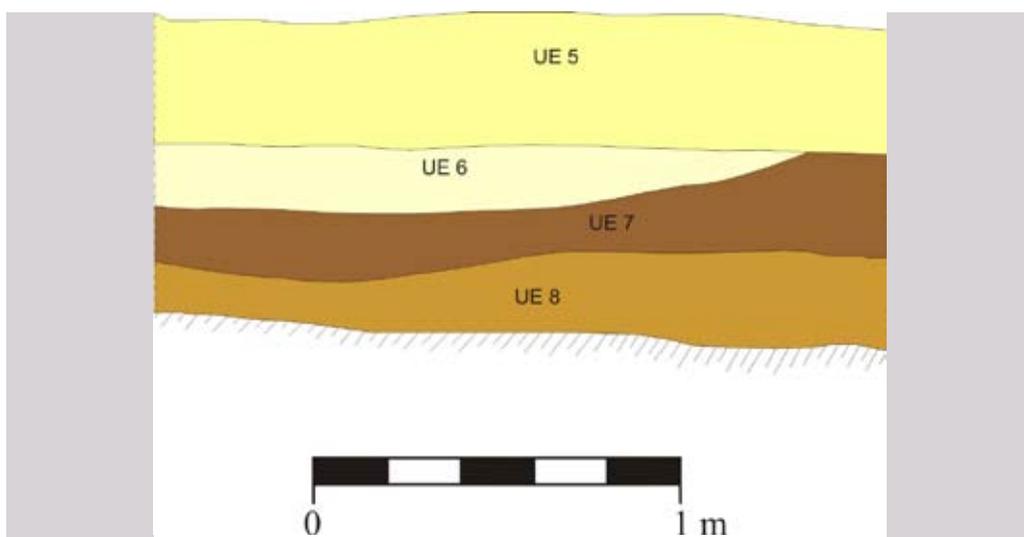


Figura 19
Perfil estratigráfico da Sondagem 3.

Catálogo - Sondagem 3:

1 - Fragmento de bordo de Ânfora do Tipo Mañá Pascual A4 “Evolucionada”. Lábio espessado internamente de secção arredondada, apresentando um diâmetro externo de 13 cm. A pasta compacta e bem depurada, de tom amarelo avermelhado (Mun. 10YR 6/6). Apresenta escassos elementos não plásticos de pequena dimensão, constituídos por quartzos, elementos de cerâmica moída, grãos carbonatados algumas moscovites, raras calcites assim como pequenos fragmentos de fauna malacológica. As superfícies apresentam-se alisadas do tom da pasta. P.SAB 2010 N.º INV. 0768. Sondagem 3, UE 5.

2 - Fragmento de bojo com arranque de asa de ânfora de tipologia pré-romana. A pasta é compacta e pouco depurada, de tom castanho (Mun. 7.5YR 6/4). Os elementos não plásticos são abundantes e bem distribuídos constituídos por quartzos de pequenas dimensões, elementos de cerâmica moída e alguns elementos carbonatados. As paredes apresentam-se alisadas do tom da pasta. P.SAB 2010 N.º INV. 0236. Sondagem 3, UE 5.

3 - Fragmento de bojo com arranque de asa de ânfora de tipologia pré-romana. A pasta é compacta e pouco depurada, de tom castanho (Mun. 7.5 YR 6/4). Os elementos não plásticos são abundantes e bem distribuídos constituídos por quartzos de pequenas dimensões, elementos de cerâmica moída e alguns elementos carbonatados. As paredes apresentam-se alisadas do tom da pasta. P.SAB 2010 N.º INV. 0975. Sondagem 3, UE 5.

4 - Fragmento de fundo de ânfora de tipologia pré-romana. A pasta é compacta e bem depurada, de tom castanho (Mun. 7.5 YR 6/4). Os elementos não plásticos são escassos e bem distribuídos constituídos por quartzos de pequenas dimensões e alguns elementos carbonatados. As paredes apresentam-se alisadas do tom da pasta. P.SAB 2010 N.º INV. 3184. Sondagem 3, UE 5.

5 - Fundo de ânfora de tipologia pré-romana. A pasta é compacta e pouco depurada, de tom castanho (Mun. 7.5 YR 6/4). Os elementos não plásticos são abundantes e bem distribuídos constituídos por quartzos de pequenas dimensões elementos de cerâmica moída e alguns elementos carbonatados. As paredes apresentam-se alisadas do tom da pasta. P.SAB 2010 N.º INV. 3084. Sondagem 3, UE 5.

6 - Fragmento de asa de ânfora Itálica do Tipo Dressel 1. Asa vertical e secção ovoide. Pasta Grupo 6 (Pimenta, 2004). Caracteriza-se por uma pasta arenosa e dura. A cor é amarelo avermelhada (Mun. 5 YR 7/6). Os elementos não plásticos são abundantes, constituídos por quartzos, micas, grãos ferruginosos e abundantes nódulos de argila cozida de média e grande dimensão. As paredes apresentam-se alisadas do tom da pasta. P.SAB 2010 N.º INV. 3045. Sondagem 3, UE 5.

7 - Fragmento de bojo com arranque de asa de ânfora Itálica do Tipo Dressel 1. Asa vertical e secção ovoide. Pasta Grupo 3 (Pimenta, 2004). Amarelo avermelhado (Mun. 10 R 5/6). As paredes apresentam uma aguada de tom branco ou bege amarelado (Mun. 7,5YR 7/4). P.SAB 2010 N.º INV. 3048. Sondagem 3, UE 5.

8 - Fragmento de bordo e arranque de bojo de contentor de armazenamento. O lábio é arredondado e voltado para o exterior apresentando um diâmetro externo de 32 cm. A pasta é de matriz arenosa e pouco depurada, de tom castanho acinzentado (Mun. 2.5YR 5/2). Os elementos não plásticos são abundantes e bem distribuídos constituídos por quartzos de pequenas dimensões, vacúolos alongados e alguns elementos carbonatados. As paredes apresentam-se alisadas do tom da pasta. P.SAB 2010 N.º INV. 3187. Sondagem 3, UE 5.

9 - Fragmento de bordo de prato de cerâmica cinzenta. Bordo de paredes arqueadas e lábio boleado apresentando um diâmetro externo de 23 cm. Pasta homogénea com presença de elementos não plásticos de pequena e média dimensão de distribuição regular de quartzo, calcite e de mica. Cozedura redutora. Tom cinzento (Mun. 5YR 6/1). A superfície externa e interna evidenciam um acabamento cuidado com um alisamento e polimento conferindo-lhe um aspeto metálico (Mun. 5YR 5/1).

10 - Fragmento de bordo de prato de cerâmica cinzenta. Bordo de paredes arqueadas e lábio boleado apresentando um diâmetro externo de 20 cm. Pasta homogénea com presença de elementos não plásticos de pequena e média dimensão de distribuição regular de quartzo, calcite e de mica. Cozedura redutora. Tom cinzento (Mun. 5YR 5/1). A superfície externa e interna evidenciam um acabamento cuidado com um alisamento e polimento conferindo-lhe um aspeto metálico (Mun. 5 YR 3/1). P.SAB 2010 N.º INV. 3186. Sondagem 3, UE 5.

11 - Fragmento de fundo de prato de cerâmica cinzenta. Pasta homogénea com presença de elementos não plásticos de pequena e média dimensão de distribuição regular de quartzo, calcite e de mica. Cozedura redutora. Tom cinzento (Mun. 5YR 6/1). A superfície externa e interna evidenciam um acabamento cuidado com um alisamento e polimento conferindo-lhe um aspeto metálico (Mun. 5YR 4/1). P.SAB 2010 N.º INV. 3192. Sondagem 3, UE 5.

12 - Fragmento de fundo de prato de cerâmica cinzenta. Pasta homogénea com presença de elementos não plásticos de pequena e média dimensão de distribuição regular de quartzo, calcite e de mica. Cozedura redutora. Tom cinzento (Mun. 5YR 6/1). A superfície externa e interna evidenciam um acabamento cuidado com um alisamento e polimento conferindo-lhe um aspeto metálico (Mun. 5YR 4/1). P.SAB 2010 N.º INV. 3189. Sondagem 3, UE 5.

13 - Fragmento de asa de jarro em cerâmica cinzenta. Pasta homogénea com presença de elementos não plásticos de pequena e média dimensão de distribuição regular de quartzo, calcite e de mica. Cozedura redutora. Tom cinzento (Mun. 5YR 6/1). A superfície externa evidencia um acabamento cuidado com um alisamento e polimento conferindo-lhe um aspeto metálico (Mun. 5YR 4/1). P.SAB 2010 N.º INV. 3193. Sondagem 3, UE 5.

14 - Fragmento de asa de jarro em cerâmica cinzenta. Pasta homogénea com presença de elementos não plásticos de pequena e média dimensão de distribuição regular de quartzo, calcite e de mica. Cozedura redutora. Tom cinzento (Mun. 5YR 6/1). A superfície externa evidencia um acabamento cuidado com um alisamento e polimento conferindo-lhe um aspeto metálico (Mun. 5YR 4/1). P.SAB 2010 N.º INV. 3194. Sondagem 3, UE 5.

15 - Fragmento de asa de jarro em cerâmica cinzenta. Pasta homogénea com presença de elementos não plásticos de pequena e média dimensão de distribuição regular de quartzo, calcite e de mica. Cozedura redutora. Tom cinzento (Mun. 5YR 6/1). A superfície externa evidencia um acabamento cuidado com um alisamento (Mun. 5YR 4/1). P.SAB 2010 N.º INV. 3190. Sondagem 3, UE 5.

16 - Fragmento de asa de jarro em cerâmica cinzenta. Pasta homogénea com presença de elementos não plásticos de pequena e média dimensão de distribuição regular de quartzo, calcite e de mica. Cozedura redutora. Tom cinzento (Mun. 5YR 6/1). A superfície externa evidencia um acabamento cuidado com um alisamento e polimento conferindo-lhe um aspeto metálico (Mun. 5YR 4/1). P.SAB 2010 N.º INV. 3186. Sondagem 3, UE 5.

17 - Fragmento de fundo de jarro de cerâmica cinzenta. Pasta homogénea com presença de elementos não plásticos de pequena e média dimensão de distribuição regular de quartzo, calcite e de mica. Cozedura redutora. Pasta de tom cinzento (Mun. 5YR 6/1). A superfície externa evidencia um acabamento cuidado com um alisamento e polimento conferindo-lhe um aspeto metálico (Mun. 5YR 4/1). P.SAB 2010 N.º INV. 3182. Sondagem 3, UE 5.

18 - Cossóiro em cerâmica cinzenta. Pasta homogénea com presença de escassos elementos não plásticos de pequena dimensão de distribuição regular de quartzo e mica. Cozedura redutora. Tom cinzento (Mun. 5YR 6/1). A superfície externa evidencia um acabamento cuidado com um alisamento e polimento conferindo-lhe um aspeto metálico (Mun. 10YR 3/1). P.SAB 2010 N.º INV. 3180. Sondagem 3, UE 5.

19 - Cossóiro em cerâmica. Pasta de matriz arenosa com presença de abundantes elementos não plásticos de pequena dimensão e distribuição regular de quartzo e mica. Cozedura redutora. Tom cinzento (Mun. 5YR 4/1). A superfície externa encontra-se aliçada do tom da pasta. P.SAB 2010 N.º INV. 3178. Sondagem 3, UE 5.

20 - Cossoiro em cerâmica. Pasta de matriz arenosa com presença de abundantes elementos não plásticos de pequena dimensão e distribuição regular de quartzo e mica. Cozedura redutora. Tom cinzento (Mun. 5YR 4/1). A superfície externa encontra-se alisada do tom da pasta. P.SAB 2010 N.º INV. 3183. Sondagem 3, UE 5.

21 - Cossoiro em cerâmica. Pasta de matriz arenosa com presença de abundantes elementos não plásticos de pequena dimensão e distribuição regular de quartzo e mica. Cozedura redutora. Pasta de tom cinzento (Mun. 5YR 6/2). A superfície externa encontra-se alisada do tom da pasta. P.SAB 2010 N.º INV. 3179. Sondagem 3, UE 5.

22 - Conta em pasta vítrea. De tom azul cobalto. P.SAB 2010 N.º INV. 3800. Sondagem 3, UE 5.

23 - Conta em pasta vítrea. De tom azul cobalto. P.SAB 2010 N.º INV. 3801. Sondagem 3, UE 5.

24 - Fragmento de bordo de ânfora Itálica do Tipo Dressel 1. O lábio é oblíquo, de secção triangular, apresentando um diâmetro externo de 18 cm. Índice altura do bordo, espessura máxima, 1,61. Pasta Grupo 3 (Pimenta, 2004). Tom amarelo avermelhado (Mun. 10 R 6/4). As paredes apresentam uma aguada de tom branco (Mun. 7,5YR 8/2). P.SAB 2010 N.º INV. 1770. Sondagem 3, UE 7.

25 - Fragmento de bordo de ânfora Itálica do Tipo Dressel 1. O lábio é oblíquo, de secção triangular, apresentando um diâmetro externo de 15 cm. Índice altura do bordo, espessura máxima, 1,6. Pasta Grupo 3 (Pimenta, 2004). Tom amarelo avermelhado (Mun. 10 R 5/4). As paredes apresentam uma aguada de tom branco (Mun. 7,5YR 8/2). P.SAB 2010 N.º INV. 1777. Sondagem 3, UE 7.

26 - Fragmento de bordo de Ânfora do Tipo D de Pellicer. Lábio espessado de secção arredondada encontrando-se destacado do corpo por uma canelura, apresenta um diâmetro externo de 14cm. Pasta compacta e bem depurada, de tom amarelo avermelhado (Mun. 7.5 YR 6/4). Apresenta escassos elementos não plásticos de pequena dimensão, constituídas por quartzos, micas douradas e elementos de cerâmica moída. As superfícies apresentam-se alisadas do tom da pasta. P.SAB 2010 N.º INV. 1779. Sondagem 3, UE 7.

27 - Fragmento de bordo de Ânfora do Tipo D de Pellicer. Lábio espessado de secção arredondada encontrando-se destacado do corpo por uma canelura, apresenta um diâmetro externo de 12 cm. Pasta compacta e mal depurada, de tom castanho acinzentado (Mun. 7.5 YR 5/1). Apresenta abundantes elementos não plásticos de pequena e média dimensão, constituídos por quartzos, micas douradas e elementos de cerâmica moída. As superfícies apresentam-se alisadas do tom da pasta. P.SAB 2010 N.º INV. 3205. Sondagem 3, UE 7.

28 - Fragmento de bordo de Ânfora do Tipo D de Pellicer. Lábio espessado de secção arredondada encontrando-se destacado do corpo por uma canelura, apresenta um diâmetro externo de 15 cm. Pasta compacta e mal depurada, de tom castanho acinzentado (Mun. 7.5YR 5/1). Apresenta abundantes elementos não plásticos de pequena e média dimensão, constituídas por quartzos, micas douradas e elementos de cerâmica moída. As superfícies apresentam-se alisadas do tom da pasta. P.SAB 2010 N.º INV. 3205. Sondagem 3, UE 7.

29 - Fragmento de bordo de Ânfora do Tipo D de Pellicer. Lábio espessado de secção arredondada encontrando-se destacado do corpo por uma canelura, apresenta um diâmetro externo de 12 cm. Pasta compacta e bem depurada, de tom amarelo avermelhado

(Mun. 10 R 6/4). Apresenta escassos elementos não plásticos de pequena dimensão, constituídos por quartzos, elementos de cerâmica moída, grãos carbonatados algumas moscovites, raras calcites assim como pequenos fragmentos de fauna malacológica. As superfícies apresentam-se alisadas do tom da pasta. P.SAB 2010 N.º INV. 3211. Sondagem 3, UE 7.

30 - Fragmento de bordo de Ânfora do Tipo D de Pellicer. Lábio espessado de secção arredondada encontrando-se destacado do corpo por uma canelura, apresenta um diâmetro externo de 13 cm. Pasta compacta e bem depurada, de tom amarelo avermelhado (Mun. 10 R 6/6). Apresenta escassos elementos não plásticos de pequena dimensão, constituídos por quartzos, elementos de cerâmica moída, grãos carbonatados algumas moscovites, raras calcites assim como pequenos fragmentos de fauna malacológica. As superfícies apresentam-se alisadas do tom da pasta. P.SAB 2010 N.º INV. 3209. Sondagem 3, UE 7.

31 - Fragmento de bordo de Ânfora do Tipo D de Pellicer. Lábio espessado de secção arredondada encontrando-se destacado do corpo por uma canelura, apresenta um diâmetro externo de 13 cm. Pasta compacta e mal depurada, de tom castanho acinzentado (Mun. 7.5 YR 5/6). Apresenta abundantes elementos não plásticos de pequena e média dimensão, constituídas por quartzos, micas douradas e elementos de cerâmica moída. As superfícies apresentam-se alisadas do tom da pasta. P.SAB 2010 N.º INV. 3208. Sondagem 3, UE 7.

32 - Fragmento de bordo de Ânfora do Tipo Mañá Pascual A4. Lábio espessado internamente, apresenta um diâmetro externo de 13cm. Pasta compacta e mal depurada, de tom castanho acinzentado (Mun. 7.5 YR 5/2). Apresenta abundantes elementos não plásticos de pequena e média dimensão, constituídas por quartzos, micas douradas e elementos de cerâmica moída. As superfícies apresentam-se alisadas do tom da pasta. P.SAB 2010 N.º INV. 1781. Sondagem 3, UE 7.

33 - Fragmento de bordo de Ânfora do Tipo Mañá Pascual A4 Gaditana. Lábio espessado internamente, encontrando-se a zona do lábio destacada do corpo da ânfora por duas incisões paralelas. Apresenta um diâmetro externo de 15,5 cm. Caracteriza-se por uma pasta compacta, arenosa e bem depurada. A cor é amarelo rosado (Mun. 5 YR 6/6). Os elementos não plásticos são pouco abundantes e bem distribuídos, constituídos essencialmente por pequenos grãos de calcite, pequenos quartzos dispersos alguns dos quais rolados, grãos carbonatados, elementos de cerâmica cozida bem calibrada e vacúolos alongados. A superfície apresenta-se alisada evidenciando uma tonalidade amarelado avermelhado (Mun. 10YR 8/3). P.SAB 2010 N.º INV. 1798. Sondagem 3, UE 7.

34 - Fragmento de bojo com asa de ânfora de tipologia pré-romana. A pasta é compacta e pouco depurada, de tom castanho (Mun. 7.5 YR 6/6). Os elementos não plásticos são abundantes e bem distribuídos constituídos por quartzos de pequenas dimensões, elementos de cerâmica moída e micas douradas. As paredes apresentam-se alisadas do tom da pasta. P.SAB 2010 N.º INV. 0324. Sondagem 3, UE 7.

35 - Fragmento de bojo com arranque de asa de ânfora de tipologia pré-romana. A pasta é compacta e pouco depurada, de tom castanho (Mun. 5YR 6/4). Os elementos não plásticos são abundantes e bem distribuídos constituídos por quartzos de pequenas dimensões, elementos de cerâmica moída e micas douradas. As paredes apresentam-se alisadas do tom da pasta. P.SAB 2010 N.º INV. 3217. Sondagem 3, UE 7.

36 - Fragmento de bojo com arranque de asa de ânfora de tipologia pré-romana. A pasta é compacta e pouco depurada, de tom castanho (Mun. 5YR 6/3). Os elementos não plásticos são abundantes e bem distribuídos constituídos por quartzos de pequenas dimensões, elementos de cerâmica moída e micas douradas. As paredes apresentam-se alisadas do tom da pasta. P.SAB 2010 N.º INV. 3206. Sondagem 3, UE 7.

37 - Fragmento de bordo e arranque de bojo de pote. O lábio é arredondado e voltado para o exterior apresentando um diâmetro externo de 20 cm. A pasta é de matriz arenosa e pouco depurada, de tom castanho acinzentado (Mun. 2.5 YR 5/8). Os elementos não plásticos são abundantes e bem distribuídos constituídos por quartzos de pequenas dimensões, vacúolos alongados e micas douradas. As paredes apresentam-se alisadas do tom da pasta. P.SAB 2010 N.º INV. 3207. Sondagem 3, UE 7.

38 - Fragmento de bordo de contentor de armazenamento. Lábio espessado externamente, encontrando-se a zona do lábio destacada do corpo da ânfora por uma canelura. Apresenta um diâmetro externo de 25 cm. Pasta compacta e mal depurada, de tom castanho avermelhado (Mun. 2.5 YR 6/6). Apresenta elementos não plásticos de pequena e média dimensão, constituídas por quartzos, micas douradas e elementos de cerâmica moída. As superfícies apresentam-se alisadas do tom da pasta. P.SAB 2010 N.º INV. 1793. Sondagem 3, UE 7.

39 - Fragmento de bordo de contentor de armazenamento. Lábio arredondado externamente, encontrando-se a zona do lábio marcada por uma série de caneluras. Apresenta um diâmetro externo de 25 cm. Pasta compacta e mal depurada, de tom castanho acinzentado (Mun. 2.5 YR 5/1). Apresenta elementos não plásticos de pequena e média dimensão, constituídas por quartzos, micas douradas e elementos de cerâmica moída. As superfícies apresentam-se alisadas do tom da pasta. P.SAB 2010 N.º INV. 3214. Sondagem 3, UE 7.

40 - Fragmento de bojo de contentor de armazenamento. Copo troncocónico com arranque da zona do colo marcada por uma série de finas caneluras. Apresenta um diâmetro externo na zona do arranque do colo de 25 cm. Pasta compacta e mal depurada, de tom castanho acinzentado (Mun. 2.5 YR 6/3). Apresenta elementos não plásticos de pequena e média dimensão, constituídas por quartzos, micas douradas e elementos de cerâmica moída. As superfícies apresentam-se alisadas do tom da pasta. P.SAB 2010 N.º INV. 3215. Sondagem 3, UE 7.

41 - Fragmento de bordo de ânfora do Tipo 10.1.2.1. Bordo alto e espessado bem diferenciado do bojo por uma canelura. Apresenta um diâmetro externo de 20 cm. Pasta compacta e bem depurada, de tom castanho acinzentado (Mun. 2.5 YR 6/4). Apresenta elementos não plásticos de pequena dimensão, constituídas por quartzos, micas douradas e elementos de cerâmica moída. As superfícies apresentam-se alisadas do tom da pasta. P.SAB 2010 N.º INV. 3222. Sondagem 3, UE 8.

42 - Fragmento de bordo de prato de cerâmica cinzenta. Bordo de paredes arqueadas e lábio boleado apresentando um diâmetro externo de 26 cm. Pasta homogénea com presença de elementos não plásticos de pequena dimensão de distribuição regular de quartzo, calcite e de mica. Cozedura redutora. Tom cinzento (Mun. 5YR 6/1). A superfície externa e interna evidenciam um acabamento cuidado com um alisamento e polimento conferindo-lhe um aspeto metálico (Mun. 5 YR 3/1). P.SAB 2010 N.º INV. 3218. Sondagem 3, UE 8.

43 - Fragmento de asa de ânfora de tipologia pré-romana. Pasta compacta e bem depurada, de tom castanho acinzentado (Mun. 2.5YR 6/4). Apresenta elementos não plásticos de pequena dimensão, constituídas por quartzos, micas douradas e elementos de cerâmica moída. As superfícies apresentam-se alisadas do tom da pasta. P.SAB 2010 N.º INV. 3221. Sondagem 3, UE 8

44 - Fragmento de bordo de taça em cerâmica manual. Lábio boleado. Apresenta um diâmetro externo de 18 cm. Pasta arenosa e mal depurada, de tom castanho (Mun. 2.5YR 6/4). Apresenta abundantes elementos não plásticos de pequena dimensão, constituídas por quartzos, micas douradas e vacúolos alongados. As superfícies apresentam-se alisadas do tom da pasta. P.SAB 2010 N.º INV. 3219. Sondagem 3, UE 8.

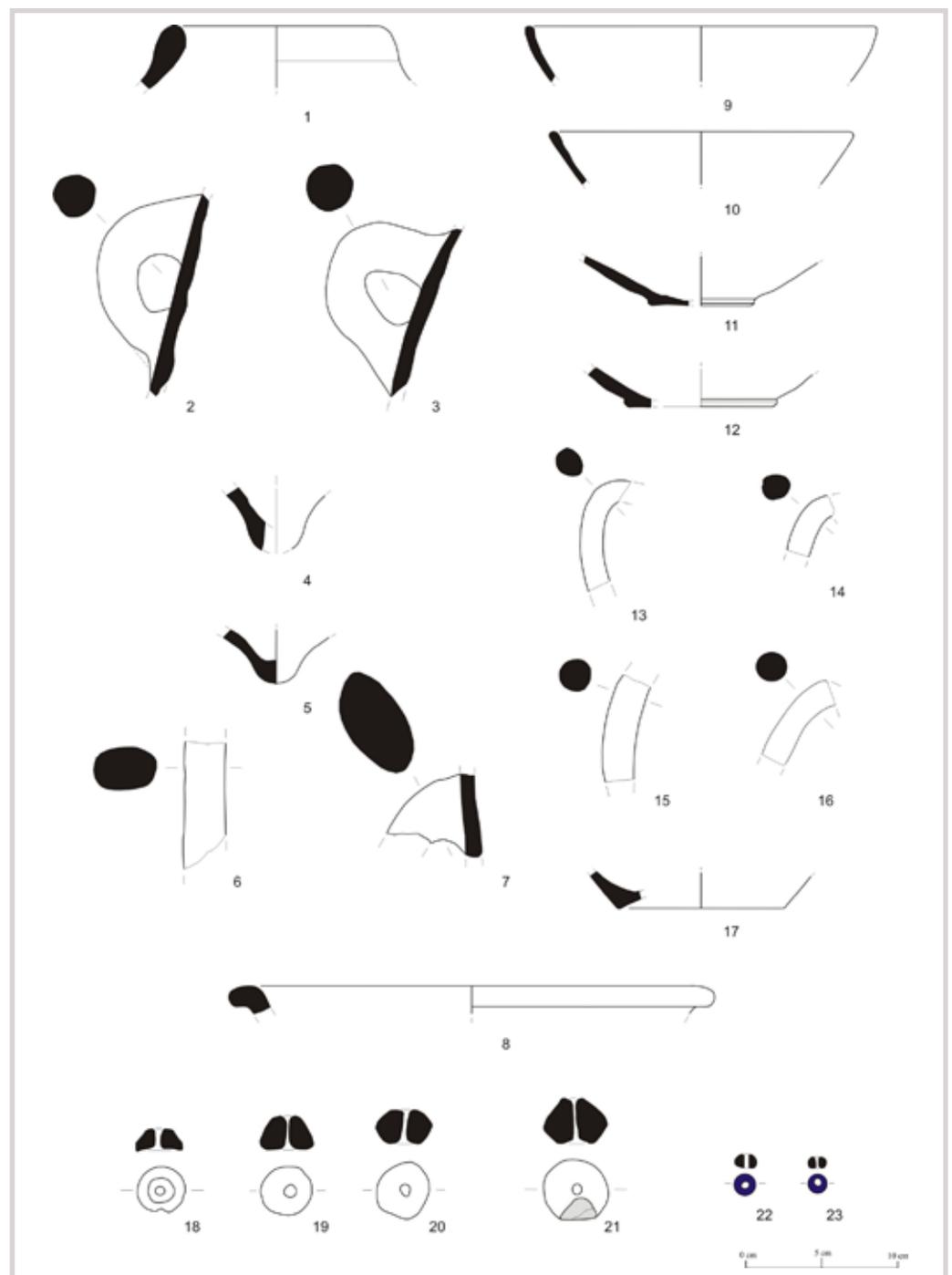


Figura 20
Materiais cerâmicos
recolhidos na
Sondagem 3, UE5.

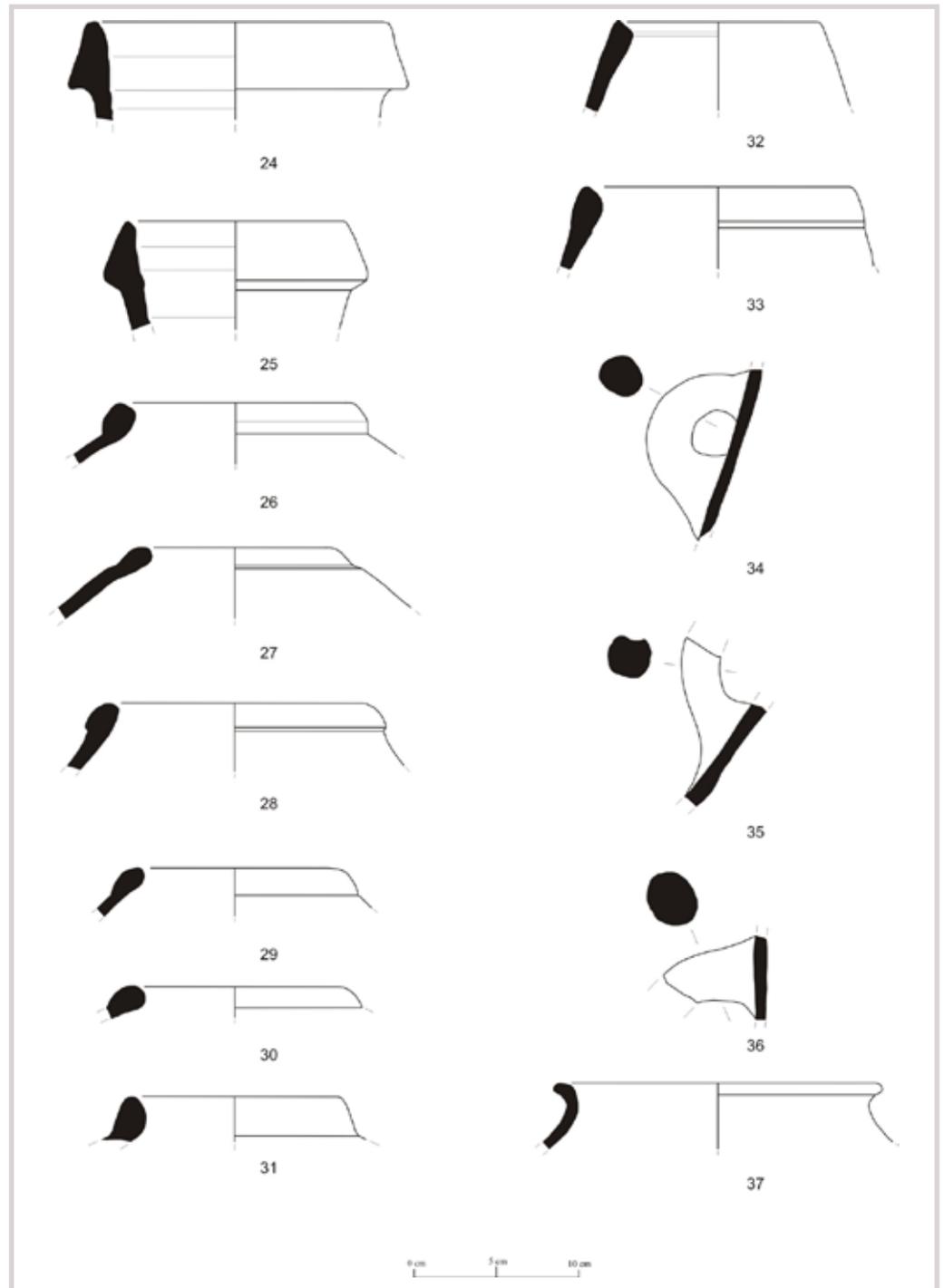


Figura 21
Materiais cerâmicos
recolhidos na
Sondagem 3, UE7.

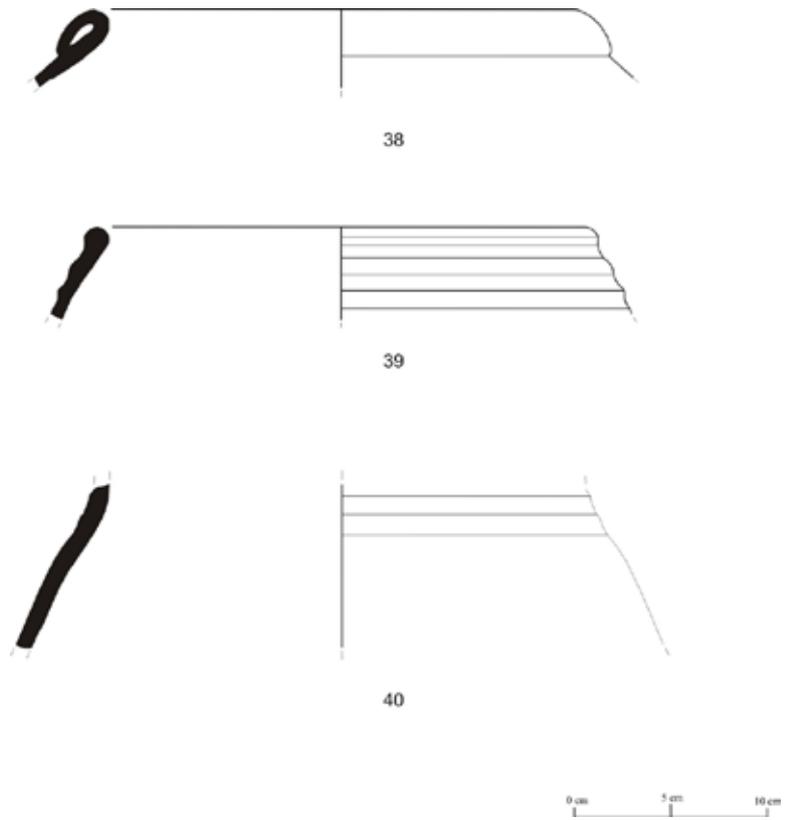


Figura 22
Materiais cerâmicos
recolhidos na
Sondagem 3, UE7.

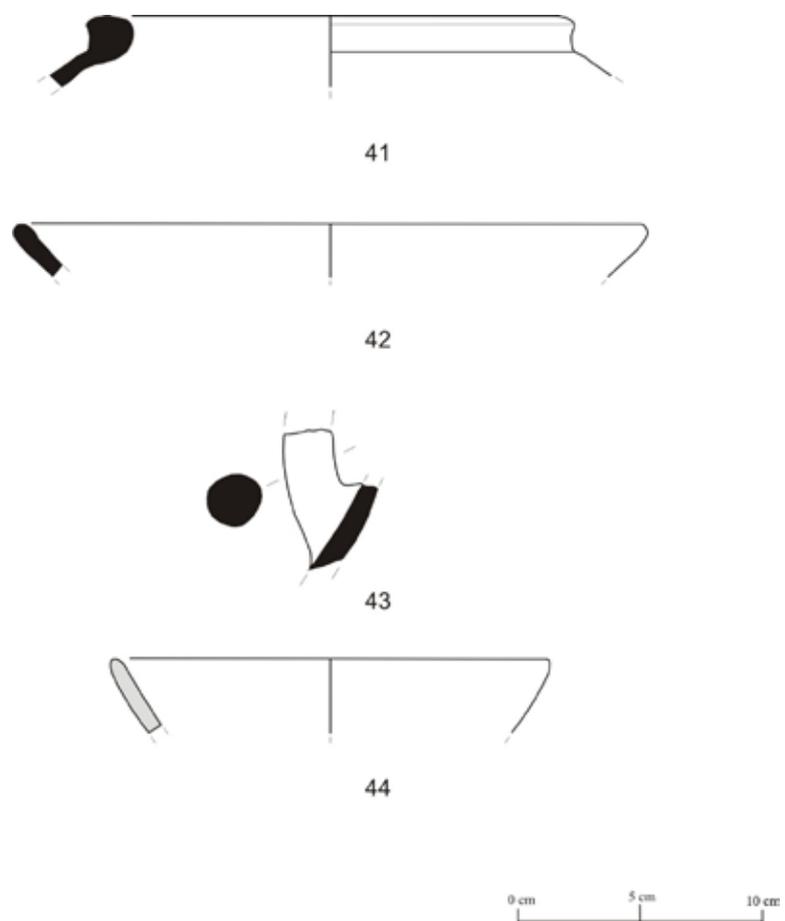


Figura 23
Materiais cerâmicos
recolhidos na
Sondagem 3, UE8.

6. Considerações Finais:

Apesar de todas as condicionantes, a presente intervenção permitiu confirmar a relevância científica e patrimonial do sítio arqueológico do Porto do Sabugueiro. Ainda que muito afetado pela contínua actividade agrícola, de que estes campos são alvo, verificou-se a existência de níveis arqueológicos preservados e de associações coerentes de materiais.

A escavação em profundidade da Sondagem 3 permite verificar que este povoado pré-romano tem origens ainda no mundo orientalizante, possivelmente em meados do século VII a.C.

Acrescente-se a esta informação de natureza estratigráfica, os recentes dados provenientes dos trabalhos de prospeção efetuados nesta campanha. Numa das áreas que ainda não tinham sido alvo de cultivo, as lavras deste ano puseram a descoberto diversos vestígios que apontam para uma forte presença de matriz oriental Fenícia. Aguardamos futuros trabalhos de escavação para aferir da sua real importância e estado de preservação.

Apesar desta remota antiguidade, e que parece ter atravessado toda a ampla diacronia da Idade do Ferro, os dados mais substanciais, da presente intervenção, reportam-se à ocupação do período romano republicano. Ainda que estejamos a lidar, com informação procedente de três áreas de sondagem, o volume dos materiais recolhidos e a sua análise cuidada, permitem afirmar estarmos perante um núcleo de povoamento de grande dinamismo.

A lógica da sua implantação numa área de planície aluvionar, sem qualquer defensibilidade natural, embora com excepcionais condições de ancoradouro natural, levam-nos a interpretar esta estação como um grande povoado de características portuárias. Perante as características geográficas e geológicas, deste povoado, este apresenta-se como um caso singular dentro das implantações conhecidas para a Idade do Ferro no Vale do Tejo (Vilaça e Arruda, 2004).

Ao abordarmos o sítio de Porto do Sabugueiro não podemos deixar de sublinhar a inter-visibilidade existente com o grande povoado sidérico da Alcáçova de Santarém, podendo este inserir-se dentro duma lógica de povoamento hierarquizado.

Face aos dados de que dispomos, e a que a presente escavação veio confirmar e consubstanciar, é evidente que o antigo povoado portuário da Idade do Ferro do Porto do Sabugueiro, não ficou imune ao processo de conquista e solidificação do poder de Roma no ocidente peninsular. As evidências materiais dessa interação são aliás bastante precoces podendo remontar à primeira fase de conquista no vale do Tejo, conotado com a campanha do Procônsul *Decimus Junius Brutus*.

Ainda que estejamos a lidar com recolhas de superfície, as evidências são coerentes e homogéneas, encontrando paralelos nas associações de importações atestadas para o porto de Lisboa, em contextos bem datados entre 140 e 130 a.C. e aos dados que se conhecem de Chões de Alpompe (Pimenta, 2005).

Os materiais identificados que atribuímos a esta fase são compostos essencialmente por ânforas de proveniência Itálica a par de cerâmica campaniense A. Entre as ânforas, domina de uma forma esmagadora a importação dos contentores destinados ao transporte do vinho itálico, estando atestados os tipos Greco-itálico e Dressel 1.

Qual o real significado desta ocupação romana tão precoce, e com um quadro de importações tão vincadamente itálico, é algo que de momento só a continuidade dos trabalhos de escavação arqueológica agora iniciados poderá vir esclarecer.

BIBLIOGRAFIA:

- ARRUDA, A. M. (2002)** – *Los Fenicios en Portugal. Fenicios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a. C.)*. Cuadernos de Arqueología Mediterránea. 5-6. Barcelona.
- ARRUDA, A. M. (2005)** – O 1.º milénio a.n.e. no centro e no sul de Portugal: leituras possíveis no início de um novo século. *O Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. Série 4. 23, p. 9-156.
- CARDOSO, G. (1990)** - O forno de ânforas de Muge. In *Les amphores Lusitaniennes Typologie, Production, Commerce*. Actes des Journées d'Etudes tenues à Conimbriga les 13 et 14 octobre 1988. Museu Monográfico de Conimbriga, p. 153-166.
- CARDOSO, J. L. (2004)** – *A baixa estremadura dos finais do IV milénio a.C. até à chegada dos romanos: Um ensaio de História Regional*. Estudos Arqueológicos de Oeiras. 12. Câmara Municipal de Oeiras.
- DIOGO, A. M. D. (1993)** - Ânforas pré-romanas dos Chões de Alompé (Santarém). In *Estudos Orientais IV - Os Fenícios no território Português*. Lisboa: Instituto Oriental da Universidade Nova de Lisboa, p. 215-227.
- FABIÃO, C. (1998)** – *O Mundo Indígena e a sua Romanização na área Céltica do território hoje Português*. Lisboa. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia apresentada a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Policopiado.
- FABIÃO, C. (2004)** – El ejército romano en Portugal. In *El ejército romano en Hispania. Guia Arqueológica*. Universidad de León, p. 113-134.
- NIVEAU VILLEDARY, A. ; RUIZ MATA, D. (2000)** – El poblado de las Cumbres (Castillo de Doña Blanca): Urbanismo Materiales del s. III a. C. In *Actas del IV Congreso Internacional de Estudios Fenicios y Púnicos*. Universidad de Cádiz. Cádiz, p. 893-903.
- PELLICER CATALÁN, M. (1978)** – Tipología y cronología de las ânforas prerromanas del Guadalquivir según el Cerro Macareno (Sevilla). *Habis*. Sevilla. 9, p. 365-400.
- PELLICER CATALÁN, M. ; ESCACENA CARRASCO, J. L. ; BENDALA GALÁN, M. (1983)** – *El Cerro Macareno*. Excavaciones Arqueológicas en España. Madrid. 124.
- PEREIRA, M. A. H. (1975)** – Objectos Egípcios do Porto do Sabugueiro (Muge). *Conimbriga*. XIV, p. 173-176.
- PIMENTA, J. (2005)** – *As ânforas Romanas do Castelo de São Jorge (Lisboa)*. Instituto Português de Arqueologia. Lisboa. Trabalhos de Arqueologia. 41.
- PIMENTA, J. ; CALADO, M. ; LEITÃO, M. (2005)** - Novos dados sobre a ocupação pré-romana da cidade de Lisboa. As ânforas da sondagem n.º 2 da Rua de São João da Praça. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. Vol. 8. Número 2, p. 313-334.
- PIMENTA, J. ; MENDES, H. (2008)** – Descoberta do povoado pré-romano de Porto do Sabugueiro (Muge). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. Vol. 11. Número 2, p. 171-194.
- PIMENTA, J. e MENDES, H. (2010-11)** – Novos dados sobre a presença fenícia no vale do Tejo. As recentes descobertas na área de Vila Franca de Xira. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. N.º 18. Oeiras, p. 591-618.
- RAMONTORRES, J. (1995)** – *Las Ânforas Fenicio-Púnicas del Mediterráneo Central y Occidental*. Col. Lección Instrumenta. 2. Barcelona. Publicacions universitat de Barcelona.
- SÁEZ ROMERO, A.M. (2008)** - *La producción cerámica en Gadir en época tardopúnica (siglos -III/-I)*. Volume 2. La producción alfarera gadirita durante los siglos -III y -II. BAR International Series S1812. Oxford. 2008.
- SOUSA, E. (2011)** – *A Ocupação pré-romana da foz do Estuário do Tejo durante a segunda metade do 1.º milénio a.C.* Doutoramento em História especialidade em arqueologia apresentado à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Policopiado.
- VILAÇA, R. e ARRUDA, A. M. (2004)** – Ao longo do Tejo, do Bronze ao Ferro. *Conimbriga*. Coimbra. 43, p. 11-45.

Um possível fragmento de *bucchero nero* Etrusco na Travessa das Dores – Ajuda (Lisboa)

VASCO NORONHA VIEIRA¹

RESUMO

Este artigo tem como objectivo noticiar o surgimento de um fragmento encontrado na Travessa das Dores em Lisboa no final de 2012, que possivelmente pertencerá a produção etrusca denominada *bucchero nero*.

ABSTRACT

This article reports the finding of a possible fragment of etruscan *bucchero nero*, found in Travessa das Dores, Lisboa in late 2012.

1. O local e circunstâncias do achado

- O fragmento aqui apresentado, surgiu na Travessa das Dores, em Ajuda-Lisboa (Fig.1), durante o processo de um acompanhamento arqueológico em âmbito de obra efectuada pela Dra. Inês Castanheira em Setembro de 2012. Surgiu de forma descontextualizada, o que dificulta a sua interpretação dentro do enquadramento do sítio.



Figura 1
Excerto da Carta Militar
de Portugal - 125000 -
n-431.

Como consequência destes trabalhos de peritagem, desde Outubro de 2012 que se efectuam escavações arqueológicas na Travessa das Dores, numa área um pouco mais a Norte do local onde foi descoberto este fragmento. Numa primeira fase, dirigida pela Dra. Ângela Ferreira, e numa segunda fase pelo Dr. Nuno Neto e Dr. Paulo Rebelo da NEOÉPICA, das quais participei, trabalhos estes que se encontram ainda em curso, no momento da elaboração deste artigo.

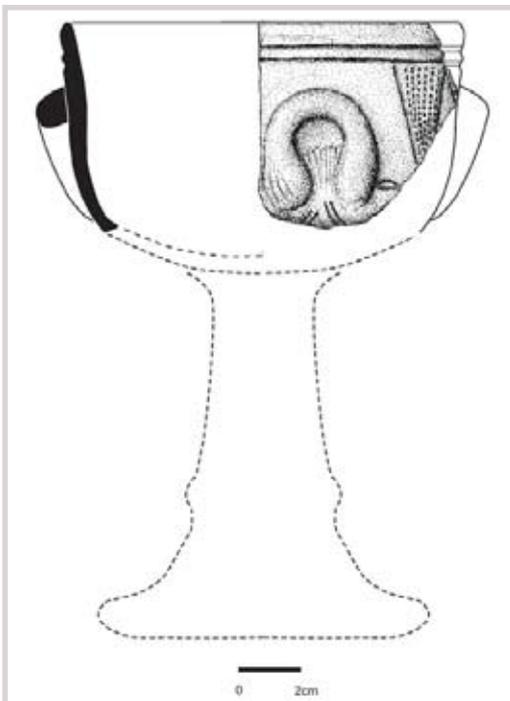
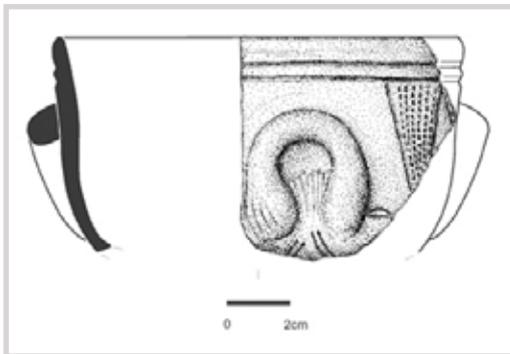


Figura 2, 3 e 4

2. Descrição e interpretação

O fragmento em questão corresponde a bordo e parte de bojo com formato globular, apresentando um diâmetro de 12,3cm. Possui uma pasta cinzenta escura, depurada e um revestimento de verniz negro brilhante tanto na face externa como interna.

O bordo é de secção semi-circular com duas caneluras paralelas incisas no exterior e a decoração consiste em linhas verticais pontilhadas por meio de *rudecilla* formando um leque fechado, linhas incisas e um semi-círculo, que parece indicar possivelmente uma linha horizontal que ostentaria este padrão. Interessante é a presença de uma asa cega em rolo, certamente com um propósito meramente decorativo, o que parece implicar a ausência de asas horizontais ou altas, mais consistentes com as produções deste tipo. A face interna não apresenta qualquer tipo de decoração, apenas um alisamento de superfície.

A identificação da forma é uma questão bastante interessante, pois à partida, aparenta tratar-se de um cálice, forma característica destas produções etruscas (BRAMÃO et al, 1995, p.28; DICUS, 2007). Mas a ausência de uma carena acusada usualmente presente nestas formas parece apontar para uma variante de copos de pé alto ou até mesmo mais raso, com corpos mais globulares sem a carena. Um possível paralelo, em termos formais pode ser vista no British Museum (Perkins, 2007, p,36, 105), embora a decoração que esta apresenta seja diferente. O exemplar Londrino apresenta uma cronologia entre 575 e 550 a.C. A decoração em *rudecilla* é bastante comum nas formas de *bucchero* com produção do século VII a VI como parece ser este o caso (RASMUSSEN, 1979 *apud* STARITA, 2007, p.88)

Poderíamos por a hipótese deste fragmento pertencer a uma forma como um *kantharos* ou um *skyphos*, mas a presença da asa cega, mesmo sendo meramente decorativa não se coaduna com as asas verticais altas ou horizontais presentes nestas formas.

3. A importância do achado

A relevância em divulgar este fragmento, mesmo não associado a contextos seguros, prende-se com a sua raridade em âmbitos arqueológicos em Portugal. Não existe paralelo conhecido na região de Lisboa, e as peças existentes encontram-se integradas em museus e coleções privadas, nomeadamente o Museu Nacional de Arqueologia.

É igualmente de relevante importância assinalar o sítio onde surgiu, marcando assim um novo ponto geográfico na região olisiponense para a possível presença de comunidades das II Idade

do Ferro. Neste caso fora do núcleo central onde tem surgido com mais frequência, nomeadamente na colina da Sé de Lisboa (ARRUDA, FREITAS, SANCHEZ, 2000), e na margem sul do Tejo, na colina do Almaraz (BARROS e tal. 1993). Neste caso, num local geograficamente estratégico bem próximo das margens do Tejo.

A Travessa das Dores, é uma zona que topograficamente apresenta um declive acentuado, no sentido Norte-Sul, em direcção ao Rio Tejo. Não estando para já indicada na área intervencionada a existência de estruturas de índole habitacional, comercial ou militar para os períodos da Idade do Ferro, ou até Romano Republicano (os resultados das escavações deverão ser esclarecedoras neste sentido), a existirem, estarão numa cota mais elevada em relação ao local do achado. Escorrências de sedimento em vertente transportando este fragmento (associado ou não a outros materiais da Idade do Ferro ou já romanos) deverão explicar a sua presença no local do achado.

A Tapada da Ajuda, não muito longe da Travessa das Dores, já foi referenciada com ocupação da Idade do Bronze (CARDOSO e SILVA, 2004), e fica bem perto do denominado Rio Seco (actual Rua Rio Seco e Rua Diogo Cão), locais propícios para uma presença ocupacional.

Na região do Mediterrâneo, da Espanha à Turquia, uma grande percentagem de *bucchero* encontrada, está associada ao transporte de bronze, mas igualmente à de ânforas, nomeadamente para o transporte de vinho (STARITA, 2007, p.99). Esta é uma associação lógica tendo em conta a funcionalidade das formas de *bucchero* mais comuns fora da península Itálica – os *Kantharos* e os Cálices. A primeira forma, primordialmente para servir vinho, e a segunda para o consumir.

Não podemos para já associar este fragmento a materiais de importação deste género, devido à ausência de informação contextual e estratigráfica, mas apesar disso, e da ausência dos dados das intervenções arqueológicas, é possível propor algumas ideias sobre o significado desta peça, e da sua presença neste local.

Trata-se de um objecto de importação de grande qualidade, que dificilmente não estará associado a uma presença de comunidades da Idade do Ferro ainda por identificar na zona circundante do núcleo de *Olisipo*. Não estaria certamente ao alcance de qualquer um, podendo provir de contextos comerciais directos ou associados a importações vinícolas. Pode no entanto estar relacionado com uma presença militar romana de período Republicano, fonte de transporte de materiais deste género, como um artefacto ocasional.

4. Algumas Considerações Finais

Estas interpretações devem ser lidas com devida cautela, e são meramente especulativas com base nos dados existentes de momento, mas era relevante divulgar desde já este achado único para ajudar ao estudo da presença cultural etrusca não só no território de *Olisipo*, mas em contextos portugueses, onde a sua identificação é escassa.

BIBLIOGRAFIA

- ARRUDA, A.M.; FREITAS, V.T.; SÁNCHEZ, J.V. (2000)** – As Cerâmicas cinzentas da Sé de Lisboa, In *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Volume 3. n.º2, p. 25-59.
- BARROS, L. de. CARDOSO, J.L. (1993)** – Fenícios na Margem Sul do Tejo. Economia e integração cultural do povoado do Almaraz – Almada In *Estudos Orientais*. 4, p.143-181.
- BLAZQUEZ, J.M. (1960)** – La Colección inédita de bucchero etrusco del Museu Arqueológico Nacional de Madrid. In *Zephyrus*. Volume XI. p. 141-150.
- BRAMÃO, L. BUSTORFF, S. SÁ, B. (1995)** – *Um Gosto Privado Um Olhar Público*. Museu Nacional de Arqueologia. Lisboa.
- CALADO, M. (2008)** – *Olisipo Pré-Romana. Um Ponto da Situação*. Apenas Livros, Lda. Lisboa.
- CARDOSO, J.L. (1995)** – O Bronze Final e a Idade do Ferro na região de Lisboa: Um ensaio In *Conimbriga*. XXXIV, p.33-74.
- CARDOSO, J.L.; SILVA, I.M. (2004)** – O Povoado do Bronze Final da Tapada da Ajuda (Lisboa): estudo do espólio cerâmico In *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Volume 7. n.º1, p. 227-271.
- DICUS, K. (2007)** – An Etruscan Bucchero Chalice in the Kelsey Museum of Archaeology In *Bulletin of the University of Michigan*. Volume 17. Disponível [online] em <http://hdl.handle.net/2027/spo.0054307.0017.103>, consultado em 2013-08-12.
- HAYES, J. (1985)** – *Etruscan and Italic Pottery in the Royal Ontario Museum*. Royal Ontario Museum. Toronto.
- PERKINS, P. (2007)** – *Etruscan Bucchero in the British Museum*. British Museum Research Publications.
- RASMUSSEN, T. (1979)** – *Bucchero Pottery from Southern Etruria*. Cambridge. Cambridge University Press.
- STARITA, H. (2007)** – *Impasto and Bucchero pottery in the Nicholson Museum*. A Thesis Submitted in Fulfilment of the Requirements for the Degree of Master of Philosophy. Faculty of Arts. University of Sidney.

NOTAS

- ¹ Mestre em Arqueologia pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.